

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

JORDAN BRUNO OLIVEIRA FERREIRA

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

TERESINA

2014

JORDAN BRUNO OLIVEIRA FERREIRA

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

Dissertação de Mestrado apresentada Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Professora Doutora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

TERESINA

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

F3831 Ferreira, Jordan Bruno Oliveira
Literatura, história e memória nas crônicas de A. Tito Filho /
Jordan Bruno Oliveira Ferreira. – 2014.
184f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade
Federal do Piauí, 2014.

Orientação: Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

1. Literatura Piauiense - Crônicas . 2. Tito Filho, Arimathéa
3. Memória. I. Título.

CDD: B869.3

JORDAN BRUNO OLIVEIRA FERREIRA

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Professora Doutora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Aprovada em: 10/04/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof.^a Dra. Tânia Maria Pires Brandão (Examinadora externa)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Examinador interno)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof.^a Dra. Claudia Cristina Silva Fonteneles (Suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, meu avô e meu irmão.

À professora Teresinha Queiroz, pela orientação, atenção e paciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado em História do Brasil, em especial à professora Claudia Cristina, pela leitura detalhista do texto da qualificação; e ao professor Francisco Alcides pela leitura atenta do texto da qualificação e pela participação na banca de defesa da dissertação.

À professora Tânia Brandão (UFPE) pela participação na banca de defesa da dissertação e pela leitura atenta e detalhada do texto.

À professora Laura Ribeiro do Mestrado em Letras que me demonstrou a importância da Antiguidade.

Aos colegas de turma. Todos muito gentis...

Ao Sergio Brandim, pelo incentivo.

À Ana Cristina, que me apresentou A. Tito Filho.

Ao Acervo A. Tito Filho, que me ajudou a elaborar essa pesquisa.

Aos colegas da graduação que não esqueci e espero rever: Daniel Madeira, Alcides Júnior, Jerssuério Douglas, Rafael Gonçalves e Rafael Carvalho.

À Andrea e ao Cristiano da ArtFinal Cópias pela revisão do trabalho e paciência.

Aos organizadores do I Seminário Nacional de História e Contemporaneidades (Crato-CE).

Mudar de pele. – A serpente que não pode mudar de pele perece. Assim também os espíritos aos quais se impede que mudem de opinião; eles deixam de ser espíritos.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

A dissertação aborda a produção escrita de José de Arimathéa Tito Filho, sobretudo suas crônicas publicadas no jornal *O Dia* entre 1987 e 1992. Analisa suas crônicas e seu perfil enquanto cronista, descrevendo de que forma se deu sua atuação enquanto tal, já que esse gênero lhe permitiu tratar de uma série de temas e ao mesmo tempo fazer uma escrita de si. Primeiro, veremos como o cronista elaborou uma série de crônicas biográficas de literatos e intelectuais piauienses que julgava dignos de lembrança. Aborda algumas temáticas da história do Piauí e do Brasil, bem como da literatura piauiense, presentes em suas crônicas e a ênfase que o cronista deu às fontes literárias para o estudo da realidade, assim, o romance *Um manicaca* e a seu autor, Abdias da Costa Neves. Finalmente, analisa a forma como o cronista lidava com o cotidiano da cidade de Teresina, que possuía um lugar central em seus textos e julgava passar por um momento de declínio, por meio de contraposições com uma Teresina antiga ainda presente em suas memórias. Para concretizar estes objetivos, o trabalho adota como referenciais teóricos as relações entre história e literatura, marcantes na historiografia contemporânea por proporcionarem uma ampliação do repertório das fontes históricas fazendo com que os textos literários interessem aos historiadores na medida em que possibilitam o acesso e a compreensão de contextos culturais e sociais do passado e do presente. A crônica é tomada como gênero de fronteira, entre a literatura e a história, por proporcionar discussões sobre se o autor ao escrever a crônica faz uma história de seu tempo e de si mesmo. Enfim, a pesquisa demonstra que as crônicas e outros textos publicados na forma de livro por A. Tito Filho ao longo da carreira nos dão o testemunho da multiplicidade de temas que marcam o passado do Piauí, além de ter lhe proporcionado uma escrita de si.

Palavras-chave: A. Tito Filho. Crônicas. História. Literatura. Memória.

ABSTRACT

The dissertation discusses the writings of José de Arimathea Tito Filho produced especially on his chronicles published in the *O Dia* newspaper, between 1987 and 1992. Analyzes his chronicles and performance while chronicler, describing how it was his performance as such, since this genre allowed him to address a vast number of issues, and yet doing a *writing of self*. First, we will see how the chronicler produced a series of biographical chronicles of literary and intellectual figures of Piauí, that he thought were worthy of remembrance. Addresses some themes taken from the History of Piauí and of Brazil, as well from piauiense literature, present on his chronicles and the special attention the chronicler gave to literary sources for the study of reality, which also gave to the novel *Um manicaca* and its author, Abdias da Costa Neves, a center role. Finally, analyzes how the chronicler dealt with the everyday life of Teresina, the city that had a central place in his writings, and on his thoughts was going through a time of decline, contrasted with an old Teresina still vivid on his memories. To achieve these objectives, the dissertation adopts theoretical references such as the relationship between history and literature, which has achieved grate space in contemporary historiography by providing an extension of the repertoire of historical sources, causing to literary texts a great interest to historians, because it enables access to an understanding of cultural and social contexts of the past and the present. The chronic gender is taken as a *boundary* between literature and history, for providing discussions about whether the author is writing the history of his time and of himself. Finally, this research shows that the chronicles and other texts published by A. Tito Filho throughout his career give us the testimony of the multiplicity of themes that mark the History of Piauí and given to the author a chance to create a *write of himself*.

Key-Words: A. Tito Filho. Chronicles. History. Literature. Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 VIDAS LITERÁRIAS NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO	23
2.1 Intelectuais piauienses em série	23
2.2 História de vida como destinação	50
2.3 Homens-plurais	59
3 HISTÓRIA E LITERATURA NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO	80
3.1 A. Tito Filho, leitor da história	80
3.2 Literatura como história	87
3.3 Nova edição, novas leituras	91
4 ASSIM VEJO TERESINA: O COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO	102
4.1 Crônica da cidade amada?	102
4.2 Cinemas, tiros e bagarotes: crônicas cinematográficas	117
4.3 Carnavais e outros carnavais de Teresina	123
4.4 Que mais deseja o cronista?	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	169

1 INTRODUÇÃO

A historiografia contemporânea abriu espaço para uma grande quantidade de temas e problemas que demandam o uso da literatura. Alguns deles abrangem a investigação dos diferentes papéis desempenhados pela literatura através do tempo, seus agentes e vínculos com os modos de produção e circulação da cultura. Outros abordam os estudos sobre a formação das instituições literárias, academias e outros círculos letrados, sua sociabilidade interna e envolvimento com as instâncias do poder; trabalhos a respeito das formas de difusão dos textos, das práticas de leitura na sociedade e dos suportes materiais de difusão dos escritos; investigações a respeito das empresas e instituições responsáveis pela produção, difusão e apropriação da literatura (gráficas, editoras, livrarias, jornais, revistas, escolas, órgãos governamentais, etc.); análises acerca da censura ou estímulo governamental à literatura e à leitura, e dos seus usos para fins militantes em partidos e movimentos sociais (étnicos, feministas ou de orientação sexual, por exemplo).¹

Pensar as relações entre história e literatura também envolve a compreensão de que ambas problematizam uma dada sociedade e uma dada realidade. As duas lançam mão de suportes variados para informar sobre as atividades humanas, mas a maneira como o historiador olha para as fontes é fundamental na compreensão de seu trabalho: exigem que o historiador repense seu trabalho, sobretudo no que diz respeito à crítica elaborada no momento em que empreende uma pesquisa que têm como base fontes literárias. O historiador seleciona as evidências, mas precisa saber de qual lugar social cada narrador de tais evidências está falando, já que estudar a produção de um literato indica como o social, no passado e no presente, foi pensado por ele.²

Assim, a partir da leitura das crônicas publicadas por José de Arimathéa Tito Filho³ no jornal *O Dia*⁴ entre 1987 e 1992, bem como outros textos e livros publicados pelo autor,⁵

¹ FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

² NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e Literatura: revisitando fronteiras. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 99-112.

³ José de Arimathéa Tito Filho (Barras, 1924 – Teresina, 1992) foi presidente da Academia Piauiense de Letras (APL) de 1971 a 1992. Foi jornalista e professor. Diretor e professor do Liceu Piauiense. Como escritor e editor, organizou e publicou vários números da *Revista da Academia Piauiense de Letras* e de *Notícias Acadêmicas*. Foi Secretário de Educação e Cultura do Estado do Piauí na década de 1970 na administração de João Clímaco d'Almeida. Também foi professor da Escola Normal de Teresina, da Escola Superior de Magistratura do Piauí e da Faculdade de Filosofia do Piauí. Como jornalista atuou em diversos órgãos ao longo de 40 anos. É autor, dentre outros livros, de *Teresina meu amor*, *Sermões aos peixes*, *Governadores do Piauí* e *Gente e humor*. Para mais dados biográficos de A. Tito Filho Ver: FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar. Falar de A. Tito Filho. *O Dia*, Teresina, p. 2, 30 jun. 1992.

buscou-se elaborar um perfil dessa produção tomando-as como séries e ao mesmo tempo perceber como se deu sua atuação como cronista. Este surge como um anacrônico, um velho sábio e um marginal, um deslocado, metaforicamente falando; isto porque todo cronista precisa considerar as coisas que colhe na vida diária e que será o combustível de sua escrita, como quem as estranha, as olha de longe, de cima, de fora – e, portanto, panoramicamente, como quem pode servir-se da experiência longa de vida para ajuizar sobre o valor das coisas singulares do dia e do estranhamento radical para enxergar o tamanho relativo das mesmas coisas.⁶

As diferentes configurações da crônica e do cronista na obra de A. Tito Filho apresentam características identificadas por muitas abordagens que estudam este gênero textual. Para Afrânio Coutinho, a crônica surge como um desdobramento do ensaio, gênero tradicional entre os britânicos.⁷ É gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo. A crônica pode tornar-se um poderoso agente de correção dos costumes, ainda que tenha “ares de um passatempo frívolo”. Classificando os cronistas brasileiros e as temáticas relacionadas ao estudo da crônica no Brasil, ressalta a relação entre a crônica e a reportagem: a crônica que não seja meramente noticiosa é uma reportagem disfarçada, ou antes, uma reportagem subjetiva e às vezes mesmo lírica, na qual o fato é visto por um prisma transfigurador. O fato que para o repórter é em geral um fim, para o cronista é um pretexto para divagações, comentários, reflexões do pequeno filósofo que nele exista. O texto ganha um forte caráter dialógico, a todo o momento imprimindo a marca de uma conversação que tem como base a observação direta do que é descrito.

⁴ *O Dia* foi fundado em 1951 por Raimundo Leão Monteiro. Inicialmente era semanal, já que as máquinas utilizadas naquela época não permitiam a impressão e publicação diária. A partir de 1964, um grande impulso foi dado quando o empresário piauiense Octávio Miranda comprou o jornal. Segundo A. Tito Filho, a publicação surgiu em 1923, sob a direção de Abdias da Costa Neves, mas teve curta duração, ressurgindo em 1951. Quando foi comprado em 1964, A. Tito Filho acabou se tornando um dos responsáveis pela redação.

⁵ A. Tito Filho atuou em diversos órgãos de imprensa do Piauí (chegou inclusive a criar alguns) a partir de 1948, quando retornou à Teresina vindo do Rio de Janeiro, local onde realizou sua formação em direito e jornalismo. Ainda no Rio de Janeiro, fundou o jornal *Libertação*, em parceria com Luís Costa, Virmar Soares, Vinícius Soares e Tibério Nunes. Redigido e impresso no Rio de Janeiro, onde os fundadores eram estudantes, o jornal era transportado de avião para Teresina e teve apenas três números. A. Tito Filho também atuou (ou dirigiu) outras publicações (algumas eram revistas) como *O Pirralho* (1948), *Jornal do Piauí* (1951), *A Luta* (1952), *Crítica* (1952), *Panóplia* (1953), *Folha da Manhã* (1958), *Cidade de Teresina* (1959), *Folha do Nordeste* (1962), *Voz do Piauí* (1964) e *Jornal de Bolso* (1966). Seus espaços de atuação na imprensa que podemos considerar como os mais “fixos” foram: jornal *O Dia*, onde trabalhou em boa parte da década 1960, depois retornando no período abordado por esta pesquisa, de 1987 a 1992, ano de seu falecimento; no *Jornal do Piauí*, onde era publicada sua coluna Caderno de Anotações, de 1970 a 1982; passagens pelo jornais *O Estado* e *Jornal do Comércio* ao longo da década de 1980. Além disso, publicou dezenas de texto e discursos em revistas como *Presença*, *Almanaque da Parnaíba* e *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Ver mais em: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972. p. 79-99.

⁶ FISCHER, Luís Augusto. Prefácio. In: SCLIAR, Moacyr. *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2004. p. 7-18.

⁷ COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: *A Literatura no Brasil*: volume 6. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 117-143.

Para Jorge de Sá, a crônica torna os fatos efêmeros mais concretos. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedem que caiam no esquecimento e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Essa estratégia estabelece o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial.⁸ Para ele, o cronista é uma espécie de narrador-repórter, que relata o fato não mais a um só receptor privilegiado, mas a muitos leitores que formam um público determinado. Assim como Afrânio Coutinho, reafirma a relação que a crônica mantém com o jornalismo e a literatura: ela seria uma soma das duas. A crônica surge primeiramente no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero que nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas.

A crônica assume uma transitoriedade dirigindo-se, sobretudo, a leitores apressados. Sua elaboração também assume essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para produzir seu texto. Não é a toa que a falta de tempo, ou mesmo de assunto, é tema recorrente nas crônicas de vários autores. Outra característica marcante da crônica é o coloquialismo do texto, que marca a intenção do cronista em elaborar um diálogo com o leitor. Esse dialogismo equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas tratados nas crônicas.

Para Jorge de Sá, o cronista busca o circunstancial. Este é o pequeno acontecimento cotidiano do dia a dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. Com seu toque de *lirismo reflexivo*, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere ou lhe devolve a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação em um diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. A pressa de viver desenvolveria no cronista uma sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar. Sua tarefa, então, consiste em ser nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não-gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo, no mundo atual, não pode ser a simples expressão de uma dor de cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão.⁹ Além disso, o cronista não perde de vista que a situação particular só conta para o leitor na medida em que funciona como metáfora de situações universais, o que permite que façamos da leitura uma forma de catarse e empatia.

⁸ SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 6.

⁹ SÁ, 1987, p. 11-13.

O cronista, para Jorge de Sá, também é um escritor e deseja escrever algo que fique para sempre. A crônica é uma tenda de cigano enquanto consciência da nossa transitoriedade; no entanto é casa, quando reunida em livro, onde se percebe com maior nitidez a busca de coerência no traçado da vida. Quando o cronista fala de si mesmo é a vida que está sendo focalizada por uma câmera disposta a alcançar um amplo raio de ação. Ao narrar o mundo, o cronista narra a si mesmo e assim vence a passagem do tempo.¹⁰

Já para Chalhoub et al, as crônicas são textos surgidos ao acaso, da espontaneidade de uma conversa – uma de suas características primeiras é a leveza. Consequência da tensão entre a elaboração narrativa e o dever de dialogar de forma direta com os temas e questões de seu tempo, definiu-se um perfil do gênero de importância central na produção literária brasileira a partir de meados do século XIX.¹¹ Dentre as características que marcam o gênero, apontam a cumplicidade construída entre o autor e o leitor quanto aos temas e questões a serem discutidos. Ao estabelecer essa espécie de acerto de contas com o presente, a crônica teria como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade. As formas pelas quais os cronistas brasileiros buscaram realizar tal intento foram variadas. Em comum, no entanto, estava o cuidado demonstrado na delimitação de um perfil próprio para suas séries, o que torna um tanto mais complexo o tipo de intervenção caracterizado pelas crônicas.

Outra característica é a indeterminação. O cronista está sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que lhe fornece temas e problemas com os quais discutir quanto modifica e redireciona suas opções iniciais. Os autores também reforçam a estreita ligação da crônica com a imprensa. Essa ligação vincula a crônica e o cronista ao jornal e também permite o aparecimento de colunas especializadas. Por último, apontam que da aparente contradição entre a leveza e a cuidadosa elaboração de suas séries, da tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la; e da variedade de formas e temas por elas assumidos, define-se enfim um perfil para a crônica.¹²

A característica referente à atuação dos cronistas como escritores de séries temáticas será importante para entendermos como A. Tito Filho construiu suas séries. O autor buscou caracterizá-las como textos que *historiam*,¹³ portanto marcados pelo conceito antigo de crônica, ou seja, textos que procuram zelar pela memória dos acontecimentos importantes. O

¹⁰ SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 17-22.

¹¹ CHALHOUB, Sidney et al. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 11.

¹² CHALHOUB, 2005. p. 17.

¹³ LOPES, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que *historiam*. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 165-188.

cronista almeja, “pondo em crônica”, organizar cronologicamente histórias existentes, ou organizar do ponto de vista da memória e da subjetividade aquilo que um dia aconteceu, que um dia foi presente. A ambição do cronista é justamente escrever algo que fique num espaço que é feito para as pessoas lerem e se esquecerem do que foi lido.¹⁴

Portanto, para entendermos a forma como A. Tito Filho elaborou os temas que perpassam os capítulos desta dissertação serão fundamentais os aspectos relativos à intenção do cronista em atuar como uma espécie de “agente de correção” dos costumes, apontada por Afrânio Coutinho; a relação entre efemeridade e concretude, ou seja, a crônica como o registro do circunstancial e, por último, a construção de séries temáticas ao longo da trajetória do cronista, apontada por Chalhoub et al.

O presente da cidade, o presente da escrita do autor, é aquele referente ao contemporâneo: aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar com o presente, cria um ângulo de visão do qual é possível expressá-lo. O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la em sua especificidade atual, em seu presente. Essa escrita é marcada, portanto, por uma necessidade de vingar-se:

Dois argumentos se juntam aqui: uma escrita que tem urgência, que realmente ‘urge’, que significa, segundo o Aurélio, que se faz sem demora, mas também que é *eminente*, que *insiste*, *obriga* e *impele*, ou seja, uma escrita que se impõe de alguma forma. Ao mesmo tempo, trata-se de uma escrita que age para ‘se vingar’, o que também pode ser entendido, recuperando-se o sentido etimológico da palavra ‘vingar’, como uma escrita que chega a, atinge ou alcança seu alvo com eficiência. O essencial é observar que essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade, em vez de propor como uma mera pressa ou alvoroço temporal.¹⁵ (*Grifos do autor*).

A urgência é a expressão sensível da dificuldade de lidar com o mais próximo e atual, a sensação que atravessa alguns escritores, ou seja, a de ser anacrônico em relação ao presente aceitando que a “realidade” mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente. Além disso, ao apreender épocas passadas toma distâncias

¹⁴ LOPES, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 165-166.

¹⁵ SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Que significa literatura contemporânea? In: SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-19.

em relação ao atual, o que possibilita a percepção de diferenças e, conseqüentemente, a atividade de comparação e avaliação com o presente que em última instância deve permitir superar aquilo que atualmente confirma, de forma exclusiva, o conhecimento e a experiência vivida.¹⁶ Esse homem “extemporâneo” é capaz de pensar, sucessivamente, a partir de perspectivas históricas diferentes e desprender-se dos valores do seu tempo a fim de se dotar de melhores condições para questioná-los e, eventualmente, superá-los.¹⁷

Outro aspecto do cronista A. Tito Filho a ser destacado é o fato de tratar-se de um narrador: é dessa figura que se utilizou para escrever, por exemplo, sobre os fundadores e personagens da cidade. O narrador é aquele que consegue fazer de sua escrita um intercâmbio de experiências. A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. O narrador, portanto, é aquele que retira da experiência o que ele conta: suas próprias experiências ou as experiências relatadas por outros.¹⁸ É o que podemos perceber, com mais ênfase, em obras como *Gente e humor*,¹⁹ *Sermões aos peixes*²⁰ e *Teresinando em cordel*.²¹ Essa postura do narrador, que também traz em si a marca do historiador, é perceptível em textos sobre personagens como o Conselheiro Saraiva,²² o frei Serafim de Catânia²³ e lugares como a Igreja de São Benedito e a Praça Pedro II (outrora Praça Aquibadã).²⁴ Para ele, a história de Teresina era marcada pela atuação de algumas figuras centrais que protagonizaram a vida da cidade desde sua fundação e pela existência de espaços que marcaram a história e desenvolvimento de todas as cidades – como a criação de praças e igrejas de onde ela se irradiava.

Seus textos surgem como um espaço de construção de identidades, como a de intelectual²⁵ e como um espaço de produção de uma *escrita de si*, o que significa dizer que as crônicas podem ser tomadas como uma escrita auto referencial: a necessidade e a relevância que o cronista tem de dotar o mundo que o rodeia de significados especiais relacionados com

¹⁶ DENAT, Céline. Nietzsche, pensador da história? Do problema do “sentido histórico” à exigência genealógica. In: MARTTON, Scarlet (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre os franceses*. São Paulo: UNIJUI/Discurso Editorial, 2009. p. 145.

¹⁷ DENAT, 2009, p. 145.

¹⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 197-221.

¹⁹ TITO FILHO, A. *Gente e humor*. 3. ed. Teresina: COMEPI, 1985.

²⁰ TITO FILHO, A. *Sermões aos peixes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

²¹ TITO FILHO, A. *Teresinando em cordel*. Teresina: COMEPI, 1982.

²² TITO FILHO, A. *Crônica da cidade amada*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1977.

²³ TITO FILHO, A. *A igreja do Alto da Jurubeba*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1986.

²⁴ TITO FILHO, A. *Praça Aquibadã, sem número*. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1975.

²⁵ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

sua própria vida, para efetuar uma escrita de si. Esta prática integra um conjunto do que se convencionou chamar produção de si no mundo ocidental.²⁶

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários –, até a constituição de uma memória de si, realizada, por exemplo, pelo recolhimento de objetos materiais com ou sem a intenção de resultar em coleções. Nessa prática, que se poderia considerar ato biográfico, os indivíduos e os grupos evidenciam a necessidade de dotar o mundo que os rodeia de sentidos e significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de lembrança.²⁷

Segundo Ângela de Castro Gomes, o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, já a ideia de que a vida é uma história é bem mais recente. E este é o fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e/ou autobiográfica.²⁸ Além disso, essa escrita também reafirma a tensão constitutiva do individualismo moderno – liberdade e/ou igualdade – cujas implicações são fundamentais para o estabelecimento das modalidades de produção de si descritas pela autora. Essa nova categoria de indivíduo também é capaz de transformar as noções de memória, documento, verdade, tempo e história.²⁹ Além da questão da materialidade do objeto, a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo que é determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que a provoca. Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo, constituindo-se em “lugar de memória”, cabe observar que certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática.³⁰

Assim, muitas vezes as crônicas expressam um desejo por parte de A. Tito Filho de “arquivar a própria vida” ou mesmo arquivar o mundo.³¹ Esta prática diz respeito à tentativa de, por meio de práticas minúsculas, construirmos uma imagem para nós e para os outros. Com que objetivo? Para responder a uma injunção social. Segundo Philip Artières, fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência; emitimos, rasuramos, sublinhamos, colocamos em evidência certas passagens. Numa autobiografia, a prática mais acabada desse

²⁶ GOMES, Ângela de Castro. Lapidação de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

²⁷ GOMES, 2004, p. 11.

²⁸ GOMES, 2004, p. 12.

²⁹ GOMES, 2004, p. 12.

³⁰ GOMES, 2004, p. 18.

³¹ ARTIÉRES, Philip. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 1-29.

arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem íntima social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.³²

Mas Artiéres ressalta que esse arquivamento do eu não é uma prática neutra: é muitas vezes a única ocasião que um indivíduo tem de se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele deseja ser visto. Arquivar a própria vida é basicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa e organizá-los para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.³³

Todos esses movimentos que o cronista é capaz de executar, todas as características apontadas até aqui, acontecem porque a crônica pode ser tomada como um gênero textual de *fronteira*, entre a literatura e a história, gerando a necessidade de uma reflexão sobre se o autor ao escrever a crônica está a fazer uma história de seu tempo.³⁴ Busco ressaltar, a partir das análises de Sandra Jatahy Pesavento, que as crônicas referem-se a outro tempo. São narrativas memorialísticas, quase sempre baseadas na experiência e nas recordações de alguém que viveu, viu e ouviu outro tempo. Tais crônicas são especialistas em assinalar a diferença entre o tema/objeto da recordação tal como era no passado e o tempo da narrativa, o presente onde se realiza o ato de rememorar. Não raro esta diferença no tempo é qualificada, é julgada como perda.

De um modo geral, concordo com a opinião da autora, quando aponta que a crônica é um gênero de fronteira, especialmente se tomarmos *fronteira* como o *espaço entre tempos*: essa intensa circulação de temporalidades que o cronista apresenta no texto. Mas interessa-me apontar com mais intensidade a forma como o cronista consegue fazer funcionar no texto uma circulação de temas – aí, já é o momento de tomarmos *fronteira* como o *espaço entre perspectivas*. Para Pesavento, a crônica é a fronteira pela qual o cronista passa do presente para o passado, de volta para o presente, ou mesmo para o futuro. No caso deste trabalho, pretendo apontar como a crônica é a fronteira que o cronista utiliza para fazer passar a si mesmo enquanto escreve sobre seus temas, ou fazer passar seus temas enquanto escreve sobre

³² ARTIÉRES, Philip. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 1-29. p. 3.

³³ ARTIÉRES, 1998, p. 29.

³⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. In: *História UNISINOS*, volume 8, nº 10, p. 61-80, julho/dezembro, 2004, p. 61-80 – Disponível em: < <http://bit.ly/JLDlkb> >. Acesso em: 21 maio 2012.

si mesmo. Fiquemos de acordo que ela é um gênero de fronteira, mas na forma como o cronista a atravessa e com que intenções podem ocorrer variações. Para Pesavento, as crônicas intensificam temporalidades, para mim elas intensificam uma perspectiva.³⁵

O estudo dos textos e livros publicados por José de Arimathéa Tito Filho iniciou-se no biênio 2007-2008, quando foi realizada a pesquisa de catalogação, digitalização e revisão de sua obra, possibilitada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Piauí.³⁶ O problema central que norteava aquela pesquisa era perceber de que forma a construção de uma identidade teresinense foi influenciada pelo discurso que partiu da Academia Piauiense de Letras, tomando como figura central seu presidente, A. Tito Filho.

Nesta dissertação, suas crônicas publicadas no jornal *O Dia* entre 1987 e 1992, ano de seu falecimento, na variada produção do autor, tomaram lugar de destaque não só pela quantidade elevada de textos, mas também por permitirem a abordagem de uma série de temáticas relacionadas não apenas à história da cidade de Teresina, mas também à própria história do Piauí. Nesse curto período de tempo, A. Tito Filho produziu quase que diariamente um conjunto de textos que durante a pesquisa e posterior leitura se mostraram capazes de gerar o estudo de um conjunto de temáticas elaboradas pelo cronista.

Assim, ressaltaremos suas crônicas deixando em segundo plano seus textos publicados na forma de livro. Não se tratam de obras menos importantes, afinal muitas de suas crônicas publicadas nos jornais foram republicadas na forma de livro, como *Sermões aos peixes*³⁷ e *Teresina meu amor*,³⁸ mas as crônicas acabaram se demonstrando mais substanciais em relação aos problemas elaborados durante a pesquisa.

As crônicas se destacaram também por proporcionarem a percepção de que, enquanto linguagem literária, fazem uma leitura sensível do tempo³⁹ permitindo o acesso a outras possibilidades de entendimento de uma dada “realidade”. Elas também permitiram o cruzamento entre o passado e o presente por possibilitarem o conhecimento das identidades e dos objetos diante da fluidez e dos usos que se estabelecem durante o processo histórico. As

³⁵ MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectiva de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/UNIJUÍ, 2003.

³⁶ A pesquisa intitulava-se *História e Literatura: pesquisa, catalogação, digitalização e revisão da obra de A. Tito Filho* e foi orientada pela Professora Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa (UESPI). Objetivava pesquisar, catalogar, digitalizar e utilizar o material relativo às crônicas e outras produções literárias de Arimathéa Tito Filho para fins de divulgação e contribuição para a historiografia piauiense. Atualmente, o material pesquisado é atualmente disponibilizado ao público no blog < www.acervoatitofilho.blogspot.com.br >.

³⁷ TITO FILHO, A. *Sermões aos peixes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

³⁸ TITO FILHO, A. *Teresina meu amor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

³⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. In: *História UNISINOS*, volume 8, nº 10, p. 61-80, julho/dezembro, 2004, p. 61-80 – Disponível em: < <http://bit.ly/JLDIkb> >. Acesso em: 21 maio 2012.

crônicas nos remetem à sua capacidade de registro do cotidiano e das sensibilidades, fazendo-as assim fontes de muita riqueza para os historiadores, por acessarem as formas pelas quais os indivíduos, noutra temporalidade, construíram representações para si, para os outros e para o mundo.

Como referenciais teóricos, o trabalho buscou articular um diálogo permanente com linhas de pesquisas do âmbito da história cultural,⁴⁰ sobretudo aquelas que relacionam história e literatura,⁴¹ bem como as propostas de Carlo Ginzburg para a pesquisa em história, pois as crônicas são aqui consideradas indícios no tempo.⁴² Além disso, o trabalho também parte da percepção de uma ampliação do repertório das fontes históricas e das próprias mudanças no conceito de fonte, que fez com que variados gêneros textuais, dentre eles os literários, interessem aos historiadores na medida em que possibilitam o acesso e a compreensão dos contextos sociais e culturais em estudo.

Quanto à organização deste trabalho, cabe apontar que o capítulo Vidas literárias nas crônicas de A. Tito Filho aborda suas crônicas escritas sobre autores do passado da literatura e da intelectualidade piauiense, e como o cronista empreendeu não apenas tornar estas vidas literárias visíveis por meio de suas crônicas no jornal *O Dia* como também buscou dar sentido a sua própria trajetória de intelectual. Biografando a vida de autores e intelectuais piauienses do passado e alguns do presente, não buscava apenas prestar homenagens, mas tornar visíveis figuras que, em sua opinião, a sociedade teresinense ignorava. Além disso, essas crônicas geram uma discussão acerca do que seja a literatura, já que ela depende da rede de inclusões e exclusões por meio da qual se formam as matrizes institucionais que regulamentam as práticas de leitura e o repertório das obras e autores integrados a uma determinada história da literatura.⁴³

Além disso, essas crônicas biográficas colocam em evidência não apenas um retorno à biografia, mas também um retorno à prosopografia, já que o ato de biografar a vida desses indivíduos pode ser um ato político que encobre, em última instância, profundos interesses

⁴⁰ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

⁴¹ QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 200-214.

⁴² GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 145-179.

⁴³ VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. In: MALLARD, Leticia et al. *História da Literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995. p. 39.

peçoais ou de grupos.⁴⁴ A prosopografia é a investigação das características básicas comuns de um grupo de atores na história por meio do estudo coletivo de suas biografias. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões sobre nascimento e morte, casamentos e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional, etc. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos são então justapostas e combinadas e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas.⁴⁵

No capítulo História e literatura nas crônicas de A. Tito Filho, veremos como boa parte da história contemporânea do Brasil é abordada em suas crônicas: da Independência do Brasil à abolição da escravatura no Piauí; do povoamento ou “desbravamento” ao Estado Novo no Piauí. O autor busca caracterizá-las como textos que historicam, procurando zelar pela memória dos acontecimentos que considerava importantes. Ao mesmo tempo, procurava construir uma identidade de leitor e estudioso da literatura que privilegiava as fontes literárias, sobretudo de autores piauienses, para o estudo da realidade piauiense. Assim, a obra *Um manicaca*, de Abdias Neves ocupou um lugar central em seus textos. A partir deste romance, surgiram problematizações referentes ao estudo dessas séries, como por exemplo, saber que motivações o autor teve para a produção de crônicas sobre a história do Brasil e do Piauí e o porquê de uma atenção tão grande dada à literatura do Piauí.⁴⁶

No último capítulo, Assim vejo Teresina: o cotidiano nas crônicas de A. Tito Filho, veremos como o autor lidou com seu tema mais frequente: a cidade de Teresina. Protagonista de uma de suas obras mais conhecidas, *Teresina meu amor* e espaço central de uma série de temas presentes em seus textos publicados em livros, como os carnavais de Teresina e a história do Teatro 4 de Setembro, a cidade é espaço de uma discussão que envolve um esquecimento da população local direcionado a referenciais que julgava importantes. Assim, ao caracterizar o cronista como um sujeito que vivia entre o passado e o futuro, ressalta-se a forma como ele observava o cotidiano⁴⁷ da cidade e estabelecia diálogos com o cotidiano nacional, já que boa parte dos textos trata de temas relativos ao Brasil, sobretudo à cultura brasileira.

⁴⁴ DE DECCA, Edgar Salvadori. Apresentação. In: BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites culturais do século XVII*. Tradução de Rosana Eichemberg. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 8.

⁴⁵ DE DECCA, 1991. p. 7-8.

⁴⁶ TITO FILHO, A. Leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 abr. 1990.

⁴⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

Dentre as variadas possibilidades de acesso ao fenômeno urbano, as narrativas elaboradas pelo cronista, que via e vivia o cotidiano, serão privilegiadas porque o seu tempo, o tempo da crônica, também é o agora.⁴⁸ As crônicas são importantes por expressarem aspectos específicos do cotidiano da cidade, de onde o cronista tenta perceber traços que se relacionam aos descompassos. São elas que incorrem nas formas de valorizar e classificar o mundo ou de atuar diante de determinadas situações e agentes sociais.⁴⁹ Possibilitam justamente um mergulho, a partir das narrativas sobre o cotidiano, no estudo do indivíduo e de sua subjetividade, chegando até o sensível, aos sentimentos.⁵⁰

A relação descompassada de A. Tito Filho, que viveu numa Teresina antiga, com a Teresina do presente também é representativa da perda daquele sentimento de continuidade que marca a memória, mas que agora é apenas residual aos lugares de memória: o cronista transforma essas crônicas em *lugares de memória* porque não há mais meios de memória.⁵¹ Partindo da percepção de que a história é a reconstituição sempre problemática e incompleta do que não existe mais,⁵² Pierre Nora afirma que os lugares de memória se apoiam no fato de que produzir arquivos é o imperativo de nossa época,⁵³ e que

[...] a razão fundamental de um lugar de memória é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, é fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante de seus significados e no silvado imprevisível de suas ratificações.⁵⁴

A forma como A. Tito Filho se relacionava com o cotidiano da cidade fazem de suas crônicas não apenas lugares de memória, mas também lugar de um intenso *enquadramento da memória*,⁵⁵ já que o cronista executa um trabalho de seleção do que deveria ou merecia ser

⁴⁸ OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. O cotidiano nas crônicas sobre a cidade: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. In: APOLINÁRIO, Juciene; SOUZA, Antonio Clarindo (Org.). *Diálogos interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 43.

⁴⁹ OLIVEIRA, 2011, p. 45-47.

⁵⁰ OLIVEIRA, 2011, p. 48.

⁵¹ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo (10), p. 7, dezembro 1993.

⁵² NORA, 1993, p. 9.

⁵³ NORA, 1993, p. 16.

⁵⁴ NORA, 1993, p. 22.

⁵⁵ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3.

digno de lembrança; uma operação que visava formalizar uma memória. O que está em jogo, segundo Michel Pollack, é o sentido de identidade individual e de grupo.

Se interessava ao cronista estabelecer uma relação direta, mesmo íntima com a cidade, isso dependia de uma série de pontos de referência que, julgava, estavam se perdendo. Esses referenciais, que são dotados de uma força, estruturam nossa memória e se inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles, incluem-se os monumentos, o patrimônio arquitetônico, as paisagens, as datas e personagens históricas importantes, as tradições e costumes, certas sociabilidades, o folclore e a música, e mesmo a linguagem.⁵⁶ Ora, o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, e se o cronista tomava a frente desse trabalho de enquadramento é porque ele depende de testemunhas sóbrias e confiáveis. Os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: por exemplo, crônicas e livros publicados. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras.⁵⁷

Enfim, o trabalho busca demonstrar como a produção de A. Tito Filho gera a necessidade de repensarmos nossa história local como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo como no espaço. A história cultural tem como uma de suas ideias centrais a noção de que a realidade é social e/ou culturalmente construída, tomando os acontecimentos como pontos superficiais de uma estrutura mais profunda. Ao invés de buscar uma objetividade do passado, busca empreender um olhar sobre ele enquanto representação que é elaborada constantemente, seja pelo cronista, seja pelo historiador. Assim, percebe-se que nossa mente não reflete diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra. Em tal situação, nossa percepção dos conflitos é certamente mais realçada por uma apresentação de pontos de vistas opostos do que por uma tentativa de articular um consenso.⁵⁸

Esta dissertação busca analisar as crônicas e livros publicados por A. Tito Filho, no intuito de registrar os vários sentidos que circulam entre o escrito e as formas de pensamento; e, principalmente, procurando mostrar o que elas revelam, apontam, manifestam, enquanto impressões de uma época, buscando um entendimento plural e cultural da cidade de Teresina e da história do Piauí. Mostrar como a produção de A. Tito Filho é capaz de possibilitar uma nova leitura da história de Teresina e do Piauí.

⁵⁶ POLLACK, 1989, p. 3.

⁵⁷ POLLACK, 1989, p. 10-11.

⁵⁸ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

2 VIDAS LITERÁRIAS NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

Do tratamento de mestre com que me honram os piauienses dentro e fora do estado, nunca me utilizei. Não dependeu de solicitação de ninguém, nem de pistolão de algum potentado. Não transitou por chancelaria oficial, nem teve carimbo nobiliárquico. Foi conferido espontaneamente por alguns amigos e generalizado como todos os apelidos ou alcunhas, a que sensatamente não se poderia fazer oposição sob pena de cair no ridículo. Acompanha-me desde o início de minha vida pública...

Higino Cunha

Aos vinte e tantos anos foi a Londres. Instintivamente, adestrara-se no hábito de simular que era alguém, para que não se descobrisse sua condição de ninguém; em Londres, encontrou a profissão para a qual estava predestinado, a de ator, que num palco brinca de ser outro, diante da afluência de pessoas que brincam de tomá-lo por aquele outro.

Jorge Luis Borges

2.1 Intelectuais piauienses em série

A vida literária compreende os momentos em que parece ser mais importante falar da política, dos modismos, dos lugares, dos jornais, dos bares, das pessoas, das desavenças, etc., e não se ater exclusivamente às obras e seus autores.⁵⁹ São momentos em que se considera mais importante contar a vida de literatos e intelectuais, do que falar sobre livros. As crônicas e outros textos de A. Tito Filho que abordam a vida de intelectuais e literatos piauienses expressam uma intensa necessidade de registrar a vida de uma série de indivíduos que, julgava, mereciam reconhecimento.

Ao escrever sobre Celso Pinheiro,⁶⁰ o cronista o fazia não apenas por ser o ano de seu centenário, mas também por conta do fato de que suas “concepções literárias procedem das neuroses e dos sofrimentos dos seus autores” – daí sua importância.⁶¹ O cronista aborda também o centenário de Zito Baptista,⁶² mais especificamente a realização de um evento

⁵⁹ BROCA, Brito. A guisa de conclusão. In: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 272-273.

⁶⁰ Celso Pinheiro nasceu em Barras do Marataoan (PI), 1887 – faleceu em Teresina (PI), 1950. Poeta, jornalista e cronista. Estudou as primeiras letras em sua terra natal, depois no Liceu Piauiense em Teresina. Matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, abandonando-a mais tarde por motivos de saúde. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, da qual foi um dos fundadores. Ocupou a cadeira nº 10, cujo patrono é Licurgo José Henrique de Paiva. Publicou dentre outras obras: *Flor incógnita* (poesia) e *Trapo de jornais* (coletânea de discursos e artigos literários). Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 314-315.

⁶¹ TITO FILHO, A. Celso centenariamente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 out. 1987.

⁶² Raimundo Zito Baptista nasceu em Natal (PI), 1887 – faleceu no Rio de Janeiro, 1926. Poeta, professor e jornalista. Atuou em diversos jornais de Teresina, dentre eles: *O Monitor*, *Cidade Verde* e *O Arrebol*. Redator da revista *Alvorada*. Também atuou na imprensa carioca como redator de *O Jornal*. Foi também diretor da Imprensa Oficial do Piauí. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 49.

idealizado por estudiosos universitários do município piauiense de Monsenhor Gil, criadores da Associação Universitária de Monsenhor Gil, “cujas primeiras atividades se voltaram para reviver a figura do poeta num debate sobre a poesia do homenageado”. A atitude da associação é elogiada porque:

Raras instituições piauienses se lembraram de Zito Batista. Sabemos duas: a Academia piauiense de Letras, que divulgou a vida e a obra do poeta pelo jornalismo, e a promissora Associação Universitária de Monsenhor Gil, com o apoio e a solidariedade da Secretaria de Educação e da Casa de Lucídio Freitas. A novela nacional pelas tevês não permitem que se conheça a inteligência e o poder criativo dos piauienses mortos.⁶³

O mesmo raciocínio vale para David Caldas:⁶⁴

Nascido na terra piauiense de Barras, [que] seria chamado o profeta da República, pois muitos anos antes da proclamação do novo regime brasileiro, esse combativo homem de imprensa, ardoroso antimonarquista, admitiu que o advento republicano ocorreria justamente no ano em que ocorreu, em 1889. Poucos recordam o bravo jornalista, desassombrado que muito sofreu pela virtude de ter e de defender ideias.⁶⁵

João Pinheiro⁶⁶ também tem sua vida relatada porque “merece ser relido das novas gerações”.⁶⁷ Outro aspecto interessante a se perceber aqui – já que nos textos citados acima existia uma preocupação do cronista em se certificar de que esses intelectuais não caíssem num esquecimento, fruto do desinteresse dos piauienses pelos intelectuais da terra ou de

⁶³ TITO FILHO, A. Contribuição dos moços. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 nov. 1987.

⁶⁴ David Moreira Caldas nasceu em Barras do Marataoan (PI), 1836 – faleceu em Teresina (PI), 1879. Jornalista, professor, político e escritor. Teve ampla carreira na imprensa, iniciada no jornal *O Arrebol*, fundado por ele em 1859. Atuou também nos jornais *Liga e Progresso*, *Imprensa*, *O Amigo do Povo* (depois rebatizado como *Oitenta e Nove*). Em 1867 foi eleito deputado provincial. No período de 1864 a 1867, ocupou diversos cargos na então Província do Piauí: professor da Escola Normal Oficial, oficial da Secretaria da Presidência, tendo tido, por merecimento, ascensão a Oficial Maior. Professor do Liceu Piauiense. É patrono da cadeira nº 8 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 91-93. Ver também: REGO, Ana Regina. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. Ver: ARAÚJO, Vinícius Leão. *David Caldas: história e memória de suas lutas republicanas*. Teresina: UFPI, 2010. Monografia (Licenciatura Plena em História). UFPI, 2010.

⁶⁵ TITO FILHO, A. O Piauí e a República. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 nov. 1987.

⁶⁶ João Pinheiro nasceu em Barras (PI), 1877 – faleceu no Rio de Janeiro, 1946. Professor de português, poeta, historiador, folclorista e contista. Pertencia a uma família de intelectuais: João José Pinheiro, seu pai, foi jornalista e estudioso da língua portuguesa; Breno e Celso Pinheiro, seus irmãos, pertenceram a Academia Piauiense de Letras; sua irmã, Amélia Pinheiro, era considerada uma grande musicista. Foi professor do Liceu Piauiense, do qual também foi diretor. Foi também um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras e um fecundo colaborador na imprensa piauiense, escrevendo crônicas, contos e poesias. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 316-317.

⁶⁷ TITO FILHO, A. João Pinheiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1987.

questões relacionadas à cultura: o autor começa a apontar não apenas a importância dos biografados, já que suas obras por si só não garantiam suas respectivas relevâncias, mas como estas obras eram fruto de todo um esforço, toda uma trajetória de vida. Ainda sobre João Pinheiro, A. Tito Filho lembra que este seguiria outros rumos, como o do magistério, em que se tornou “mestre acatado de português”; e o das atividades intelectuais, tornando-se “respeitável estudioso de nossa história e de nossa vida literária, além de poeta e contista”.⁶⁸

Retomando o centenário de Celso Pinheiro,⁶⁹ A. Tito Filho aponta que “na década de 30 [1936], o centenário de Davi Caldas, foi comemorado com grande investimento do governo de Leônidas Melo,⁷⁰ que realizou grandes festas: solenidades literárias, edições extraordinárias de jornais, muita despesa dos cofres públicos”. Além disso, aponta que outros governadores também realizaram ações em torno da vida literária:

Petrônio Portella, no seu tempo governamental, instituiu concursos, deu dinheiro para alguns grupos teatrais, publicou livros de piauienses. Alberto Silva, no primeiro Governo, editou cerca de quarenta obras, sob orientação da Academia Piauiense de Letras e esta, nem o seu presidente, pelo relevante e estafante serviço, nada cobraram. Dirceu Arcoverde mandou-me no rumo de Recife, deu-me passagem e alguns níqueis para hospedagem. Acompanhei a confecção dos painéis de poesias de Da Costa e Silva, durante cinco dias, enfrentando chuva, nas oficinas desconfortáveis de Borsoi, os painéis para a praça do mesmo nome, em Teresina. Nenhum tostão tive de pagamento.⁷¹

O que incomodava A. Tito Filho era o fato de que a Academia Piauiense de Letras já prestara muitos serviços em nome da literatura e em memória de outros autores piauienses que comemoravam centenários, sem jamais cobrar de ninguém qualquer quantia em dinheiro. Enquanto isso, chegou o ano de 1987 e nada era realizado por parte do governo estadual em homenagem a Celso Pinheiro:

Quase nada se fez em sua homenagem. Um recitativo aqui, um discursozinho ali. Ninguém lhe deu projeção. A neta culta, Lina Celso, com apoio do Projeto Petrônio Portella, entregará brevemente ao público um livro do poeta, dos mais de vinte títulos que ele organizou. A Academia Piauiense de Letras, em sessão, fez o elogio de Celso e lembrou-lhe a obra aureolada. E para conhecimento da coletividade distribuiu quinze linhas datilografadas

⁶⁸ TITO FILHO, A. João Pinheiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1987.

⁶⁹ TITO FILHO, A. Celso o pobrezinho. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1987.

⁷⁰ Governou o Piauí entre 1935 e 1945. A partir de 24 de novembro de 1937 passou a interventor federal, nomeado por Getúlio Vargas. Ver: TITO FILHO, A. *Governadores do Piauí: Capitania – Província – Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978. p. 51-53.

⁷¹ TITO FILHO, A. Celso o pobrezinho. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1987.

sobre o imenso morto, com bilhetes de pedidos de divulgação dirigidos a Octávio Miranda, Elvira Raulino, Mário Soares, Paulo Henrique, Edmilson Caminha Júnior, Luiz Alberto Falcão, Dídimo de Castro, Padre Tony e à Secretaria de Comunicação do Governo do Estado. Pedi a divulgação, pois a Academia não possui dinheiro para pagar publicações jornalísticas. Tem subvenção de vinte mil cruzados mensais, quantia que mal paga material de expediente, material de limpeza, correspondência no correio e outros gastos mínimos, e anualmente o MEC lhe oferece uma esmola - este ano de 1987 apenas vinte e oito mil cruzados. Não foi possível promover comemorações significativas. A Casa de Lucídio Freitas não dispõe de recursos. A própria sede em que funciona constitui presente do ex-governador Hugo Napoleão, que ainda lhe deu máquinas de escrever e mobiliário, - ato da maior grandeza espiritual. Pobrezinho do Celso Pinheiro. Poeta imenso, viveu amargurado, tuberculoso, rico apenas de cabeça e coração - continua a padecer o esquecimento e a injustiça dos homens perversos.⁷²

O esquecimento e a injustiça, que tanto aborreciam o cronista, também marcam seu texto sobre Pedro Silva⁷³ já que

[...] pouca gente lembra de Pedro Silva, músico e maestro, organizador, harmonizador e regente da Banda de Música do 25º Batalhão de Caçadores, de Teresina, que tanto animou a Praça Rio Branco dos velhos tempos românticos nas retretas do coretinho central. Muito novo, no começo do século, criou, com Jônatas Batista, o Clube Recreio Teresinense, que levou a cena, no respeitável Theatro 4 de Setembro, as peças ‘Natal de Jesus’ e ‘Jovita’.⁷⁴

O mesmo sentimento era direcionado a João Isidoro,⁷⁵ que “escreveria a primeira crônica social de Teresina”⁷⁶ e para Elias de Oliveira e Silva,⁷⁷

⁷² TITO FILHO, A. Celso o pobrezinho. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1987.

⁷³ Pedro José da Silva nasceu em Teresina (PI), 1892 – faleceu no Rio de Janeiro (RJ), 1974. Musicista, maestro, harmonizador e folclorista. Foi maestro e regente da Banda de Música do 25º Batalhão de Caçadores, sediado em Teresina. Encenou e levou ao teatro 4 de Setembro (localizado Teresina) várias peças. Publicou a obra *Piauí no Folclore* (1968). Morou no Rio de Janeiro, onde trabalhou nas rádios Mayrink da Veiga e na do Ministério da Educação. Era também um homem de negócios: foi proprietário de um cinema em Teresina e de uma casa de diversões, o Ponto Chic. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 387.

⁷⁴ TITO FILHO, A. Roteiro de Pedro Silva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 dez. 1987.

⁷⁵ João Isidoro da Silva França nasceu em Portugal e naturalizou-se brasileiro. Chegou a atual capital do Piauí em 1850, onde fixou residência. Figura importante da construção da cidade, suas ruas, praças e avenidas foram por ele delineadas. Foi o autor da planta da cidade e construtor da igreja de Nossa Senhora do Amparo e da matriz de Valença. Redigiu longa carta ao presidente da Província, José Antônio Saraiva, descrevendo as solenidades da celebração da primeira missa da vila nova do Poti. O documento, considerado uma crônica, faz com que João Isidoro seja considerado o primeiro cronista social de Teresina. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 178.

⁷⁶ TITO FILHO, A. O cronista João Isidoro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 dez. 1987.

⁷⁷ Elias de Oliveira e Silva nasceu em Piripiri (PI), 1897 – faleceu em Brasília (DF), 1972. Magistrado, jurista, poeta e jornalista. Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará (1919). Promotor público em Teresina. Juiz Distrital em batalha (PI), e de Direito em Piracuruca (PI). Procurador Superior da Justiça dos Pobres, em Fortaleza (CE). Professor da Faculdade de Direito do Piauí. Publicou obras como *Idéia do Direito na Filosofia*

[...] grande jurista esse hoje esquecido. Talvez não o conheçam os universitários piauienses dos cursos jurídicos ministrados pela Universidade Federal do Piauí. O Piauí será sempre assim: despreza os talentosos homens de inteligência que aqui nasceram. Só os de fora prestam. Santo de casa não faz milagre.⁷⁸

É importante ressaltar, pensando em termos de vida literária, que A. Tito Filho além de escrever esses textos no intuito de registrar a vida e obra de autores “desprezados” pelos piauienses, encontrava ainda espaço nas crônicas para traçar uma espécie de perfil dos biografados – o que significa dizer que ele conseguia também elaborar um retrato único dos intelectuais piauienses, um retrato marcado por aspectos que lhe interessavam realçar. Por exemplo, ainda que mostrasse ao leitor um Elias de Oliveira e Silva jurista, encontrava também espaço para mostrar um Elias de Oliveira e Silva literato, que na prática jurídica exibia pleno domínio retórico:

Elias de Oliveira e Silva nasceu na terra piauiense de Piripiri. Cultivou o soneto, quando moço - o soneto terno, voltado para a mulher nos seus atrativos físicos. Conheci-o em Fortaleza - elegante, cabeleira basta, olhos amortecidos de carcamano, inteligência ágil. Vi-o mais de uma vez na tribuna do júri. Argumentador seguro e culto. Palavra fácil, por vezes irônica. Grande estudioso de ciência penal. Escreveu valiosas obras jurídicas, discutindo impostos, intervenção federal nos Estados, crimes de incêndio e outras matérias. O livro que o colocou entre os mais conceituados no assunto chamou-se *Criminologia das Multidões*, estudo de psicologia coletiva aplicada ao direito criminal.⁷⁹

Sobre Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco,⁸⁰ escreve que “os piauienses desconhecem a personalidade do grande poeta, um dos maiores cantores do sertão e das cousas sertanejas do Piauí”.⁸¹ Já sobre Baurélio Mangabeira,⁸² que de farmacêutico foi à

helênica (1919) e *Crime de incêndio* (1925). Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 374.

⁷⁸ TITO FILHO, A. *Criminologia das multidões*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 dez. 1987.

⁷⁹ TITO FILHO, A. *Criminologia das multidões*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 dez. 1987.

⁸⁰ Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco nasceu em Barras (PI), 1829 – faleceu em 1891. Agricultor e poeta. Publicou o livro de poesias *Harpa do Caçador* (1884), onde descreve a vida do sertão e sua infância num ritmo cadente e sonoro, externando o seu arrebatamento pela vida do campo. Recebeu o epíteto de *O poeta caçador*. Participou da guerra do Paraguai, integrando o Primeiro Corpo de Voluntários da Pátria (1865). É Patrono da Cadeira nº 6 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 79.

⁸¹ TITO FILHO, A. *Caçador*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 mar. 1988.

⁸² Benedito Aurélio de Freitas nasceu em Piripiri (PI), 1884 – faleceu em Teresina (PI), 1937. É um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Poeta lírico e satírico, publicou *Sonetos Piauienses* (1910), que reúne poesias líricas e satíricas. Atuou na imprensa piauiense, fundando o jornal *A Jornada*; atuou também como redator da revista *Alvorada*. Foi Juiz Distrital em Alto Longá (PI). Pertenceu ao grupo dos dez fundadores da Academia Piauiense de Letras, sendo o primeiro ocupante da Cadeira nº 6, cujo patrono é o poeta Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 182.

literato e homem de imprensa, A. Tito Filho relata primeiramente suas passagens por várias cidades e atividades:

Era de Piripiri. Batizou-se como Benedito, precisamente Benedito Aurélio. Pertencia aos Freitas. Cedo perdeu os pais e passou a ser criado pelo avô fazendeiro. Novinho ainda foi confiado aos cuidados de um amigo da cidade piauiense de Barras, possuidor de farmácia - e o vendedor de remédios lhe ensinou o segredo da manipulação de drogas, ao mesmo tempo em que aprendia mais coisa na escola. Peregrinou por outras comunidades. Era prático de farmácia, até que se fixou em Teresina. Pelos cafundós das suas andanças receitava sempre, e gozava de algum conceito nas recomendações que fazia para a cura dos males físicos da clientela.⁸³

Já em Teresina, Baurélio Mangabeira se envolveu em várias atividades relacionadas à vida literária:

Na capital do Piauí redigia jornais. Vestia-se mal. Abandonou a profissão de farmacêutico e fundou *A Jornada*. Pôs os petrechos do jornal no lombo de jumento e se tocou pelas bibocas do Estado. Órgão de imprensa ambulante, do qual ele exercia as variadas funções de redator, tipógrafo, paginador e impressor. Também desenhava caricaturas de gente pequenina e graúda e confeccionava os clichês na madeira para ilustração das notícias. Aonde chegava fazia que o periódico circulasse. Adotou vários pseudônimos, mas adquiriu fama e repercussão: Baurélio Mangabeira. E explicava-o: de Benedito, o B, conforme consta das sagradas escrituras. Aurélio traduz homenagem ao pai. Mangabeira denomina árvore dadivosa das matas piauienses, cujo látex vale ouro e o fruto é como a vida: ora tem amargores de fel, ora doçuras de mel.⁸⁴

Por último, o cronista aponta que “os piauienses lhe desconhecem a superior inteligência e o imenso talento lírico”. Essa narrativa do intelectual que saiu de uma atividade que, a princípio, não possuía vínculos com as letras também surge, por exemplo, quando o cronista escreve sobre a vida de Hermínio de Moraes Brito Conde,⁸⁵

⁸³ TITO FILHO, A. Baurélio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 mar. 1988.

⁸⁴ TITO FILHO, A. Baurélio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 mar. 1988.

⁸⁵ Hermínio de Moraes Brito Conde nasceu em Piracuruca (PI), 1905 – faleceu no Rio de Janeiro (GB), 1964. Médico, professor e historiador. Doutorou-se pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1927. Durante sua carreira, dedicou-se ao combate a cegueira. Ocupou importantes cargos e funções, como: Presidente da Sociedade Brasileira de Combate a Cegueira; professor de Epidemiologia e Profilaxia do Tracoma e Diretor do Centro de Pesquisas Oftalmológicas do Ministério da Saúde. Publicou também um estudo crítico acerca de Machado de Assis, intitulado *A tragédia ocular de Machado de Assis*. Em suas pesquisas na Biblioteca Nacional, descobriu um livro publicado pelo brigadeiro português Fidié, em 1850, com o título *Vária fortuna de um soldado português*. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 123-124.

[...] médico, de célebre e humana luta contra o tracoma, nascido nas bandas piauienses de Piracuruca, ano de 1905. Curou milhares de tracomatosos. Exerceu elevadas funções relacionadas com a profissão. Não esqueceu as letras e investigou temas históricos, publicando estudo cívico intitulado *Cochrane, falso libertador do Norte*.⁸⁶

Por fim, a vida e a carreira de Hermínio de Moraes Brito Conde eram mais um exemplo de como os “piauienses, raros, conhecem a grandeza de Hermínio Conde, falecido no Rio em 1964”. Como apontado na introdução, essas crônicas que biografavam a vida de intelectuais piauienses eram também uma forma de A. Tito Filho narrar sua própria trajetória enquanto intelectual. Na crônica Ceará,⁸⁷ o cronista relata o período em que viveu em Fortaleza onde

[...] estudei três anos. Tive bons mestres e quanto me recordo de Colombo de Sousa, Mardônio Botelho, Raimundo Cela – e desse admirável Martins Filho, que se formou no Piauí, e depois seria o arquiteto da Universidade Federal do Ceará.

Essa escrita de si,⁸⁸ ao longo do período recortado pela pesquisa, é entrecortada por textos como a narrativa da trajetória de Nogueira Tapety,⁸⁹

[...] promotor público, em 1912, da antiga capital do Piauí. Ano seguinte, delegado-geral de Teresina com serventia no gabinete do governador Miguel Rosa. ‘Foi a oportunidade – conta Celso Pinheiro Filho – de Tapety reencontrar-se com os doutores boêmios, e os poetas simplesmente boêmios de sua geração, que faziam serenatas até o alvorecer’.⁹⁰

Para A. Tito Filho, Nogueira Tapety tinha lugar de relevo nas letras piauienses, mas “infelizmente o Piauí pouco ou quase não conhece a história e a grandeza espiritual dos seus grandes filhos, injustamente esquecidos e raramente estudados”. Portanto, podemos delimitar algumas características percebidas nessas crônicas: A. Tito Filho busca colocar em crônica a vida de autores que considerava injustamente esquecidos, por uma população que desprezava

⁸⁶ TITO FILHO, A. Outro Hermínio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 mar. 1988.

⁸⁷ TITO FILHO, A. Ceará. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 abr. 1988.

⁸⁸ GOMES, Ângela de Castro. Lapidação de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

⁸⁹ Benedito Francisco Nogueira Tapety nasceu e faleceu em Oeiras (PI), 1890-1918. Foi promotor público em Oeiras (1912) e professor de Filosofia, Psicologia e Lógica no antigo Liceu Piauiense. Como jornalista, atuou em *O Piauí*, de Teresina, e no *Diário de Pernambuco*. Na poesia, foi um parnasianista. Membro da Academia Piauiense de Letras, Tapety não chegou a tomar posse em virtude de sua morte súbita. Em reunião, os membros da Academia, por unanimidade, deliberaram que ele fosse considerado como se realmente houvesse se empossado no lugar de membro da Academia. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 400-401.

⁹⁰ TITO FILHO, A. Tapety. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 abr. 1988.

os intelectuais piauienses, mesmo que tivessem prestado relevantes trabalhos ao Estado ou pelo menos às letras piauienses.

É importante também perceber a forma que essas crônicas vão tomando. Se pensarmos nos recursos que o cronista utiliza para narrar essas vidas, eles são perpassados por *esquemas*⁹¹ – aqui referidos à tendência a representar e às vezes lembrar-se de um determinado fato ou pessoa em termos de outro. Na crônica que narra a vida e a carreira de Lucídio Freitas,⁹² A. Tito Filho se utiliza de um esquema que aparecerá várias vezes em sua coluna. Primeiro, ele traça uma biografia do intelectual, com dados relativos ao local de nascimento, seus pais, trajetória escolar e acadêmica; viagens (geralmente motivadas por oportunidades de emprego); empregos (vários: Lucídio foi professor, delegado de polícia e jornalista); atividades mais diretamente ligadas ao meio intelectual (Lucídio foi professor de direito, orador e conferencista); atividades como literato (Lucídio foi, principalmente, poeta) e obras publicadas (se houve). A narrativa pode terminar com a chegada do intelectual à Academia Piauiense de Letras (Lucídio foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras) ou caso ele não chegasse com o reconhecimento dos pares. É perceptível que mesmo não chegando à Academia, sua carreira pode ser atestada pelo reconhecimento dos que lá chegaram ou que eram reconhecidos estudiosos da história intelectual e literária do Piauí.⁹³

É muito comum também, sobretudo nas crônicas, a presença de trechos de comentários de outros autores, fazendo desse ato, que não deixa de ser cerimonial, ritual mesmo, um momento de coroamento de uma vida literária. Por exemplo, sobre Lucídio Freitas o cronista inseriu um comentário de Monsenhor Joaquim Chaves,⁹⁴ conceituado historiador do Piauí:

⁹¹ BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 67-89.

⁹² Lucídio Freitas nasceu e faleceu em Teresina (PI), 1894-1921. Poeta, jornalista, jurista e professor. Era filho de Clodoaldo Freitas. Como professor, lecionou História do Brasil no antigo Liceu Piauiense. Catedrático de Teoria e Prática do Processo Civil e Comercial na Faculdade de direito do Pará. Magistrado, foi Juiz Criminal em Belém (PA). Como jornalista, colaborou nos jornais *A Notícia*, *Diário do Piauí* e *O Piauí*. Publicou obras poéticas, como *Alexandrinos* (1912), em parceria com o irmão Alcides Freitas; *Vida obscura* (1917) e *Minha terra* (1921). No campo do Direito escreveu *Questões Processuais*. Ocupou a Cadeira nº 9 da Academia Piauiense de Letras, posteriormente sendo eleito patrono de uma das cadeiras da Academia. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 189.

⁹³ TITO FILHO, A. Lucídio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 abr. 1988.

⁹⁴ Monsenhor Joaquim Raimundo Ferreira Chaves nasceu em Campo Maior (PI), 1913 – faleceu em Teresina (PI), 2009. Sacerdote, professor e historiador. Vigário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo a partir de 1948. Monsenhor, título conferido pelo Papa João XXIII. Vigário-geral da Arquidiocese de Teresina durante o Governo de Dom Avelar e chanceler na administração de Dom José Freira Falcão. Reitor e professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, de Teresina. Também foi professor de francês no Liceu Piauiense e no Colégio Diocesano. Atuou na imprensa, dirigindo *O Dominical* (1947) e colaborando no *Jornal de Notícias*. Membro do Instituto Histórico do Piauí e do Instituto Histórico de Oeiras (PI). Foi membro do Conselho Diretor da Universidade Federal do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Seus trabalhos históricos foram reunidos na *Obra Completa*, que em 2013 ganhou 3ª edição. Ver: GONÇALVES, 2003, p. 119.

Sentiu mais que todos os outros o atrativo da beleza e a desilusão da criatura limitada. Havia nele a mescla singular de uma alma pagã, toda virada para a terra e, simultaneamente, o divino acicate de um pressentimento que não o deixava deter-se, a fome de infinito que o levava a voltar-se para a ampliação dos céus.⁹⁵

Já em crônica sobre Edison Cunha,⁹⁶ outro dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, o mesmo esquema reaparece.⁹⁷ Assim como no texto que escreveu sobre Clodoaldo Freitas,⁹⁸ o primeiro presidente da Academia Piauiense de Letras, que traz o seguinte comentário de Cristino Castelo Branco:

‘Figura curiosíssima de homem inteligente e lutador, envolvido durante muitos anos em lutas de imprensa contra os governos e contra o clero, brilhou e sofreu como os que mais tenham brilhado e sofrido até hoje no Piauí. Fisionomia simpática e aberta de homem sincero, franco, altruísta, entusiasta, generoso e altivo. Conheci-o de perto. Amei-o e admirei-o nas cintilações do seu talento, na variedade da sua cultura, na energia indômita do seu caráter, nos imprevistos, nos paradoxos fulgurantes de sua mentalidade fecunda, criadora, sempre renovada. Tenho-o comigo, dentro da consciência moral que me alumia. Vejo-o ainda, já velho, alquebrado e glorioso, sentado à banca de trabalho, horas seguidas, a escrever sempre, com uma facilidade admirável, artigos de combate, crônicas deliciosas, romances, novelas, versos, ensaios de críticas, de história, de direito, de filosofia, de religião...’⁹⁹

O fato de que ele também aparece como um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras reforça a intenção do cronista de atrelar seus textos, que narram as vidas dos literatos fundadores da instituição, à sua própria condição de presidente da mesma. Além disso, abre caminho para outra temática que marcará a série aqui estudada: a ação constante de A. Tito

⁹⁵ TITO FILHO, A. Lucídio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 abr. 1988.

⁹⁶ Edison da Paz Cunha nasceu em Teresina (PI), 1891 – faleceu em Parnaíba (PI), 1973. Escritor, jornalista, filósofo e poeta. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife (1912). Promotor Público. Foi professor do ginásio Parnaibano. Atuou na imprensa dirigindo a Imprensa Oficial do Estado do Piauí. Como jornalista, atuou em vários órgãos de imprensa do Piauí, dentre eles: *O Piauí* (1916); *Correio de Teresina* (1913); *A Verdade* (1924). Ver: GONÇALVES, 2003, p. 142-143.

⁹⁷ TITO FILHO, A. Edison Cunha. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 abr. 1988.

⁹⁸ Clodoaldo Severo Conrado Freitas nasceu em Oeiras (PI), 1855 – faleceu em Teresina (PI), 1924. Magistrado, jornalista, político, poeta, ensaísta, historiador, romancista e cronista. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Foi membro fundador da Academia Piauiense de Letras (1917), da Academia Maranhense de Letras (1908), do Instituto Geográfico e Histórico Piauiense (1916), e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Teve vasta atuação na imprensa do Piauí, Pará e Maranhão, onde boa parte de sua obra foi publicada. Recentemente a professora Dra. Teresinha Queiroz (UFPI) reuniu boa parte da obra do autor, contos, romances e crônicas. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 182-185.

⁹⁹ TITO FILHO, A. Clodoaldo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 jun. 1988.

Filho de realçar a função das academias, o que implica numa demonstração não apenas de sua história, mas também de sua relevância por meio de ações voltadas para a cultura.

Além de intelectuais mais diretamente ligados ao mundo das letras e das ciências, A. Tito Filho também escreveu muitas crônicas que narravam a vida de homens ligados à religião. Boa parte dos poucos mais de 160 textos publicados no jornal *O Dia*, que tratam da vida de intelectuais e literatos piauienses, abordam a vida e a carreira de figuras ligadas à Igreja Católica, que o cronista julgava terem prestado grandes serviços à cultura piauiense, fossem em atividades mais diretamente ligadas a obras religiosas ou mesmo no mundo das letras. Afinal, a relação entre religião e imprensa em Teresina já era, podemos dizer, uma tradição.¹⁰⁰ Em crônica sobre Dom Avelar Brandão Vilela,¹⁰¹ o cronista aponta que

[...] deixou importantes homilias e sermões, discursos e pronunciamentos publicados sobre assuntos diversos. Grande orador sacro, de linguagem sóbria, correta, de profundas mensagens humanas e sociais. Pertenceu a inúmeras associações e mereceu numerosos títulos de cidadania e diplomas de mérito. Membro da Academia de Letras da Bahia. [...] Em Teresina muito incentivou o movimento socialista rural, atraindo odiosidades e malquerenças de rançosos latifundiários e exploradores do homem abandonado do interior. Enfrentou os poderosos, sem recear iras e furores. O movimento militar de 1964 julgava-o perigoso de ideias.¹⁰²

Outro biografado foi o Padre Cirilo Chaves Soares Carneviva,¹⁰³ mais um desses

¹⁰⁰ Ver QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 69-82.

¹⁰¹ Dom Avelar Brandão Vilela nasceu em Viçosa (AL), 1912 – faleceu em Salvador (BA), 1986. Ordenou-se Presbítero em Aracaju (1934). Nessa cidade, desenvolveu intensa atividade social e religiosa. Foi secretário do bispado. Professor. Diretor espiritual do Seminário da capital sergipana. Dirigiu a Obra das Vocações Sacerdotais. Cônego em 1939. Foi escolhido bispo de Petrolina (PE), ocorrendo a sua sagração em Aracaju, a 27 de outubro de 1946. Sua posse na primeira diocese realizou-se no dia 15 de dezembro do mesmo ano. Aí passou dez anos. Em Petrolina, adotou na sua administração o lema “Evangelizar e Humanizar”. Em 1955, foi eleito arcebispo de Teresina. Tomou posse da arquidiocese de Teresina em 5 de maio de 1956, na Catedral de Nossa Senhora das Dores. No decorrer da década de 1960, começou sobressair-se dentro das conferências e encontros dos Bispos do Brasil (CNBB). No final de 1964, durante a segunda sessão do Concílio Vaticano II, foi eleito vice-presidente da CNBB. Depois de quase 20 anos na arquidiocese de Teresina, em maio de 1971, Dom Avelar deixa a capital do Piauí, a fim de se tomar posse como 23º arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil. Durante esse período de permanência no Piauí, sua presença foi marcada por profundas mudanças no quadro educacional e social do Estado. Dentre suas iniciativas e realizações, podem-se citar: a fundação da Faculdade de Filosofia de Teresina e da Rádio Pioneira. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 422-423.

¹⁰² TITO FILHO, A. Avelar. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jun. 1988.

¹⁰³ Padre Cirilo Chaves Soares Carneviva nasceu em Fortaleza (CE), 1894 – faleceu no Rio de Janeiro (RJ), 1936. Sacerdote, professor, poeta e jornalista. Iniciou os estudos no Seminário de Teresina, concluindo o curso superior no Seminário de Olinda. Ordenou-se em Teresina. Foi vigário, colaborador nas paróquias de Nossa Senhora do Amparo de Teresina, transferindo-se posteriormente, para a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Barras (1924). Foi professor de português no Colégio Diocesano. Atuou como jornalista, fundando e dirigindo *A Liberdade*, em 1928. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a Cadeira nº 1. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 97.

[...] virtuosos e inteligentes padres hoje inteiramente esquecidos e até desconhecidos dos teresinenses, como Acilino Portella, vigário da igreja do Amparo e falecido em 1941. O padre Aurélio Oliveira, diretor de educandário, esteve à frente do templo de São Benedito. Fui seu aluno do Colégio Diocesano. Era entroncado, beijos grossos, professor de francês. Monsenhor Constantino Boson, nascido em São Raimundo Nonato (PI), meu padrinho de batismo. De muito latim, virtuoso, exerceu elevadas funções. Erudito. Dirigiu o Colégio Diocesano, doutor na arte de aplicar sonoros bolos de palmatória. Muito trabalhador. Apreciava a boa pinga. O culto Cícero Portella Nunes, poeta também e jornalista, que quase governava o Piauí. O humilde frei Heliodoro, italiano de origem, confortador de pobres e doentes. Tornei-me amigo do padre Nonato, meu velho mestre de português, vigário da catedral das Dores, pobre e bondoso. O bom padre Rego, que morreu atropelado, e o talentoso Raul Pedreira. O manso e estudioso Monsenhor Melo. Conheci-os e admirei-os. Todos estiveram durante pouco ou longo tempo a serviço dos teresinenses.¹⁰⁴

Para A. Tito Filho era uma pena que a cidade guardasse pouca ou nenhuma memória desses padres, que durante algum tempo brilharam naquilo que ele chamava de “vida intelectual do Piauí”. Essa desatenção da cidade para com os intelectuais incomodava o autor também pelo fato de que muitas dessas vidas foram marcadas por muito esforço e dedicação, como no caso de Fernando Lopes e Silva Sobrinho,¹⁰⁵ que “fundou colégio com aulas matutinas (para o sexo feminino), vespertinas (para rapazes) e noturnas (para comerciantes e lavradores)”.¹⁰⁶ O que demonstrava que ele conseguiu unir a atividade jornalística à de professor.

Eram pessoas que conseguiram exercer várias atividades ao mesmo tempo ao longo da vida – foi o caso de Areolino de Abreu,¹⁰⁷ que atuou como

[...] político, médico. Como jornalista teve brilhante atuação nos órgãos de imprensa de Teresina. Orador muito eloquente. Poeta, deixou várias poesias

¹⁰⁴ TITO FILHO, A. Carneviva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 jun. 1988.

¹⁰⁵ Fernando Lopes e Silva Sobrinho nasceu em União (PI), 1896 – faleceu em Fortaleza (CE), 1981. Magistrado, professor, poeta, contista e jornalista. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará (1927). No Ceará, foi promotor público e Juiz de direito em Limoeiro do Norte. No Piauí, foi Juiz de Direito em diversas comarcas. Atuou como professor, lecionando no Colégio das Irmãs e no Liceu Piauiense, ambos de Teresina. Foi professor de Introdução à Ciência do Direito na Universidade Federal do Piauí. Atuou nos jornais *O Povo*, *Unitário* e *Correio do Ceará* (em Fortaleza). No Piauí, colaborou no *O Dia* e *O Estado*. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a Cadeira nº 4. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 195-196.

¹⁰⁶ TITO FILHO, A. Fernando. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jun. 1988.

¹⁰⁷ Areolino Antônio de Abreu nasceu em Teresina (PI), 1865 – faleceu em União (PI), 1908. Médico, político, jornalista e escritor. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia (1887). Fundador do Asilo dos Alienados, rebatizado de Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu. Foi deputado provincial (1888-1889); vice-governador do Estado, assumiu o governo do Piauí em 5 de dezembro de 1907, por conta do falecimento do governador Álvaro Mendes. Areolino de Abreu faleceu antes de terminar o mandato (31 de março de 1908). Foi jornalista, atuando no jornal *O Lábaro* e *A República*. É patrono da Cadeira nº 5 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, 2007, p. 87-88.

esparsas produzidas, segundo João Pinheiro, quase na sua totalidade entre os anos de 1880 e 1882.¹⁰⁸

Além disso, Areolino de Abreu também foi patrono da cadeira nº 5 da Academia Piauiense de Letras. Podemos observar a mesma abordagem na narrativa que expõe a vida e a obra de Raimundo de Moura Rêgo,¹⁰⁹ jornalista militante, que fez parte da antiga Associação de Imprensa do Piauí; dirigiu a revista *Garota*, de feição literária, e participou de vários movimentos intelectuais de jovens, como Arcádia dos Novos e Cenáculo Piauiense de Letras – colaborando nas revistas e jornais representativos desses movimentos e agremiações. A. Tito Filho mostra que Moura Rêgo também foi

[...] músico, deu concerto, violão e violino. Especializando-se neste último instrumento, fez-se aplaudir em inúmeros recitais realizados não só em Teresina como em Fortaleza e São Luís do Maranhão. Continuou no Rio tocando violino em reuniões familiares com outros amadores. Em Teresina, foi uma espécie de introdutor de todos os artistas que a visitaram, especialmente na década de 40, recebendo-os, apresentando-os em público e cooperando com eles na execução dos respectivos programas. Exerceu a crítica de arte nos jornais *Vanguarda* e *Diário Oficial*. Em 1941 realizou, com Antilhon Ribeiro Soares, a opereta ‘Uma noite do Oriente’, levada a efeito, com sucesso, primeiro no auditório do Liceu Piauiense e depois no Teatro 4 de Setembro, sendo autor dos versos da maioria das músicas apresentadas e, além de violinista, regente do conjunto orquestral por ele mesmo organizado com amadores locais e músicos das bandas da Polícia e do Exército.¹¹⁰

É importante ressaltar que muitas das biografias elaboradas por A. Tito Filho não eram inéditas – o que significa dizer que ele deve ter usado obras e textos de outros autores, não só como referência, como consulta, mas até mesmo como modelos que o ajudaram a elaborar seus próprios textos. É possível, por exemplo, que tenha tomado como modelo textos de Clodoaldo Freitas, que escreveu muitas biografias de intelectuais piauienses e personagens da história do Piauí;¹¹¹ de Higino Cunha,¹¹² Monsenhor Chaves,¹¹³ Miguel de Sousa Borges Leal

¹⁰⁸ TITO FILHO, A. Areolino. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jul. 1988, p. 4.

¹⁰⁹ Raimundo de Moura Rego nasceu em Matões (MA), 1911 – faleceu no Rio de Janeiro (RJ), 1988. Professor, jornalista, poeta, músico, desenhista, romancista e contista. Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro (1953). Atuou na imprensa piauiense, colaborando nos jornais *O Tempo*, *A Liberdade*, *Voz do Norte*, dentre outros. Foi membro da Academia Piauiense de Letras e professor da Escola Técnica Federal. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 443-444.

¹¹⁰ TITO FILHO, A. Moura Rêgo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 jul. 1988.

¹¹¹ Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

¹¹² CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

Castelo Branco¹¹⁴ e João Pinheiro, já abordado pelo cronista em texto referido no início deste capítulo. Sobretudo este último, que não apenas deve ter sido muito consultado, como A. Tito Filho chega mesmo a citá-lo em muitas crônicas.¹¹⁵ Esses textos de referência serviram, possivelmente, para elaborar os dados biográficos de muitos autores, bem como de suas obras, inclusive aquelas que não chegaram a ser publicadas.

Agora, o texto de João Pinheiro,¹¹⁶ cuja primeira edição é de 1937, difere em muitos aspectos das crônicas de A. Tito Filho. Em primeiro lugar, trata-se de um livro e não de crônicas publicadas em uma coluna jornalística. Em segundo lugar, existe uma preocupação em fazer uma história da literatura piauiense nos termos de gêneros literários (com divisões dos autores em poetas e prosadores) e divididos em fases históricas (Primeira Fase, Fase Romântica, Correntes Modernas). A proposta do autor é fazer uma exposição da contribuição piauiense à literatura nacional, ainda que reconhecesse que ela de fato fosse relativamente pequena. Para João Pinheiro, os motivos para tão pequena atuação deviam-se, em geral, ao fato de que na maior parte do tempo os piauienses estivessem

[...] preocupados ou absorvidos pelas duras contingências da vida material, dificilmente superáveis em meios tão combalidos pelas mais extremadas vicissitudes climatéricas como o nosso, ou obcecados por antigas idiosincrasias partidárias, sem quase nenhuma via de comunicação com o resto do país de que viviam segregados pelo abandono dos poderes públicos, os nossos antepassados persistiram por longos, imemoráveis anos numa criminosa, impassível indiferença pelo que se referisse ao mais insignificante e rudimentar cultivo intelectual.¹¹⁷

É como se aquela indiferença dos piauienses para com os seus mais brilhantes intelectuais, que A. Tito Filho identificava no presente, João Pinheiro identificasse no próprio passado do Piauí. Enquanto em outras capitâneas já existiam ações voltadas para a cultura, de caráter nacionalista já bem definido, como era o caso da Academia dos Esquecidos já no século XVIII, o Piauí permanecia remoto e esquecido em meio ao analfabetismo. Para ele

¹¹³ CHAVES, Monsenhor. Apontamentos biográficos e outros. In: CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 415-639.

¹¹⁴ CASTELO BRANCO, Miguel Borges de Sousa Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

¹¹⁵ TITO FILHO, A. Anísio - I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jul. 1988.

¹¹⁶ PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

¹¹⁷ PINHEIRO, João. Proêmio. In: PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 9.

[...] vem de longe o nosso insulamento e, porventura, a atávica apatia que tanto nos caracteriza e adapta aos criteriosos conceitos do Sr. Euclides da Cunha. Somos, em verdade, um povo *permanentemente fatigado*, rotineiro, sem iniciativa, não só em assuntos literários mas em quaisquer outros ramos da atividade humana. Nossas riquezas naturais – vastas matas feracíssimas, dilatados campos de criação, opulentas minas inexploradas, para aí jazem no abandono ou entregues a obsoletos, consuetudinários processos empíricos. Consoante as judiciosas conclusões spencerianas, sociedade pouco numerosa, quase nada tem produzido.¹¹⁸ (*Grifos do autor*).

Os capítulos do livro seguem um esquema semelhante aos das crônicas de A. Tito Filho: traçam uma biografia dos autores, obras publicadas e não publicadas, bem como uma análise crítica dos pares. Mas dois elementos colocam os capítulos de João Pinheiro em outro plano: ele busca manter o foco nas figuras que praticaram literatura, ou seja, o campo que ele cobre é mais limitado, mais específico. Assim, mesmo que ele aborde Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco,¹¹⁹ que poderia ser retratado de várias formas, sua preocupação maior será deixar registrado no livro o literato. Outro aspecto que coloca o texto de João Pinheiro em outro plano é o fato de que cada biografia é composta de um trecho da obra do biografado, algo que A. Tito Filho claramente não poderia fazer por conta do tamanho e da natureza da crônica. Além disso, muitos dos textos de A. Tito Filho, muitos de seus biografados, também estão presentes no livro de João Pinheiro, inclusive com informações e trechos tirados deste.

Não era coincidência que A. Tito Filho utilizasse a obra de João Pinheiro como referência: ele foi um de seus mestres – seu “velho mestre”. Numa das crônicas que dedicou a João Pinheiro, A. Tito Filho conta que o teve como professor de português e que este

[...] dedicou-se as atividades intelectuais, estudioso de nossa história e de nossa vida literária. Publicou principalmente poesias líricas. Entre outros trabalhos escreveu uma história da literatura piauiense, fixando-lhe os primórdios, os autores respectivos, analisando as obras que publicaram. De cada qual transcreve os trechos mais significativos que deixaram. Talvez o primeiro estudo organizado sobre o assunto. Limitou-se aos autores mortos.¹²⁰

¹¹⁸ PINHEIRO, João. Proêmio. In: PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 9.

¹¹⁹ Ver: FREITAS, Clodoaldo. Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, como poeta e como inventor. In: FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 81-100.

¹²⁰ TITO FILHO, A. Velho mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 jun. 1988.

Aponta que João Pinheiro também exerceu o jornalismo, e, no que diz respeito a sua relação pessoal com o mestre e autor:

Sempre apreciei o meu querido mestre, de alma tranquila e forte, de boníssimo coração. Virtuoso e correto. Digno sobremodo. Escritor regionalista. Cristino Castelo Branco via-o na qualidade de exímio contador de sugestivas estórias, *conteur* adorável, dos melhores que o possui o Brasil. João Pinheiro foi homem de bem e de apurada inteligência.¹²¹

Ao mesmo tempo em que traça uma relação intelectual com João Pinheiro, poderíamos mesmo dizer uma filiação intelectual, atribui ao texto de seu velho mestre um caráter de *texto fundador*.¹²² Dos biografados por A. Tito Filho, que também estão presentes no livro de João Pinheiro, José Coriolano de Sousa Lima¹²³ é considerado um dos mais importantes:

Tivesse nascido noutra lugar seria endeusado. José Coriolano está para o Piauí como José de Alencar para o Ceará, sustentou Esmaragdo de Freitas: ‘A mocidade indígena podia e devia tentar o resgate do feio pecado das gerações passadas, promovendo, antes do expirar desta era cristã, alguma cousa em prol da glorificação de José Coriolano’.¹²⁴

João Pinheiro não foi tão longe. Para ele, Coriolano merecia destaque por ter sido o iniciador da fase romântica da literatura piauiense e por ter sido um dos poetas mais fecundos e espontâneos de seu tempo – para ele, seus méritos são de relativo merecimento.¹²⁵ Mas quanto ao resgate da obra acima citada, clamado por Esmaragdo de Freitas, A. Tito Filho faz questão de mostrar como em 1973, durante o governo Alberto Silva, reeditou e elaborou a organização, notas e comentários do livro que trazia as poesias de José Coriolano,¹²⁶ “numa justa homenagem”. A. Tito Filho foi o responsável também pelo prefácio da obra, onde

¹²¹ TITO FILHO, A. Velho mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 jun. 1988.

¹²² GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.) *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 96-122.

¹²³ José Coriolano de Sousa Lima nasceu e faleceu em Príncipe Imperial, então pertencente ao Piauí, posteriormente ao Ceará com o nome de Crateús (1829-1869). Iniciou os estudos secundários em São Luís do Maranhão, concluindo-os em Olinda (PE), em 1854. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife (1859). No Piauí, foi promotor público em Piracuruca (PI) e Juiz municipal em sua terra natal. No Maranhão, ocupou o cargo de Juiz de Direito em Pastos Bons e Juiz Municipal em Codó (MA). Foi deputado provincial em duas legislaturas (1860-1861 e 1864-1865), ocupando, na última, a presidência da Assembleia Legislativa Provincial. Colaborou na imprensa de Recife e de Teresina, destacando-se os trabalhos em prosa *O casamento e a mortalha no céu se talha* (romance) e *O suicídio de Marília*. É patrono da Cadeira nº 8 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 317-320.

¹²⁴ TITO FILHO, A. Coriolano. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jul. 1988.

¹²⁵ PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 37.

¹²⁶ TITO FILHO, A. (Organização, notas e comentários). *Deus e a Natureza em José Coriolano*. Teresina: COMEPI, 1973.

apontou que “dediquei algumas linhas a esse grande piauiense que vive na ingratidão dos seus conterrâneos, nos colégios, no conhecimento público, na leitura da pouca gente que sabe ler”.¹²⁷ Outros que aparecem nos textos dos dois autores são Raimundo de Arêa Leão,¹²⁸ Antônio Borges Leal Castelo Branco¹²⁹ e Antonino Freire da Silva.¹³⁰ Este

[...] enobreceu o magistério da matemática e história natural. Como governador, fez a reforma da instituição pública, criando a Escola Normal, que posteriormente teve o seu nome. Marcou seu nome na educação do Piauí com uma série de ações desenvolvidas nesta área.¹³¹

Além disso, Antonino Freire exerceu o jornalismo, “brilhante e combativo”, fundando jornais e neles escrevendo “aplaudidos e substanciosos artigos”. Também publicou textos de história e, segundo A. Tito Filho, “era um historiador desapaixonado”, além de ter sido um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Outro literato que aparece nas crônicas de A. Tito Filho e na obra de João Pinheiro é Abdias Neves.¹³² No texto de João Pinheiro¹³³ é elaborada uma minuciosa trajetória literária do autor de *Um manicaca*,¹³⁴ mas

¹²⁷ TITO FILHO, A. Coriolano. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jul. 1988.

¹²⁸ Raimundo de Arêa Leão nasceu na fazenda Tabocas, do município de Alto Longá (PI), 1846 – faleceu no Rio de Janeiro (GB), 1904. Formado em Medicina pela Faculdade da Bahia (1873). Exerceu a profissão durante quarenta anos em Teresina (PI). Foi também Inspetor de Higiene do Piauí. Como político, atuou como Conselheiro Municipal de Teresina; Deputado Provincial no período de 1874-1879; Vice-Presidente da Província do Piauí; exerceu as funções de presidente no período de 14-10-1885 a 16-10-1885. Na imprensa, atuou como redator do jornal *A Época* (1878), órgão do Partido Conservador. É patrono da cadeira nº 8 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 441-442.

¹²⁹ TITO FILHO, A. Inteligências. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jul. 1988.

¹³⁰ Antonino Freire da Silva nasceu em Amarante (PI), 1876 - faleceu em Teresina, 1934. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1899). Foi professor e diretor do Liceu Piauiense, onde também lecionava Matemática e História Natural. Foi eleito vice-governador do Estado no período 1908-1912. Por conta do falecimento do governador Anísio de Abreu (em 06-12-1909), novas eleições foram realizadas em janeiro de 1910. Antonino Freire foi eleito governador do Estado, com mandato até 01 de julho de 1912. Foi também eleito Deputado Federal e Senador. Teve extensa atuação na imprensa, fundando o jornal *A Pátria* e *A Imprensa*. Dirigiu o jornal *Habeas Corpus* e colaborou no *O Nortista*, *Cidade de Teresina* e *O Piauí*. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Patrono da cadeira nº 32 da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 84-86.

¹³¹ TITO FILHO, A. Antonino. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 ago. 1988.

¹³² Abdias da Costa Neves nasceu e faleceu em Teresina (19 de novembro de 1876 – 28 de agosto de 1928). Foi advogado, jornalista, professor, político, poeta e historiador. Foi Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Membro da Academia Piauiense de Letras (cadeira nº 11). Dentre outras obras, escreveu: *A Guerra do Fidié* (1907) e *O Piauí na Confederação do Equador* (1921). Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 19-25.

¹³³ PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 136-140.

¹³⁴ Romance que retrata o cotidiano da cidade de Teresina na passagem do século XIX para o XX, a partir do cotidiano de seus habitantes. A narrativa gira em torno do drama do manicaca Araújo, atormentado pelos maus tratos da esposa adúltera, Júlia. O triângulo amoroso de que fazem parte Júlia, o marido Araújo e o amante Luís Borges, constitui uma trama pouco complexa assim resumida: contrariada pelo pai, Pedro Gomes, na sua

João Pinheiro não dá opiniões pessoais sobre a obra, remetendo a função a terceiros. De qualquer forma, João Pinheiro reconhece e até enaltece a versatilidade de Abdias Neves, que escreveu os mais variados gêneros literários e atuou em diversas profissões.

Quanto ao texto de A. Tito Filho, o cronista procura deixar claro que Abdias Neves é um dos principais autores da literatura piauiense. É tema de pelo menos três crônicas detalhadas que abordam sua vida, carreira profissional e vida literária. Além disso, *Um manicaca* é analisado em outras crônicas do autor, bem como objeto de um ensaio publicado quando da reedição do romance na década de 1970.¹³⁵ O esquema, que apontamos anteriormente, é seguido à risca. Além disso, para A. Tito Filho, Abdias Neves tornou-se “um dos maiores incentivadores da vida social e literária da capital piauiense, cujos costumes do começo deste século retratou com rara fidelidade no romance UM MANICACA”.¹³⁶ Para A. Tito Filho, era importante acima de tudo retratar Abdias Neves como o romancista da Teresina do começo do século XX.

Acredito que já ficaram claras até aqui algumas das características que marcam essas crônicas e a que motivações elas atendiam. São narrativas de cunho biográfico, poderíamos mesmo dizer que são biografias intelectuais, que buscam registrar e tornar visíveis intelectuais que corriam o risco, na opinião do cronista, de cair num injusto esquecimento por culpa de uma população que não reconhecia o mérito, o esforço e o trabalho prestado por toda uma geração, ou mesmo gerações, de intelectuais em prol do Piauí. Mas se apontamos acima que ele buscava também atender a um esquema de elaboração dessas crônicas e como esse esquema dialogava com a obra de outros autores, sobretudo João Pinheiro, é interessante nos determos nos rumos que a escrita biográfica pode tomar, ou mesmo que rumos ela tomou no passado.

Para Peter Burke, a ascensão das biografias, inclusive as autobiografias, é uma ilustração do desabrochar do indivíduo. As biografias renascentistas, tema do artigo, são fontes complicadas de se estudar porque elas geram muito estranhamento: o problema é que elas não são, ou não são inteiramente, biografias no sentido que damos ao termo atualmente. Elas não discutem o desenvolvimento da personalidade, frequentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes, dando uma impressão de ausência de forma. Para ele, o que mais desconcerta o leitor é que são textos repletos de *topoi*:

pretensão de casar com Luís Borges, recusado por ser um simples guarda-livros, Júlia torna-se sua amante. Descobertos pelo pai, Luís Borges foge para o Pará e Júlia é obrigada a casar com Araújo, sócio do pai, homem mais velho, viúvo, com uma filha já moça. Frustrada, Júlia vingava-se maltratando o marido, que, na esperança de conquistá-la, se submete a todos os seus caprichos – daí ser apelidado pela vizinhança de manicaca.

¹³⁵ TITO FILHO, A. *Um manicaca*: documento de uma época. Teresina: COMEPI, 1982.

¹³⁶ TITO FILHO, A. Abdias Neves. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 ago. 1988.

anedotas sobre uma pessoa já contadas por outras pessoas.¹³⁷ De qualquer forma, para ele, falar de biografias e autobiografias é falar de regras e convenções.¹³⁸ Nas biografias renascentistas, a primeira convenção abordava o problema de saber quem eram as pessoas cujas vidas eram consideradas tema apropriado para uma biografia. Outra convenção poderia ser organizar as biografias não em termos cronológicos, mas de forma que sua estrutura normal fosse temática ou tópica. Outra era organizar a narrativa nos termos de uma profecia sobre a grandeza futura do herói.¹³⁹

Mas, o que era afinal uma biografia? Que tipo de categoria de pessoas revelava esses textos? Peter Burke aponta que não se trata tanto de uma categoria, mas sim de um conjunto de categorias, algumas delas morais (prudência, coragem, dedicação, clemência, liberalidade, e assim por diante), outras médicas (caráter sanguíneo, melancolia, cólera, fleuma). Mas duas características se destacam: em primeiro lugar a noção de exemplaridade – mas não se desfaz de uma tensão – que implica na ideia de apresentação de um indivíduo exemplar e, ao mesmo tempo, único. A segunda característica diz respeito ao pressuposto de que a personalidade é estática, o produto fixo de um equilíbrio de humores e, para alguns escritores, o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento. Daí a possibilidade de prever a grandeza futura do herói.

Agora, muitos dos aspectos apontados por Peter Burke podem nos ajudar na abordagem das crônicas de A. Tito Filho. Primeiro, a atenção dada à presença de *topoi*. Nas crônicas, não são muito observados (se fazem presentes nas crônicas, mas não é a motivação da escrita). Na verdade, o texto de A. Tito Filho mais marcado por *topoi* é o livro *Gente e humor*,¹⁴⁰ que chegou a ter três edições. No livro, que é uma coletânea de textos que relatam situações engraçadas envolvendo políticos, jornalistas, intelectuais e literatos piauienses, o autor afirma na introdução que seu intento era reunir “instantes de espírito e de inteligência” e que também queria demonstrar que “humor é personalidade”.

Outro aspecto apontado por Peter Burke, quem escreve biografias segue modelos, pode ser observado na forma como A. Tito Filho se utilizava de outros autores como obra de referência, sobretudo a história da literatura piauiense elaborada por João Pinheiro. Além disso, a questão referente a quem eram as pessoas cujas vidas eram consideradas apropriadas para uma biografia, pode ser respondida constatando-se que a quase totalidade dos textos de

¹³⁷ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19 (1997), p. 84. Disponível em: < <http://bit.ly/JBTqIO> >. Acesso em: 21 maio 2012.

¹³⁸ BURKE, 1997, p. 87.

¹³⁹ BURKE, 1997, p. 89.

¹⁴⁰ TITO FILHO, A. *Gente e humor*. 3. ed. Teresina: COMEPI, 1985.

A. Tito Filho (digo quase totalidade por conta daqueles textos em que o autor aborda a si mesmo) é referente a intelectuais: pessoas cujas vidas foram marcadas, pelo menos em algum momento, por atividades relacionadas à vida literária, por exemplo, na imprensa, ou alguma atividade ligada ao funcionalismo público que evidenciasse o uso da inteligência – pensemos naqueles que exerceram a advocacia ou mesmo o magistério.

Além disso, a ascensão da biografia pode ser observada, como apontou Burke, na frequente elaboração de prefácios de obras publicadas. A. Tito Filho praticou muito esse tipo de escrita ou inseriu nas obras que organizou textos de cunho biográfico escritos por outros autores piauienses: um exemplo importante são os textos publicados no livro que organizou sobre Raimundo Zito Batista,¹⁴¹ onde estão presentes dois “depoimentos” a respeito do autor que “definem a sua encantadora personalidade literária e humana” – um texto de autoria de Celso Pinheiro¹⁴² e outro de J. Miguel de Matos.¹⁴³ Além de ilustrarem a individualidade de Zito Baptista, são textos que partem do princípio de que as informações sobre a vida de um autor nos ajudam a entendê-lo e à sua obra.

Quanto aos aspectos presentes na parte final do texto de Peter Burke, aqueles questionamentos acerca da natureza da biografia, sobretudo a categoria de pessoas que elas ressaltam, é perceptível que A. Tito Filho imprime nos textos um conjunto de aspectos morais – mas a exemplaridade e a personalidade dos biografados são decorrentes de sua moralidade. São pessoas cujas vidas literárias são marcadas pelo esforço, destemor, perseverança, inteligência acima da média; pessoas que superaram adversidades, já que muitas não tiveram o reconhecimento financeiro que mereciam ou mesmo sequer o reconhecimento de público que talvez compensasse o aspecto financeiro. Por exemplo, na crônica que dedicou a seu pai, José de Arimathéa Tito,¹⁴⁴ o cronista aponta que ele era um homem

[...] de rara dedicação ao ensino. [...] Pertenceu à antiga Associação Piauiense de Imprensa. Era estudioso constante do Direito e da Sociologia.

¹⁴¹ TITO FILHO, A. (Organização, notas e comentários). *Zito Baptista, o poeta e o prosador*. Teresina: COMEPI, 1973.

¹⁴² Ver: PINHEIRO, Celso. Zito Baptista. In: TITO FILHO, A. (Organização, notas e comentários). *Zito Baptista, o poeta e o prosador*. Teresina: COMEPI, 1973. p. 19-36.

¹⁴³ Ver: MATOS, J. Miguel de. Raimundo Zito Baptista. In: TITO FILHO, A. (Organização, notas e comentários). *Zito Baptista, o poeta e o prosador*. Teresina: COMEPI, 1973. p. 11-18.

¹⁴⁴ José de Arimathéa Tito nasceu em Barras do Marataoan (PI), 1887 – faleceu em Teresina (PI), 1963. Bacharel em Direito. Foi Juiz de Direito de Barras, Floriano (PI) e Teresina. Desembargador do Tribunal de Justiça (1938). Professor catedrático da antiga Faculdade de Direito. Escreveu obras no campo do direito: *A justiça nacional e Um cidadão digno*. No campo da poesia deixou a obra póstuma *Poesias póstumas* (1985). Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 303-306.

De caráter adamantino, de rara austeridade, consciência de autêntico julgador, nunca teve, como juiz, sentença reformada por qualquer tribunal.¹⁴⁵

O esforço e dedicação marcaram sua trajetória, sobretudo em sua atuação como

[...] jornalista e professor, duas atividades que tanto o encantavam, abraçou-se a outra, de orador, visando à conquista de outra tribuna, da qual pudesse espargir lições, com o domínio da palavra fácil e atraente. Cultuou o direito, a lei, a justiça, a serviço da sociedade. Nele ainda o poeta do sentimento, do amor, da natureza dos namorados, da realidade dos amuos conjugais, da saudade, da despedida, das paixões que chegam, das emoções que tumultuam.¹⁴⁶

Em texto sobre o historiador piauiense Anísio de Brito Melo,¹⁴⁷ o mesmo esforço e dedicação aparecem, sobretudo por conta de sua atuação como professor de história, português e literatura. O cronista o considerava profundo conhecedor do Piauí, que se projetou ainda como educador experimentado e consciente, além de ter escrito trabalhos de valiosa leitura.¹⁴⁸ Além disso, Anísio Brito

[...] ofereceu sérios subsídios para a renovação educacional no Piauí. Introduziu vários melhoramentos no ensino, especialmente em música e educação física. Conferencista ilustrado. Foi sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, que presidiu, sócio correspondente de idênticas sociedades do Pará, Ceará, da Bahia e membro da Sociedade Numimástica Brasileira. Organizou o acervo de documentos do Arquivo Público do Piauí. Enriqueceu-o com valiosos documentos, dos municípios e de outros Estados.¹⁴⁹

Também observa-se a mesma abordagem num dos diversos textos que o cronista dedicou a Luís Mendes Ribeiro Gonçalves,¹⁵⁰ com quem também manteve intensa correspondência.¹⁵¹ Lulu Ribeiro,¹⁵² como gostava de chamá-lo, é retratado como

¹⁴⁵ TITO FILHO, A. Arimathéa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 ago. 1988.

¹⁴⁶ TITO FILHO, A. Arimathéa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 ago. 1988.

¹⁴⁷ Anísio de Brito Melo nasceu em Piracuruca (PI), 1886 – faleceu em Teresina (PI), 1946. Professor e historiador. Foi diretor do Liceu Piauiense por quatro vezes, e da Instrução Pública do Estado. Dirigiu durante muitos anos a Biblioteca, Arquivo Público e Museu do Piauí, hoje Casa de Anísio Brito. Publicou, dentre outras obras historiográficas, *Adesão do Piauí à Confederação do Equador*; *Os Balaios no Piauí* e *A Independência do Piauí*. Elaborou verbetes para o *Dicionário histórico, geográfico e etimológico brasileiro* (1922). Foi sócio fundador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 55-59.

¹⁴⁸ TITO FILHO, A. Anísio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 set. 1988.

¹⁴⁹ TITO FILHO, A. Anísio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 set. 1988.

¹⁵⁰ TITO FILHO, A. Lulu Ribeiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 set. 1988.

[...] poeta na mocidade, jornalista, orador parlamentar, conferencista, crítico literário, cientista, geógrafo, historiador, higienista, estudioso da sociologia, urbanista, professor de amplos recursos, economista – não se sabe que mais admirar nesse homem de acendrado amor à vida democrática.

Essa narrativa dos esforços, da dedicação, do amor ao conhecimento e às letras também marca o texto que dedicou a Armando Madeira Bastos,¹⁵³ um homem que

[...] desconhecia cansaço, obstáculos, dificuldades nos afanosos esforços de projetar o livro e a arte da sua terra natal. ‘Se é para ajudar não arrepio estrada’ - sustentava. Foi o inspirador e o grande animador do Plano Editorial do Estado, que publicou 40 obras de autores piauienses vivos e mortos. Estimulou e apoiou notáveis solenidades literárias e foi o principal responsável por substancial cooperação com a Academia Piauiense de Letras. Incentivou as letras e as artes. Sugeriu e realizou concursos literários. Como presidente do Conselho Estadual de Cultura, promoveu inesquecíveis solenidades, como as que foram dedicadas a memória de Rui Barbosa, com a participação da Casa de Rui Barbosa do Rio, e da neta do imortal baiano.¹⁵⁴

Além disso, destacou-se como homem de letras, sobretudo no jornalismo:

Armando Bastos foi sobretudo jornalista. Realizou jornalismo objetivo, de clareza meridiana, num estilo personalíssimo, palavras de rigorosa propriedade, expressões constitutivas de segura comunicação, idéias límpidas, nobres. Jornalista estrênuo - disse dele Vidal de Freitas. Escreveu como poucos, com segurança, asseio de linguagem, ao correr da pena, sobre qualquer assunto. Narrou e interpretou da mesma forma que descreveu e dissertou – aprumadamente, fiel à verdade. Racional em tudo. O seu modo de dizer esteve inconfundível. Seco, não enfeitado. Expressa-se sem excessos, sem sobras, mas igualmente sem lacunas. Poe no papel o estritamente necessário ao entendimento. Tem estilo científico, confessa J. Miguel de

¹⁵¹ Ver: KRUEL, Kenard (Org.). *Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves: cartas a A. Tito Filho*. Teresina: Zodiaco, 2010.

¹⁵² Luís Mendes Ribeiro Gonçalves nasceu em Amarante (PI), 1895 – faleceu no Rio de Janeiro (RJ), 1984. Engenheiro, escritor, jornalista, parlamentar e cientista. Formado em Engenharia Civil e Geográfica pela Escola Politécnica da Bahia (1916). Dirigiu a Secretaria de Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas do Estado. Como professor, lecionou matemática e física no Liceu Piauiense e na Escola Normal Oficial. Como político, foi Senador da República nas legislaturas iniciadas em 1935 e 1947. Como jornalista, colaborou nos jornais *A Imprensa*, *O Lírio*, *Estado do Piauí*, *Correio do Piauí*, dentre outros. Ocupou a Cadeira nº 19 da Academia Piauiense de Letras e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 377-380.

¹⁵³ Armando Madeira Bastos nasceu em Parnaíba (PI), 1915 – faleceu em Teresina (PI), 1988. Advogado, escritor e jornalista. Bacharel em Direito pela Faculdade de São Luís do Maranhão (1936). Como jornalista, colaborou em *O Nortista* e no *Almanaque da Parnaíba*. Dirigiu a Agência Nacional de Notícias. Publicou uma monografia sobre a Cadeira 27 da Academia Piauiense de Letras. Sócio honorário do Instituto Lusíadas, de Fortaleza (CE). Membro do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira número 27. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 88-89.

¹⁵⁴ TITO FILHO, A. Armando. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 set. 1988.

Matos. Inteligência poderosa a serviço do jornalismo. Angustiado para projetar alheia arte, arredo de recompensas.¹⁵⁵

Talvez os textos mais bem acabados no que diz respeito a seguir um modelo, um esquema, de construção de uma crônica biográfica; traçar uma narrativa de esforço e dedicação que resultam em uma exemplaridade e personalidade, sejam aqueles dedicados à Félix Pacheco¹⁵⁶ – sobretudo pelo fato de que Félix Pacheco poderia ser apontado como um caso de sucesso, digamos assim, já que obteve o devido reconhecimento tanto no que diz respeito as atividades profissionais como nas letras. A. Tito Filho abordou o autor três vezes, em dias consecutivos, e os textos seguem mais ou menos o mesmo perfil dos biografados anteriormente. Porém, os aspectos relativos às atividades exercidas por Félix Pacheco ao longo da vida são organizados de tal forma que A. Tito Filho acaba criando vários perfis do intelectual, de modo que vários Félix Pacheco surgem ao longo dos textos. Assim, ele aponta a existência do jornalista:

Ingressou no *Jornal do Comércio* em 1889. Viveu do jornal e para o jornal. Fez passar pelo grande órgão sopro de notáveis campanhas. Agitava ideias e projetava extraordinárias figuras cívicas. Escreveu ensaios nas colunas do jornal. Panfletário, combatente, corajoso, nada temia. Mas sereno, de períodos rítmicos, curtos, diretos.¹⁵⁷

A existência do poeta:

Começou impregnado de Verlaine, Rimbaud, Baudelaire. Mergulhou na experiência humana para descobrir o inconsciente, o mar, o amor e a morte. Simbolista, aprendeu o segredo das cousas antigas e profundas. Conhecia o mistério das palavras. Poesia de gosto novo, de preocupação com os problemas interiores. Gostava de modificar os seus poemas. Morreu cantando.¹⁵⁸

¹⁵⁵ TITO FILHO, A. Armando. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 set. 1988.

¹⁵⁶ José Félix Alves Pacheco nasceu em Teresina (PI), 1879 – faleceu no Rio de Janeiro (GB), 1935. Político, jornalista e poeta, ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1912, sendo o primeiro piauiense a ocupar uma cadeira na instituição. Cedo iniciou sua carreira nas letras, ingressando no jornalismo, chegando a diretor-presidente do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, um dos mais importantes da época. Foi um dos editores da revista *Rosa Cruz*. Segundo Wilson Carvalho Gonçalves, o número de obras publicadas por Félix Pacheco chega a pelo menos 200. Pertenceu a Academia Piauiense de Letras, mas Félix Pacheco não chegou a tomar posse, por motivos de saúde. Como político, foi Ministro de Estado. Deputado Federal pelo Piauí desde 1909, reeleito sucessivas vezes; senador pelo Piauí (1921), tendo renunciado ao mandato para assumir o cargo de Ministro das Relações Exteriores, no governo de Artur Bernardes. Ver: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 325-328.

¹⁵⁷ TITO FILHO, A. Félix – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 out. 1988.

¹⁵⁸ TITO FILHO, A. Félix – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 out. 1988.

A. Tito Filho afirma que Félix Pacheco foi, no Brasil, o grande revelador de Charles Baudelaire, escrevendo ensaios de análise e interpretação de vários aspectos da estética do poeta francês. Além disso, mostra que Félix Pacheco também foi historiador:

Interessantes os seus estudos da história pátria. Estreou com a biografia e a análise de Evaristo da Veiga. Mais tarde viria o estudo sobre o Marques de Paranaguá, perfil político magistral. Pesquisou as origens do *Jornal do Comércio*. Escreveu ainda *Duas Charadas Bibliográficas*, monumento de erudição.¹⁵⁹

Por último, aponta a existência do político:

Um dos políticos que mais se impuseram pelos méritos e nobreza de atitudes. Deputado federal doze anos, sempre convocado e apoiado pelos conterrâneos. Brillante a sua ação na Câmara: operoso nos pareceres, vigilante na tarefa orçamentária. Líder de sua bancada, legou aos anais idéias e princípios. Eleito (1921) senador por nove anos, ainda pelo Piauí. Antes do término do mandato, o presidente Artur Bernardes nomeou-o para a pasta das Relações Exteriores. Relutou em aceitar o cargo. O próprio Bernardes lhe escreveu, textualmente: ‘Sua modéstia o faz mau juiz em causas próprias’. Aconselhou-se com Rui Barbosa e Epitácio Pessoa. Ambos prometeram ajudá-lo na grande tarefa. Novamente escolhido senador, em 1927, o seu diploma foi impugnado e contestado por ridícula campanha política. O Senado rasgou-lhe o diploma e ele se afastou, desde então, completamente, de qualquer atividade política.¹⁶⁰

A carreira de Félix Pacheco se dividiu em vários setores da vida pública – o que para A. Tito Filho era algo “sinceramente admirável”. Félix Pacheco foi também diplomata:

Jornalista de mérito insofismável, Félix foi também um notável parlamentar e estadista. De 1922 a 1926, exerceu o alto cargo de ministro das Relações Exteriores. Logo no primeiro ano, traçou largo programa de definição da política exterior nacional. No quadriênio, aumentou o nosso conceito no mundo, liquidou as últimas questões de limites, regularizou relações mercantis e aduaneiras. O Brasil tornou-se intérprete do Continente. Muito se fez pelo pan-americanismo. Melhoraram-se as relações do Brasil com todos os países. Houve nova política comercial. Participou o país de importantes conferências internacionais. Os quatro anos de Félix foram dos mais fecundos no Itamaraty. Basta relembrar os episódios mais importantes de sua atividade: a Conferência de Santiago (1923), o protocolo de limites com a Bolívia e a Ata de Washington.¹⁶¹

¹⁵⁹ TITO FILHO, A. Félix – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 out. 1988

¹⁶⁰ TITO FILHO, A. Félix – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 out. 1988.

¹⁶¹ TITO FILHO, A. Félix – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 out. 1988.

Além de descrever suas atividades administrativas:

Félix exerceu o cargo de diretor do Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal (Rio de Janeiro), que ele remodelou, renovando-o cientificamente. Introduzindo no Brasil o sistema *finger prints*, com a classificação de Vucetich, fato que lhe valeu excepcionais homenagens. Ligou o nome à obra das pesquisas e ao processo de identificação no país. No Rio, o célebre Instituto Félix Pacheco lhe perpetua o nome.¹⁶²

Por último, A. Tito Filho faz uma listagem das inúmeras honrarias que Félix recebeu ao longo da vida, por exemplo, ter pertencido a Academia Piauiense de Letras. No terceiro texto que dedicou ao autor, fez uma lista completa de suas obras, demonstrando a variedade de seus escritos que passavam pela poesia, traduções, trabalhos científicos, estudos históricos e crítica literária. Além disso, o cronista afirma que Félix Pacheco publicou dezenas de conferências e discursos sobre os mais variados temas, como economia, estudos sociais, direito, literatura, crítica, política nacional e internacional, história, finanças, civismo e diplomacia, bem como as principais fontes para o estudo de suas obras.¹⁶³

É perceptível que para o cronista o reconhecimento era um elemento fundamental na escrita de uma história de vida intelectual. Segundo Elisabeth Badinter,¹⁶⁴ até o fim da Idade Média o saber pertencia aos clérigos, ancestrais dos intelectuais, cujo ambiente e cuja moral eram pouco propícios à exploração das paixões humanas. O clérigo trabalha num quase-anonimato: isolado do restante da sociedade, o mundo exterior o ignora. A ordem clerical impõe silêncio, modéstia e amizade em suas fileiras. Só com o advento do humanismo e da revolução intelectual gerada pelo Renascimento, o saber deixaria de ser apanágio exclusivo dos teólogos. A ciência moderna, dispensando a teologia, propiciou numerosas descobertas científicas e técnicas que despertaram o interesse do poder público. O rei e seus ministros dão-se conta das vantagens que podem advir do desenvolvimento das ciências. Para a autora, o ato de nascimento dos intelectuais, pelo menos na França, data da criação das Academias. Além disso, até meados do século XVIII, não existe uma distinção entre o homem de ciências e o homem de letras.¹⁶⁵

Essas observações são importantes para percebermos de que forma A. Tito Filho construiu suas biografias. Se para Badinter, num primeiro momento existia a preocupação em

¹⁶² TITO FILHO, A. Félix – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 out., 1988.

¹⁶³ TITO FILHO, A. Félix – III. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 out., 1988.

¹⁶⁴ BADINTER, Elisabeth. Introdução. In: BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*, volume 1: Desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 11.

¹⁶⁵ BADINTER, 2007, p. 12.

se afastar da teologia e do mundo fechado do mosteiro, muito rapidamente as preocupações tomariam novas configurações: seria preciso, a partir do século XVIII lidar com o aspecto público e do público da atividade intelectual; bem como outra novidade, as rivalidades geradas a partir dessa publicidade. Se as rivalidades entre intelectuais eram inevitáveis, é porque a vontade de impor as próprias ideias, uma interpretação ou uma verdade é inerente a sua atividade.¹⁶⁶

Portanto, conquistar o reconhecimento dos pares ou por eles ser reconhecido como *primus inter pares* torna-se o objetivo secreto da maioria dos intelectuais. É também a recompensa mais rara, já que tão difícil é fazer com que os outros admitam que venham em segundo lugar. No século XVIII, as rivalidades intelectuais são alteradas pelo surgimento de uma nova força, desconhecida nos séculos anteriores: a opinião pública. A partir de então, o jogo é a três: o intelectual, seus pares e o público, que será chamado com frequência cada vez maior a servir de árbitro entre o primeiro e os segundos. Para a autora, as regras do jogo triangular inauguradas no século XVIII ainda são as nossas, mesmo que os dois juízes do intelectual não pareçam ter o mesmo peso.¹⁶⁷

Esse problema da relação do intelectual com seus pares e com o público é muito presente na crônica Piauí,¹⁶⁸ escrita por A. Tito Filho em resposta a controvérsia gerada pela eleição para a Academia Piauiense de Letras de dois ex-governadores do Piauí – Hugo Napoleão¹⁶⁹ e Alberto Silva¹⁷⁰ – e que foi muito criticada pelo Sindicato dos Jornalistas do Piauí. Na crônica, A. Tito Filho, enquanto presidente da Academia Piauiense de Letras, justifica de várias formas a eleição dos políticos. Para ele, primeiramente a controvérsia era muito mais fruto da relação que o povo do Piauí mantinha com a própria cultura, já que

¹⁶⁶ BADINTER, Elisabeth. Introdução. In: BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*, volume 1: Desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 14.

¹⁶⁷ BADINTER, 2007, p. 15-16.

¹⁶⁸ TITO FILHO, A. Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jan. 1989.

¹⁶⁹ Hugo Napoleão do Rego Neto nasceu em Portland (EUA) em 1943. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Governou o Estado do Piauí em duas ocasiões. Foi o responsável pelo projeto de lei que doou o prédio da atual sede da Academia Piauiense de Letras. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 31-32.

¹⁷⁰ Alberto Tavares e Silva nasceu em Parnaíba (1918) e faleceu em Teresina (2009). Formou-se em Engenharia Elétrica e Mecânica pela Escola de Itajubá (MG). Candidatou-se ao governo do Estado pela legenda da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sendo eleito governador do Piauí, em sessão pública da Assembleia Legislativa, realizada em 3 de outubro de 1970, pelo sistema de votação indireta e nominal, para um mandato de quatro anos (15 de março de 1971 a 15 de março de 1975). Em 1985 foi novamente eleito governador do estado do Piauí, dessa vez em eleição direta em 1986. Exerceu também mandatos de senador (duas vezes), deputado federal e deputado estadual. Ver: GONÇALVES, 2007, p. 31-32.

[...] o Piauí nunca passará de Piauí. Aqui as gentes são egoístas, doentes, uns doentes do tamanho deles mesmos. Nunca vi que aqui se incentivasse ninguém. Parece casa de raparigas ordinárias que vivem se azunhando de inveja dos machos.¹⁷¹

Para o cronista, a carreira dos dois eleitos justificava suas entradas na Academia, pois ambos eram “vitoriosos na vida por força da inteligência trabalhada e que ajudaram o desenvolvimento cultural deste Piauí pilheriante”. Para A. Tito Filho, ambos entraram na Academia Piauiense de Letras eleitos normalmente e com mais títulos do que muitos literatos. Para ele

[...] Hugo e Alberto sabem dizer o que pensam, o primeiro militou anos a fio no jornalismo e dedicou-se a pesquisas históricas com o melhor senso de responsabilidade. Alberto, engenheiro criativo, promotor de obras culturais que honram a sua terra, de apurado bom gosto crítico, cultor da música, íntimo dos grandes artistas clássicos – os dois merecem o prêmio acadêmico e deviam merecer aplausos sobretudo dos moços por eles ajudados em todas as circunstâncias.

Não são analfabetos. Estudaram e venceram. Se não possuem obra volumosa publicada, naturalmente não se voltaram de modo exclusivo para o cultivo das artes literárias. Mas literatura não se resume em poesia e ficção. Assim, não existiriam Rio Branco, Nabuco, Rui Barbosa, nem Cristo, que rabiscou na areia e ainda hoje não se desvendou a rabiscção do Messias. Se as Academias de Letras só abrigassem poetas e romancistas, cronistas e contistas, Santos Dumont, inventor, Getúlio Vargas, político, Lauro Müller, engenheiro e chanceler, José Honório Rodrigues, historiador, nunca se sentariam nas poltronas da casa de Machado de Assis. E fora da Academia Piauiense de Letras estariam Celso Barros, Raimundo Santana, Gabriel Baptista, Clidenor Freitas e tantos outros.¹⁷²

Badinter também aponta que o desejo de glória, por natureza egocêntrico, mistura-se na França desde o século das Luzes a uma vontade de poder ideológico que pressupõe alianças e clãs. O empenho sistemático de Voltaire, por exemplo, no sentido de criar redes e solidariedades mesmo conjunturais serviu de modelo para os intelectuais dos séculos seguintes.¹⁷³ A. Tito Filho defendia os ex-governadores, não apenas como uma forma de defender a própria instituição que presidia, mas também pela relação que manteve com ambos quando chefes do Executivo Estadual.

Sua relação com Hugo Napoleão envolvia a doação da atual sede da Academia Piauiense de Letras, feita durante a gestão do ex-governador. Já Alberto Silva, foi figura

¹⁷¹ TITO FILHO, A. Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jan. 1989.

¹⁷² TITO FILHO, A. Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jan. 1989.

¹⁷³ BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*, volume 1: Desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 16.

importantíssima para a concretização do Plano Editorial do Estado na década de 1970, que publicou muitas obras indicadas e organizadas por A. Tito Filho. Criado pelo primeiro governo Alberto Silva em 17 de janeiro de 1972, pelo Decreto nº 1.416, estabeleceu uma Comissão de Elaboração do Plano Editorial do Estado, cuja finalidade era conceber a publicação de monografias sobre aspectos variados da cultura, abrangendo a literatura, historiografia e folclore do Piauí, com o objetivo de “familiarizar a mocidade com a vida e a obra de nossos intelectuais vivos e mortos”.¹⁷⁴ A principal função da Comissão era realizar o levantamento do acervo bibliográfico de autores piauienses, ou de obras relativas ao Piauí, selecionando, justificadamente, as que deveriam ser incluídas no Plano Editorial.¹⁷⁵

O critério utilizado para a escolha das obras literárias e históricas que seriam contempladas pelo Plano era a identificação no perfil autorizado pelo Estado, isto é, obras que abordassem os principais eventos ocorridos no Piauí, com a finalidade de discutir as raízes da piauiensidade, construindo uma história patriótica, que exaltasse feitos históricos. O fato de A. Tito Filho ter sido, durante a década de 1970 quando o Plano foi lançado, presidente da Academia Piauiense de Letras, do Conselho Estadual de Cultura¹⁷⁶ e Secretário de Cultura do Governo Alberto Silva, levava-o a participar diretamente do processo de seleção, revisão, atualização ortográfica e de realização de comentários e notas das obras que seriam reeditadas.¹⁷⁷

Portanto, o desejo de glória apontado acima por Elisabeth Badinter é parte de um percurso que depende do reconhecimento dos pares. Poderíamos mesmo dizer que o desejo de glória só se concretiza a partir do reconhecimento dos pares ou do público. Até aqui, vimos como A. Tito Filho se encarregou de concretizar pelo menos o reconhecimento dos pares. Se utilizando da condição de presidente da Academia Piauiense de Letras, portanto representava um grupo, e do espaço num jornal de grande circulação no estado, se utilizou das crônicas para realizar tal reconhecimento por meios das crônicas.

¹⁷⁴ MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: UFPI, 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2010. p. 166.

¹⁷⁵ MOURA, 2010, p. 167.

¹⁷⁶ O Conselho Estadual de Cultura foi criado no governo Petrônio Portella (1963-1966) pelo Decreto nº 631 de 12 de outubro de 1965, com os objetivos de defender o patrimônio do Piauí, divulgar as obras literárias, artísticas e científicas de autores piauienses, planejar e orientar as atividades culturais da região, colaborando financeiramente com as iniciativas particulares que visam o desenvolvimento e a expansão da cultura do Estado. Ver: MOURA, 2010, p. 133-154.

¹⁷⁷ MOURA, 2010, p. 176.

2.2 História de vida como destinação

Ao mesmo tempo em que biografava e colocava em crônica a vida de intelectuais piauienses, A. Tito Filho traçava sua própria vida enquanto tal. Como apontei na introdução, a escrita dessas biografias era uma forma de inserir sua própria vida intelectual num contexto mais amplo. Boa parte das crônicas publicadas no jornal *O Dia* são marcadas não apenas pelo aspecto biográfico em si, a intenção de refazer um percurso intelectual, mas ao mesmo tempo estabelecer uma forte relação com a cidade de Teresina, as amizades, os lugares, os mestres, o pai. Na crônica Bamba,¹⁷⁸ o cronista relata que

[...] meninote, chegava eu a Teresina no velho caminhão de Juquinha Feitosa, carga e passageiros juntos, ano de 1933. No pontão do rio Poti, pois não existia ponte de madeira ou de cimento, tinha-se notícia do gesto do professor Leopoldo Cunha, que atingiu com duas balas de revólver o desembargador Simplício Mendes, na praça Rio Branco. Minha meninice deu pouca importância ao caso. No ano seguinte, sob a presidência do Juiz Jose de Arimathéa Tito, o atirador teve absolvição unânime pelo Tribunal do Júri. Advogado do réu, o próprio pai Higinio Cunha, intelectual brilhante e mestre, modesto e honrado, que lida a sentença, ajoelhou e beijou a mão do magistrado, como homenagem à justiça.

No dia seguinte,¹⁷⁹ o cronista voltou a abordar o Bamba, como gostava de se referir à Simplício de Sousa Mendes:

Em 1947, depois de cinco anos no Rio de Janeiro, regressei a Teresina, época em que comecei a aproximar-me de Simplício, jornalista de imensa atividade. Tinha ele o prestigioso apelido de Bamba da Zona – ou porque não rejeitasse desafio dos adversários políticos, ou porque fosse autoridade na espetacular conquista de quengas dos mais variados tipos, nas zonas respectivas da cidade, especializado na mulataria apetitosa.

Simplício Mendes¹⁸⁰ é uma figura de grande importância nas crônicas de A. Tito Filho não apenas pelo papel que exercia em sua vida, mas também pelo fato apontado pelo cronista

¹⁷⁸ TITO FILHO, A. Bamba. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 jan. 1989.

¹⁷⁹ TITO FILHO, A. Bamba. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 jan. 1989.

¹⁸⁰ Simplício de Sousa Mendes nasceu em Miguel Alves (PI), 1882 – faleceu em Teresina (PI), 1971. Magistrado, jurista, jornalista e escritor. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife (1908). Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Um dos fundadores da Faculdade de Direito do Piauí e seu professor de Teoria Geral do Estado. Ampla atuação na imprensa, jornais *O Piauí*, *O Dia* e *Diário do Piauí*. Participou das revistas da Academia Piauiense de Letras e *Litericultura*. Diretor da Imprensa Oficial do Estado do Piauí. Foi presidente da Academia Piauiense de Letras até o seu falecimento; presidente do Conselho Estadual de Cultura e Diretor do Arquivo Público do Piauí. Publicou *O Homem, a Sociedade e o Direito* e *Concepção*

de que após a morte de seu pai, em 1963, ficou cada vez mais ligado a Simplício – foi, portanto, um de seus mestres. Tornou-se então auxiliar de Simplício Mendes na Academia Piauiense de Letras, no Conselho Estadual de Cultura e na Casa de Anísio Brito (atual Arquivo Público Estadual). A. Tito Filho escreve que

[...] conheci-o de perto. O mestre apreciava cousas bem feitas. Desfrutava de muito prestígio pessoal. Melhorou sempre as entidades cuja direção lhe eram confiadas. Culto. Bom amigo, lutador sem medo. Estudioso. [...] De vício, Simplício cultivava somente rabo-de-saia.¹⁸¹

Outro de seus mestres foi Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, figura importante em sua formação tanto como jornalista e como presidente da Academia Piauiense de Letras. A. Tito Filho, na crônica Mestre¹⁸² conta que:

Era dezembro de 1946. Deixei o Rio de Janeiro, por terra, rumo ao Piauí, em companhia de Tibério Nunes, Fenelon Silva, Mariano Mendes e Álvaro Ferreira Filho. Viagem de trem, de início – depois gaiola do São Francisco e caminhão. A comitiva estudantil pretendia fazer, como fez, a propaganda política dos candidatos majoritários do antigo grêmio partidário nomeado União Democrática Nacional: José da Rocha Furtado (governador), Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves e Joaquim Pires Ferreira (senadores) – os três finalmente vitoriosos no pleito de 19 de janeiro de 1947.

Lia nos jornais de Teresina a pregação cívica e a agilidade para argumentar do representante piauiense. E comecei a aplaudi-lo, à distância, com orgulho, sentindo-o uma das vozes mais vigorosas que se agitavam em defesa dos interesses públicos na Câmara Alta do País.

Muitos anos após esse período, agora já como presidente da Academia Piauiense de Letras, A. Tito Filho relembra a importância de Luiz Mendes como a pessoa que o auxiliou nos anos iniciais:

Escoam-se os anos. Vejo-me na presidência da Academia Piauiense de Letras. Início o esforço de convivência com os confrades – com os de Teresina e com os residentes noutras paisagens brasileiras. Um dos que mais me aplaudiram o trabalho e os objetivos, no Rio, foi Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves – e entre nós se desenvolveu, anos fora, uma correspondência fraterna, amiga, plena de lições utilíssimas por parte desse homem ímpar ao discípulo fincado de corpo e alma no chão piauiense. Quanto aprende nas

positiva do Direito. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 465-468. Ver também: CASTELO BRANCO, Lili. *Vida romanceada de Simplício de Sousa Mendes*. Teresina: APL/Fundação Cultural do Piauí, 1987.

¹⁸¹ TITO FILHO, A. O Bamba. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jan. 1989.

¹⁸² TITO FILHO, A. Mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 mar. 1989.

suas cartas sempre fiéis nos depoimentos, escritas sem feito, ao correr da pena, educadas como se espelhassem a própria personalidade que as assinou – culta, generosa, sincera, íntegra. São cartas literárias.¹⁸³

Outro mestre que surge numa de suas crônicas é Esmaraldo de Freitas,¹⁸⁴ que conheceu ainda na adolescência e era também muito amigo de seu pai:

Gostava Esmaraldo de uns dedos-de-prosa com colegas julgadores, na praça Rio Branco, de Teresina, boca da noite. Ali o vi muitas vezes. Sério, grave, homem cara-de-poucos amigos, mas de imenso coração, de muita bondade, ímpoluto e escrupuloso. Devotou aos semelhantes grande parcela do seu valor, orientando os moços com exemplos de rígido caráter, ora auxiliando os que lhe reclamavam ajuda, prestigiando os humildes e confortando os que, por fraqueza, incorriam na censura ou na condenação pública.

A. Tito Filho recorda Esmaraldo de Freitas¹⁸⁵ como um exemplo moral. Além disso, teve papel importante no período em que o cronista morou no Rio de Janeiro no final da década de 1940:

Eu, estudante, morava na Tijuca, em rua compridona, de casario singelo e agradável. Repartia meu humilde quarto de pensão com o futuro embaixador Expedito Resende.

Boquinha da noite, quando o movimento de trânsito havia diminuído, peguei o bonde e rumei para o hotel de Esmaraldo. Era um jantar com o convidado Adail. Depois da bóia farta, palestra até um pouco tarde. Na minha hospedaria, umas duas horas depois do regresso, tive a notícia insolente da morte repentina do senador, por telefonema já agora da viúva. Meti a surrada roupa de casimira, para enfrentar o frio gostoso, e procurei prestar assistência a Cleonice. Ajudei na carregação do corpo, com o porteiro do hotel e o motorista do táxi, o morto de pijama. Segui para o Cemitério de São João Batista, aluguei o aposento do velório. Antes das providências de vestir o cadáver, em sala apropriada, arrumar castiçais e velas, o funcionário perguntou-me pela família do defunto. Disse-lhe que só havia a viúva e eu, simples amigo. Aconselhou-me o aluguel de carpideiras, mulheres treinadas em choros e lamentações. Consultei Cleonice e aconselhei-lhe as profissionais desses prantos e que causavam dó.¹⁸⁶

¹⁸³ TITO FILHO, A. Ainda o mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 mar. 1989.

¹⁸⁴ TITO FILHO, A. Memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 abr. 1989.

¹⁸⁵ Esmaraldo de Freitas e Sousa nasceu em Floriano (PI), 1887 – faleceu no Rio de Janeiro (GB), 1946. Magistrado, sociólogo, professor, jornalista e político. Formado em Direito pela Faculdade do Recife, onde exerceu cargos de delegado de polícia, promotor público, No Piauí, foi Procurador-Geral do Estado e Secretário da Fazenda (1929). Professor de Direito Internacional Público. Fundou em Recife o jornal *Diário da Manhã*. No Piauí, teve intensa atuação na imprensa, nos jornais *A Gazeta*, *Jornal do Piauí* e *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Elegeu-se Senador em 1946, mas faleceu durante o mandato. Pertenceu a Academia Piauiense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Ver: GONÇALVES, 2007, p. 181-184.

¹⁸⁶ TITO FILHO, A. Carpideiras. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 jul. 1989.

Outra figura importante em seus textos é Eurípides de Aguiar,¹⁸⁷ com quem A. Tito Filho trabalhou na imprensa piauiense e “nos encargos de xerifado”. De Eurípides de Aguiar o cronista aponta que recebeu

[...] conselhos e proveitosas lições de experiência. Nunca o vi covarde, nem prevalecido de prestígio para perseguir ou humilhar. Uma feita me ensinou que a gente não deve gastar tempo, tinta e papel para se defender de ataque inimigo pelo jornal. Antes se ataca com mais violência o diatribista.¹⁸⁸

Além disso, Eurípides de Aguiar travou uma profunda amizade com seu pai, o que serviu para aumentar ainda mais sua admiração:

Meu pai e Eurípides muito se estimavam. As vicissitudes de vida e os deveres da solidariedade estabeleceram entre ambos sólida amizade, que os anos não arrefeceram, antes aprofundaram – e o fato fez que eu tivesse no incontestável comandante um amigo certo, a quem ofereci admiração e respeito. Com a subida de Rocha Furtado ao governo, as figuras mais ativas de *O Piauí*, Eurípides, Martins Vieira e Ofélio, receberam cargos oficiais como auxiliares da administração que se inaugurava. Afastaram-se do jornal, cuja direção Eurípides me entregou, e pude desempenhá-la com leal observância dos princípios partidários.¹⁸⁹

Mas ele recorda também uma série de intelectuais, muitos deles jornalistas, que o influenciaram no jornalismo, sobretudo um jornalismo ligado à política e a uma prática muito comum durante a Era Vargas:

Quando regresssei do Rio de Janeiro para Teresina, nos idos de 1947, encontrei Ofélio Leitão no auge da fama de jornalista. Ao lado de Eurípides de Aguiar, Simplício Mendes, Esmaragdo de Freitas, Arimathéa Tito e Júlio Vieira, tinha participado, em 1945, de severa luta contra o regime ditatorial

¹⁸⁷ Eurípides Clementino de Aguiar nasceu em São José dos Matões (MA), 1880 – faleceu em Teresina (PI), 1953. Médico, político e jornalista. Médico e farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1902, foi premiado com uma viagem à Europa por conta de sua tese de doutorado, intitulada *Tratamento de Queimados*. Ao retornar ao Piauí, dedicou-se a medicina e a política. Elegeu-se intendente de Floriano (PI) e a deputado estadual. Em 1916, assumiu o governo do Estado, depois de acirrada disputa. Foi também eleito intendente de Parnaíba e deputado federal, ao mesmo tempo, optando pelo segundo cargo, de três anos, conforme a legislação da época (1921-1923). Na legislatura seguinte, foi eleito, por nove anos, senador da República, iniciando o mandato em 1924 e interrompendo-o em 1930, em virtude do movimento militar de Getúlio Vargas. Recolheu-se à vida privada. Foi um dos líderes da UDN no Piauí, fazendo intensa oposição na imprensa. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 15-16. Sobre a atuação de Eurípides de Aguiar na imprensa Ver: KRUEL, Kenard (Org.). *Eurípides de Aguiar: escritos insurgentes; comentários*. Teresina: Zodiaco, 2011.

¹⁸⁸ TITO FILHO, A. Ainda Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 17 out. 1989.

¹⁸⁹ TITO FILHO, A. Velhos tempos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 out. 1989.

brasileiro, chefiado, na presidência da República, por Getúlio Vargas, e na interventoria piauiense por Leônidas Melo.¹⁹⁰

Muitos dos jornalistas citados pelo cronista atuavam no jornal *O Piauí*, que A. Tito Filho, estudante de direito no Rio de Janeiro, recebia edições e

[...] de vez em quando topava com vibrantes artigos de Ofélio, numa linguagem limpa, asseada, elegante, mas cáustica, acerba, grave. O grande jornalista conhecia muito bem o português e teve intimidade com admiráveis obras de escritores célebres. Várias ocasiões os adversários o ameaçaram de violência física, de modo inútil, pois ele não arredava pé do batente, a sua banca na redação.¹⁹¹

Na crônica *Um pouco de jornalismo*,¹⁹² o cronista refaz sua trajetória na imprensa, um dos espaços onde exerceu funções com maior continuidade. Outro espaço foi na presidência da Academia Piauiense de Letras. No texto, o autor aponta que

[...] estava eu no Rio de Janeiro quando, em 1945, [quando] a imprensa se libertou da censura de Getúlio Vargas. Lia nos jornais da época e muito apreciava os fortes artigos que corajosos jornalistas escreviam contra a longa ditadura getuliana. Nunca me esqueci de Osório Borba, Rafael Correia de Oliveira, Carlos Lacerda, J. E. de Macedo Soares, articulistas severos.

Sobre sua atividade como jornalista, aponta também que

[...] em 1946, criamos, na antiga capital federal da República, o órgão LIBERTAÇÃO,¹⁹³ em favor da candidatura de José da Rocha Furtado ao governo do Piauí. Luís Costa, Tibério Nunes, Virmar e Vinícius Soares e eu. Jornalzinho valente. Editado no Rio, vinha de avião para Teresina, onde se vendiam cinco mil exemplares. As edições e o frete eram custeados pelo deputado José Cândido Ferraz. Já no Piauí, eleito Rocha Furtado, estive alguns meses na orientação do órgão *O Piauí*,¹⁹⁴ que circulava nos dias de quinta e domingo, e me foi confiado por Eurípedes de Aguiar. Posteriormente, fiz parte da redação de

¹⁹⁰ TITO FILHO, A. Ofélio – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jun. 1989.

¹⁹¹ TITO FILHO, A. Ofélio – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jun. 1989.

¹⁹² TITO FILHO, A. *Um pouco de jornalismo*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 dez. 1990.

¹⁹³ *Libertação* foi fundado em 1946 por Luís Costa, Virmar Soares, Vinícius Soares, Tibério Nunes e A. Tito Filho. Redigido e impresso no Rio de Janeiro, onde os fundadores eram estudantes. O jornal era transportado em avião para Teresina. Teve apenas três edições. Ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972, p. 96.

¹⁹⁴ *O Piauí*, no período citado por A. Tito Filho, 1945, era de propriedade de Helvécio Coelho Rodrigues. O jornal representava a União Democrática no Piauí. Posteriormente, passou à direção de A. Tito Filho. Redigido e impresso no Rio de Janeiro, onde os fundadores eram estudantes. Teve apenas três edições. Ver: PINHEIRO FILHO, 1972, p. 96.

outras folhas, sempre partidárias, sob a responsabilidade de governistas ou oposicionistas.

Na década de 50, participei de *O Pirralho*, com circulação semanal. Irônico, o jornal explorava sobretudo os aspectos ridículos das pessoas e da sociedade. Dirigi também revista literária, chamada *Panóplia*, nome de natureza culta, fundada pelos principais jornalistas da terra.

Em 1959 passei a direção de *Jornal do Piauí*,¹⁹⁵ que obedecia à orientação política do PSD, ou Partido Social Democrático. Dei-lhe redação diferente, sem xingamentos, de elegante linguagem, sem que se abdicasse das críticas a erros dos homens públicos. Uns dois anos depois, secretariei *Folha do Nordeste*,¹⁹⁶ jornal moderado, sério, de propriedade de João Clímaco de Almeida, que o dirigia de maneira elevada e respeitadora.

Trabalhei em *Folha da Manhã*¹⁹⁷ e *O Dia*, o primeiro de Marcos Parente, dirigindo com segurança por Araújo Mesquita, o segundo fundado por Mundico Santídio, com circulação duas vezes por semana. Quando foi adquirido por Otávio Miranda, ao órgão, que passou a circular diariamente, eu prestava a colaboração dos editoriais, no tempo em que à frente das edições se achava o talentoso Deoclécio Dantas.

Estive noutros jornais de Teresina, sempre a pedido dos seus proprietários ou editores, e cito com saudade os nomes de Josípio Lustosa, Bernardo Clarindo Bastos, Raimundo Ramos.

Jornal do Piauí, na fase de José Vieira Chaves, preenche grande parte de minha atividade. Um dia contarei a história de seu diretor, figura humana que a gente não esquece.¹⁹⁸

Além dos mestres e das referências, o cronista também faz questão de retrazar seu percurso enquanto estudante. Aqui a referência é a sua passagem pelo Liceu Piauiense, colégio em que estudou, foi professor e diretor. Sobre seu período de estudante aponta que:

Fiz quase todo o secundário no velho e querido Liceu Piauiense. Aulas de manhã e de tarde. Bons mestres, cultos, capazes, dedicavam-se fielmente aos deveres. Raramente havia queixa sobre professor gazeteiro ou embromador. É verdade que a didática e a pedagogia estavam ausentes do processo de aprendizagem. Mas os alunos, bem orientados, estudavam e aprendiam. Recordo-me dos meus tempos de estudante e dos títulos das disciplinas, sérios, ilustrados, corretos de atitudes, merecedores do apreço e da consideração da sociedade. Permaneceram na memória dos alunos da época os nomes de João Pinheiro, Benjamin Baptista, Anísio Brito, Joaquim Nonato Gomes (padre), Martins Napoleão, Edgar Tito, Raimundo Area Leão, Mário Batista, Moisés Pereira dos Santos, Agripino Oliveira,

¹⁹⁵ *Jornal do Piauí* foi fundado em 1951 por Antônio de Almendra Freitas. Ligado ao Partido Social Democrático. Segundo Celso Pinheiro Filho, foi o jornal de maior circulação no estado do Piauí sem interrupções. Ver: PINHEIRO FILHO, 1972, p. 97.

¹⁹⁶ *Folha do Nordeste*, fundado em 1962, foi criado e dirigido por João Clímaco d'Almeida. A. Tito Filho atuou como redator-chefe. Ver: PINHEIRO FILHO, 1972, p. 98.

¹⁹⁷ *Folha da Manhã* foi fundada em 1958 por Marcos Parente, então Deputado Federal pelo Piauí, que faleceu em acidente de trânsito no mesmo ano da fundação do jornal. Ver: PINHEIRO FILHO, 1972, p. 97.

¹⁹⁸ TITO FILHO, A. Um pouco de jornalismo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 dez. 1989.

Francisco César Araújo, Álvaro Ferreira, Júlio Vieira e tantos outros, que deixaram exemplos na história do mais famoso educandário piauiense.¹⁹⁹

O Liceu Piauiense é lembrado não só pelo papel fundamental que exerceu em sua formação, mas também por ter sido tema de muitas de suas crônicas, bem como da publicação de um pequeno livro que conta a história da instituição, que atualmente funciona com nova denominação, Colégio Estadual Zacarias de Góis e Vasconcelos. O livro²⁰⁰ refaz a trajetória institucional do Liceu e traz uma série de informações relacionadas aos períodos em que A. Tito Filho foi seu aluno, professor e diretor. Além disso, A. Tito Filho faz questão de relacionar todos os “saudosos mestres, acatados e que deixaram exemplos de grande dedicação ao ensino e aos discípulos”. Muitos desses mestres que passaram pelo Liceu Piauiense foram biografados em suas crônicas, como João Pinheiro, Abdias Neves e Higino Cunha.

O Liceu Piauiense, assim como muitos de seus pares e mestres, é tema de crônicas marcadas por lembranças de “tempos bons, tempos que não voltam mais. E tempos de estudo de fidelidade aos livros, de aulas sérias, de mestres competentes. Aprendia-se”.²⁰¹ João Pinheiro foi, novamente, figura importante naquele momento:

Muito me recordo do meu diretor no edifício novo – João Pinheiro, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, cultura primorosa, contista, poeta, historiador, estudioso e sabedor da língua portuguesa, de cujos clássicos era íntimo. Austero. Criterioso. Deixou com o Piauí exemplos de trabalho numa inapagável obra educativa. E outros mestres consagrados me umedeceram os olhos de recordações constantes: padre Joaquim Nonato, Martins Napoleão, Domingos Castelo Branco, Fumia Tajra, Benjamin Batista, monsenhor Cícero Portella Nunes, Júlio Antônio Martins Vieira, Edgar Tito de Oliveira, Nódgi Nogueira, uns vivos, outros mortos...²⁰²

As brincadeiras da adolescência praticadas no colégio também aparecem:

Nunca me saíram da cabeça as peraltices notáveis da estudantada. Os jornaizinhos de críticas e piadas. Os assaltos às bancas de vendedores de frutas no mercadão da Praça Deodoro. As suspensões rigorosas pelos chamados atos de indisciplina. O repúdio aos delatores, bem assim aos

¹⁹⁹ TITO FILHO, A. Magistério. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jun. 1989.

²⁰⁰ TITO FILHO, A. *Liceu Piauiense: memória histórica e sentimental*. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1989.

²⁰¹ TITO FILHO, A. O Liceu – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 08 ago. 1989.

²⁰² TITO FILHO, A. O Liceu – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 08 ago. 1989.

furadores de greves. A intransigente solidariedade entre os colegas. Os processos de pesca nos exames escritos.²⁰³

Além do Liceu Piauiense, A. Tito Filho também estudou no Liceu Cearense, em Fortaleza, onde cursou, de noite, o pré-jurídico. No Liceu Cearense teve

[...] excelentes professores. Bem me lembro de Antônio Martins Filho, que se tornaria, tempos depois, o admirável reitor da Universidade Federal do Ceará. E outros que a memória guarda com gratidão. Era bom. Antes de tomar o bonde de Jacarecanga, a estudantada do Piauí em Fortaleza se reunia na praça do Ferreira para umas doses de palestra. Ponto de reunião de altos servidores públicos, jornalistas, escritores, gente célebre, para a troca de novidades. Nos sábados, noitinha já, íamos para o MAJESTIC, cinema que mantinha bar numa das suas áreas. Aí conheci Demócrito Rocha, fundador do jornal O POVO. Do outro lado da comprida praça, ficava A GRUTA, restaurante e local de intelectuais, para a cerveja gelada e o trago da pinga gostosa.²⁰⁴ (*Grifos do autor*).

Foi n'A GRUTA, que A. Tito Filho viu Leonardo Mota, importante literato cearense daquele momento e que também era cronista:

Vi mais de uma vez Leonardo Mota, cujo nome se reduzia a Leota, escritor de muita fama, e estimado por todos os cearenses, que lhe conheciam a verve e o talento. Nascido à 10 de maio de 1891, faleceu em Fortaleza à 2 de janeiro de 1948. Deixou Leota livros de encanto insuperável. Possuía grande capacidade humorística. Conferencista. Viajava sempre para recolher o material dos CAUSOS que sabia contar ajudado dos gestos, do ritmo, do sotaque.²⁰⁵

Claro, sua passagem pelo Liceu Piauiense como professor também é tema de uma crônica, apesar dessa fase de sua trajetória intelectual ser lembrada mais como um momento de dificuldades e falta de dinheiro:

Na década de 1950, ingressei no magistério. Aulas no Colégio Estadual do Piauí, na Escola Normal, no Colégio São Francisco Sales e noutros educandários. Iniciava o trabalho às 7 da manhã, às 13 da tarde e às 18:30, boca da noite. Não me passava pela cabeça possuir automóvel. Ministrava quinze aulas por dia, correndo de um colégio para outro. Os professores ganhavam vencimentos de miséria, nos estabelecimentos oficiais como nos

²⁰³ TITO FILHO, A. O Liceu – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 08 ago. 1989.

²⁰⁴ TITO FILHO, A. Leonardo Mota. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 maio, 1991.

²⁰⁵ TITO FILHO, A. *Liceu Piauiense: memória histórica e sentimental*. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1989. p. 4.

particulares. Por cima de tudo, os proprietários de casa de ensino e o governo efetuavam a paga do labor mensal sempre com atraso. Nem equilibrista de circo conseguia sustentar família por processos tão angustiosos. Os mestres recorriam aos agiotas a fim de que vencessem dificuldades e aperturas. Os usuários concediam empréstimos na base de 10, 15 e 20 por cento, exploradores gananciosos, que enricavam depressa na exploração da miséria alheia. Dia de vencimento do vale, chamado de papagaio, o perverso judeu aparecia em busca dos juros para a concessão da nova esfolia. Como outros colegas, cheguei a dever a três ou quatro desses sugadores da economia popular ao mesmo tempo. Busquei soluções e me informaram que o Banco Comercial e Agrícola do Piauí poderia salvar-me as finanças. Procurei o estabelecimento, num prédio modesto da rua Barroso, mais ou menos no meio do quarteirão iniciado hoje pela Câmara Municipal. Encontrei facilidade para conseguir cinco mil cruzeiros, desde que meu pai avalizasse o negócio. E assim se fez. Juros baixíssimos. Na época do pagamento, a bondade paterna fez a liquidação da dívida, sem contribuição minha de qualquer natureza.²⁰⁶

Na crônica, A. Tito Filho abordava as dificuldades que ainda enfrentava para conseguir um simples empréstimo bancário e também o fato de que mesmo melhorando de vida com o correr dos anos, a partir de novas oportunidades de emprego, sempre enfrentou dificuldades financeiras. O mesmo tema das dificuldades financeiras em decorrência das escolhas profissionais aparece na crônica Destinação,²⁰⁷ onde percebemos que a relação com o dinheiro envolvia sua relação com o pai:

Quando eu era menino, meu pai se mudou para Teresina, prosseguindo a carreira de magistrado. Ganhava uns trocados, pois juiz naquele tempo não chegava ao salário mínimo destes dias inflacionários. A gente morava numa casa modesta. A cidade tinha vida tranquila, agradável. Pagava-se aluguel da residência. Mas os bagarotes davam para passar bem de comedorias. Meu pai percebia ordenados suficientes, da mesma forma que os funcionários públicos da época. Muita simplicidade, não havia festas de aniversários nem de debutação, nem de presentes no Natal e o carnaval se fazia sem despesas excessivas. Inexistiam ricos. Só abastados e a classe média que bem ganhava as suas patacas. Os conselhos paternos me indicavam que procurasse uma profissão de ganhos razoáveis. Médico, por exemplo. Ou militar, pois o quartel dava a bóia e a roupa de graça.

O cronista afirmava invejar outras profissões:

No Bar Carvalho, via a agitação dos garçons, de um lado para outro, servindo café ou refresco e logo pensava nessa profissão. Dia de domingo,

²⁰⁶ TITO FILHO, A. Meu bom amigo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jul. 1990.

²⁰⁷ TITO FILHO, A. Destinação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 jan. 1990.

eu ia ao restaurante comprar a comida de casa, como queria meu pai, para variar, e observava o cozinheiro Gumercindo a preparar o filé de chapa, em cima da quentura do velho fogão de ferro, cheio de lenha pela boca principal. Logo admitia um bonito futuro como diligente mestre-cuca. No tempo de circo, fixava meu desejo maior em ser palhaço ou trapezista. Como gostava muito de picolé, surgia a pretensão de ser picolezeiro.

Cresci. Estudei. Deu-me na veneta de estudar direito. Formei-me. Não gostei de advocacia. Enriqueci-me de inveja pelo jornalismo, pelo magistério e pela literatura. Andei pela política na época em que já começava a correr dinheiro nas eleições. Edgar Nogueira, de grande prestígio, quis que eu fosse juiz no interior. Recusei. Juiz no interior ganhava como funcionário do Piauí, hoje. Não havia asfalto, a fim de que o magistrado das capembas pudesse frequentar o cabaré da capital. Demais de tudo, esses pobres julgadores de vez em quando entregavam a alma de Deus, baleados pelos chefões do partidarismo.

Tornei-me jornalista e professor. Como jornalista, ganhava descomposturas. No magistério, como nos dias atuais, recebia salário de fome. Consegui ser funcionário público e nunca melhorei de finanças. Ainda agora ganho por mês a besteira de uns quinze mil cruzados novos por mês, sem ter para quem apelar.²⁰⁸

O cronista tornou-se, sobretudo, jornalista e professor. Como jornalista afirma ter ganhado apenas “descomposturas”, como professor um “salário de fome”. Quando conseguiu um emprego no funcionalismo público não melhorou suas finanças e mesmo atualmente ganhava a “besteira de uns quinze mil cruzeiros novos por mês, sem ter para quem apelar”. Como vimos na primeira parte deste capítulo, o reconhecimento do público era uma forma que o intelectual podia contar para justificar seu esforço, sua vida intelectual. Outra era o reconhecimento financeiro, que para A. Tito Filho – nunca veio, pelo menos é o que insistentemente afirmava em suas crônicas.

2.3 Homens-plurais

Afinal, como abordar a vida literária? Robert Darnton aponta que um meio de abordá-la seria encará-la do ponto de vista dos autores da época, no caso, a França do Antigo Regime. Eram homens de carne e osso, desejosos de encher a barriga, cuidar da família e vencer na vida. Voltaire, por exemplo, usou seu sucesso para promover a causa da “classe” – os homens de letras reunidos por valores, interesses e inimigos comuns numa nova categoria profissional ou “estado”.²⁰⁹

²⁰⁸ TITO FILHO, A. Destinação. *O Dia*, Teresina, p 4, 23 jan. 1990.

²⁰⁹ DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 14.

Suard, cuja biografia é estudada pelo autor, é um dos muitos que deixaram a terra natal muito precocemente, o que já se apresenta como uma característica comum naquele momento. Outro aspecto marcante era a dependência de proteção: uma característica nova, que implicava em conhecer as pessoas certas, manipular os cordéis adequados e “cultivar”, tal como a palavra era entendida no século XVIII. O elemento ausente era o mercado, já que os escritores não viviam da venda de livros.²¹⁰ Em certos casos, o governo subsidiava escritores que tivessem feito propaganda a seu favor. Os jornais, por exemplo, representavam importante fonte de renda para uns poucos privilegiados, no sentido literal da palavra. Escrever tornou-se uma nova profissão que conferia um “estado”, um status eminente a homens de talento, mesmo que de origem modesta. Talvez, especula Darnton, o mundo literário tenha sempre se dividido hierarquicamente, tendo no vértice um *monde* de mandarins e na base a boemia literária: uma espécie de ralé literária ou pelo menos era assim que os tais mandarins desejavam denominá-la. Esses extremos existiam no século XVIII e subsistem ainda hoje.²¹¹

Darnton apresenta também a “legião dos subliteratos”, que representa o tema do rapaz provinciano que lê um pouco de Voltaire, arde em ambição de tornar-se um filósofo – não esqueçamos que aqui filósofo diz respeito muito mais ao que hoje entendemos como literato, sai de casa para definhar, indefeso, em Paris, onde por fim morre, derrotado. Isso implica num questionamento acerca do que define um homem de letras: alguém com reputação literária? Alguém que tenha publicado um livro? Alguém que vive de escrever?²¹²

Na França do Antigo Regime, era apropriado que uma sociedade corporativa organizasse corporativamente sua cultura. Talento por si só não bastava, era preciso recorrer aos velhos expedientes do privilégio e da proteção. Em nenhum lugar, aponta o autor, esse fenômeno, de resto generalizado, teve mais importância do que no mundo das letras: a atração da escrita como um novo tipo de carreira produziu escritores em doses maciças, muito superiores à capacidade de absorção do público e incapazes de encontrar sustento longe de suas benesses.²¹³ Para quem não conseguia adentrar o mundo das letras, pelo menos aquele considerado oficial e de prestígio, restava criar seus próprios espaços de atuação.

Novamente surge o problema sobre como abordar a vida literária. Nas crônicas de A. Tito Filho percebemos como o autor elaborou por meio da escrita uma série de vidas literárias

²¹⁰ DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 14.

²¹¹ DARNTON, 1987. p. 14.

²¹² DARNTON, 1987, p. 30.

²¹³ DARNTON, 1987, p. 32-37.

para seus biografados e para si, e como são marcadas pela intelectualidade e pela distinção.²¹⁴ Agora, estes são dois aspectos importantes: intelectualidade e distinção. Seguindo a pesquisa de Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim, percebe-se que uma das principais atribuições do intelectual é a escrita, a prática da escrita, que não apenas o ajuda a criar subterfúgios para driblar a difícil arte de viver das letras no Brasil: ela também constrói lugares de distinção, que não são apenas os representativos, mas aqueles forjados pelos intelectuais.²¹⁵

A importância de percebemos a escrita como o elemento que liga todas as vidas abordadas nas crônicas de A. Tito Filho se deve não apenas ao fato de que quase todos os biografados exerceram de uma forma ou de outra essa prática, mas também pelo fato de que a escrita de uma história da literatura piauiense ou pelo menos de uma obra que abordasse autores piauienses não era algo novo na carreira do cronista.

Ainda na década de 1970, A. Tito Filho já recebera um convite para escrever uma obra sobre a história da literatura piauiense.²¹⁶ O convite²¹⁷ partiu do então diretor da Comissão do Plano Editorial do Estado, Raimundo Wall Ferraz.²¹⁸ A indicação de A. Tito Filho para escrever tal história da literatura piauiense tinha alguns motivos no mínimo plausíveis, como sua posição de presidente da Academia Piauiense de Letras; suas constantes sugestões

²¹⁴ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

²¹⁵ BRANDIM, 2012, p. 20.

²¹⁶ BRANDIM, 2012, p. 204-205.

²¹⁷ “Pedi ao presidente [da Comissão], em carta, prazo de uma semana para dizer se aceito ou não a honrosa incumbência. A Comissão deseja certamente obra séria, em que se faça crítica segura, isenta de simpatias e antipatias, bem assim em que se estudem correntes literárias no Piauí e as obras que nelas estão filiadas. Ainda mais: há necessidades de fixação da personalidade dos autores, no plano social, humano e literário. E o que se torna mais importante: a história de uma literatura é a história de **estilos**. Afrânio Coutinho bem escreveu que o período literário é um sistema de normas literárias expressas num estilo. Não compreendo também historiografia literária sem bases científicas. Literatura é **história**, com a amplitude que lhe deu Silvio Romero baseado nos alemães: compreende política, economia, arte, folclore e outras manifestações da inteligência. Perguntei-me: conto, em Teresina, com recursos para obra de tamanha importância? Falo dos **recursos das fontes**. Em razão disto, necessitava de verificar com que fontes de **pesquisa** posso contar para realização da tarefa. Se as encontrar, certas, honestas, aceitarei o trabalho. Caso contrário, não me é possível aceitá-lo. Consigno aqui, como já testemunhei em carta ao prof. Wall Ferraz, sinceros agradecimentos à Comissão pela lembrança do meu nome humilde para obra de tanta monta”. TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 5, 26-27 mar. 1972. (*Grifos do autor*).

²¹⁸ Raimundo Wall Ferraz nasceu em Teresina (PI), 1932 – faleceu em São Paulo (SP), 1995. Professor e político. Formado em Direito e História. Secretário de Educação do Estado do Piauí (1971-1975). Professor da Universidade Federal do Piauí. Vereador da Câmara Municipal de Teresina nas legislaturas de 1955 e 1959. Vice-prefeito e presidente da Câmara Municipal de Teresina. Em 1975, nomeado prefeito de Teresina pelo governador do Estado, Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1979). Volta a dirigir a prefeitura de Teresina no período de 1986-1989. Em 1992, eleito novamente prefeito de Teresina. Também elegeu-se deputado federal na legislatura iniciada em 1982. Publicou obras na área de história. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 159-160.

literárias publicadas na coluna Caderno de Anotações no *Jornal do Piauí*²¹⁹ dirigidas à Comissão do Plano Editorial do Estado, tanto no sentido de apontar-lhes a melhor maneira de planejar as ações, como alertá-los sobre a melhor forma de executá-las; seus sucessivos apoio e reconhecimentos da importância do Plano Editorial para o Piauí, insistentemente frisado durante a solenidade de instituição do programa em Teresina,²²⁰ quando afirmou que este era “um passo para projetar o processo literário do Piauí”, e ainda, as conseqüentes críticas que passou a fazer no período posterior a solenidade, devido à demora na execução do Projeto.

O convite e a indicação de A. Tito Filho receberam duras críticas. Uma das mais severas veio de O. G. Rego de Carvalho,²²¹ literato reconhecido nacionalmente. Questionava-se então sua “autoridade” em realizar tal atividade literária. Além disso, questionava sobre “quem era A. Tito Filho? Articulista? Autor de prefácios? Tribuno? Repetidor de gramáticas? Presidente da APL?”.²²² A intenção de O. G. Rego de Carvalho era retratá-lo como alguém que não era um “autêntico” literato, o que acabou movendo a discussão para a disputa entre aqueles que viam a literatura e a história da literatura como atividade intelectual distinta e distante das atividades exercidas pelo político, pelo magistrado ou por aqueles que escreviam para jornais, já que os homens de imprensa eram aqueles que escreviam textos “encomendados”. A discussão poderia envolver antipatias e debates entre diferentes gerações de literatos; poderia envolver também a situação existente em muitas academias: o incômodo gerado pela presença de acadêmicos que na verdade eram políticos, jornalistas, juízes e não somente aqueles que eram normalmente aceitos como literatos: os romancistas, contistas, historiadores, críticos literários e poetas.²²³

Embora tenha declinado da proposta de escrever uma história da literatura do Piauí, A. Tito Filho publicou, através do Plano Editorial do Estado, livros que reuniam a obra de

²¹⁹ A coluna Caderno de Anotações, publicada diariamente ao longo da década de 1970 no extinto *Jornal do Piauí*, tinha como principal finalidade divulgar anotações sobre questões literárias em nível local e nacional, principalmente. Essa coluna divulgava diversas atividades como lançamento de livros, recomendações de leituras, novidades no campo literário, prefácios escritos pelo colunista e por outros. Publicava questões que versavam sobre política, cidade, sociedade, cultura e, até mesmo, religião. A. Tito Filho também publicou um vasto material relativo à correspondência que mantinha com literatos e intelectuais do Piauí e de outros estados. Essas colunas são publicadas pelo Acervo A. Tito Filho em: <www.acervoatitofilho2.blogspot.com>. Acesso em: 01 junho 2013.

²²⁰ Ver: TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 6, 23-24 out. 1972.

²²¹ Orlando Geraldo Rego de Carvalho nasceu em Oeiras (PI), 1930 – faleceu em Teresina, 2013. Romancista. Bacharel em Direito. Lecionou literatura e português no Liceu Piauiense. Doutor *Honoris-Causa*, título concedido pela Universidade Federal do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Publicou os romances *Ulisses entre o amor e a morte* (1953); *Rio subterrâneo* (1967) e *Somos todos inocentes* (1971). Ver: GONÇALVES, 2003, p. 108-109.

²²² BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012. p. 205-206.

²²³ BRANDIM, 2012, p. 206-207.

escritores piauienses, onde o foco recaía sobre a projeção de traços biográficos dos autores e a tentativa de realçar, pelo uso de prefácios e textos de outros autores uma gramática de expressões utilizadas por eles. As obras²²⁴ tinham em comum a preocupação em estabelecer uma biografia dos autores, tomando como eixo central suas personalidades, apresentando-os como sujeitos que foram patronos e/ou ocupantes dos quadros de honra da Academia Piauiense de Letras e que se aproximavam do próprio A. Tito Filho enquanto biógrafo/organizador, por terem exercido ocupações profissionais na advocacia, no magistério e na imprensa.²²⁵

Na parte final da série de crônicas analisadas, percebe-se também uma preocupação do cronista em fixar um lugar para a própria Academia Piauiense de Letras nas vidas literárias abordadas. Na crônica *Missão Acadêmica*, ele aponta que

[...] as academias de letras, no Brasil, quase todas ou todas, inclusive a brasileira, limitam-se a reuniões de seus membros, para elogios mútuos, recepções de novos acadêmicos e respectiva discursão. A mania generalizada está em escrever poemas e contos, meio pelo qual conseguem o estrelato; poesia e prosa as mais das vezes representativas de sublitteratura. A Academia Piauiense de Letras foge ao figurino geral. Nela se apresentaram grandes poetas, a exemplo de Martins Napoleão, Moura Rego, Martins Vieira, Lucídio Freitas, entre outros, e notáveis prosadores, do tope de Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha, João Pinheiro, Abdias Neves, Artur Passos, para lembrar alguns. Entre os vivos existem muitos que honram o sodalício. A Academia, porém, não ficou nos poetas, nos romancistas, nos contistas. Convocou matemáticos, médicos, engenheiros, juristas, enfim aqueles que se projetaram em qualquer ramo do saber humano. Nem só de poetas e prosadores bastam à representação cultural das comunidades.²²⁶

É lógico que era uma preocupação do cronista, enquanto presidente da instituição, escrever sobre a história e as realizações da Academia de modo que não isso se confundisse com o seu papel dentro da instituição – ou seja, ele tentava não deixar isso transparecer ao leitor. Era importante também deixar registrado que

[...] na Academia Piauiense de Letras possuo o meu voto. Nunca pedi que os colegas acadêmicos me concedessem o voto que lhes pertence para a eleição

²²⁴ *Esmaragdo de Freitas*: homens e episódios (1973); *Deus e a Natureza em José Coriolano* (1973); *Zito Batista*: o poeta e o prosador (1973); *Lima Rebelo*: o homem e a substância (1973; 2ª edição em 1985).

²²⁵ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores*: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992). Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012. p. 216.

²²⁶ TITO FILHO, A. *Missão acadêmica*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 mar. 1992.

de candidato de minhas simpatias, pois se assim fosse Possidônio Queiroz²²⁷ já estaria sentado numa poltrona da Casa de Lucídio Freitas, por incontestável merecimento. Humilde, simples, bondoso, amigo leal, sincero, correto nas atitudes, tem memória privilegiada, conhecimento profundo da história do Piauí e de sua antiga capital, Oeiras, riquíssima de tradições e de grandezas cívicas. Possidônio e Oeiras se confundem fraternos, amada e amante de amor eterno. Raros no Piauí escrevem como Possidônio, linguagem escorreita, na usança do português popular ou da língua clássica quando quer, e num ou noutro tem o respeito dos mestres como ele.²²⁸

Buscava apresentar Academia como espaço que produzia cultura, por exemplo, publicando livros; a Academia como um espaço que tentava não se relacionar com a política. É a escrita de si atuando outra vez: ao escrever biografias de intelectuais piauienses, o cronista cria para si e para os outros uma imagem de historiador da literatura e da intelectualidade piauiense; ao dizer que não (ou mesmo que nunca) interferiu nas eleições acadêmicas, criava a imagem de alguém que estava, sim, disposto a ser cabo eleitoral. O cronista também era alguém que estava ali havia muito tempo, o que também julgava merecer registro:

Ingressei na Academia Piauiense de Letras em 1964, ocupando a cadeira em que se tinha assentado meu pai, a de número 29. Em 1966, o presidente Simplício Mendes me fazia secretário-geral da entidade, reeleito em 1968 e 1970. Mandato de dois anos. A 2 de janeiro de 1971, Simplício não acordou. Dormiu, a 1º de janeiro, o sono eterno. Fui o seu substituto regimental, pois a Casa de Lucídio Freitas não tinha vice-presidente. Agora inteirei vinte anos na presidência e antes de escrever sobre assuntos relembro os colegas que se despediram do mundo no correr desse longo período.

[...] Pretendo escrever a história da Academia Piauiense de Letras, desde a primeira tentativa de uma instituição nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Não deu certo a pretensão dos intelectuais no começo do século. Só em 1917 por inspiração de Lucídio Freitas, se fundou o sodalício, o mais antigo do Piauí, cujas lutas não se interromperam tempo algum, havendo completado, a 30 de dezembro de 1990, setenta e três anos de serviços gratuitos a coletividade.²²⁹

É de se imaginar que existisse uma preocupação em manter separadas as esferas da literatura e da política. Dois termos que não deveriam se relacionar, muito embora os literatos

²²⁷ Possidônio Nunes de Queiroz nasceu e faleceu em Oeiras (PI), 1904-1996. Professor, jornalista, cronista, historiador, músico e compositor. Advogado provisionado. Secretário da Câmara Municipal de Oeiras. Adjunto de promotor público. É um dos fundadores do Instituto Histórico de Oeiras, do qual também foi secretário e presidente. Foi um dos fundadores do jornal *O Cometa*, no qual durante muitos anos manteve a coluna “História de Oeiras”. Fundou e dirigiu a orquestra Renascença. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 322. Ver também: LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. *Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oeirense*. Teresina: UESPI, 2009. Monografia (Licenciatura Plena em História). UESPI. 2009.

²²⁸ TITO FILHO, A. Os humildes. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 maio 1992.

²²⁹ TITO FILHO, A. Setenta anos de batente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 jan. 1991.

insistissem em aproximá-los em suas atividades cotidianas. Isso não era novidade na história das academias.²³⁰ João Paulo Coelho Rodrigues mostra que a criação da Academia Brasileira de Letras foi marcada por essa necessidade de deixar de lado questões políticas que pudessem atrapalhar o entendimento de que era mais importante: que ela fosse um espaço para que os escritores se congregassem em harmonia. Haveria algo em comum, uma identidade que estava acima das lutas políticas: o desejo de progresso intelectual, deles próprios e da sociedade; o cuidado com a língua portuguesa e o respeito por uma tradição literária. Mas a realização desses objetivos passava, porém, pela necessidade de reconhecimento e de dinheiro.²³¹

Assim, podemos interpretar essas crônicas como uma tentativa de A. Tito Filho de concretizar a realização daquela obra que gerou tanta controvérsia – a história da literatura piauiense citada acima. As crônicas publicadas em sua coluna diária no jornal *O Dia* acabaram lhe possibilitando a escrita da vida de uma série de intelectuais e literatos piauienses que provavelmente teriam lugar nessa obra. Essa história da literatura piauiense realizada nas crônicas, também uma escrita da história da intelectualidade piauiense, era parte de um projeto pessoal bem mais amplo e ambicioso: naquele momento, na década de 1970, o autor estava marcando o seu lugar como homem de imprensa – já possuía uma sólida passagem pelo jornal *O Dia* na década de 1960,²³² onde também exerceu funções administrativas, e buscava ascender ao patamar de escritor a partir da publicação de obras nos mais variados campos: são desse período a publicação do ensaio *Da atualidade do latim vulgar*²³³ e as primeiras edições de alguns de seus livros mais conhecidos, como *Governadores do Piauí*,²³⁴ *Sermões aos peixes*²³⁵ e *Teresina meu amor*.²³⁶ A escrita de si aparece por conta da tentativa do cronista de se estabelecer enquanto historiador, pelo menos da história do Piauí, crítico literário e cronista, já que como cronista poderia ocupar um espaço próximo dos romancistas e contistas, por exemplo.

Na década de 1970, a imagem do autor ainda estava atrelada ao jornalismo, e mesmo ao magistério, já que era associada à sua atuação como professor de português e Secretário de

²³⁰ RODRIGUES, João Paulo Coelho. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2001. p. 43.

²³¹ RODRIGUES, 2001, p. 45-47.

²³² No Acervo A. Tito Filho é possível ter acesso a alguns textos dos publicados nesse período. Disponível em: < www.acervoatitofilho3.blogspot.com >. Acesso em: 01 junho 2013.

²³³ TITO FILHO, A. *Da atualidade do latim vulgar*. In: *Presença*, Teresina, s/n, 1986, p. 21-33.

²³⁴ TITO FILHO, A. *Governos do Piauí*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

²³⁵ TITO FILHO, A. *Sermões aos Peixes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

²³⁶ TITO FILHO, A. *Teresina meu amor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

Educação²³⁷ na administração de João Clímaco de Almeida.²³⁸ Além disso, era um apaixonado por gramática e língua estrangeira.²³⁹ uma das máscaras que o cronista conseguiu estabelecer para si foi a do professor de português e de inglês que tirava dúvidas dos leitores na coluna *Lições dos outros*, que surgiu na década de 1960 e atravessou praticamente toda sua carreira na imprensa em diversos jornais.²⁴⁰ Mesmo sua posição como presidente da Academia Piauiense de Letras ainda era recente para gerar um sólido reconhecimento – ela precisaria de tempo para se estabelecer.

Agora, no final da década 1980, já com uma experiência na direção da instituição, com uma carreira na imprensa, dezenas de obras publicadas, uma ampla rede de sociabilidade intelectual estabelecida junto aos seus pares dentro e fora do estado,²⁴¹ ele poderia empreender a escrita de uma história da literatura piauiense e de seus intelectuais sem precisar passar pela necessidade de ter de provar que tinha condições de realizar tal projeto.

Mesmo que esse projeto tenha se realizado na forma de crônica e não na forma de um livro como o de João Pinheiro, sujeitando-se, portanto, àquelas contingências relativas à forma da crônica que abordamos na introdução, não deixa de ficar claro que o autor tentou sim realizar sua história, sua versão da literatura piauiense nas páginas do jornal, se aproveitando dos elementos positivos que esse espaço tinha a lhe oferecer – muitos deles decorrentes da forma da crônica. Ainda que a série de crônicas não possua uma unidade, ou seja, elas não foram publicadas numa ordem cronológica bem definida, elas permitem perceber como, historicamente, se produziu uma determinada interpretação e se estabeleceram determinadas experiências, bem como os mecanismos que estão por trás da imagem que essa interpretação produz.

As crônicas permitiram ao cronista tentar estabelecer a função das academias, para que “se intensifique a atividade intelectual, uma vez que, esses centros constituem incentivo a

²³⁷ Ver: BRITO, Itamar Sousa. *Memória histórica da Secretaria de Educação*. Teresina: Secretaria de Educação, 1985. p. 119-122.

²³⁸ João Clímaco de Almeida nasceu e faleceu em Teresina (PI), 1910-1996. Formado em contabilidade pela Academia de Comércio do Maranhão (1934). Membro do Conselho Administrativo do Estado do Piauí (1947). Secretário do Interior e Justiça (1981). Foi presidente da Caixa Beneficente do Estado. Como político, foi vereador da Câmara Municipal de Teresina (1948-1951); deputado estadual (1951-1963); vice-governador do Estado e presidente da Assembleia Legislativa duas vezes. Em 15 de maio de 1970, assumiu as funções de Governador do Estado, em virtude da renúncia de Helvídio Nunes. Em 1974, elegeu-se deputado federal (1975-1979). Retornou à Câmara dos Deputados em 1981, na vaga aberta com o falecimento do deputado Paulo Ferraz. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 26-27.

²³⁹ Ver: TITO FILHO, A. Consultório. *O Dia*, Teresina, p.4, 27 jun. 1989.

²⁴⁰ Ver por exemplo: TITO FILHO, A. *Lições dos outros*. *O Dia*, Teresina, p. 3, 14 abr., 1966.

²⁴¹ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012. p. 141.

quantos aspiram um lugar ao sol na vida da inteligência das coletividades”.²⁴² Permitiram também mostrar que a vida literária não é feita apenas de livros, de nomes de autores, de períodos históricos, etc. Ela também é feita de encontros, como se a vida literária fosse o momento em que se percebe que a literatura esta ali, presente – “estamos na presença dela”.²⁴³ É o que podemos perceber na crônica em que revela o dia em que visitou, no Rio de Janeiro quando ainda era estudante de direito, carreira que não seguiu, o casal Clóvis Bevilácqua²⁴⁴ e Amélia Bevilácqua.²⁴⁵

O casal famoso, Clóvis e Amélia, gostava de receber amigos aos domingos, para o jantar. Uma vez Bugyja Britto, que parecia convidado permanente, convidou-me a fazer-lhe companhia e fui, assim, conhecer o grande juriconsulto e esposa. Na visita obtive apetitosa refeição, em momento justo, pois hospedaria de estudante, dia de domingo, só dava almoço tipo ajantarado. Das seis da tarde por diante a quebradeira só permitia forrar o bucho com magra xícara de café com leite e um pãozinho lambusado de raríssima manteiga. A mesa de Clóvis tinha fartura e a bóia sabia bem. Enchi a pança, embora meu desejo principal fosse conhecer o mito Clóvis. Havia ele entrado na casa dos oitenta. Sempre numa cadeira de balanço, vestido de fraque. Não exonerava do traje a gravata. De encantadora simplicidade. Conversei com ele alguns instantes, acanhado, a modo de matuto que eu era. Lembrou-se o mestre de me dizer que dedicava muita simpatia ao Piauí, terra

²⁴² TITO FILHO, A. As Academias. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 dez. 1987.

²⁴³ ORDÓÑEZ, Solange Fernández. *O olhar de Borges: uma biografia sentimental*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 124.

²⁴⁴ Clóvis Bevilácqua (Viçosa (CE), 1859 — Rio de Janeiro (GB), 1944). Foi um jurista, legislador, filósofo e historiador. Estudou na Faculdade de Direito do Recife. Dentre as várias carreiras jurídicas, atuou como promotor público, membro da Assembléia Constituinte do Ceará, Secretário de Estado, consultor jurídico do Ministério do Exterior. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e era membro do Instituto Histórico e Geográfico. Em 1883 publicou no Recife *A filosofia positivista no Brasil*, declarando-se um "monista evolucionista", formando, com outros da Escola do Recife, a corrente estritamente científica do positivismo, contra a tendência mística e religiosa, então forte no Brasil. Foi o autor do projeto do Código Civil Brasileiro em 1901, quando era Ministro da Justiça o jurista e futuro Presidente da República Epitácio Pessoa. O Código só foi promulgado mais tarde, em 1916, e durou até o advento da Lei n.10.406, de 10 de janeiro de 2002 que entrou em vigor em todo o território nacional em 11 de janeiro de 2003. Clóvis Bevilácqua colaborou em diversos jornais e revistas (*Revista Contemporânea*, do Recife, *Revista Brasileira*, do Rio), e em *O Pão*, publicação do movimento literário Padaria Espiritual do Ceará. Em 1894, publicou "Frasas e Fantasias", dez escritos de ficção e reflexões pessoais. Em 1930 apresentou sua mulher, Amélia de Freitas Bevilácqua, como candidata a ABL para a cadeira de número 22. A proposta foi analisada pelos seus pares imortais que resolveram interpretar o estatuto da academia como excluindo as mulheres da mesma. Clóvis e sua esposa ficaram ressentidos da posição de seus colegas e depois deste fato nunca mais retornou à ABL.

²⁴⁵ Amélia Carolina de Freitas Bevilácqua nasceu em Jerumenha (PI), 1860 – faleceu no Rio de Janeiro (GB), 1946. Romancista, poeta, cronista, contista e jornalista. Primeira mulher a se candidatar a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Passou a maior parte de sua infância e mocidade em São Luís do Maranhão, onde seu pai era Juiz de Direito. Iniciou os estudos básicos na capital maranhense, terminando-os em Recife. Em 1883, casou-se com Clóvis Bevilácqua. Publicou seus primeiros contos em jornais e revistas do Recife, e logo depois na *Revista do Brasil*, de São Paulo. Uma das fundadoras e redatoras da revista *Lírio*, publicação mensal voltada para o campo da Literatura. Publicou e dirigiu, em parceria com seu esposo, a revista *Ciências & Letras*, no Rio de Janeiro. Em 1902, lançou o primeiro livro de contos, *Alcione*. Publicou, dentre outros, *Aspectos* (romance, 1906); *Através da Vida* (romance, 1906) e *Angústia* (romance, 1913). Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira nº 23. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 56-57.

de sua mulher. Contou-me que trabalhou em Teresina, ao lado do primeiro governador republicano Taumaturgo de Azevedo.

Amélia, surda como diabo, conversava com um e com outro, em português, francês, inglês, de acordo com as exigências do visitante. A casa semelhava museu, bazar e jardim zoológico, ao mesmo tempo. Retrato de pessoas feias e bonitas pelas paredes, peças e mais peças de esculturas reboladas pelos cantos, bustos, jarros, baús, tapetes, santos. Bichos vivos, Gatos, cães, curicas, papagaios, chicos-pretos, corruções. Algazarra muita, inclusive dos interlocutores de Amélia gritando para que ela pudesse ouvir.

Clóvis morreu em 1944, manhãzinha. Amélia fez a viagem derradeira depois. Outras vezes engoli a boa e apetitosa chepa do casal. E nunca esqueci a hospitalidade dos dois bons velhinhos, o jurista e a romancista - e agora, neste 1987, revejo Amélia ao procurar dados seguros para preparar-lhe a biografia.²⁴⁶

Vimos também que a literatura é feita de pessoas que, por exemplo, viajavam muito já que “era comum naquela época que os piauienses andassem por muitos lugares, para estudos ou trabalho. Uma temporada aqui, outra acolá”.²⁴⁷ O cronista criou um retrato bastante pessoal dos intelectuais que biografou, mas de um modo geral, poderíamos dizer que eles podem ser sintetizados pela expressão “homem-plural” que utilizou para nomear Clidenor Freitas²⁴⁸ em crônica publicada no jornal *O Dia*:

Clidenor Freitas Santos tem sido um homem-plural nas atividades e na inteligência, sobretudo homem alegre, porque rico de afeição à vida. Nasceu na antiga comunidadezinha de Miguel Alves, no Piauí, uma cidade pequena e sonolenta à beira do Parnaíba, a 16 de fevereiro de 1913. Teve infância e adolescência simples. Estudou no tradicional Liceu Piauiense e formou-se médico no Recife em dezembro de 1936. Trabalhou em laboratório de patologia, com os minguados vencimentos de cinquenta mil réis mensais. Exerceu emprego no Pará e no Instituto Osvaldo Cruz, do Rio, quando padeceu saudades e voltou aos pagos naturais, a tranquila Miguel Alves de rudimentar agricultura e criatório de gado pé-duro, e nesse meio bucólico e alegre montou consultório. Convocado para progredir, fez estudos em São Paulo, no Hospital do Juqueri, em contacto com gente sem juízo. Especializou-se em psiquiatria. Esteve ainda no serviço do Hospital da Praia Vermelha, no Rio. Cada vez mais conhecia o Homem na sua atitude mental e se empolgava com o romance de cérebro-humano. Regressando ao Piauí em

²⁴⁶ TITO FILHO, A. Clóvis e Amélia. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 dez. 1987.

²⁴⁷ TITO FILHO, A. O velho guerreiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 dez. 1987.

²⁴⁸ Clidenor de Freitas Santos nasceu em Miguel Alves (PI), 1913 – faleceu em Teresina (PI), 2000. Médico, político, escritor e empresário. Formado em Medicina pela Faculdade do Recife. Especializou-se em Psiquiatria. Foi o grande idealizador do Sanatório Meduna (já extinto). Como político, ingressou no PTB e, no pleito de outubro de 1954, concorreu à Prefeitura de Teresina. Nas eleições de 1958, elegeu-se deputado federal pelo Estado do Piauí. Teve o mandato de deputado federal cassado pelo golpe militar de 1964, obrigando-o a exilar-se na embaixada do Peru. Por conta do AI-5, transferiu-se para Montevidéu no Uruguai, onde passaria quatro anos. Em 1967, retornou ao Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras e recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal do Piauí. Além disso, publicou, dentre outras, as obras *Ideologia e Circunstância* e *A Glória de Saraiva*. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Dicionário Enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003. p. 135-140.

1940, fixou-se nesta Teresina de pessoas humildes e recebeu chamado, dentre em pouco tempo, para dirigir o ASILO DOS ALIENADOS, o HOSPÍCIO, denominação que amedrontava mais do que a loucura. Foi quando deparou com cenários tenebrosos de loucos acorrentados. Mandou retirar os pesados grilhões dos infelizes e deu-lhes tratamento decente, revolucionando a ignorância dos costumes sociais. A casa de tratamento deixou de chamar-se HOSPÍCIO DOS DOIDOS e passou a HOSPITAL AREOLINO DE ABREU, em homenagem ao governante que o criou e construiu. Foi distinguindo com outras funções de responsabilidade. Médico psiquiatra do Serviço de Doenças Mentais do Ministério da Saúde. Professor de filosofia do Liceu Piauiense. Deputado federal de consagrada votação no Piauí. Presidente nacional do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, nomeado pelo presidente João Goulart, posto em que o alcançou a rebeldia militar de 1964, e ele se viu compelido, para evitar violências, a buscar asilo no Peru e depois no Uruguai. Padeceu a suspensão dos direitos políticos, mas sem temer as perseguições do militarismo vitorioso, retornou à terra natal, porque tinha inatacável a honradez pessoal e pública.²⁴⁹ (*Grifos do autor*).

Bem como pelo que escreveu no livro *Ideologia e circunstância*, que reunia textos, discursos, cartas e textos sobre o autor. A. Tito Filho ao resenhar o livro aponta que

[...] no autor não se encontra somente o cientista. Nele se alteiam também sentimentos de apurada sensibilidade, bom gosto, linguagem simples, mas castigada de asseio, elegante, como soem cultivar bem o vernáculo os doutores na arte de curar os males do corpo e do espírito. Numa existência de lutas contínuas em benefício coletivo, Clidenor nunca esqueceu os deveres de alimento d'alma, a leitura, que lhe doura e incentiva a inteligência, para conceber e criar – assim da forma que a vida, para ele, se torna brutal e intolerável quando não tocada pela imaginação.²⁵⁰

Então, o que é um homem de letras? Um homem-plural, ou mesmo homens-plurais. Eles possuíam muitas aspirações, muitos talentos; geralmente saíram de cidades menores para cidades maiores; viajaram muito; exerceram muitas atividades, provavelmente muitas profissões; geralmente não tiveram retorno financeiro; alguns tiveram o reconhecimento do público e dos pares, alguns não tiveram nem uma coisa nem outra; muitos conseguiram fazer com que sua escrita gerasse uma produção, pequena ou vasta, outros não produziram muito, mas fizeram com que sua inteligência gerasse algum retorno ao público, como, por exemplo, fundar um hospital; outros não tiveram tempo de ver sua obra publicada; outros chegaram a

²⁴⁹ TITO FILHO, A. Homem-plural. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 abr. 1991.

²⁵⁰ Ver: TITO FILHO, A. Última página. In: FREITAS, Clidenor. *Ideologia e circunstância*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/Projeto Petrônio Portella, 1988. p. 185.

Academia, outros não tiveram sequer a chance – alguém teria que colocá-los lá, onde o reconhecimento do público viria através da escrita de crônicas biográficas.

A escrita de A. Tito Filho se deu na condição de alguém que olha para o passado do alto: do alto de uma vasta experiência de vida, ligada às letras, na imprensa, no magistério, na publicação de livros e na realização de projetos de publicação de obras de autores piauienses e do lugar que lhe garantiria o reconhecimento de que era gabaritado e autorizado a realizar tal tarefa: o longo mandato como presidente da Academia Piauiense de Letras. De certa forma, poderia mesmo dizer que as crônicas o colocavam numa posição semelhante a alguém que observa uma cidade ou o passado do alto, como um alvissareiro.²⁵¹ Observando do alto, ele transforma o passado em um grande quebra-cabeça cujas peças são feitas de crônicas que monta e remonta calmamente, para vislumbrar uma forma até então oculta. A coluna Caderno de Anotações, por exemplo, pode ter servido para realizar tal escalada.

Ainda que não seja do meu interesse biografar A. Tito Filho, é importante levar em conta o fato de que suas crônicas geram a necessidade de discutir a biografia. A biografia é identificada no debate historiográfico atual como gênero que passa por uma retomada, uma recuperação que a coloca num lugar central, após permanecer um longo período sob o estigma de representar uma história factualista, descritiva e pouco problematizadora.²⁵²

Para Alexandre de Sá Avelar, o debate gera a necessidade de relacionar vidas individuais e contextos sociais, e propõe o nome²⁵³ – a marca mais individual que existe – como fio condutor para a construção de uma nova história social, atenta à relação dos homens com os outros homens e com os sistemas que os cercam. O objetivo é recuperar as tramas sociais e as multiplicidades temporais a partir de um destino particular. Essa “reconstrução do vivido” é a ponte para a apreensão da complexidade das relações sociais imersas na construção de uma biografia. Além disso, aponta que o que se assiste atualmente não seria uma descoberta dos relatos individuais como matéria da história, mas sua retomada sob o fogo cruzado da crítica à “história totalizante” e ao pressuposto de que o sentido das ações humanas seria um subproduto das forças produtivas e/ou dos meios culturais. A preocupação

²⁵¹ SOUTO, Carlos Magno dos Santos. *O alvissareiro: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950*. – Recife, 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009. p. 12-18.

²⁵² AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. *Oralidades*, 2, 2007, p. 46.

²⁵³ GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Tradução de Antônio Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

do historiador em reconstruir todo um tecido social e cultural dificultava a apreensão das multiplicidades individuais.²⁵⁴

Além da maior ênfase destinada aos chamados homens comuns, as denominadas novas biografias diferem das tradicionais também pelos objetivos propostos. Trata-se de tomar os personagens como vias de acesso para a apreensão de questões e/ou contextos mais amplos. É necessária também uma reavaliação das noções clássicas de contexto. Uma possibilidade é a abordagem conceitual oferecida pela micro-história, cuja originalidade reside na recusa da evidência que subentende todos os usos das noções de contexto: a existência de um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores determinariam suas escolhas. Na verdade, a abordagem micro-histórica visa estabelecer contextos específicos para cada indivíduo e/ou ação.²⁵⁵

Já para Benito Bisso Schmidt, os historiadores não têm demonstrado interesse teórico pela narrativa biográfica, ou seja, pelas possibilidades e limites desse tipo de escrita.²⁵⁶ Assim, apresenta uma série de problemas que surgem aos historiadores que trabalham com a escrita biográfica: quantos “eus” de cada existência o historiador pode resgatar em suas fontes? Como pode a narrativa histórica representar a descontinuidade e a fragmentação de uma biografia?²⁵⁷ Além disso, chama atenção para a relação entre indivíduo e sociedade: tal relação é recorrente para aqueles que se dedicam à biografia, e mais do que isso, ela é constitutiva da tradição filosófica ocidental:

Veja-se, por exemplo, o conflito entre heroísmo e destino na tragédia clássica, entre livre-arbítrio e onipotência divina na teologia cristã, entre estruturalismo e existencialismo na filosofia moderna e entre voluntarismo e determinismo no âmbito do pensamento marxista.²⁵⁸

Por isso, o historiador deve adotar estratégias narrativas que expressem na escrita biográfica a tensão personagem/contexto. Uma possibilidade seria por em prática o que denomina de “paradoxo de sanduíche”, ou seja, superpor uma camada de contexto, uma de indivíduo e outra de contexto. Fácil, porém superficial, porque deixa em suspenso aquilo que parece ser o grande desafio dos historiadores biógrafos na atualidade: compreender as

²⁵⁴ AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. *Oralidades*, 2, 2007, p. 49-50.

²⁵⁵ AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. *Oralidades*, 2, 2007, p. 52-53.

²⁵⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, julho/dezembro, p. 133.

²⁵⁷ SCHMIDT, p. 135.

²⁵⁸ SCHMIDT, p. 137.

margens de liberdade individual diante dos sistemas normativos.²⁵⁹ O contexto precisa ser pensado como um campo de possibilidades historicamente delimitado, onde os indivíduos, a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros.²⁶⁰

Além disso, o autor aponta que uma significativa renovação do gênero envolve a preocupação dos biógrafos em desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto. Portanto, uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social.²⁶¹ Representar essa tensão passa também pela necessidade de conceber o indivíduo como um ser múltiplo – e não um ser unitário, que atravessa linearmente o período de uma vida.

Para Giovanni Levi, mais do que nunca a biografia ocupa o centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades. Para ele, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo suas relações com as ciências sociais; os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humana. Um primeiro aspecto observado por ele refere-se às relações entre história e narrativa. A biografia constitui-se como canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia.²⁶²

Levi também questiona até que ponto é possível escrever a vida de um indivíduo. Aponta que os historiadores, seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentam-se com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. Para ele, Pierre Bourdieu falou acertadamente de ilusão biográfica, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada momento.²⁶³ O que implica pensar como os indivíduos se definem, conscientemente ou não, em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe. A biografia, como prosopografia, não é a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo.²⁶⁴

²⁵⁹ SCHMIDT, p. 138-139.

²⁶⁰ SCHMIDT, p. 139.

²⁶¹ SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, julho/dezembro, p. 11-12.

²⁶² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167-168.

²⁶³ LEVI, 2006, p. 169.

²⁶⁴ LEVI, 2006, p. 169-175.

Quanto a Pierre Bourdieu, aponta que falar de história de vida é pelo menos pressupor que a vida é uma história, e que uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.²⁶⁵ Essa teoria parte do pressuposto de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado. Cabe então pressupor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a de efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. Mas tudo isso pode tratar-se de uma ilusão retórica.²⁶⁶

Para Bourdieu, o mundo social, que tende a identificar normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída, dispõe de todo tipo de instituição de totalização e de unificação do eu. A mais evidente é, obviamente, o nome próprio: o nome próprio atua como um ponto fixo num mundo que se move.²⁶⁷ Por essa forma inteiramente singular de *nominação*, que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. A constância nominal, a identidade consigo mesmo, a constância em si mesmo que a sociedade demanda.²⁶⁸

Assim, o nome próprio é o suporte daquilo que chamamos de estado civil, isto é, desse conjunto de propriedades, por exemplo, a nacionalidade, ligadas à pessoa às quais as leis civis associam efeitos jurídicos e que *instituem*, sob a aparência de constatá-los, as certidões de estado civil. A “história de vida” – essa espécie de artefato socialmente irrepreensível – conduz à construção da noção de *trajetória* como série de posições sucessivamente ocupadas

²⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183.

²⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 184-185.

²⁶⁷ Sobre o uso do nome próprio ver também: FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

²⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 186-187.

por um mesmo agente ou mesmo um grupo, num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.²⁶⁹ Para Bourdieu,

[...] tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metro sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.²⁷⁰

O que significa dizer que não podemos compreender uma trajetória (neste capítulo utilizei mais a palavra vida) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.²⁷¹

Já para Adriana Barreto de Souza, a escrita biográfica gera a necessidade de recusar uma metalinguagem unificadora e explicitar a relação necessária entre a escrita – *mise en scène* literária – e o lugar social da operação científica, institucional e tecnicamente ligada a padrões culturais e teóricos contemporâneos.²⁷² O que significa dizer que existe uma interdependência entre história e historiografia: é justamente essa interdependência que permite perceber que um bom indicativo da eficácia do procedimento de instituição de uma memória, coletiva ou individual, é a repetição e o quanto ela é lembrada. Isso atesta sua capacidade de mobilizar pessoas e produzir identidades.²⁷³ Em seu estudo sobre as biografias produzidas acerca de Duque de Caxias, ela também reconhece que a vida é tomada, em si, como uma história e seu elemento fundador é o nome próprio.²⁷⁴ É justamente a nomeação que possibilita a introdução de categorias como a de *trajetória*. Além disso, ela também reconhece a necessidade de uma redefinição da noção de contexto.²⁷⁵

Finalmente, para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o retorno da biografia, mais especificamente o estudo e análise de narrativas biográficas, pode proporcionar aos

²⁶⁹ BOURDIEU, 2006, p. 186-187.

²⁷⁰ BOURDIEU, 2006, p. 189-190.

²⁷¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 190.

²⁷² SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o Duque de Caxias. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 9, agosto, 2012, p. 107.

²⁷³ SOUZA, 2012, p. 109.

²⁷⁴ SOUZA, 2012, p.113.

²⁷⁵ SOUZA, 2012, p. 121.

historiadores a inserção, em seu método, da prosopografia.²⁷⁶ A prosopografia resultaria no delineamento de um perfil por escrito de uma pessoa ou personagem, constituindo uma espécie de monumento, palavra que tinha na Antiguidade o sentido de produzir uma imagem ou coisa para provocar a lembrança.²⁷⁷ Na Antiguidade, ela consistia em analisar em conjunto as biografias de pessoas ou personagens pertencentes a uma mesma categoria social, notadamente às elites políticas e sociais, para retirar o que seriam traços de conjunto, perfis modelares no campo da virtude, da oralidade, dos costumes, do civismo, das atividades políticas e militares. A prosopografia reduzia, assim, um grupo de indivíduos a um perfil coletivo, retirando deles a singularidade e elevando-os à exemplaridade, o que exigia encontrar no singular o que pudesse ser generalizável.²⁷⁸ A prosopografia é, portanto, um dos gêneros do biográfico.²⁷⁹

Albuquerque Júnior aponta que o gênero praticamente desaparece na Idade Média, já que as narrativas de vidas passaram a se concentrar em tratar daqueles que de Deus estiveram ou estivessem mais próximos; daqueles que se obstinaram a medir a distância que os separava do convívio com Deus, a mesurar o devotamento, a entrega dessa vida a esse Outro absoluto que tudo exige e tudo deseja, de vontades imperativas e indiscutíveis.²⁸⁰ A prosopografia dava lugar à hagiografia. A hagiografia narra a busca, a trajetória, o caminho, o percurso que leva uma vida a se aproximar de Jesus, tornando-se mais um de seus discípulos. As narrativas de vidas místicas são um dos acontecimentos que deram origem à noção de indivíduo na sociedade ocidental. Embora o texto prosopográfico construísse perfis individualizados, o que se queria era, ao compará-los, encontrar regularidades, regras, balizamentos éticos, morais, religiosos e políticos que dotassem os homens das elites de certa homogeneidade, que os submetesse a um dado modelo de subjetividade. Já na modernidade, o que se vai buscar é o cidadão, e não o indivíduo.²⁸¹

Albuquerque Júnior afirma também que enquanto a prosopografia antiga pressupunha a descrição de uma vida que se passava às claras e em público, a narrativa biográfica pressupõe um mistério, um não dito, uma parte do sujeito que se passa nas sombras da vida privada, que

²⁷⁶ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografismo. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 15-38.

²⁷⁷ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 15.

²⁷⁸ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografismo. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 15-16.

²⁷⁹ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 16.

²⁸⁰ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 17.

²⁸¹ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 17-19.

não só precisa vir à luz, como se torna a essência mesma, o motor não revelado da ação social.²⁸² A prosopografia, a comparação de vidas, vai perdendo espaço numa sociedade que tende a considerar cada ser como tendo uma trajetória de vida única, fruto de uma formação marcada por eventos e iniciativas singulares.²⁸³

Inventário de traços socialmente comuns, pesquisa de regularidades na ação social, nos comportamentos, nos costumes, nos hábitos, cotejo de relações entre os homens de uma dada condição social, análise de padrões e códigos sociais que moldam um conjunto de vidas num dado momento e espaço, pesquisa de símbolos, linguagens, gestos, rituais que constituem um dado corpo social, a prosopografia daria atenção, numa linguagem contemporânea ao que seria da ordem estrutural, enquanto a biografia estaria mais afeita ao eventual, ao individual, ao que foge da regra, do comum, do cotidiano, ao excepcional, a ação ou fala que transgridem, que individualiza e destaca alguém, é a pesquisa de signos que diferenciam e não que conformam a uma dada semelhança, seria o mergulho para um interior do sujeito onde se busca encontrar aquilo que o faz ser diferente, enquanto o prosopográfico dispõe os indivíduos sobre uma tábua e os compara, atendo-se mais ao que na superfície de seus ser os torna semelhantes.

Do ponto de vista da historiografia, ao enfatizar a descontinuidade, ao destacar a ruptura, ao deslocar o lugar da fala do historiador do passado para o presente, ao tornar o discurso historiográfico um discurso problematizador da tradição, tanto a historiografia dos *Annales*, tanto a historiografia marxista, que privilegia a revolução, a transformação, o corte, romperão com o modelo biográfico de narrativa: primeiro, rompendo com o pressuposto da continuidade do indivíduo; segundo, com o pressuposto de que sob o mesmo nome aloja-se sempre uma mesma subjetividade, de que o que o indivíduo é no presente já se anunciava no passado.²⁸⁴ A historiografia vai deslocar o indivíduo para ser a resultante de suas ações ou das ações variadas que advêm do social e, por isso mesmo sujeito a mutações, a desdobramentos, a inflexões, a mudanças de rumo, a transformações que o tornam um novo e diferenciado sujeito.

Para ele, se hoje o prosopográfico se coloca como recurso a ser usado pelos historiadores, isso se dá a par com o próprio renascimento da biografia como campo de estudos de interesse.²⁸⁵ O biográfico hoje praticado nas ciências sociais abre campo, permite e

²⁸² ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 19-20.

²⁸³ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 21.

²⁸⁴ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografismo. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 15-38.

²⁸⁵ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 26.

até convoca o retorno da prosopografia como recurso heurístico e como modelo de análise social.²⁸⁶ A biografia só terá sentido para o historiador se inventariar as diferenças constituintes do próprio indivíduo biografado, se encontrar, naquele que se diz um, muitos outros, se empenhar-se em marcar os momentos de descontinuidade e inflexão na vida que é contada.²⁸⁷ A biografia significa hoje desenhar uma figura de sujeito naquilo que ela se assemelha e se distancia em relação a um todo social que é a sua própria possibilidade de existência.²⁸⁸

O gesto biográfico permitido e convocado hoje para e pela historiografia é aquele que dispersa o sujeito, que não faz dele o núcleo de sentido de seu próprio existir, de suas próprias ações.²⁸⁹ Ao comparar vidas narradas, a prosopografia torna possível não apenas encontrar regularidades culturais, sociais, econômicas, políticas, ideológicas atravessando e constituindo essas vidas, mas encontrar as próprias regularidades no discurso que as informam e transformam em biografias.²⁹⁰ A esses elementos que se repetem com dada regularidade nas narrativas biográficas, que se constituíram em um dos objetos da análise prosopográfica, o autor chama de biografemas. Os biografemas seriam os elementos sem os quais não haveria narrativa biográfica, as unidades menores e consideradas nucleares e incontornáveis na narrativa de uma vida: local e data de nascimento e local e data da morte, o que configura o que se poderia ou não chamar de geração, o pertencimento a um dado tempo e espaço; origem social, por exemplo, profissão a que se dedicavam os pais; formação escolar e profissional; articulações sociais e políticas, instituições de que fizeram parte, em que trabalharam ou estudaram, vinculação ou não a atividades partidárias, políticas ou ao exercício de cargos públicos; redes intelectuais, instituições culturais ou artístico-literárias de que faziam parte, contatos intelectuais e, principalmente, o contato que estabeleciam entre si.²⁹¹

São alguns dos termos que envolvem a produção relacionada à escrita biográfica: retomada, contexto, nome, concepção de sujeito, história de vida ou mesmo trajetória. Também é necessário pensar de que forma esses termos atuam na análise das crônicas de A. Tito Filho, já que este trabalho não aborda pessoas, mas escritos sobre as vidas de um conjunto de pessoas – as crônicas de A. Tito Filho nos colocam numa posição em que não

²⁸⁶ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 27.

²⁸⁷ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 31.

²⁸⁸ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 31.

²⁸⁹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografismo. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (Org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 33.

²⁹⁰ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 34.

²⁹¹ ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 34-36.

analisamos a vida dos biografados, mas o que se escreveu sobre eles. Aliás, essa é justamente a situação apontada por Adriana Barreto de Souza em suas pesquisas sobre o Duque de Caxias e uma das possibilidades colocadas por Durval Muniz Albuquerque Júnior ao abordar as prosopografias e seus biografemas.

Um caminho é afirmar que A. Tito Filho elaborou essas crônicas partindo do pressuposto de que são indivíduos cujas vidas mereciam ser lembradas, conseqüentemente não esquecidas, pelos serviços que prestaram; fossem no âmbito do trabalho ou das atividades intelectuais, por exemplo, as letras. Outra é questionar porque essa produção envolvia tantos intelectuais e literatos que foram membros da Academia Piauiense de Letras ou lá não conseguiram chegar. Já sabemos que o cronista era presidente da instituição e em outro momento de sua carreira já havia tentado empreender a escrita de uma história da literatura piauiense. Por último, até que ponto essas biografias apresentadas nas crônicas atendiam a um interesse do próprio cronista em narrar sua própria vida enquanto intelectual.

As crônicas também apontam para muitas das questões acima, como o uso do nome próprio, já que praticamente todas as crônicas têm como título o nome do biografado. Mas de qualquer forma, ainda que o nome próprio seja muitas vezes utilizado para estabelecer uma unicidade da identidade, o cronista buscou ressaltar as formas que as práticas de seus biografados podiam tomar, como no caso de Félix Pacheco. Outro aspecto importante foi analisar como A. Tito Filho elaborou essas crônicas para estabelecer o registro de seus biografados enquanto um grupo cultural.

Para Raymond Williams, o estudo de grupos culturais implica em saber quais os termos através dos quais eles se viam e aqueles pelos quais gostariam de ser apresentados, e que, ao mesmo tempo, nos permitem analisar estes termos e sua significação cultural e social. Por exemplo, os valores que tornaram os membros da fração Bloomsbury tão próximos deram a eles uma autoestima que os fazia sentir, num olhar auto reflexivo, como diferentes dos outros, o que, por sua vez, poderia identificá-los imediatamente.²⁹² Mas o autor também aponta que não podemos descrever nenhum grupo cultural simplesmente em termos internos: dos valores que eles sustentaram, dos significados que eles tentam viver. O que importa, finalmente não é o âmbito das ideias abstratas, mas o das relações efetivas do grupo para com o sistema social como um todo.²⁹³

²⁹² WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural: Sociologia*, USP, São Paulo, 6, 1. sem. 1999. Tradução de Rubens de Oliveira Martins e Maria Cavalcante de Barros, p. 145-146.

²⁹³ WILLIAMS, 1999, p. 153.

Assim, a intenção do cronista, de ir colocando em crônica a vida de autores injustamente esquecidos por uma população que, em seu julgamento, desprezava os intelectuais piauienses mesmo que tivessem prestado relevantes trabalhos ao Estado ou pelo menos às letras piauienses, precisa ser pensada também nos termos de uma relação de grupo – do grupo dos intelectuais/literatos piauienses entre si – e suas relações com a sociedade piauiense, pelo menos tomando como referência o momento de elaboração das crônicas.

No próximo capítulo, veremos como esse processo de fazer coincidir um olhar, buscar reconhecimento, marcar uma identidade de intelectual, o que envolvia ressaltar a prática da leitura e da escrita, também está presente na forma como A. Tito Filho escrevia e, conseqüentemente, fazia uma leitura da história do Brasil e do Piauí – veremos como o cronista buscou elaborar uma leitura da história do Brasil e do Piauí, ou seja, uma forma, para ele correta de ler o passado e que conteúdos faziam parte dessa proposta. Além disso, veremos também ele tentou deixar marcada nas crônicas a identidade de sujeito leitor – que desde criança teve na leitura uma importante forma de aprendizado e de sociabilidade.

3 HISTÓRIA E LITERATURA NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

Desde frangote, aprecio a boa leitura...

A. Tito Filho

O grau do senso histórico de uma época pode ser avaliado pela maneira como ela faz traduções e procura absorver épocas e livros do passado. No tempo de Corneille, e ainda no da Revolução, os franceses se apropriaram da Antiguidade romana de uma forma de que já não teríamos coragem – graças ao nosso elevado senso histórico.

F. Nietzsche

3.1 A. Tito Filho, leitor da história

Ainda que a função social dos intelectuais geralmente seja definida por sua estreita relação com a escrita, a leitura também se constitui em elemento fundamental no papel de intelectual.²⁹⁴ Para Hobsbawm, até os séculos XIX e XX o monopólio da capacidade de ler e escrever no mundo alfabetizado e a instrução necessária para dominá-los também implicavam um monopólio de poder, protegido da competição pelo conhecimento de línguas secretas especializadas, ritual ou culturalmente protegidas.²⁹⁵ Além disso, no século XX, a ascensão de um público leitor em massa e, portanto, os potenciais propagandísticos das novas mídias ofereceram inesperadas possibilidades de destaque para os intelectuais conhecidos que até governos podiam utilizar.

Nas crônicas, A. Tito Filho empreende uma leitura da história do Piauí e da história do Brasil marcadas pela intenção de deixar estabelecida uma imagem de leitor, ou melhor, um praticante da leitura desde a infância. Esta forma de se apresentar nas crônicas, como leitor, era uma maneira de legitimar sua condição, no presente, de literato. Era também uma tentativa de consagração através da memória, como se a vida inteira fosse uma preparação para o que iria se tornar, uma estratégia bastante utilizada por outros escritores.²⁹⁶ A elaboração de uma identidade de leitor era importante não apenas na construção de sua imagem de literato, mas também como forma de tentar estabelecer uma maneira de ler a história: poderíamos mesmo

²⁹⁴ HOBBSAWM, Eric. Os intelectuais: papel, função e paradoxo. In: HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 226.

²⁹⁵ HOBBSAWM, 2013, p. 227.

²⁹⁶ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A crônica como escrita autobiográfica: A. Tito Filho e a invenção de si. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 10. Disponível em: < <http://bit.ly/J9vitj> >. Acesso em: 21 maio 2012.

dizer que ao reler a história do Piauí e do Brasil, produzia uma forma, que julgava correta, de ler o passado.

Dentre os temas mais recorrentes nas crônicas, e que poderíamos mesmo considerar como séries, aparecem a proclamação da independência do Brasil em 1822, sobretudo inserindo o tema da batalha do Jenipapo; a abolição da escravatura no Piauí; o povoamento do Piauí e o Estado Novo no Piauí. São crônicas muito próximas do sentido antigo da crônica,²⁹⁷ ou seja, o que toma o cronista como aquele que compila e historia os fatos. Assim, focando especificamente na forma como o cronista lê e interpreta a independência do Brasil, e mais especificamente a batalha do Jenipapo, aponta que ela foi

[...] carnificina pavorosa. A luta no Piauí decidiria a unidade nacional. Achamos, pois, que a verdadeira independência do Brasil se verificou a 13.03.1823, às margens do rio Jenipapo, perto da vila piauiense de Campo Maior. Salvo melhor juízo. Três as fases do processo político da independência: o gesto inicial e pioneiro dos parnaibanos, depois a habilidade do dono de gado e vaqueiro chamado Manuel de Sousa Martins e por fim a consolidação destes fatos na sangrenta batalha do Jenipapo, a 13.03.1823 – data da verdadeira emancipação do Brasil, com a afirmação da unidade nacional.²⁹⁸

Essa escrita da história aparecia como uma necessidade de interpretação da independência no Piauí,²⁹⁹ que alguns, segundo ele, já tentavam fazer. Para ele, no começo do século XIX a economia brasileira estava muito abalada, com suas principais fontes de riquezas, o ouro, os diamantes e o açúcar, desorganizadas e decadentes. Por conta dessa situação

[...] retornando a Portugal, em 1821, Dom João VI despachou para o comando das armas do Piauí o oficial português João José da Cunha Fidié, que escreveria, ao depois: ‘Na ocasião de minha partida. Sua Majestade me ordenou muito positivamente: mantenha-se, mantenha-se’ – isto é, conserve o Piauí sob o domínio português. Sabia o monarca que o Piauí era a mais rica das capitânicas do Norte, rico em gado, fonte de abastecimento do sul e do norte, fonte de riqueza de Portugal. Do Piauí seguia carne para Lisboa. Dominando o Piauí, dominaria econômica e politicamente o norte e sujeitaria o sul. Evitaria o triunfo dos independentes na Bahia, cortando o suprimento de carne.³⁰⁰

²⁹⁷ OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. História em crônicas/crônicas da história: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 8. Disponível em: < <http://bit.ly/OJeD3U> >. Acesso em: 30 agosto 2012.

²⁹⁸ TITO FILHO, A. A Independência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 out. 1987.

²⁹⁹ TITO FILHO, A. Independência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 mar. 1989.

³⁰⁰ TITO FILHO, A. Independência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 mar. 1989.

O cronista julgava que a independência no Piauí e no Maranhão era uma “epopeia que não encontra similar em qualquer das campanhas emancipadoras dos povos americanos”.³⁰¹ Além disso, o cronista ressaltava que no norte a independência foi marcada por intensas batalhas enquanto no sul foram “aplausos e festas”. Sua interpretação da história da independência no Piauí demonstra que o Estado não aderiu à independência, constituiu-a. Portanto, “há necessidade de revisão de livros de história pátria, notadamente os didáticos, em que deve ser incluído o esforço piauiense na luta de emancipação”.³⁰² Na crônica Dia do Piauí,³⁰³ faz uma descrição detalhada de todo o processo de adesão do Piauí à proclamação de independência do Brasil, reafirmando o fato de que a batalha travada em Campo Maior decidira a unidade brasileira:

Pois Portugal queria dois Brasis: o do Norte para ele, rico em gado, o dinheiro do tempo, e o do Sul, ainda pobre e sem condições de abastecer-se, justamente o Brasil que os portugueses não faziam conta. No Sul a independência valeu um grito, aplausos e festas. No Norte, fome e peste, sangue e morte. A batalha do Jenipapo foi carnificina pavorosa. Alberto Silva, no seu primeiro governo do Piauí, fez justiça, erguendo à memória dos heróis da sangrenta luta um monumento de extraordinária beleza cívica. Achamos que a verdadeira independência do Brasil se verificou a 13.03.1823, às margens do rio Jenipapo, perto da cidade piauiense de Campo Maior.³⁰⁴

É fundamental que essa escrita da história, como uma forma de operação historiográfica,³⁰⁵ é também uma escrita de si mesmo, de um grupo social, de uma instituição, de um espaço e um tempo através de uma problemática do presente, com os limites que nos colocam as fontes, a organização dos arquivos, nossa própria formação, a herança de uma tradição de escrever a história e concebê-la como disciplina, um olhar socialmente situado e de um gênero textual.³⁰⁶ As crônicas tentam criar um laço entre os leitores piauienses do presente e o passado do Piauí e do Brasil, com a história servindo de “cimento social”.³⁰⁷

³⁰¹ TITO FILHO, A. A Batalha. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 abr. 1989.

³⁰² TITO FILHO, A. Independência do Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 05 abr. 1990.

³⁰³ TITO FILHO, A. Dia do Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 out. 1990.

³⁰⁴ TITO FILHO, A. Dia do Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 out. 1990.

³⁰⁵ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Tradução de Maria de Lourdes Meneses; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 65-122.

³⁰⁶ MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 15.

³⁰⁷ MONTEIRO, 2006, p. 11.

Se de um mesmo evento podem surgir múltiplas interpretações,³⁰⁸ o que motiva o cronista a focar tanto sua escrita na batalha é justamente a possibilidade de inserir sua própria interpretação – que implicava ver a batalha como uma epopeia – e ao mesmo tempo reivindicar um lugar de destaque para a batalha no cenário da história nacional. Para isso, acaba movendo a crônica para seu sentido moderno, ou seja, onde o cronista não só compila fatos, mas ao mesmo tempo os interpreta.³⁰⁹ Essa preocupação do cronista em deixar marcada sua condição de leitor está presente em crônicas como *Leitura*,³¹⁰ onde aponta que

[...] desde frangote, aprecio a boa leitura de romances nacionais e portugueses. Novinho, li *A Moreninha*, do Macedo, e a obra completa do José de Alencar. Muito boa a coleção SIP, de aventura e amor, cada volume custava dois mil-réis. Nunca esqueci o heroísmo do pessoal de *A Patrulha da Madrugada*. Nesse tempo Júlio Verne estava na moda. Tomei-me de entusiasmo com a sua ficção maravilhosa. Não perdi uma publicação da série *Terra-Mar-e-Ar*, estórias em terras distantes. Pratiquei leitura de *Tarzan*, criado pela poderosa imaginação de Edgar Rice Burroughs, e pratiquei-a de fio a pavio.

Ainda leio muito. De vez em quando uma obra de estudo, para ver se me é possível compreender os meus companheiros de indagação. Já creio muito pouquinho em cousas sérias, principalmente no Brasil de muita pobreza e gente gastando a rodó nas butiques e nos motéis.

O cronista também mostra que ainda ginasiano

[...] em Teresina, nos domingos, eu fazia compras para leitura no M. A. Tote, casa de revistas de atualidades e literárias, entre as quais *Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler*, do Rio. Gostava desta última e colecionei muito tempo as suas edições. Os livros de minha predileção, adquiridos semanalmente, eram os da Coleção Terra-Mar-e-Ar, de aventuras, autores estrangeiros. Eu apreciava Emílio Salgari. Outra agradável série de romances de variado gênero me fugiu da memória. Custava cada exemplar dois mil réis, livro de tamanho pequeno. Na interessante coleção fiz leitura de *A Patrulha da Madrugada*, que o cinema aproveitou para excelente filme de aviação; *Nana*, de Zola, e obras de autores russos e ingleses. Muito me robusteceram a inteligência os livros de Edgar Rice Burroughs (*Tarzan*) e Júlio Verne. Li-os quase todos de ambos os autores.

Teresina, na década de 30, possuía uma loja bem sortida, espécie de bazar de mil utilidades, sem que lhe faltassem edições literárias de Portugal e do Brasil. Tratava-se do estabelecimento comercial de Juca Feitosa, na antiga

³⁰⁸ Ver: QUEIROZ, Teresinha. Visões e revisões. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 48, setembro, 2009, p. 30.

³⁰⁹ OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. História em crônicas/crônicas da história: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011, p. 8. Disponível em: < <http://bit.ly/OJeD3U> >. Acesso em: 30 agosto 2012.

³¹⁰ TITO FILHO, A. *Leitura*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 abr. 1988.

rua Bela. Nele adquiri romances de Alencar, Bernardo Guimarães, Manuel de Macedo, Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas. Deliciosos para a minha adolescência. Custavam pouco e tinham aspecto pobre, com capas extravagantes.³¹¹

As crônicas em que A. Tito Filho procuram criar para si uma imagem de leitor, que desde a infância procurou cultivar o hábito da leitura, o fazem retornar ao seu percurso de Barras à Teresina, para onde seu pai se dirigiu à trabalho:

Nos meus brincos de infância, em Barras e no velho Marruás, hoje Porto, gente idosa, parentas velhas, caboclos da terra contavam estórias bonitas e medonhas, umas de arrepiar cabelo, outras de deleite e encantamento. Quando da adolescência em Teresina, meninos do meu tope se reuniam de noite nas calçadas do médico Benjamin Baptista, conceituado e culto, e cada qual narrava contos de macaco, de onça, de gigantes, de heróis e de bandidos - e um desses colegas era filho do dono da casa, Stanley, que pela dedicação aos livros e caráter bem formado, se tornaria das mais brilhantes figuras do Exército Nacional. Momentos felizes e alegres, dava gosto vivê-los, e nunca se supunha que eles se fossem, deixando memórias inesquecíveis.³¹²

Essa relação com a leitura, que o faz retrair a vida, da infância a fase adulta, é presente também na forma como o autor via sua relação com a língua portuguesa, relação essa que geraria uma coluna como Lições dos outros e mesmo livros como *Anglo-norte americanismos no Português do Brasil*.³¹³ Na coluna Lições dos outros, o autor respondia a dúvidas, geralmente de leitores, acerca de questões gramaticais e de ortografia da língua portuguesa, além de questões relativas a traduções de palavras inglesas para a língua portuguesa. Essa coluna provavelmente o ajudou a construir uma imagem de professor, de mestre, mas ela veio através da leitura:

Ao tempo dos meus estudos ginasiais no velho e bom Liceu Piauiense, costumava fazer a leitura dos três volumes de ensinamentos gramaticais de Cândido de Figueiredo, que mantinha, na imprensa de Lisboa, coluna de resposta a consulta de leitores. Satisfiz muitas curiosidades, mas não considerava práticas as lições do escritor lusitano. Já professor do ensino médio, li as interessantes dificuldades expostas por Maximiano Gonçalves. Também me servi de Napoleão Mendes de Almeida, com quem, anos depois, troquei ideias num encontro de literatura realizado em Fortaleza. Outro estudioso de fatos de linguagem, Silveira Bueno, expôs esclarecimentos numerosos nos seus vários volumes de questões de português, em resposta a pessoas que lhe dirigiam cartas de perguntas. Faz

³¹¹ TITO FILHO, A. Leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 abr. 1990.

³¹² TITO FILHO, A. Tempo de leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 dez. 1988.

³¹³ TITO FILHO, A. *Anglo-norte americanismos no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Artenova, 1986.

algum tempo adquirir uma obra simples, com o registro de dezenas de observações de ortografia, colocação, regência, concordância, emprego de pronomes, trabalho de singular clareza, inteligente e de muita oportunidade, mas incompleto no tocante ao número de casos de mais necessidade, sobretudo aos principiantes. Trata-se do livro de Vitório Berço *Erros e Dúvidas de Linguagem*.

Durante anos li dicionários, palavra por palavra, a começar pelo monumental Moraes, e outros, como os de Aulete, Mesquita de Carvalho, Antenor Nascentes, Laudelino Freire, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Retirei dezenas e dezenas de vocábulos e examinei de cada um as dificuldades que poderiam oferecer aos iniciantes no estudo de língua portuguesa. Grafia de nomes, conjugação e regência verbal, indicações de crase, emprego de pronomes, gentílicos, e muitos outros aspectos convocaram-me comentários. Pensei em publicar um livro com o nome de consultório e o projeto continua nas minhas cogitações.³¹⁴

A relação com a leitura, nas crônicas, é marcada por um terceiro movimento: justamente o de estabelecer a literatura como fonte privilegiada para o estudo da história. O cronista, quando organizou e comentou a obra de Raimundo Zito Baptista, escreveu que:

Em Zito não há o sentimento da paisagem piauiense. Amadureceu no mundo da máquina, da metralhadora, do avião, da guerra - mas esses temas não se revelam nas suas criações poéticas. Toda a sua temática é melancólica - as angústias íntimas vitais e universais. Verso denso, energético, grave, dolorido. Habilíssimo no decassílabo. Sua obra revitaliza os temas fundamentais do amor, do ódio, da mulher, do sofrimento. Puro tradicionalismo estético, de terrível sinceridade, de realidade viva e dolorosa. São raros os poetas como ele, de tanta força expressiva. Há, nas suas concepções, desolada e humana visão da vida e da intimidade do homem. Poesia psicológica - poesia essencial.³¹⁵

Para ele, na poesia de Zito Baptista não se encontra a paisagem piauiense – a paisagem social, histórica e geográfica. Por isso, sua literatura pertence à literatura brasileira, mas não à piauiense, não à literatura da terra natal. O cronista, então, defende o princípio de que a literatura piauiense se comporá dos documentos cujo conteúdo seja de temas da terra natal, ou seja, seus problemas, de qualquer natureza, e, se assim for, esse documento incorporará o “cenário natural piauiense”. É justamente esse aspecto de documento que incorpora seu meio (interior e exterior) que faz o cronista produzir uma série de textos que abordam a obra de José Expedito Rêgo.³¹⁶ Para ele, o romancista era de conteúdo nitidamente nordestino e

³¹⁴ TITO FILHO, A. Consultório. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 jun. 1989.

³¹⁵ TITO FILHO, A. Literatura piauiense. *O Dia*, Teresina, p. 4, 08 nov. 1987.

³¹⁶ José Expedito de Carvalho Rêgo nasceu em Oeiras (PI), 1928 – faleceu em Floriano (PI), 2000. Formado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia. Romancista, escreveu *Vaqueiro e Visconde*; *Malhadinha* (1990) e *Vida em contraste* (1992). Em 1995, lançou *Estórias do tempo antigo*, sobre o folclore de Oeiras. Pertenceu à

[...] de modo particular piauiense, fixando-se nos homens que fizeram as páginas históricas de mais grandeza cívica do Piauí, e também revelando a paisagem social da antiga Oeiras, em largo período – que vai do nascimento de Manuel de Sousa Martins até o declínio político daquele que governaria a província piauiense por quase vinte anos, com pulso seguro e firme, fiel aos princípios e ditames da sua fé: a ordem e a disciplina.³¹⁷

A mesma admiração era dedicada à Alvina Gameiro,³¹⁸ por conta da publicação da obra *Curral de serras*. Sobre a personagem Isabela, escreve que ela se constitui em:

Magistral tipo interiorano, se incorporará às mais notáveis figuras femininas da criação literária brasileira. [...] Raras vezes a vida literária nacional recebe obra de labor e de encanto, a modo deste *Curral de serras*, romance ímpar, obra-prima de criatividade e documento da expressão do caboclo nordestino.³¹⁹

O mesmo valia para Edson Pacheco e seu *Benedita*.³²⁰ Em virtude do falecimento do autor, A. Tito Filho lhe dedicou uma crônica, onde descreveu seu romance como

[...] de muita fidelidade a hábitos e costumes interioranos, e as velhas normas provincianas de uma Teresina que só existe na lembrança da gente que está ficando ou ficou velha. Depois, os fatos se desenrolam em Caxias, onde a personagem central se encontra com os males de uma sociedade casuística, omissa com os desafortunados, como também se familiariza com caracteres perversos e exploradores. Daí foi para a capital maranhense, em que conheceu novas fases da vida, umas humanizadas, outras indignificantes.

O romance desperta interesse e pede meditação. Nele há tipos humanos de retratos psicológicos bem feitos. O cenário é sincero. As paisagens se mostram vivas, espelhadas de modo correto. Existe harmonia com o tempo em que o enredo se passa e se desenvolve. Realizam-se dramas de vidas simples de consciência como de miséria. Narra-se plenitude de preconceitos de toda ordem. E mais: desfilam almas rudes, gente de critério vário na prática do bem e do mal. No término, o processo educativo modifica caracteres.

Academia Piauiense de Letras e foi sócio fundador do Instituto Histórico de Oeiras. Ver: GONÇALVES, Wilson. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 323-324.

³¹⁷ TITO FILHO, A. Gente e História, I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 jul. 1988.

³¹⁸ Alvina Fernandes Gameiro nasceu em Oeiras (PI), 1917 – faleceu em Brasília (DF), 1999. Formada pela Escola Nacional de Belas-Artes. Graduiu-se pela Universidade de Colúmbia (Nova Iorque, EUA). Foi professora de português e inglês em vários educandários do Piauí, do Maranhão e do Pará. Entre os vários livros que publicou, os mais citados por A. Tito Filho são *Curral de serras* (1980); *15 contos que o destino escreveu* (1970) e *Contos dos sertões do Piauí* (1980). Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira nº 14. Ver: GONÇALVES, 2007, p. 49-50.

³¹⁹ TITO FILHO, A. Alvina de novo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 nov. 1988.

³²⁰ PACHECO, Edson. *Benedita: a pureza que emergiu do lodo*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983.

O autor teve muito senso de observação, como convém aos que concebem a obra para realizá-la bem dotada de realidade, escoimada dos defeitos de fantasia.³²¹

A preocupação do autor era deixar marcada uma concepção de literatura fundada numa espécie de realismo, ou mesmo um hiper-realismo, como vimos anteriormente, que a obra literária fosse expressão do meio físico e cultural da realidade mais próxima do autor. Para ele, o objetivo de todo escritor era captar a realidade e transpô-la para a literatura, como se quisesse copiar o “espetáculo da vida social”.³²² A literatura precisa buscar os fundamentos populares da sociedade, pois a cultura da elite se deforma:

A cultura oficial sempre se mostra aleijada e falsa. Só a cultura popular tem raízes certas. A literatura se completa exclusivamente com a participação do povo.

Existe literatura piauiense? Creio que sim, uma vez que as obras dos nossos escritores revelam aspectos da vida social do homem piauiense, na paisagem geográfica piauiense e no momento histórico piauiense. E isto é literatura. Vejamos os autores mortos, a fim de que evitemos aborrecimentos por parte dos vivos que às vezes a gente deixa de citar.³²³

Para Darnton, a leitura, e mesmo a história da leitura, não é simplesmente uma habilidade e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura. Além disso, o “onde” da leitura é muito importante, pois ele fornece o contexto em que o leitor faz sua leitura, sua experiência.³²⁴ Para A. Tito Filho, o autor e o romance que mais lhe pareciam adequados a essa proposta de literatura foram Abdias Neves e *Um manicaca*. O romance foi motivo de uma série de crônicas, além de A. Tito Filho ter se tornado uma figura constante nas edições do romance publicadas a partir da década de 1970.

3.2 Literatura como história

Além de uma série de crônicas sobre Abdias Neves e sobre o romance *Um manicaca*, A. Tito Filho também elaborou dois importantes textos sobre o autor piauiense: um texto publicado em 1982, intitulado *Um manicaca: documento de uma época*,³²⁵ e uma biografia do

³²¹ TITO FILHO, A. Benedicta. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 dez. 1988.

³²² TITO FILHO, A. Literatura piauiense. *O Dia*, Teresina, p. 4, 03 maio 1992.

³²³ TITO FILHO, A. Literatura piauiense. *O Dia*, Teresina, p. 4, 03 maio 1992.

³²⁴ DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 168-201.

³²⁵ TITO FILHO, José de Arimathéa. *Um manicaca: documento de uma época*. Teresina: COMEPI, 1982.

autor publicada pela editora da Universidade Federal do Piauí intitulada *Abdias Neves*.³²⁶ Em ambos, existe a preocupação de tornar visível tanto o autor como a obra para as gerações atuais, bem como trazer ao público e incentivar a leitura de informações sobre obras que haviam caído numa espécie de esquecimento, gerada pelo esgotamento das edições ou mesmo por falta de investimentos em novas edições.

No livro *Um manicaca: documento de uma época*, Tito Filho elabora uma biografia do autor, um resumo do romance e busca registrar já no início do livro o aspecto que julgava o mais importante acerca obra: o fato de ela se configurar como um documento sobre a cidade de Teresina, na passagem do século XIX para o XX. Para ele, Abdias Neves, por meio do romance, registrou, por exemplo, moda masculina ou feminina: bengala, camisa de colarinho alto, flor na lapela, leque, paletó feminino, chinelo de couro, mandrião, chambre, cabelo à escovinha, espartilho, bofes de surate, ceroulas.³²⁷

A. Tito Filho faz também uma descrição, capítulo por capítulo, dos termos de época utilizados em *Um manicaca* por Abdias Neves, e que também estão presentes no livro ao final de cada capítulo. O livro também traz uma descrição das personagens, aqui denominados tipos, apontando as devidas características de cada um. Além disso, o livro traz uma série de explicações acerca do romance e da vida do autor, que ele julgava importantes para o entendimento da obra. Dentre outros objetivos, procura demonstrar que sua preocupação era deixar marcada a prioridade do romance de Abdias Neves como o inaugurador do gênero no Piauí; que o entendimento da obra passa pela compreensão das ideias correntes no final do século XIX no Brasil, como por exemplo, a forte influência de Eça de Queiróz; a fisionomia urbana e social de Teresina descrita no romance; o modo de ser das personagens; a classificação do romance como pós-patriarcal, portanto, as personagens femininas e homens jovens demonstram grande protagonismo, além das razões que levaram o autor a se posicionar tão acirradamente contra as doutrinas da Igreja Católica.³²⁸

Um aspecto que diferencia este livro do que seria publicado posteriormente em parceria com J. Miguel de Matos é o fato de apresentar trechos de todos os capítulos do livro (são 16 ao todo). Já na obra publicada em 1984, e que visava sobretudo trazer dados biográficos sobre o autor, além de trechos de vários de seus livros, existe uma preocupação em definir melhor as razões pela qual o romance deveria ser lido, bem como a importância da obra de Abdias

³²⁶ MATOS, J. Miguel de; TITO FILHO, José de Arimathéa (Org.). *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984.

³²⁷ TITO FILHO, José de Arimathéa. *Um manicaca: documento de uma época*. Teresina: COMEPI, 1982. p. 41-42.

³²⁸ TITO FILHO, 1982, p. 43.

Neves. Na abertura do livro, que era uma publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Piauí e fazia parte de uma coleção intitulada Vida e Obra de Autores Piauienses, ficava estabelecido que a coleção era

[...] destinada não só aos alunos de 2º grau mas também a universitários, professores, críticos e estudiosos do assunto. [...] Tem como escopo retirar do obscurantismo ilustres piauienses, cujas obras, não editadas ou já esgotadas, caíram no esquecimento.³²⁹

Além disso, havia também a preocupação de reverter a ideia de que Abdias Neves havia produzido pouco, por isso o livro traz as várias áreas de atuação do escritor: é apresentada ao leitor uma descrição do Abdias Neves historiador, romancista, exegeta religioso, o político e o poeta. O livro também traz trechos de várias obras do autor e praticamente reproduz o texto de A. Tito Filho, *Um manicaca*: documento de uma época, contando apenas com algumas modificações nos títulos das seções. Também reaparece uma ênfase muito grande no Abdias Neves romancista, o que significa dizer que ainda que existisse uma preocupação em mostrar que o autor escreveu muito e, portanto, possuía obra variada que ia da história à poesia, a preocupação recaía em estabelecê-lo como o autor do romance que registrou o cotidiano da cidade de Teresina na virada do século XIX para o XX. Daí a presença dos mesmos trechos de *Um manicaca*: documento de uma época que demonstram como o autor não se preocupou apenas em narrar uma história, mas documentar a realidade teresinense, como percebemos neste trecho do romance:

Usanças: moças passeando de braços dados, o acendedor de lampiões a querosene, vida noturna dos homens nos botequins, reza do terço, as conferências ou prédicas dos padres nas igrejas, os oratórios familiares, venda de cargas d'água pelo meio das ruas e de feixes de capim em lombo de burro, enfeites de ruas com folhas de pati, vício do rapé em corrimboque, cartas anônimas de denúncia de adultérios, dança da quadrilha e da polca, sereno de festa.³³⁰

O livro também reafirma a prioridade da obra como a primeira no gênero romance publicada no Piauí, além delimitar as intenções do autor:

³²⁹ MATOS, J. Miguel de; TITO FILHO, José de Arimathéa (Org.). *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984. p. 7.

³³⁰ MATOS; TITO FILHO, 1984, p. 19-20.

É a primeira expressão de romance de costumes entre nós, embora o escritor, documentando a época vivida pela capital piauiense nos últimos tempos do século XIX, pretendesse sustentar as suas ideias anticlericais e o seu ateísmo, condenando ritos, crenças e processos religiosos da Igreja Católica.³³¹

Para os autores, a obra deveria ser lida tomando como referência a personalidade de seu autor e os caracteres humanos que davam vida à cidade.³³² Além disso, o entendimento da obra deveria passar pelas origens do autor: a formação de Abdias Neves serviria de base para a narrativa já que suas ideias coincidiam com as ideias da Escola do Recife³³³ e com o pensamento do realismo-naturalismo. Portanto, trata-se de romance naturalista, que expressa uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.³³⁴ Outra característica citada é a forte influência da literatura de Eça de Queiróz, já que Abdias Neves, assim como o escritor português, fez literatura contra a sonolência e o conformismo.³³⁵ Para A. Tito Filho, ambos buscaram o lado crítico e renovador, a irreverência contra os valores tradicionais de uma sociedade convencional, comprometida, arredada do progresso imposto por forças sociais.³³⁶ Outro ponto diz respeito ao fato de que a obra apresenta uma “fisionomia urbana e social” da Teresina do final do século XIX:

Uma sociedade de pequena classe média, quase proletarizada, vivendo num meio desconfortável, com luz de candeeiro, água conduzida sobre lombo de jumentos, cidade suja, sem trabalho, em que se salientavam inúmeros preconceitos. O livro é, assim, um documento da época, com as respectivas mentalidades.³³⁷

O livro também traz uma descrição das personagens e a preocupação em apontar o Dr. Praxedes como um alter-ego do autor – para A. Tito Filho o Dr. Praxedes é o próprio Abdias Neves. A principal preocupação dos autores, que também está presente no *Um manicaca*: documento de uma época é responder e ao mesmo tempo justificar a virulência da obra no que

³³¹ MATOS, J. Miguel de; TITO FILHO, José de Arimathéa (Org.). *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984. p. 7.

³³² MATOS; TITO FILHO, 1984, p. 21.

³³³ A formação acadêmica de Abdias Neves deu-se na Faculdade de Direito do Recife, onde concluiu o curso em 1898. A “Escola do Recife” refere-se à denominação dada ao movimento filosófico de ampla repercussão no pensamento brasileiro, nas últimas décadas do século XIX. Nascido sob a influência de Tobias Barreto teve entre seus representantes mais ilustres o crítico e historiador Sílvio Romero, cuja obra exerceu influência marcante entre os intelectuais piauienses formados pela Faculdade de Direito do Recife.

³³⁴ MATOS; TITO FILHO, 1984, p. 22.

³³⁵ Sobre a literatura de Eça de Queiróz Ver: CANDIDO, Antonio. Entre o campo e a cidade. In: CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. 5. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 39-59.

³³⁶ MATOS; TITO FILHO, 1984, p. 24.

³³⁷ MATOS; TITO FILHO, 1984, p. 24.

diz respeito à Igreja e ao clero.³³⁸ Outro aspecto ressaltado pelos autores era saber até que ponto o autor se irritava com o fato de ter vivido e trabalhado boa parte de sua vida em cidades pequenas do interior do Piauí, “acanhadas”, que não apresentavam horizontes. Situação que não era, portanto, condizente com a sua formação de bacharel “brilhante, culto”.³³⁹

Por último, o livro também aborda sua produção relacionada à crítica religiosa, sobretudo seu livro *Psicologia do Cristianismo*, considerado “o mais brilhante e discutido de seus livros”; sua atuação na política, descrevendo sua passagem pelo Senado da República por nove anos e listando uma série de proposições feitas por ele no período; e o poeta, “parnasiano ortodoxo”, sobretudo em virtude da então publicação da 1ª edição do livro *Velário*, apresentando também trechos de comentários de intelectuais piauienses que o exaltavam e reconheciam como um grande poeta.³⁴⁰

3.3 Nova edição, novas leituras

Em 2012, uma 5ª edição de *Um manicaca* veio a público, e o romance lançado no início do século passado apresenta pelo menos dois aspectos importantes: primeiro, a atualidade que o texto possui na história da literatura piauiense, e que mediações atuam com relação a esse aspecto; segundo, a forma como o texto se materializou na forma de livro: comparada às edições anteriores do romance, faz da 5ª edição não apenas um acontecimento editorial, mas, sobretudo, algo que permite ao historiador pensar e problematizar as novas possibilidades que essas mudanças trazem para a realização de uma história da leitura e da história da própria cidade de Teresina ao final do século XIX e início do século XX.

Teresina, espaço em que o romance acontece, é no final do século XIX e início do século XX, entre 1872 e 1940, uma cidade que não tinha um crescimento demográfico dos mais acentuados e não alcançava a média do Estado no mesmo período. Rarefação demográfica, emigração e nenhuma imigração estrangeira, esse é o quadro do Piauí no período. As décadas a partir de 1880 são significativas para um processo de mudança no Piauí no sentido de uma integração regional, e é quando surgem os primeiros sinais de modernização – representados pela navegação a vapor e pela instalação do telégrafo. Por

³³⁸ MATOS, J. Miguel de; TITO FILHO, José de Arimathéa (Org.). *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984. p. 26-28

³³⁹ MATOS, 1984, p. 26-27.

³⁴⁰ MATOS, 1984, p. 29-38.

conta das necessidades comerciais do Estado, intensificou-se a navegação do rio Parnaíba e de seus afluentes, que também impuseram ligações com a navegação de cabotagem diversificando as praças fornecedoras e permitindo relações diretas com o mercado europeu e americano. Teresina, no mesmo período, era descrita como tendo mais ou menos 500 casas de alvenaria e todas as demais de pau a pique. Existiam ruas inteiras de casas de palha, a iluminação era a lampião de querosene, inexistia qualquer sistema de esgoto e o cavalo era o único meio de condução.³⁴¹

A população do Piauí e particularmente a de sua capital também viveu àquela época uma situação crítica de miséria. Em decorrência da seca (1877-1879), famílias inteiras fugiam de suas províncias da região norte em busca de melhores condições de sobrevivência, e para a Amazônia, à época região da borracha. O período entre 1877-1914 marcou também para Teresina uma época de tentativas de ordenação do espaço urbano, quando seu ar típico de cidade “ordeira” e “pacata”, como registra a memória oficial, se altera com a instalação de novos habitantes migrantes de outros estados e do interior do Piauí, contribuindo para o aumento de conflitos sociais na cidade.³⁴² Em *Um manicaca*, Abdias Neves narra justamente o cotidiano dos migrantes, através do personagem Pedro Gomes e de sua família. Também tece comentários sobre a miséria em que se encontravam os retirantes, chegando ao ponto de muitas mães entregarem suas filhas à prostituição, angariando, com este ato, favores que lhe seriam negados de outra forma.³⁴³

A leitura feita por A. Tito Filho tanto no *Um manicaca*: documento de uma época como na biografia organizada em parceria com J. Miguel de Matos, também se fazem presentes na 2ª e na 3ª edição de *Um manicaca*,³⁴⁴ mas não aparecem na 5ª edição. O que interessa aqui é analisar de que forma elas atuam na leitura do romance – ou seja, de que forma elas tentam direcionar o leitor. Antecedendo a narrativa, a leitura empreendida por A. Tito Filho não só traz considerações importantes sobre a vida e a obra do autor, o que já observamos, como também mostra a importância de Abdias Neves no conjunto de intelectuais piauienses trabalhados pelo escritor, como vimos no capítulo anterior.

Analisando as três edições de *Um manicaca* – a 2ª (que é uma reprodução da 1ª, atualmente fora de catálogo), a 3ª (que traz textos importantes a serem analisados) e, por

³⁴¹ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 19-25.

³⁴² ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. *Cotidiano e pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 21-24.

³⁴³ ARAÚJO, 2010, p. 56

³⁴⁴ Não farei referências a primeira e nem a quarta edições de *Um manicaca*. A segunda edição do livro é uma reprodução da primeira, acrescida de um prefácio escrito por A. Tito Filho. A quarta edição é uma reprodução da terceira, literalmente.

último, a mais recente lançada em 2012 – a partir de diferentes propostas de estudo de fontes literárias, mas que se complementam, saber até que ponto as leituras empreendidas por A. Tito Filho se relacionam àquela *função de autor* analisada por Michel Foucault, tomando também como referências as abordagens de Robert Darnton e Roger Chartier para uma história da leitura.³⁴⁵

Para Robert Darnton, a bibliografia ganhou nova pertinência agora que, graças à internet, os textos se tornaram ao mesmo tempo mais disponíveis e menos confiáveis. Mas esses problemas não são novos. O autor mostra que desde as primeiras edições em livro das peças de Shakespeare, estudiosos têm identificado modificações e discrepâncias entre as diferentes edições justamente pela ação de pessoas (que vão desde atores que participaram das peças aos próprios impressores) que alteravam passagens dos textos, motivadas pela impossibilidade de conferência dos originais.³⁴⁶ Assim, para compreendermos a obra de um autor não basta saber fazer crítica literária. É preciso também ser bibliográfico – ou pelo menos saber o suficiente de bibliografia para saber como um livro era feito.³⁴⁷

Em conjunto com a filologia e outras habilidades profissionais, a bibliografia possibilita o reconhecimento de formatos, cotejo de assinaturas, como detectar correções, distinguir fontes, investigar marcas d'água, avaliar ilustrações e identificar encadernações. Para ele, a bibliografia foi posta de lado e ignorada pelas últimas tendências dos estudos literários. Da Nova Crítica dos anos 1940 ao desconstrucionismo dos anos 1960 e o novo historicismo dos anos 1980, o estudo dos textos foi se separando cada vez mais de sua materialização em livro³⁴⁸. Para Darnton a bibliografia pode contribuir para uma compreensão geral da literatura. Ela pode mostrar a diferença entre experiências diversas: por exemplo, assistir uma encenação num palco comparado a ler um texto numa página. Quaisquer que fossem os efeitos imaginados pelo dramaturgo ao redigir um texto, sua peça ganhava novos sentidos ao ser transformado em livro. A ação dramática poderia apenas ser imaginada pelos leitores, agora guiados por indícios tipográficos. Ele conclui ressaltando a necessidade de uma convergência entre bibliografia e história do livro.³⁴⁹

³⁴⁵ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault*: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos III). p. 264-298.

³⁴⁶ DARNTON, Robert. A importância de ser bibliográfico. In: DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. – São Paulo: companhia das Letras, 2010. p. 146.

³⁴⁷ DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 148.

³⁴⁸ DARNTON, 2010, p. 149-150.

³⁴⁹ DARNTON, 2010, p. 156-159.

É algo similar às propostas elaboradas por Roger Chartier para a história do livro e da leitura. Para Chartier, toda a história ou sociologia da leitura está envolta numa contradição: ou se considera o caráter todo-poderoso do texto e seu poder de condicionamento sobre o leitor – o que significa fazer desaparecer a leitura enquanto prática autônoma; ou se considera como primordial a leitura, produtora de sentidos não pretendidos e singulares – o que significa encarar a prática do leitor como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas as outras. Cabe então ao historiador transformar essa contradição, na verdade uma tensão, numa sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objetivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler, e que coloca no centro de suas investigações os processos pelos quais, em face de um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação.³⁵⁰

Ao analisar o Prólogo que Fernando de Rojas elaborou para a *Celestina*, Chartier demonstra que este exemplifica a tensão central de toda a história da leitura. Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo algum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma “caça furtiva”.³⁵¹ Por outro lado, o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo crítico e pelo editor como alguém submetido a um sentido único, a uma compreensão correta, a leitura autorizada. Esta tensão fundamental pode ser trabalhada pelo historiador através de uma dupla pesquisa: identificar a diversidade das leituras antigas a partir dos seus vestígios e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto.³⁵²

As três edições de *Um manicaca* identificadas anteriormente podem ser estudadas a partir das propostas dos autores citados acima, sobretudo se levarmos em conta que a organização dos livros não implicava primordialmente numa explicação do romance ou da relação entre Abdias Neves e seu conteúdo, mas sim como o livro deveria ser lido. Na 2ª edição, o primeiro texto é uma apresentação assinada por Jesualdo Cavalcanti Barros, então Secretário de Cultura, Desporto e Turismo do governo estadual. Ele aponta que a publicação da obra marcava a inauguração do plano editorial do Governo Hugo Napoleão³⁵³ e que este “resgatava para as novas gerações o retrato falado de nossa Teresina nos seus cinquenta anos

³⁵⁰ CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. p. 121.

³⁵¹ CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 236-263.

³⁵² CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. p. 122-123.

³⁵³ Ver: MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: UFPI, 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2010. p. 155.

de vida e badalação.” Era também uma forma de desobstruir os canais de comunicação com o passado, de espiritualizar distâncias, enfim, de reavivar memórias que se perdem no correr do tempo. Por último, aponta que seria uma forma de homenagear Abdias Neves, independentemente de sua postura ideológica e filosófica, sobretudo por representar ideais democráticos e de liberdade de expressão.³⁵⁴

A edição traz também uma biografia de Abdias Neves com dados relativos às suas atividades educacionais, jornalísticas, parlamentares e uma listagem de suas obras. Na sequência, a edição reproduz uma opinião da filha do autor, Maria Yara Neves Borges de Melo, sobre o romance em que identifica o personagem Dr. Praxedes como autorretrato do pai. Temos também a presença de um texto intitulado *Um manicaca*: documento de uma época, ao que tudo indica uma versão reduzida do trabalho publicado anteriormente por A. Tito Filho. Além disso, também organizou as notas explicativas existentes ao final de cada capítulo e numeradas ao longo do texto que funcionam como uma espécie de dicionário de palavras e vocábulos da época, bem como um roteiro que ajuda o leitor a compreender fatos e acontecimentos referidos por Abdias Neves. Ao final do romance é apresentado um pequeno texto intitulado A conversão na palavra da filha, na forma de diálogo, onde são apresentados ao leitor os (supostos) últimos momentos de vida do autor, amparado pela filha, testemunha da conversão do pai à fé em Deus, já que o autor era conhecido por seus posicionamentos ateístas e anticlericais.

Já na 3ª edição temos a reprodução da biografia do autor, a reprodução da opinião da filha de Abdias Neves sobre o romance e sobre o pai e também a reprodução do texto *Um manicaca*: documento de uma época, bem como de suas notas explicativas ao final de cada capítulo. As diferenças em relação à 2ª edição estão na ausência do texto A conversão na palavra da filha ao final do livro. Ao final do capítulo XVI, que encerra o romance, temos um estudo intitulado Um Manicaca: análise crítica, de autoria da Prof.^a Maria do Socorro Rios Magalhães, em que ao longo de 24 páginas a autora aborda questões como a relação entre o romance e o contexto literário brasileiro e piauiense; sua estrutura narrativa e a realidade teresinense no limiar do século XX. Seguindo os caminhos propostos por Chartier e Darnton, podemos observar, por exemplo, que as edições trazem capas diferentes. Mas um aspecto mais importante a ser observado é a relação que os textos estabelecem com as notas explicativas elaboradas por A. Tito Filho.

³⁵⁴ NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. 2. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. p. 7.

Tomemos como exemplo um trecho do início do capítulo I, “O acendedor de lampiões passou correndo pela rua, levando a escadinha ao ombro”, e prestemos atenção ao termo, na verdade trata-se de uma personagem, “acendedor de lampiões”. Na 5ª edição o texto aparece desta forma: “O acendedor de lampiões² passou correndo pela rua, levando a escadinha ao ombro”. Na 2ª edição o texto aparece desta forma: “O **acendedor** de lampiões (2) passou, correndo, pela rua, levando a escadinha ao ombro”. Na 3ª edição o texto aparece desta forma: “O *acendedor* de lampiões² passou, correndo, pela rua, levando a escadinha ao ombro”. Ou seja, na 5ª edição os números das notas aparecem sobrescritos e sem grifos. Na 2ª edição eles aparecem grifados em negrito e os números das notas aparecem entre parênteses após a palavra. Na 3ª edição eles aparecem grifados em itálico e a numeração das notas também surge sobrescrita como na 5ª edição.

Podemos concluir daí, sobretudo tomando como referência a atual configuração das notas na 5ª edição, que o livro propõe ao leitor uma relação menos dependente entre o texto do capítulo e as notas explicativas ao final de cada capítulo. Assim, na 2ª edição, por aparecerem em negrito, as notas chamariam a atenção do leitor para uma busca imediata da explicação acerca de quem era este de acendedor de lampiões. Já na 3ª elas surgem em itálico e na 5ª apenas com a numeração sobrescrita, o que nos permite deduzir que ela propõe ao leitor uma leitura mais fluida e atenta do capítulo, com uma posterior conferência das notas explicativas. A nota explicativa 2 do capítulo I elaborada por A. Tito Filho traz o seguinte texto:

A primeira iluminação pública de Teresina verificou-se em 1867, limitada à Praça da Constituição (hoje Deodoro), onde se achavam o palácio do governo, a igreja matriz de N. S. do Amparo e outros edifícios públicos. Somente em dezembro de 1882 foi inaugurada a iluminação pública da capital, com 80 lampiões de cobre, colocados sobre postes de madeira (a luz elétrica viria anos depois). O serviço tinha um arrematante, e a este competia contratar o acendedor dos lampiões, que, diariamente, realizava o trabalho, servindo-se de escada.³⁵⁵

A. Tito Filho ressalta mais uma vez que o romance é profundamente influenciado por Eça de Queiroz e que a *Um manicaca* traça a fisionomia dos teresinenses dos últimos tempos do século XIX – uma sociedade de pequena classe média, quase proletarizada, vivendo num meio desconfortável, com luz de candeeiro, água conduzida sobre o lombo de jumentos, cidade suja, sem trabalho, em que se salientavam inúmeros preconceitos.

³⁵⁵ TITO FILHO, A. *Um manicaca*. 5. ed. Teresina: CORISCO, 2012. p. 12.

O livro é considerado, sobretudo, um documento da época, com suas respectivas características, o que permite à A. Tito Filho resumir o romance em 15 aspectos: 1) religiosidade excessiva do povo; 2) a intriga como meio de destruir caracteres e de sobrevivência própria; 3) o sexo como tabu; 4) a vitória política pela importância familiar; 5) jornalismo de descomposturas; 6) pavor ao contágio da tuberculose; 7) ausência de atividades agrícolas; 8) população masculina dedicada ao comércio e às letras; 9) emigração para o Amazonas, atraídos os homens pela riqueza dos seringais; 10) bacharelismo como posição elevada na sociedade; 11) culto das festas populares; 12) diversões contínuas das serenatas e dos bailes comemorativos de aniversários; 13) cartas anônimas como meio de denunciar más ações alheias; maledicência generalizada; 15) repúdio ao meretrício, ao adultério, ao amancebamento. Além disso, A. Tito Filho aponta o próprio Abdias Neves como a maior personagem do romance.³⁵⁶

Na última parte do texto, A. Tito Filho, retomando o problema já apresentado nos dois livros da década de 1980, se questiona, e a nós, sobre o porquê de tanta virulência contra a Igreja e contra o clero ao longo do romance. Por que nenhuma virtude ou bondade são atribuídas aos ensinamentos católicos, sobretudo se observarmos as posturas do Dr. Praxedes?

Cremos que a violência de Abdias Neves contra a Igreja tenha nascido, em parte, do desespero, numa época de desilusão. Bacharel brilhante, culto, vivia numa cidade sem horizontes, obrigado inclusive a ganhar a vida no interior do Piauí. Só tempos depois chegaria à fase fulgurante da existência: o Senado da República. Abdias foi como todos os naturalistas. Escreveu o que ele pensou fosse a verdade, tomando emprestado à ciência não apenas o seu materialismo e determinismo, mas também, a sua independência de julgamento. Assim: a) interessou-se pelo bruto que há no homem; b) seus tipos são de pouco intelecto; c) as suas criaturas geralmente são vazias; d) escreveu com pessimismo; e) remexeu cousas e lugares desagradáveis; f) revelou-se moralista ferido; g) concentrou-se no mundo exterior do homem; h) demonstrou aparente isenção de ânimo.³⁵⁷

Além das contribuições apontadas anteriormente nas propostas de Robert Darnton e Roger Chartier, também podemos pensar com as ideias elaboradas por Michel Foucault, a partir dos problemas suscitados na palestra O que é um autor? São questionamentos que envolvem, sobretudo, a relação entre autor e texto, e “a maneira como o texto aponta para essa

³⁵⁶ TITO FILHO, A. *Um manicaca*. 3. ed. Teresina: CORISCO, 2000. p. 16-17.

³⁵⁷ TITO FILHO, 2000, p. 18-19.

figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos aparentemente”.³⁵⁸ Dos problemas que envolvem o uso do nome do autor, aqueles que mais se relacionam com o texto elaborado por A. Tito Filho são o nome do autor e a posição do autor.

Assim, ao pensar o que é o nome do autor e como ele funciona, Foucault aponta que se trata de um nome próprio, refere-se a alguém, mas não é um nome próprio qualquer. Ele descreve, ou melhor, é equivalente a uma descrição. O nome do autor não é simplesmente um elemento em um discurso, ele exerce certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; permite organizar uma série de textos, seccionando-os, delimitando-os, excluindo alguns textos, opô-los a outros; enfim, o nome do autor funciona para caracterizar certo modo de ser do discurso.³⁵⁹

O nome do autor e sua produção surgem então como uma palavra que deve ser recebida de certa maneira, e que deve, em uma dada cultura, receber certo *status*. Mas, para Foucault, essa função de autor atinge sobretudo os textos “literários”, que não podem ser aceitos senão enquanto providos dessa função:

A qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o *status* ou o valor que nele se reconhece dependem da maneira como se respondem a essas questões. E se, em consequência de um acidente ou de uma vontade explícita do autor, ele chega a nós no anonimato, a operação é imediatamente buscar o autor. O anonimato literário não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma. A função autor hoje em dia atua fortemente nas obras literárias.³⁶⁰

Se pensarmos os problemas apontados acima em relação ao nome de Abdias Neves e como ele aparece na 2ª e na 3ª edição, perceberemos que a primeira e a quarta problematizações (o *nome do autor*, a impossibilidade de tratá-lo como um nome próprio comum; e a *posição do autor*, entendendo como posição do autor, por exemplo, o uso de prefácios e dados biográficos) são as que mais se relacionam ao texto de A. Tito Filho: existe uma preocupação em estabelecer o romance como exercício de registro do cotidiano da cidade no final do século XIX, marcada por intensas críticas à religião católica e a excessiva religiosidade da população. Características que se A. Tito Filho acreditava deverem-se à

³⁵⁸ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault*: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos III). p. 376.

³⁵⁹ FOUCAULT, 2006, p. 273-274.

³⁶⁰ FOUCAULT, 2006, p. 276.

Abdias Neves, fosse por sua história de vida, que por exemplo justificava o anticlericalismo da narrativa, ou porque o romance era, sobretudo, uma expressão da personalidade do próprio Abdias Neves.

É também o nome do autor e a posição do autor no livro que apontam para a preocupação marcante de A. Tito Filho em justificar o ateísmo e o anticlericalismo presentes na obra. Como vimos anteriormente, ele se questiona acerca do porquê de tanta virulência crítica contra a Igreja e contra o clero. Vimos também que a resposta está na biografia do autor: ele estudou na Faculdade de Direito do Recife. Outro motivo seria o fato de que o autor viveu boa parte de sua vida no interior do estado. Ora, se pensarmos, nos afastando momentaneamente de Foucault e nos reaproximando de Darnton e Chartier, seria necessário observar que a proposta de A. Tito Filho não era necessariamente explicar aspectos da narrativa, mas principalmente deixar marcada a forma como o romance deveria ser lido. Existe, portanto, uma diferença.

Havia uma preocupação em não afastar novos leitores já que o ateísmo era, e ainda é, um tabu, e o anticlericalismo, que se constituiu como momento marcante da história intelectual de Teresina, pudesse parecer um tanto quanto estranho a um leitor já distanciado historicamente do tema.³⁶¹ O mesmo raciocínio poderia ser aplicado ao texto da suposta conversão de Abdias Neves, presente ao final da 2ª edição.

Retornando a Foucault, percebemos que o nome do autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos numa obra, o conjunto de textos escritos por alguém, com suas transformações, suas deformações e suas diversas modificações: tudo isso pela biografia do autor, a localização de sua perspectiva individual, a análise de sua situação social ou de sua posição de classe, a revelação de seu projeto fundamental.

O autor é ainda o princípio de certa unidade de escrita; é também o que permite superar as contradições que podem desencadear uma série de textos – o autor é certo foco de expressão que sob formas mais ou menos acabadas se manifesta da mesma maneira.³⁶² Curiosamente, o motivo pelo qual Foucault pensa o nome do autor e as funções que ele exerce como tão problemáticas pode ser encontrado também em Ítalo Calvino, quando este elabora os critérios que determinam se um texto é ou não um clássico. Para ele, a leitura de um clássico deveria oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos:

³⁶¹ Ver: QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 69-82.

³⁶² FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos III). p. 278.

Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele.³⁶³

Portanto, a 5ª edição chama muita nossa atenção, se pensada a partir do que foi apontado acima, porque difere muito das duas anteriores. Não conta com apresentação; a biografia de Abdias Neves foi deslocada para uma das orelhas e mesmo assim é bem resumida se comparada às duas anteriores; o texto de A. Tito Filho foi deslocado para a outra orelha, e agora surge reduzido a dois parágrafos; o comentário da filha do autor também aparece na mesma orelha que conta com o texto de A. Tito Filho. O texto sobre a conversão de Abdias Neves também está ausente, como na 3ª edição. Assim, o leitor já entra em contato direto com a narrativa, sem intermediários, sem comentários prévios, sem explicações e justificativas acerca de Abdias Neves e seu pensamento ou mesmo do próprio romance.

O leitor poderá agora, a partir de uma “leitura direta” do texto pensar e elaborar suas próprias ideias sobre o romance, por exemplo, o papel do narrador, sem dúvida uma figura interessante, desde que consiga distinguir o autor-pessoa, isto é, o artista, do autor-criador isto é, a função estético-formal engendradora da obra.³⁶⁴ Esta nova edição também é capaz de gerar uma nova revisão acerca de algumas interpretações acerca da obra, por exemplo, sua suposta falta de unidade de enredo e excessos doutrinários como grandes problemas formais de *Um manicaca*.³⁶⁵ Além, é claro, dos aspectos que podem ser pensados a partir do retrato do cotidiano teresinense que é feito ao longo do romance: o papel do intelectual; as representações de gênero; sua forma de romance naturalista e sua suposta falta de complexidade da trama; o papel e representação da igreja e da religião; a representação da cidade e sua organização; as polêmicas anticlericais e o papel da maçonaria; bem como todo o trabalho do narrador para organizar tudo isso em meio ao cotidiano da cidade.

³⁶³ CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 12.

³⁶⁴ FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.

³⁶⁵ MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Um Manicaca. In: MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 400-416.

Mas, de qualquer forma, todo esse empreendimento de A. Tito Filho no que diz respeito a estabelecer Abdias Neves como um grande escritor de uma obra importante da literatura piauiense passa também pela dimensão, já abordada ao longo desta dissertação, da escrita de si. Para Paulo Ghiraldelli Jr., no final do século XX ficou mais difícil que no início do mesmo século fazer uma associação instantânea entre um “indivíduo”, com sua “intimidade” delimitada e facilmente reconhecível, e uma única “identidade” ligada a ele.³⁶⁶ Se a noção moderna de sujeito pode ser deixada de lado na psicologia, na sociologia e na pedagogia atuais, isso não ocorre com a noção de identidade. O *eu* pode ser encostado, posto de lado, como uma relíquia do passado. Mas o *si*, não. O psicólogo, o sociólogo e o pedagogo (e o historiador e o antropólogo...) e com eles vários outros intelectuais, precisam saber quem está diante deles.³⁶⁷ Ou seja:

[...] só vão ficar sabendo disso se puderem ver quais conjuntos coerentes de narrativas mais se repetem nos discursos que se apresentam na clínica e no laboratório. O imã da coerência e da constância dá ao psicólogo e ao sociólogo o ‘alguém’, aquele que se apresenta concretamente-de-corpo-e-alma como um conjunto de ‘centros de gravidade de narrativas’; narrativas estas que costuram uma ‘rede de crenças e desejos’.³⁶⁸

O problema, portanto, atualmente, é de sermos justos com esse alguém que se apresenta diante de nós. O que significar dizer que todo o esforço de A. Tito Filho ocorre buscando criar uma espécie de retrato em que Abdias Neves pudesse ser reconhecido.

³⁶⁶ GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Subjetividade e pragmatismo. In: GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo; RORTY, Richard. *Ensaio pragmatistas*: sobre subjetividade e verdade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 42.

³⁶⁷ GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p. 44.

³⁶⁸ GHIRALDELLI JUNIOR, 2006, p. 44.

4 ASSIM VEJO TERESINA: O COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE A. TITO FILHO

Naqueles tempos, quando se falava de grande príncipe, todos sabiam que se tratava do grande príncipe Mikhail Pávlovitch.

Nikolai Leskov

Esta cidade que pensei ser meu passado
É meu futuro, meu presente;
Os anos que vivi na Europa são ilusórios,
Eu sempre estive (e estarei) em Buenos Aires.

Jorge Luis Borges

É precisamente nos seus elementos mais excêntricos que este livro é, se não troféu, pelo menos documento de uma luta interior cujo objeto se poderia resumir nas seguintes palavras: captar a atualidade como o reverso do eterno na história e tirar uma impressão dessa face escondida da medalha.

Walter Benjamin

4.1 Crônica da cidade amada?

Até agora, vimos como A. Tito Filho articulou uma série de vidas literárias a pouca memória que os piauienses guardavam de seus intelectuais; vimos também como o cronista articulou a leitura, que julgava um elemento importante em sua formação enquanto intelectual à história da literatura do Piauí, além da centralidade que deu a *Um manicaca*. Agora, veremos de que forma ele trabalhou uma série de temáticas ligadas ao cotidiano da cidade de Teresina e do Brasil no período em estudo e de que forma realizou mais uma vez os movimentos descritos nos capítulos anteriores: a abordagem de temas e a inserção de si mesmo ao longo da escrita dos textos. Veremos também como o cronista articulou uma crítica do Brasil, sobretudo sua política e sua cultura, a uma crítica da cidade de Teresina. A forma como o cronista via a cidade do presente é bem sintomática do que veremos ao longo do capítulo – uma escrita que busca articular o presente e o passado no espaço da crônica:

Vejo-a sem a minha infância, sem meus dias queridos que não voltam mais, as saudades provocando nó na garganta, um choro que não consola. Sem o Cai-Nágua, o cabaré das garotas de segunda classe, perto do Parnaíba, que os meus olhos de adolescente desejavam, mas os cânones da época proibiam. Sem os circos, na praça Deodoro, grandões, palhaços engraçados, ameaçando as velhotas atiradas com o troncudo pedaço de macaxeira. Na frente do imenso toldo, dezenas de bancas, na venda de frutas descascadas, refresco, sorvete de gelo rapado e mel de fruta, gostoso como o diabo, frito de carne de porco, beiju salpicado de farelo de coco. No calor das tardes, máquina equilibrada na rodinha da cabeça, com manivela de rodar e fabricar

o melhor sorvete do mundo, o caboclo, alpargata chiadeira, passeava as ruas, a vender a guloseima.

Vejo-a sem o pega-pinto gelado, que a gente ia comprar, oito da noite, uns oito copos, para a família à espera na roda da calçada. Sem o Doutor, dono de frege, estabelecimento modesto, mesinhas sem toalhas, pimenta malagueta danada, cachorros gafentos e famintos à espera do osso que o freguês alisara, depois de engolir tripa e bucho, a panelada da cidade, a cinquenta metros da praça Rio Branco. Sem o Bar Carvalho, de elite, vendia cafezinho, chocolate com ovo e sem ele, sobretudo o filé de grelha, enfeitado com ervilha, azeitona, alface e farofa. Manjar dos deuses, do cozinheiro espanhol Gumerindo, um mágico em comedorias.

Vejo-a sem o alarido das pipiras tentadoras – as mocinhas pobres, empregadas na Companhia de Fiação e Tecidos Piauiense, ruído de máquinas o dia todo. As garotas, vestidinhos de chita, merendavam banana, daí o apelido que a crônica registra.

Vejo-a sem a presença de Celso Pinheiro, poeta e tuberculoso, fatiota branca engomada e reluzente, chapéu de palhinha, gravata borboleta... Irreverente... Sem Higino Cunha, mestre verdadeiro, a caminhar pelas vias públicas, aqui e ali o trago de bebida destilada. Sem Pedro Brito, calças velhas de mescla, cornimboque de rapé nos bolsos largos, suado, a ironizar homens importantes...

Vejo-a sem as funcionárias domésticas, mocinhas morenas, que o povo denominava curicas, porque recebiam o prato de comida no peitoril da residência... Cabodinhas de pé de esquina, na cidade pouco iluminada...³⁶⁹

Já que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”, mas apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo,³⁷⁰ precisamos perceber como essas observações do cronista, que falam ao mesmo tempo de um presente e de um passado – elas já deixam também perceber a chegada do futuro – da cidade, buscam a todo o momento fazer uma crítica do presente tendo como pano de fundo um passado que geralmente será tomado como um tempo melhor, um tempo bom. Em crônica que abordava o Dia da Cultura (5 de novembro), critica justamente a descaracterização pela qual passava Teresina, processo que também podia ser observado em outras capitais brasileiras:

São Paulo tornou-se irreconhecível. A gostosa Belo Horizonte passou a cidade maltratada. Que dizer do Recife? De Fortaleza? Todas perderam o seu feitio em favor de um discutível progresso dito urbanístico e que serve a capciosos interesses de proprietários de terrenos.

Teresina figura mais um exemplo. Para a construção de hotel, Leônidas Melo destruiu o prédio do primeiro Tribunal de Justiça. A velha cadeia deu lugar ao ginásio coberto chamado Verdão. Nada ficou dos primeiros tempos

³⁶⁹ TITO FILHO, A. Assim vejo Teresina. *O Dia*, Teresina, p 4, 8 nov. 1988.

³⁷⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224.

de Teresina. Liquidou-se o Café Avenida - hoje o local de estacionamento de um hotel privado. Já se deformou a antiga residência, de arquitetura tradicional da cidade, que pertenceu a Anfródísio Tomás de Oliveira. Da encantadora pracinha Pedro II resta o retrato permanente do pecado, na insolência do homossexualismo e da raparigagem farta. Que é da antiga Associação Comercial, de paredes externas de azulejo? Que é do mercadão, que o prefeito Agenor Almeida aumentou, tirando-lhe o aspecto dos primeiros dias, logo depois de fundada Teresina? A memória da cidade desconhece interesses personalísticos. Deve ter base numa consciência de cultura.³⁷¹

Essa crítica envolvia também a necessidade de recordar antigos espaços da cidade, e conseqüentemente os usos que se faziam deles. Em crônica sobre a antiga zona de prostituição da cidade, a rua Paissandu, A. Tito Filho lembra que a zona

[...] oferecia inúmeros freges, botecos e restaurantes de panelada. Teve começo a decadência. Fecharam-se os notáveis bordéis dos velhos dias. Mulheres feias, desgrenhadas, começaram a habitar os cabarés já agora sem conforto e sem higiene. Garotas bonitas do Ceará e do Maranhão deixaram de fazer a vida em Teresina. As mulheres já não conseguiram pagamento e trocavam o sexo por uma refeição madrugadina. O cabaré desapareceu da paisagem. Chegou a vez da buate (buate com U mesmo, meu caro revisor). Também o *rendez-vous* que enfeitou a vida teresinense - o *rendez-vous* que mais acolhia homens e mulheres, gente de outros parceiros, fazendo adultério. Chegaria a vez do motel, mas a estória do motel é outra estória, como a ressurreição da camisinha e a espantosa ameaça da AIDS.³⁷²

Esse ato de lembrar antigos lugares da cidade, que os teresinenses não lembravam mais, passava também por apontar os registros elaborados por outros, por exemplo, uma menção a um texto de Joaquim Chaves³⁷³ que registrava a existência na cidade, por volta de 1875, de apenas “uma livraria em Teresina – a Livraria Econômica, na rua Paissandu, que vendia gravatas, leques, botinas, chapéus, lãs, chitas, vinhos, doces, biscoitos, queijos, inclusive livros, papel, pastas e objetos de fantasia”. Esse comércio antigo é lembrado pelo cronista porque foi em um desses estabelecimentos, que eram na verdade muitos mais bazares do que nossas atuais livrarias, que adquiriu seus primeiros exemplares de livros:

No estabelecimento de João de Castro Lima, que o povo chamava de Juca Feitosa, comprei, aos dez anos de idade, exemplares de Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo,

³⁷¹ TITO FILHO, A. Consciência de cultura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 de nov. 1987.

³⁷² TITO FILHO, A. Evolução. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 nov. 1987.

³⁷³ CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 42.

Alencar e outros, brochuras empoeiradas, que se atiravam a velhas prateleiras de uma sala mal iluminada, escondida por trás do salão de vendas. Livro era objeto de categoria inferior, adquirido por gente sem que fazeres, desocupada, segundo se comentava. Na década de 30, M. A. Tote tinha loja na rua Coelho Rodrigues com venda de revistas do Rio de Janeiro, frequentadíssima. Vendiam-se também a coleção Terra-mar-e-ar, de muito agrado, narrativas de aventuras em terras misteriosas, as peripécias do Tarzan na selva africana, romances policiais de Edgar Wallace e a ficção científica de Júlio Verne. Bons tempos, leitura proveitosa, suculenta, alimento de inteligência.³⁷⁴

Esse registro dos primeiros cronistas da cidade, digamos assim, gerava também a lembrança de pessoas como João Isidoro, que A. Tito Filho considerava o primeiro cronista social de Teresina.³⁷⁵ Além disso, se preocupava em mostrar como a crônica registrava não só figuras ilustres da cidade, como era o caso de João Isidoro, figura importante na fundação de Teresina, mas também aquilo que denominava *tipos populares*, pessoas que sempre chamavam a atenção pela excentricidade no trajar, por uma debilidade mental, por hábitos extravagantes, idiotices, trejeitos e modos de ser e de viver diferentes do mais comum dos teresinenses.³⁷⁶ Assim, coloca que a crônica registrava

[...] o Balaieiro, criador do verbo *chumar* com o significado de beber cachaça. Sentava-se à porta da casa, tardezinha, a tocar a viola. A todos dava o tratamento de *meu bem*. Quando bebia muito, a mulher Aninha ia buscá-lo, no boteco, naquele tempo chamado *bodega*. Houve o Maromba, inteligente, discursador, arrebentava rapadura no couro da cabeça. Fazia boné de couro de guariba. A Capitoa, muito conhecida, chamava-se Martiniana. Descendia de africanos. Corpulenta. Nascida na antiga capital piauiense, Oeiras. Usava chapéu de palha. Na mão, o pandeiro, com que tirava reis na época propícia. Esses três não foram do meu conhecimento pessoal. Quando me entendi nesta Chapada do Corisco outros faziam praça. Não gravei as denominações de vários. Ainda conheci o Dondon, repórter, redator, tipógrafo, revisor, diretor, impressor, vendedor, proprietário do jornal *O Denunciante*, noticioso, crítico, censor de costumes, espinafrador de políticos e administradores. Um dia os poderosos consideraram louco o jornalista e vingativamente o puseram no hospício dos alienados. Quando saiu, pensou-se que recuaria nas censuras e espinafrações. Desassombroso, reapareceu mais violento, sem que lhe faltasse o esclarecimento identificador do parafuso frouxo: ‘O dono deste jornal esteve recolhido ao asilo dos doidos, onde passou dez dias, seis por conta do Governo e quatro por sua própria conta’. Exerceu ainda o ofício de vendedor de feixes de capim em lombo de jumento. Três animais, ensinados, treinados militarmente. De acordo com a voz de comando de Dondon, os jegues seguiam pela direita, pela esquerda ou efetuavam *alto*. Dava gosto ver o comandante pelas ruas, calças sungadas até os joelhos, alpargatas vistosas, camisa de manga arregaçada, oferecendo

³⁷⁴ TITO FILHO, A. Gente corajosa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 nov. 1987.

³⁷⁵ TITO FILHO, A. O cronista João Isidoro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 dez. 1987.

³⁷⁶ TITO FILHO, A. Tipos populares. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 dez. 1987.

capins aos *burros* de Teresina. [...] Desapareceram os tipos populares. Agora tudo se povoa de alegres veados e buliçosas sapatões. Sinal de novos tempos.³⁷⁷ (*Grifos do autor*).

Ao longo da leitura das crônicas, algumas das temáticas elaboradas por A. Tito Filho apropriam-se de temas e textos de outros cronistas da história da cidade de Teresina, por exemplo, o acima citado tema do comércio, tomado de Monsenhor Chaves; mas também foi o caso da história da eletricidade em Teresina, abordada por A. Tito Filho em crônica,³⁷⁸ que também já estava presente no texto do Monsenhor Chaves.³⁷⁹ Assim, o tema da eletricidade serve de pretexto para que o cronista aponte que

[...] tenho dito e repetido que Teresina possui apenas progresso material. De longuíssima data vegeta nos mais tristes e insolentes atrasos urbanísticos. Constroem-se mansões nos bairros ditos luxuosos, onde os marajás afrontam a miséria de habitações desumanas, mas nessas áreas inexiste um metro de esgoto. Ainda a cidade se serve dos matos adjacentes ou de buracos residenciais para os aperreios fisiológicos.³⁸⁰

O cronista partia do princípio de que a cidade homenageava pouco seus benfeitores e filhos ilustres – daí a fraca construção de bustos, estátuas e outras marcas sinalizadoras de fatos e personalidades da cidade.³⁸¹ Assim, ele se encarregava de, por meio das crônicas, registrar essa figuras, mesmo aquelas que se quisessem evitar, como os chatos,³⁸² que farejam as vítimas, ficam nas esquinas, nas calçadas, junto à banca de jornais infalíveis na liquidação da alegria de quem deles se aproximassem. Existiam vários tipos:

Os receitadores de remédios e alguns chegam a escrever o nome da droga e enfiam o papel no bolso do pobre diabo. Os poetas recitadores em mesa de botequim. Os que contam velhas anedotas e eles mesmos gargalham felizes. Os vendedores de livros e os cobradores. Os elogiadores: ‘Você é quem brilha’, ‘Não conheço talento como o seu’. Os prestativos, que se dizem amigos do peito do governador, para a solução de casos. Os discursadores de festas: quando a orquestra ataca um samba do bom, o sujeito pede a palavra e solta as asnicas. Os oradores fúnebres: saltam sobre o monte de terra a beira do túmulo e sapecam o verbo choramingueiro. Os chatos dos projetos de cidadania, indivíduos puxa-sacos. Existem uns que conversam dando

³⁷⁷ TITO FILHO, A. Tipos populares. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 dez. 1987.

³⁷⁸ TITO FILHO, A. Malvadeza. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 out. 1988.

³⁷⁹ CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p 57.

³⁸⁰ TITO FILHO, A. Malvadeza. *O Dia*, Teresina, p.4, 7 out. 1988.

³⁸¹ TITO FILHO, A. O Fundador. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 abr.1988.

³⁸² TITO FILHO, A. Chatos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 de jun. 1988.

empurrões no ombro da gente ou tapinhas em qualquer parte do corpo. São inaguentáveis. Terríveis os consertadores de objeto. Nojentos os pregadores de moral: ‘Você precisa deixar de jogar, o jogo é a perdição da humanidade’. E os visitantes de doentes: ‘Minha tia, o ano passado, morreu dessa mesma doença’. Há os que conversam cuspiando na orelha do infeliz sofredor. Os chatos conquistadores conhecem todas as mulheres: ‘Aquela ali eu conheço, é de programa’. Mentem como diabo.³⁸³

Mas existiam as pessoas que a cidade lembrava, como a

[...] Maria Preá. Quem não conheceu, anos atrás, alguns anos atrás, aí pela década de 40, a Maria Preá? Mulata rechonchuda, ampla de carnes, dentes alvos, cabelo bem negro, simpatia de todos. Maria Preá, bem sacudida, passeava as ruas, olhares provocantes como as carnes. Era uma tentação, uma provocação, uma danação. De Nápoles se diz: ver Nápoles e depois morrer. De Maria Preá se diria: passar uma noite no aconchego do seu calor de vida, já era a própria vida. Não se morria, vivia-se. Popularíssima a divina Preá. Chamariz de desembargadores, também de operários e estudantes sem dinheiro.³⁸⁴

Outros tipos populares eram lembrados por A. Tito Filho, já que no momento em que se comemorava o aniversário da cidade, então homenageada e festejada, comenta o cronista, muitos não lembravam os tipos populares, que afirmava ter encontrado na “crônica de jornais velhos”.³⁸⁵ Eram casos particulares de tipos populares, os doidos-mansos, “que faziam rir a meninada travessa e os maduros e os velhos”:

Noutros tempos, existiu MARTINIANA, de alcunha CAPITOA, negrona corpulenta, voz forte, sempre disposta. Nasceu na primeira capital do Piauí. Em Teresina exercia a função de quitandeira. Contam que tinha atividade viril. Gostava de furdunço e fazia voz de homem para mulheres invertidas. Andava de enorme chapéu de palha de carnaúba na cabeça. No rebuliço de enorme corpulência, caminhava nas ruas tocando pandeiro e recitando quadrilhas que ela mesma fabricava.

Pelo começo do século houve o BALAIEIRO, católico desses de irmandade: Criou o verbo CHUMAR, o mesmo que beber cachaça ou outro ingrediente de espírito. Gostava de sentar-se à porta de casa, tardezinha, a tocar viola desafinada. Tratava conhecidos e desconhecidos por MEU BEM e a todos pedia dinheiro para CHUMAR.

Outro foi Feliciano, o MAROMBA. Inteligente. Físico bonito. Rebentava rapadura na cabeça. Brincalhão. Zangado semelhava o capeta. Subia e descia rua com um caixãozinho de defunto debaixo do sovaco, em que, segundo afirmava, conduzia ANJO, menininho que morria bem cedo, sem pecado e

³⁸³ TITO FILHO, A. Chatos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 de jun. 1988.

³⁸⁴ TITO FILHO, A. Maria Preá. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 ago. 1988.

³⁸⁵ TITO FILHO, A. Tipos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 ago. 1988.

sem batismo e tinha morada eterna num lugar chamado LIMBO. (Grifos do autor).³⁸⁶

Outro problema apontado pelo cronista era a desfiguração da cidade causada pela especulação comercial e imobiliária que mudava a configuração da cidade, sobretudo a cidade que existia em sua memória, mais especificamente a Teresina de sua infância. Mesmo a casa onde morou com seu pai no centro de Teresina foi afetada, por isso

[...] hoje me proibi de andar pelas imediações dessa casa de esquina, ampla e de relativo conforto. Dói-me o espírito vê-la como está dividida em vários compartimentos comerciais. A sala onde meu pai lia e escrevia brilhantes sentenças jurídicas agora expõe calcinhas íntimas, sutiãs e mais que seja. Tudo se repartiu em lojas de variado tipo. A chamada sala de visitas, em cujas cadeiras se sentou gente importante, como José Américo, está desfigurada, serve de venda de tintas. As mangueiras frondosas desapareceram.³⁸⁷

Esse exercício de fazer a crônica da cidade do presente tomando como referência a do passado, sobretudo aquela que existia em suas memórias, é constante nos textos de A. Tito Filho. Veremos mais a frente como esse processo se repetiu nos textos que escreveu sobre os cinemas e os carnavais de Teresina. Sobre essas transformações que afetavam Teresina, afirma que muitas das modificações ocorreram por medidas governamentais, por exemplo, a construção do Hotel Piauí, erguido onde antes existia o Tribunal de Justiça do Estado, que julgava lugar “merecedor de respeito, pois ali pontificaram luminares da ciência jurídica”.³⁸⁸ Em mais uma crônica que cobrava a tombação de espaços significativos da cidade, mostra uma série de modificações que podiam ser observados, além disso, atribuía o processo a exploração comercial:

O patrimônio cultural de Teresina, a sua dignidade, os seus valores tradicionais, o exemplo dos seus filhos humildes, os que, com trabalho e sacrifício, a construíram— esse patrimônio tem sido maltratado, insultado, descaracterizado, sob protestos de poucos, de alguns corajosos amigos deste xodó, deste bem-querer que José Antônio Saraiva confiou aos homens, na imensa fé de que a sua criatura maravilhosa haveria de ser respeitada, mas a verdade está em que Teresina sofre exploração de ambiciosos de dinheiro, ou a deformam administradores de mau senso.

³⁸⁶ TITO FILHO, A. Tipos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 ago. 1988.

³⁸⁷ TITO FILHO, A. Tombação (I). *O Dia*, Teresina, p 4, 19 ago. 1988.

³⁸⁸ TITO FILHO, A. Tombação (II). *O Dia*, Teresina, p 4, 20 ago. 1988.

Só a tombação resolve o problema. O Estado e o Município têm o dever de resguardar a memória do que no passado foram dignos de suas responsabilidades.³⁸⁹

Essa forma de articular a história da cidade e sua própria história também é impressa na crônica que aborda a história do comércio de Teresina, ou aquilo que nomeia de comércio antigo. Aqui sua história de vida se confunde com a história da cidade:

Eram 1932. Chegamos a Teresina em companhia do saudoso pai, que vinha assumir Juizado de Direito. Moramos na rua Lisandro Nogueira (Glória antiga), bem perto do mercado central. Passamos, ainda nesse ano, a residir na rua São José (Félix Pacheco), próximo, muito próximo da praça Saraiva. Defronte, mantinha sortida mercearia, o português José Gonçalves Gomes, cidadão conceituado e que muito honrava a atividade comercial. Dessa época distante ainda nos lembramos da Casa Carvalho; de Deoclécio Brito, o primeiro concessionário Ford e das máquinas de escrever Remington; de Manoel Castelo Branco e Anfrísio Lobão, que se tornaram donos da Agência Ford; de Afrodísio Tomás de Oliveira (Dôta), de João de Castro Lima, (Juca Feitosa), cuja loja vendia artigos diversos, inclusive livros de autores portugueses e brasileiros; de Lili Lopes, à frente da Botica do Povo; de Manuel Madeira, português, vendedor de bolos e pastéis (praça Rio Branco), talvez o pioneiro de lancheiras em Teresina - e de vários bares e botequins como o frequentadíssimo Bar Carvalho, de José Carvalho, o Zecão, homem de bem, de muitos amigos, que oferecia, no estabelecimento bilhares, café, sorvete, chocolate e convidativo restaurante sob o comando do espanhol Gumercindo, introdutor de filé de grelha, feito na chapa do fogão na culinária teresinense. Alcançamos o famoso Café Avenida, feito de madeira, na praça Rio Branco. Construiu-se outro, em 1937, de dois andares, amplo, ao lado do Hotel Piauí (Luxor) frequentado de homens ilustres. Foi derribado. No local hoje se estacionam veículos.³⁹⁰

Nas crônicas aparecem muitas recordações da infância e da juventude do cronista, remetendo quase sempre à essa comparação com a Teresina do presente, a que estava perdendo muito desses referenciais. Na crônica Tempos de memória,³⁹¹ A. Tito Filho recorda a Teresina da década de 30, quando se mudou de Barras para a capital, quando esta ainda “gozava de tranquilidade nunca esquecida. Nada a perturbava. Tinha ruas calçadas, algumas, ou empedradas, e trilho para bonde, mas sem bonde”. Outro aspecto central da crônica é a descrição que faz dos cabarés da cidade:

³⁸⁹ TITO FILHO, A. Tombação (III). *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 ago. 1988.

³⁹⁰ TITO FILHO, A. Memória do comércio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 dez. 1988.

³⁹¹ TITO FILHO, A. Tempos de memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 jan. 1989.

E dois cabarés famosos no campo da vida airada: o Cai Náguas, de madeira, perto do rio, mulhério de segunda categoria quase bofe, o da Rosa do Banco, de pegas vistosas frequentado por gente alta, como magistrados, comerciantes, abastados, filhinhos-de-papai.

Ainda em 1937, de longe eu olhava o Cai Náguas, que já não era um mistério para a minha buliçosa pouca idade, mas era permanente convocação.

A elegância da cidade, de noite, estava na praça Rio Branco - andança na praça, rapazes num sentido, moças noutra sentido. Namoro de olhos, olhares que falavam e diziam tudo.

Tomava-se, e muito, refresco de pega-pinto, dizem que bom para os rins. Muita garapa de cana, também.³⁹²

Para ele, a cidade passava por um processo de desfiguração,³⁹³ fazendo-a “uma das mais maltratadas cidades brasileiras”. Até mesmo a alimentação era afetada, já que “não se come como antigamente em Teresina”,³⁹⁴ por isso o cronista relembra uma série de restaurantes que já não existiam mais. O mesmo acontecia com as antigas celebrações da Semana Santa, quando Teresina era “de quietude e melancolia”.³⁹⁵ O cronista também procurava imprimir uma marca à cidade, dentre outras, a da seriedade:

Era bom. Conheci os anos trinta de Teresina e deles guardo queridas recordações. Tempos sérios. As famílias viviam nos lares verdadeiros, nos quais predominavam afeto e reciprocidade de alegrias e sacrifícios. Os homens trabalhavam de manhã e de tarde. As mulheres cuidavam da criança, da roupa, dos remédios e dirigiam a culinária. Noites aprazíveis, reuniam-se pais, mães e filhos na roda da calçada em palestra alegre com as visitas. Servia-se o cafezinho e às vezes se tomava um bom refresco. Meninos e meninas tinham estudos matutinos e vespertinos. Rapazes e moças frequentavam a bem cuidada praça Rio Branco, de árvores enormes, para passeios e namoros. Nos domingos, descanso geral, cinema familiar concorridíssimo. A primeira obrigação dominical estava na missa. Era uma sociedade sem assaltos, sem violências, sem ladrões de colarinho branco, sem exploração. Parece que todos compunham uma única classe social, classe média. Inexistiam ricos. Baixíssimo custo de vida. Era bom. Época em que a gente pedia bênção aos pais e aos padres. Seriedade constituía o toque especial da existência. As autoridades trabalhavam de sol a sol. Funcionalismo no batente em dois expedientes. As solenidades cívicas e literárias recebiam apoio generalizado, inclusive do mundo oficial, o interventor Leônidas Melo sempre presente.³⁹⁶

Esta cidade da seriedade, que é também do passado, é oposta à cidade do presente, que vivia de futilidades. As crônicas de A. Tito Filho alternam textos que tratam do presente e do

³⁹² TITO FILHO, A. Tempos de memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 jan. 1989.

³⁹³ TITO FILHO, A. Desfiguração. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 mar. 1989.

³⁹⁴ TITO FILHO, A. O Acadêmico. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 mar. 1989.

³⁹⁵ TITO FILHO, A. Semana Santa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 mar. 1989.

³⁹⁶ TITO FILHO, A. Seriedade. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 jul. 1989.

passado da cidade de Teresina, permitindo uma leitura que poderíamos chamar de comparada: a Teresina do presente é quase sempre observada pelo cronista tomando como parâmetro a do passado – às vezes essa comparação se dá por meio de registros históricos (livros, crônicas, jornais, etc.) pesquisados pelo cronista, às vezes por suas próprias memórias, já que passou a viver na cidade a partir da década de 30. Em crônica que realiza uma pequena história de Teresina,³⁹⁷ fica muito visível a presença da leitura de outros textos, como o já citado *Teresina: subsídios para a história do Piauí*, de Monsenhor Chaves. A mesma temática pode ser observada na crônica *A velha Teresina*,³⁹⁸ onde o cronista aponta uma série de mudanças que a cidade experimentou nas últimas décadas. Mas o cronista também chama a atenção para o fato de que a cidade se desumanizou, que era necessário fazer com que ela voltasse àquilo que ele chamava de “vida espiritual de antigamente”. Para ele, um dos motivos pelo qual a cidade perdera seu jeito de ser apontado acima se deveu ao “progresso sem fim”, também observado em outras capitais. O que fez com que Teresina,

[...] a buliçosa Teresina das pracinhas, do namoro de olhos, do cinema romântico, da roda na calçada, a boa Teresina também copiaria o figurino das megalópoles, ela, a cidadezinha dos sonhos dourados, se transformou em cidade grande, habitada de seiscentas mil almas, de quais quatrocentos mil provieram dos municípios piauienses, gente do interior, cansada, sem terra e sem casa, hoje metida nos espaços miseráveis dos conjuntos habitacionais. Teresina chegaria ao progresso total, inclusive do pistoleiro, da churrascaria, da sujeira, das praças sem virtude, verdadeiros mercados, noites de gueis e sapatões.

Chegaria a vez dos arranha-céus. E estes já pululam por todos os lugares, sobretudo nas mediações da outrora paisagem de beleza do rio Poty. Já se criou até uma BEVERLY HILLS, ou BEVERLEY, a mesma cousa, cuja propaganda se faz com retrato de jovens bebendo uísque e as indicações MORAR EM BEVERLY HILLS É UM LUXO, É UM PRIVILÉGIO, É UM PRAZER. De lá, dos apartamentos, os milionários moradores têm a sentimental vista dos residentes sem destino, DEBAIXO DAS PONTES DO POTI, retrato perfeito de uma sociedade doente, repartida entre os felizes, que são poucos, e os arrasados, que são muitos.³⁹⁹ (*Grifos do autor*).

Em outras crônicas, já na década de 1990, o cronista manteria a mesma abordagem acerca da cidade, inclusive repetindo trechos de crônicas publicadas anteriormente.⁴⁰⁰ Assim, reforçava a ideia de que a memória da cidade se encontrava nos documentos, que incluíam “livros, no documento oral de pessoas e nos monumentos, prédios e esculturas”. Para ele,

³⁹⁷ TITO FILHO, A. Antigamente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 de ago. 1989.

³⁹⁸ TITO FILHO, A. A velha Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 17 ago. 1989.

³⁹⁹ TITO FILHO, A. Progresso. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 set. 1989.

⁴⁰⁰ TITO FILHO, A. Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 set. 1990.

Teresina passava por um processo de destruição ou modificação dos edifícios que caracterizavam justamente o passado da cidade.⁴⁰¹ Um bom exemplo desse processo de descaracterização do passado da cidade o cronista observava na praça Pedro II, localizada no centro de Teresina:

Praça de grande beleza, com o coretinho dos tempos antigos. Hoje, o recanto está transformado em motel ou bordel, casais nus embaixo dos céus e a veedagem campeando solta.

A praça Rio Branco, o antigo jardim em que as famílias passeavam de noite, reformada por um prefeito sério nos idos de 1936, Francisco do Rego Monteiro, passou a mercado público, suja, maltratada, nódoa na cidade mutilada. De modo semelhante se vê a praça João Luís Ferreira, onde se vendem panelada e outras iguarias. Nenhum resquício de higiene nesses restaurantes populares. Que se fez da praça de Dom Pedro II, outrora tão plena de romantismo, em que as garotas se entregavam ao gostoso namoro dos olhos com os jovens casadoiros? O logradouro de tantas recordações expressivas transformou-se [em] campo de homossexuais e de viciados na cachaça e na droga, espetáculo de degradação e amoralização. A praça Demóstenes Avelino se encontra deturpada, com um prédio no centro, dito Frigorífico do Piauí, de propriedade de empresa particular. Criou-se uma prainha, ao longo da avenida Maranhão, cenário de constantes crimes de agressão e morte.⁴⁰²

Esse processo também afetava as práticas que o cronista considerava comuns na Teresina antiga, por exemplo, a roda de calçada, que seria uma instituição. Essa acontecia

[...] pós o sol posto, boquinha da noite, quando desciam as sombras noturnas, as empregadas já tinham ordem de colocar as cadeiras na porta da rua. Formavam-se rodas de conversação entre as pessoas da família e outros frequentadores, ao cintilar das estrelas, ao clarão do luar ou à luz mortiça da fraca luz elétrica, que às vezes faltava nas vias públicas a fim de que se melhorasse a do interior das residências. Feita a roda, aguardavam-se os ventos refrescantes soprados do litoral. A capital tinha pouca vida noturna, reduzida aos hotéis, a alguns botiquins e cabarés de mulherio sem freguesia, salvo aos sábados.⁴⁰³

Essas rodas marcaram a infância do cronista, quando muitos intelectuais se reuniam a porta da casa de seu pai para conversar:

Quando eu era frangote, não perdia a rodada de calçada da família, na rua São José, hoje chamada Félix Pacheco, onde morávamos, pertinho da praça Saraiva, no trecho que dava no Parnaíba. Papai me dava um níquel, moeda

⁴⁰¹ TITO FILHO, A. Memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 set. 1990.

⁴⁰² TITO FILHO, A. Aleijamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 11 nov. 1990.

⁴⁰³ TITO FILHO, A. Roda de calçada. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 fev. 1991.

boa, e eu com a jarra de vidro, pela rua Rui Barbosa, ia comprar pega-pinto, cinco copos por um tostão. Era bom. Os adultos trocavam ideias e notícias, e a negra velha, cozinheira vinda do Peixe, agora nossa Senhora dos Remédios, me contava estórias maravilhosas de reis poderosos e príncipes encantados. Dez horas o sono pegava a gente e se buscava a rede convidativa.⁴⁰⁴

Outra lembrança da Teresina antiga eram os cabarés da cidade. Eles já existiam quando A. Tito Filho se mudou com seu pai de Barras para Teresina, mas só passou a frequentá-los quando atingiu a idade considerada “adequada”:

Quando menino, já taludo, cheguei a Teresina, 1932. Nos primeiros tempos não me era possível frequentar os cabarés citadinos. Mas quando atingi os 15 ou 16 janeiros, iniciei as visitas. Sem dinheiro e tomado das inibições invitáveis, limitava-me a olhar o ambiente profano, e de vez em quando, recebia um pito de gente madura e das relações paternas: ‘Prá casa, menino, tu ainda faz xixi na rede, vou contar a teu pai que tu tá frequentando esta putaria’.⁴⁰⁵

Além de fazer uma descrição dos principais cabarés da época, o cronista faz aquela comparação com o momento presente da cidade: marcado pela AIDS, pela violência e pelo fim dos antigos cabarés, agora substituídos pelos motéis.⁴⁰⁶ Mas esses problemas observados na cidade pelo cronista fazem parte de um nível, dentre outros, que podemos observar a partir das leituras das crônicas. Essa situação que o cronista julgava precária, também podia ser observada na educação, já que no Brasil vigorava uma crença generalizada da falência do ensino público.⁴⁰⁷ Para ele, um dos motivos dos descaminhos da educação brasileira se devia ao fato de que a educação das crianças não era mais conduzida pelas mães, orientando-lhes os estudos. Agora

[...] a mulher vive fora do lar e as crianças, adolescentes e jovens entregues exclusivamente à escola à beira da falência, diferente da escola antiga em que se estudava e se aprendia, sem as exigências de hoje, essas modernices e modernizações dos dias correntes. Os estabelecimentos de ensino pertenciam quase todos ao governo, alguns particulares, todos de professores famosos, capazes, sérios, respeitados. Mestres que fizeram história e educação.⁴⁰⁸

⁴⁰⁴ TITO FILHO, A. Roda de calçada. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 fev. 1991.

⁴⁰⁵ TITO FILHO, A. Meus bons cabarés. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 mar. 1991.

⁴⁰⁶ TITO FILHO, A. Meus bons cabarés. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 mar. 1991.

⁴⁰⁷ TITO FILHO, A. Preconceito. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 out. 1987.

⁴⁰⁸ TITO FILHO, A. Material. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1989.

O cronista aponta que antigamente não se gastava quase nada com material escolar e que o surgimento das escolas particulares se deveu justamente ao fato de as mães “viverem na rua”. Para A. Tito Filho, não existiam princípios didáticos e pedagógicos, e a televisão fez o resto, convocando os educadores para o erotismo, para a violência, para o desrespeito ao civismo, juntamente quando faz mau uso da língua pátria e orienta o homem para hábitos nocivos de existência.⁴⁰⁹

Além disso, o vestibular não só passou a ser o momento final da avaliação dos estudantes como, para o cronista, “no Brasil se assentou o preço do triunfo num anel de grau”. Já se tratava de uma verdadeira mística do vestibular e consequentemente da universidade:

Ou o jovem conquista a aprovação no vestibular, ou passa a viver angustiantemente, como se fosse marginal. E teima e reteima. Tudo começa com os cursinhos e há mais cursinhos neste país do que vagas universitárias. A verdade é que a juventude nacional não estuda, não lê. Frequenta cursinhos. Não se diga que os cursinhos sejam nocivos. Pelo contrário. Bem ou mal, procuram realizar o seu trabalho preparatório. Mas neles se matriculam jovens na grande maioria despreparados. Justamente porque foi péssimo o estudo secundário feito nas escolas.⁴¹⁰

Para A. Tito Filho, a verdade era que a juventude não estudava, nem lia. O vestibular brasileiro era uma farsa, já que nele não se verificavam aptidões, mas a existência de vagas.⁴¹¹ Dentro dessa lógica, que articula o momento presente em contraposição ao passado, fosse da cidade ou de sua própria vida, A. Tito Filho também elabora textos que historicizam sua formação colegial quando foi aluno do Liceu Piauiense. Neles afirmava que as lembranças do colégio lhe trazem “recordações [que] povoam meu espírito”.⁴¹² Por exemplo, no primeiro ano da administração governamental de Leônidas Melo:

Dia de muita festa cívica. Houve parada, de que participei garboso, peito saliente, como queria o sargento comandante da tropa estudantil do desfile. Farda engomadinha, botinas engraxadas. Naquele tempo, usava-se uniforme cáqui. O paletó tinha duas lapelas, em que se bordavam duas penas brancas, uma de cada lado. Ao final das mangas compridas, as listras horizontais.

⁴⁰⁹ TITO FILHO, A. Educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 jun. 1989.

⁴¹⁰ TITO FILHO, A. Vestibular. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jul. 1989.

⁴¹¹ TITO FILHO, A. Vestibular. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 jul. 1989.

⁴¹² TITO FILHO, A. O velho Liceu (I). *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 ago. 1989.

Para ele, eram tempos bons, tempos que não voltam. Mas eram também tempos de “estudo e fidelidade aos livros, de aulas sérias, de mestres competentes: aprendia-se”.⁴¹³ Essas memórias são narradas frente a um presente marcado por um abandono da mocidade: abandono da família, da escola, da sociedade.⁴¹⁴ Além disso, o estado de coisas descrito pelo cronista passava também por um desaparecimento do status social dos professores, que julgava existir antigamente. Agora,

[...] relegando-se os [mestres] atuais as mais das vezes ao desprezo ou à desconsideração generalizada. A profissão não atrai os estudiosos como antigamente. Dela participam pessoas que deveriam exercer outras profissões. O governo, de sua vez, considera o ensino problema aborrecido e enervante. Nada pratica para dar-lhe rumos seguros e recuperá-lo. Dá preferência aos absurdos gastos com propaganda pessoal, obras suntuárias, mordomias condenáveis.⁴¹⁵

Para A. Tito Filho, a educação era um problema antigo, como a inflação, a reforma agrária, o êxodo rural, a favelização das cidades, a falta de habitação, os baixos salários, o inchaço do funcionalismo público, dentre outros, que acreditava só serem resolvidos com o “saneamento da moeda, extinguindo-se as dívidas de caráter interno e externo”.⁴¹⁶ A vida brasileira passava por um processo de deterioração, e, como o cronista também era professor de português, esse processo também afetava a língua portuguesa, sobretudo no que dizia respeito à oralidade, afetada pela televisão e suas novelas, que difundiam o *novelês*, ou seja, o português de novela, e pela subserviência às línguas estrangeiras, sobretudo o ensino de inglês nas escolas de educação básica.⁴¹⁷

Esse processo de deterioração também poderia ser culpa das mulheres, já que para o cronista “a sociedade moderna cometeu o grave erro de substituir desde a mais tenra idade o ensino familiar pela escola”.⁴¹⁸ Com a saída das mulheres para o mundo do trabalho, teriam causado a “extinção do núcleo familiar”. A. Tito Filho apontava, assim, que era preciso “salvar o menor”, para “dignificar a família”:

Em meio à degradação quase generalizada, a criança, o adolescente e o jovem, todos sem horizonte, sem teto, sem roupa, sem instrução, sem afeto, -

⁴¹³ TITO FILHO, A. O Liceu (II). *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 ago. 1989.

⁴¹⁴ TITO FILHO, A. Linguagem. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 ago. 1989.

⁴¹⁵ TITO FILHO, A. Greve e educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 ago. 1989.

⁴¹⁶ TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 dez. 1989.

⁴¹⁷ TITO FILHO, A. Educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jul. 1990.

⁴¹⁸ TITO FILHO, A. Imitação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 ago. 1990.

e a eles os maus exemplos, os tristes exemplos dos que deveriam educá-los para a vida. Estas as razões veementes que condenam, no caso, a sociedade dos homens, mal organizada e sem justiça social, e condenam o governo, em todas as suas esferas, cujos chefes as mais das vezes se conduzem por enervantes personalidades e reprováveis omissões. A vida familiar se encontra em dissolução. Pais e filhos mal se cumprimentam no recesso dos lares. Maridos e esposas vivem na rua, rebentos também, ou em torno das lições novelescas televisadas, nos chamados horários nobres. Nada se lê senão tolices. Não se estudam fatores culturais. Tudo se negocia, até a honra. Loucos são os que pregam no deserto.⁴¹⁹

Quanto ao Estatuto da Criança e do Adolescente, o cronista julgava tratar-se apenas “de mais uma balela dos donos do poder” e que os problemas que envolviam a criança e o adolescente só seriam resolvidos a partir do combate ao que julgava tratar-se de uma sociedade “injusta”, dividida entre ricos e pobres. Além disso, o cronista compara o presente e o passado, afirmando que antigamente não havia necessidade desse tipo de regulamentação já que

[...] no meu tempo de menino remediado a gente desconhecia droga, despudor, violência. As mães viviam no lar, como primeiras educadoras dos filhos que, pobres ou ricos, cresciam saudáveis para uma vida digna. A propaganda de minuto a minuto sustenta que o menor está salvo com o estatuto governamental. Como se salvarão esses pobres enteados da vida? Com as dádivas em feijão, roupas velhas, brinquedos de matéria plástica, que os ricos depositarão nos locais designados.⁴²⁰

Essa comparação entre os tempos da cidade ganha mais um reforço quando o cronista, a partir da descrição de sua própria educação, dá ao presente, inevitavelmente, uma dimensão pejorativa:

Quando me entendi em Teresina as mães viviam em casa, amamentando os pequerruchos, ou no preparo de mamadeiras ou dando fraldas, bem assim educando os meninos até que, aos sete anos, ingressavam na escola primária, ou no grupo escolar. A garotada começava o estudo de manhãzinha e nele permanecia até as onze horas, no bom recitativo da tabuada e na soletração de palavras. Os estabelecimentos pertenciam ao governo. Exigência apenas da fardinha caprichada, sapato ou botina e meia. Certamente que por baixo havia a calcinha das meninas, que os machos andavam descuecados. Havia escolas particulares, de professores e professoras, de irrisório pagamento.

[...]

Hoje as mães vivem nas ruas. Instituíram-se creches, onde os meninos aprendem a engatinhar. Em seguida, escola maternal. Depois, jardim,

⁴¹⁹ TITO FILHO, A. Ainda o menor. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 ago. 1990.

⁴²⁰ TITO FILHO, A. Criança e adolescente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 31 out. 1990.

alfabetização - e a seguir o primeiro e o segundo graus, tudo em estabelecimento de negócios particulares. As escolas do governo, ditas hoje do primeiro e segundo grau, oferecem péssimas condições de ensino, razão pela qual os pais se sacrificam nas escolas particulares, de elevado preço e exigências absurdas de vinte cadernos, coleções de madeira, de cera, hidrocor, figurinhas de jogador de futebol, resmas de chamex, cinco tesouras, um binóculo, vinte rolos de papel higiênico, trinta pacotes de absorventes para as mulheres, vinte folhas de estêncil, uma máquina de escrever, um computador dos Estados Unidos e contribuições para as festocas. Os jovens, machos e fêmeas, carregam tanto peso que ficam tortos de um dos lados - fora lencinho de papel, toalha, escova de dente, pasta, sabonete, desodorante, roupa de banho e outros ingredientes que me fogem da memória. Tudo moderno e amplamente atual.⁴²¹

Para o cronista, a mudança dessa situação deveria passar por uma reforma do sistema educacional brasileiro, mas que essa não deveria ser sinônima de vestibulares⁴²² e sim de uma efetiva reforma da educação nos moldes da realizada pelo ministro Francisco Campos.⁴²³ O vestibular não deveria ser parâmetro para avaliação dos estudantes já que este “sepultou a cultura, em todas as suas manifestações”.⁴²⁴

4.2 Cinemas, tiros e bagarotes: crônicas cinematográficas

Na seção anterior, vimos que uma das formas mais utilizadas por A. Tito Filho para lidar com a situação presente do cotidiano da cidade de Teresina era fazer algum tipo de comparação, de contraste entre a cidade do presente e a do passado, fosse tomando como base a imagem da cidade antiga, fosse tomando como parâmetro sua própria vida enquanto morador da mesma, a partir da década de 1930. Essa abordagem, como vimos, serviu para lidar tanto com o desaparecimento de uma série de elementos que julgava fundamentais da cidade, por exemplo, seus prédios e suas ruas, como para lidar com aquilo que poderia chamar

⁴²¹ TITO FILHO, A. Escolas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 abr. 1991.

⁴²² TITO FILHO, A. Reformas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jun. 1991.

⁴²³ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em Dores do Indaiá (MG), em 1891, faleceu em Belo Horizonte, 1968. Advogado e jurista, formou-se pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, em 1914. Em 1919, iniciou sua carreira política elegendo-se deputado estadual em Minas Gerais na legenda do Partido Republicano Mineiro (PRM). Em 1926, com a posse de Antônio Carlos no governo de Minas Gerais, assumiu a secretaria do Interior daquele estado. Utilizando-se de muitos postulados defendidos pelo movimento da Escola Nova, promoveu uma profunda reforma educacional em Minas. Com a posse do novo regime de Getúlio Vargas, assumiu a direção do recém-criado Ministério da Educação e Saúde, credenciado por sua atuação à frente dos assuntos educacionais de Minas. Promoveu, então, a reforma do ensino secundário e universitário no país. Em 1964, participou das conspirações contra o governo do presidente João Goulart. Após a implantação do regime militar, voltou a colaborar na montagem de um arcabouço institucional autoritário para o país, participando da elaboração dos dois primeiros Atos Institucionais baixados pelo novo regime (AI-1 e AI-2). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/francisco_campos>. Acesso em: 01 fevereiro 2014.

⁴²⁴ TITO FILHO, A. Temos de memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 07 ago. 1991.

de *estado de coisas da cultura*, mais especificamente a situação da educação pública, um tema de proporções nacionais. Agora, veremos mais um exemplo de como ele se utilizou dessa escrita para abordar o desaparecimento dos cinemas da cidade e as novas formas que o carnaval, tanto o de Teresina como o do Rio de Janeiro, um dos principais do país, haviam tomado ao final da década de 1980.

Em crônica que lamentava o abandono dos cinemas em Teresina, A. Tito Filho afirma que a primeira exibição de cinema na cidade aconteceu em 1901 no Teatro 4 de Setembro; em 1906, com exibições de filmes, seguidos de espetáculos em 1908. A partir de 1910, muitos filmes mudos fizeram sucesso. Aponta que Pedro Silva,⁴²⁵ grande animador da vida artística da capital, também manteve casas cinematográficas. Antes de 1930, inaugurava-se o Cinema Olímpia, na praça Rio Branco, e em 1933 os irmãos Alfredo e Miguel Ferreira dotavam a cidade de filmes falados. Sobre os cinemas da cidade, lembra também que:

Na década de 30 a risonha capital do Piauí possuía três cinemas – um tipo ‘poeira’, bancos de madeira, sem encosto, situado na rua Simplicio Mendes, no lugar onde hoje se encontra casa comercial. Tinha a especialidade em filmes seriados, em que o mocinho realizava pultricas incríveis. Seis semanas duravam as exibições, uma série de sete em sete dias. Também passavam películas de banguê-banguê, Tom Mix, Buck Jones e outros heróis da época. Superlotava-se na sessão dominical das seis da tarde. A molecada assobiava a valer. Outros dois eram de elite. O ‘Olímpia’, na praça Rio Branco de sessões chiques às 20 horas. Dias de domingo, as senhoras da alta-roda e os maridos engravatados enchiam a comprida sala de espetáculos. Bons filmes mudos. Artistas famosos. Pertencia ao carcamano Budaque. Na praça Dom Pedro II funcionava o Teatro 4 de Setembro, da empresa Ferreira Irmão, propriedade de Miguel e Alfredo, inaugurado em 1933 com a introdução do cinema falado em Teresina. Frequência da melhor sociedade. Nos dias de segunda-feira o ‘Olímpia’ oferecia entrada gratuita às normalistas fardadas, o que acontecia no 4 de Setembro, nos sábados.⁴²⁶

A. Tito Filho conclui a crônica afirmando que na década de 1940, o Royal e o Olímpia desapareceram e o Cine Rex e o São Luís surgiram apresentando luxo e frequência das camadas ilustres da cidade. Surgiu também o São Raimundo, de segunda classe, localizado no bairro Piçarra, então zona de meretrício da cidade. Em outras crônicas ele também abordará os cinemas da cidade, seja criticando a influência da televisão nos hábitos e costumes dos brasileiros, uniformizando e deformando a cultura que ia aos poucos sendo empacotada;⁴²⁷ seja apontando figuras importantes que de alguma forma contribuíram para “dotar Teresina de

⁴²⁵ TITO FILHO, A. Roteiro de Pedro Silva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 dez. 1988.

⁴²⁶ TITO FILHO, A. Cinema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 maio 1988.

⁴²⁷ TITO FILHO, A. Empacotamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 maio 1988.

confortáveis cinemas”.⁴²⁸ Assim, é perceptível em suas crônicas uma intrínseca e inseparável relação com o tempo. Elas têm como alvo a história do cinema em Teresina. Não vem ao caso aqui apontar as crônicas de A. Tito Filho como exercícios de historiador, mas como a crônica se configurou num tipo de escrita que lhe permitiu não apenas historiar os cinemas da cidade, mas ao mesmo tempo imprimir uma visão particular desse passado.

Mais do que narrativas do passado, o cronista registra a forma como experimentou esses cinemas, seus espaços e filmes, apresentando a crônica como um sinal que atualiza as imagens do passado.⁴²⁹ A crônica, aqui, aparece novamente como gênero de fronteira porque permite ao cronista registrar o cotidiano e suas sensibilidades. Aqui, a fronteira a ser abordada é aquela que permitiu à A. Tito Filho historiar os cinemas de Teresina e ao mesmo atravessar para o outro lado da crônica: aquele que lhe permitiu fazer dela um testemunho de si mesmo. Percebemos que ele se utiliza da história dos cinemas de Teresina para *falar de si*.⁴³⁰ Esse *falar de si*, que também é historiar, é possível porque os cronistas também são narradores. O narrador é aquele que consegue fazer de sua escrita um intercâmbio de experiências:

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.⁴³¹

O narrador, portanto, é aquele que retira da experiência o que ele conta: suas próprias experiências ou as experiências relatadas por outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes ou leitores. Assim, ao saber da recente morte do escritor Louis L'Amour, que abordou em suas obras temas relacionados ao velho oeste norte-americano, A. Tito Filho conta que nunca esqueceu os nomes célebres dos atores que participaram dos filmes inesquecíveis a respeito do velho oeste e que a literatura do oeste dos Estados Unidos sempre o atraiu, sobretudo a de autores como Fenimore Cooper, Zane Grey e Dee Brown. Eram também conteúdos que se relacionavam diretamente com sua infância:

⁴²⁸ TITO FILHO, A. Gente Oriental. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1988.

⁴²⁹ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A crônica como escrita autobiográfica: A. Tito Filho e a invenção de si. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, julho, 2011. Disponível em: < <http://bit.ly/J9vitj> >. Acesso em: 21 maio 2012.

⁴³⁰ SCHNEIDER, Claércio Ivan. O espírito da contradição: a crônica de Machado de Assis como testemunha de si mesmo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, julho, 2011. Disponível em: < <http://migre.me/bFQVr> >. Acesso em: 15 agosto 2012.

⁴³¹ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

Não durmo, nas minhas noites teresinenses, sem a leitura de um bom livrinho de caubói. O saloon, o forasteiro, o uísque ordinário, os revólveres de cada lado do tipo, o pôquer, a corista, o sujeito do piano desajeitado, os bandidões barbudos, cuspidos o pretume do tabaco, a mocinha da cidade, toda pureza, a pradaria, o deserto e as serpentes, a forca. De tudo resta o assalto a banco, um assalto mais civilizado. Não sei se morreu mesmo Louis L'Amour, que de vez em quando me concedeu bonitas páginas de aventuras do velho oeste para que eu matasse as saudades de filmes da meninice risonha.⁴³²

Já em outra crônica, *O último dos moicanos*, publicada dois anos depois, ele aborda novamente os cinemas de Teresina aproveitando os caminhos do velho oeste americano. A partir da exibição na TV de uma adaptação para o cinema do romance *O último dos moicanos*, visto pelo autor em outra versão ainda na infância, ele aborda os cinemas de Teresina se utilizando das fronteiras possibilitadas pela crônica:

Era bom. Naquele tempo, quando eu, molecote cheio de vida, recebia de meu pai dois mil-réis todos os domingos, meu ganho salarial. Na rua Simplício Mendes, no trecho da rua Lisandro Nogueira à praça Rio Branco, meio do quarteirão, estava o cinema Royal, de segunda classe. Exibia muito filme de caubói, com sessões iniciadas pelas seis e meia da tarde. Salãozão comprido, bancos de madeira sem encosto dos dois lados e a passagem dos frequentadores pelo meio. Eu gostava das aventuras espetaculares dos artistas que sempre venciam os bandidos covardes. Também havia os seriados. Seis semanas seguidas, cada semana um pedaço de estória, e o jeito que se aguardasse, curioso, a continuação no domingo seguinte. Dois mil-réis de meu pai valiam alguma cousa. A entrada do cinema saía por seiscentos réis. Na saída do espetáculo a gente dava duzentos réis por quatro cigarros marca Regência, comprava cinco bolos fritos por cem réis (um tostão) e guardava o resto dos bagarotes para um sorvete ou um copo de refresco de gelo rapado.⁴³³

Era no Royal, cinema do tipo “poeira”, que “trabalhavam” seus ídolos favoritos, entre os quais Tom Mix e Buck Jones. Suas aventuras preferidas eram as de caubóis. Mas só naquele momento, o da exibição da nova versão do *O último dos moicanos*, ele pôde compreender que as fantasias que o cinema mostrava eram na verdade histórias sobre feudos, o reino do gado, um mundo selvagem que não perdoava os fracos. Os fortes dependiam da faca e do revólver. Um mundo de violência derivada do jogo e das bebedeiras desenfreadas que substituíam a falta de mulher:

⁴³² TITO FILHO, A. Oeste. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 ago. 1988.

⁴³³ TITO FILHO, A. *O último dos moicanos*. *O Dia*, p. 4, Teresina, 4 nov. 1990.

Lembrei-me dos tempos nos grosseiros assentos de pau no saudoso cinema Royal de Teresina, casa de segunda ou terceira classe, onde a molecada se divertia, assobiando nos momentos de perigo. Não pude esquecer a moeda valiosa que meu pai me dava e que me proporcionava alegrias sem conta, época bendita em que ninguém ouvia a palavra dólar na tranquila e pitoresca Teresina.⁴³⁴

As crônicas cinematográficas de A. Tito Filho também possibilitam pensarmos até que ponto elas nos permitem avançá-las para a fronteira da memória. A memória é fundamentalmente um ato narrativo que se caracteriza, sobretudo, por sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo.⁴³⁵ As memórias também significam experiências consistentes, ancoradas num tempo passado facilmente localizável. A memória possui contextualidade e é passível de ser atualizada historicamente.⁴³⁶ As crônicas também são uma forma de lidar com situações e problemas do presente e não apenas a tentativa de mostrar um cinema que já não existe mais.

A memória, em princípio, parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Diria respeito, portanto, a acontecimentos vividos pessoalmente. Mas já foram apontados os elementos constitutivos da memória e que ela na verdade pode ser um fenômeno tanto individual como coletivo. Assim, ela diz respeito a acontecimentos vividos por um grupo ou coletividade à qual uma pessoa se sente pertencer; aos eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo; a pessoas ou personagens que são constituintes de uma memória; por último, a lugares de memória.⁴³⁷ Além disso, a memória é um importante elemento constituinte do sentimento de identidade em relação à própria unidade física de um sujeito ou grupo, uma unidade de tempo ou mesmo um sentido de coerência.

Nas crônicas de A. Tito Filho é importante observar que elas trazem um intenso sentimento de identidade com a cidade e também dizem respeito às experiências coletivas – elas não são, portanto, exclusivas da trajetória individual do autor. É possível traçar outras experiências que as colocam no âmbito da coletividade.

⁴³⁴ TITO FILHO, A. O último dos moicanos. *O Dia*, p. 4, Teresina, 4 nov. 1990.

⁴³⁵ LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 419-476.

⁴³⁶ DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectivas para a história. In: DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 111-136.

⁴³⁷ POLLACK, Michel. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212 [1-15]. Disponível em: <<http://bit.ly/ouHxcr>>. Acesso em: 24 maio 2012.

O texto de Afonso Ligório Pires de Carvalho⁴³⁸ é interessante porque permite não só fazer um contraponto ao texto de A. Tito Filho, cujas crônicas buscam nos mostrar “uma infância alegre passada numa cidade risonha”, mas ao mesmo tempo intensifica-o ao revelar a diversidade proporcionada pela temporalidade. Ao escrever sobre a Teresina dos anos 1940, Afonso Ligório descreve um *tempo-saudade*, uma maneira de lidar com esse tempo que o separa de um passado feliz vivido em Teresina.

Sobre os cinemas teresinenses, aponta a existência de três: Rex, Olímpia e Royal. Para a garotada, independente de posição social, o Royal figurava como o preferido, por exhibir os famosos filmes seriados em duas sessões aos domingos. Cada série ou capítulo acontecia aos domingos e somente no cinema Royal:

Daí a preferência da garotada pela ‘poeira’ que recebia, invariavelmente, expectadores acima de sua lotação. O Royal, porém, não fazia jus a essa preferência da meninada. Podia ser considerada a casa de projeção de filmes mais desconfortável em todos os sentidos. Impossível que outra a superasse em desleixo e descaso para com o público frequentador cativo. A começar dos assentos de tábuas corridas, inteiriças, sem acabamento, sem encosto. As tábuas eram enfileiradas e precariamente pregadas sobre rústicas toras de carnaubeiras, na forma de bancos, onde o público se acomodava como podia. O chão da longa sala exibidora era plano, num só nível do princípio ao fim. Os ocupantes dos bancos da frente impediam a visão dos que se localizassem logo atrás. Para evitar que assim acontecesse, os primeiros a chegar cuspiam ou (pasmem!) até urinavam nos bancos da frente para não serem ocupados. Em vão. Prevenidos, os frequentadores levavam jornal ou papelão para forrar o assento sujo, ou ficavam de pé, mas não perdiam o capítulo anunciado.⁴³⁹

Além disso, por não possuir aparelhos modernos, as exhibições eram marcadas por intervalos para troca de rolos de filme, o que irritava o público. A plateia, impulsiva e barulhenta, gritava e xingava muito durante esses intervalos. Segundo Afonso Ligório, não importava para a garotada a qualidade da casa exibidora, mas a satisfação gerada pelas fantasias que os seriados tornavam realidade momentânea na tela do Royal. Talvez essa impressão passada pelo texto surja pela preferência do autor pelo teatro e também pela falta de diversões para os meninos. Ele aponta que uma das poucas distrações disponíveis na época, fora o cinema, eram partidas de futebol em campos improvisados.

⁴³⁸ Afonso Ligório Pires de Carvalho (Luzilândia, 1928) é membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Atuou nos jornais Última Hora, de São Paulo, *Diário de Pernambuco* e *Correio Brasiliense*. Escreveu *Só esta vez* (contos), *A Hora Marcada* e *Tempos de Leônidas Melo*.

⁴³⁹ CARVALHO, Afonso Ligório Pires de. Teresina de Ontem e de Hoje. *Revista Presença*, Teresina, Ano XXVI, nº 46, Agosto, 2011. p. 7-17.

É perceptível que os textos de A. Tito Filho dialogam com o momento mais presente dos cinemas de Teresina. Em crônica sobre a história do cinema na cidade que traz informações já presentes em textos anteriores, como as primeiras exhibições, os cinemas existentes em diferentes décadas e seus filmes, conclui apontando que:

Os anos correm e construiu-se o cinema do Centro de Convenções, parece que desativado. Inaugurou-se ainda o Cinema de Arte, fechado, segundo informam, por falta de apoio oficial. De quantos existiram, dos anos 30 aos nossos dias, resta ainda o ‘Rex’, impávido, na praça Pedro II. Pena que Teresina esteja abandonada relativamente a uma das melhores diversões criadas pelo homem.⁴⁴⁰

As crônicas de A. Tito Filho tentam não apenas dar conta da necessidade de historiar e de proporcionar uma impressão subjetiva do passado, elas também são uma narrativa do presente. O cronista precisava lidar com os problemas enfrentados pelos cinemas da cidade naquele momento, como era o caso do Cine Rex, que há muito tempo já sofria uma crise financeira e sobrevivia muito mais pela vontade do seu dono que pelo lucro.⁴⁴¹ Havia também a concorrência dos aparelhos de videocassete e o surgimento do negócio das locadoras de VHS: em Teresina a procura era cada vez maior devido às “poucas opções de lazer oferecidas pela cidade”.⁴⁴²

Por último, alguns espaços enfrentavam problemas financeiros e estruturais que envolviam más condições higiênicas e falta de pagamentos, o que fazia com que “as distribuidoras só se comprometessem a fornecer filmes para exibição no Piauí depois do pagamento da dívida acumulada durante o ano passado e o primeiro semestre deste ano”.⁴⁴³ A partir de exemplos como este, tomar a crônica como gênero de fronteira é fundamental para visualizar as múltiplas camadas presentes nos textos de A. Tito Filho.

4.3 Carnavais e outros carnavais de Teresina

A temática do carnaval aparece em dois momentos nas escritas de A. Tito Filho: nas crônicas e no livro que dedicou ao tema, *Carnavais de Teresina*. No livro, A. Tito Filho propõe-se a historiar os carnavais de Teresina, de 1852 a 1952, o que afirma já na folha de

⁴⁴⁰ TITO FILHO, A. Cinema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 abr. 1991.

⁴⁴¹ Cine Rex completa 50 anos. *O Dia*, Teresina, 19 jul. 1988.

⁴⁴² Férias em casa. *O Dia*, Teresina, p. 11, 25 jan. 1989.

⁴⁴³ Cinema só reabre se pagar o débito às distribuidoras. *O Dia*, Teresina, p. 7, 9 ago. 1987.

rosto do livro: “a obra não se propõe registrar todos os episódios carnavalescos da cidade, mas os principais, inclusive dando-se notícia dos folguedos animados e desanimados”. A partir daí, inicia o texto com um pequeno estudo sobre os significados das palavras carnaval e entrudo, numa abordagem etimológica: sobre o entrudo, descreve as formas que a festa tomou no Brasil. Esse estudo do carnaval e do entrudo, tomando como base o estudo das palavras, também pôde ser observado nas crônicas publicadas posteriormente no jornal *O Dia*.

O autor elabora também uma espécie de vocabulário dos elementos que tradicionalmente compõem o carnaval: máscaras, fantasias, bailes, músicas de antigamente, comidas e bebidas, zé-pereira, pufe, préstito, jornais – “sempre os clubes ou sociedades carnavalescas editaram jornais, noticiadores das suas atividades, essas folhas circulavam interna e externamente” – confete, serpentina, cordão, rancho, bloco, corso e escola de samba. Esta parte do livro é importante porque funciona como uma espécie de dicionário que ajuda o leitor a acompanhar o texto e assim entender a diferença entre o rancho e o corso. Ele também apresenta uma listagem dos grandes sucessos da música carnavalesca em Teresina de 1915 a 1952.⁴⁴⁴ A. Tito Filho inicia o texto citando Monsenhor Chaves: “o carnaval teresinense até 1852 era mui modesto e consistia quase que exclusivamente no entrudo”.⁴⁴⁵ O entrudo é descrito por A. Tito Filho como:

Brutal, das bisnagas, que esguichavam água suja, vinagre e outros líquidos; os limões de cera, as cabacinhas, que se derramavam em roupas e cabeças. O entrudo era sujo e grosseiro: usavam-se nele até baldes, bacias e gamelas d’água de mistura com porcarias.⁴⁴⁶

O texto tem a forma de uma narrativa cronológica do carnaval de Teresina, sobretudo na primeira parte. A. Tito Filho marca o fim do entrudo no ano de 1859, quando se iniciou o carnaval em Teresina com a fundação de uma sociedade carnavalesca e a realização de bailes no Teatro Santa Teresa. Cita os principais locais de festas, as primeiras sociedades, os primeiros clubes, como os Fenianos que saíram “galhardamente” no carnaval de 1893:

Realizou formidável zé-pereira. A cidade em peso prestigiou o baile de ricas fantasias, nas quais primara o ouro, a seda e o veludo. Salões esplendorosos. Festa deslumbrante que durou até 2 da madrugada. Terça-feira gorda houve marcha triunfal pelas ruas: banda de música, corneteiros e tambores. Pelotão

⁴⁴⁴ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978, p. 5-17.

⁴⁴⁵ CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p 32

⁴⁴⁶ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978, p. 23.

de cavalaria. Carros alegóricos. Mascarados. Uma carruagem de garotas fantasiadas. Depois do desfile, piquenique.⁴⁴⁷

Também faz a descrição dos foliões fantasiados, agora no carnaval de 1894:

Dona *Mundinha Rosa* fantasiou-se de *Aurora*: vestido de seda cor-de-rosa, decotado, coberto de gaze branca estrelada. Rosas prateadas na frente. Custoso diadema no alto da cabeça. Luvas de seda cor-de-rosa, bonito cinto, delicados sapatos prateados, meias de seda cor-de-rosa. Estava acompanhada das filhas Dedita e Déia. No segundo baile, apresentou-se de *Cigana*, saia de veludo carmesim, com larga barra de veludo preto. Enfeites dourados, presos por largo fio de ouro, com triângulos, chaves e compassos. Sapatos pretos, meias de seda encarnada.⁴⁴⁸ (Grifos do autor).

Quanto aos locais onde os bailes eram realizados, o livro traz detalhada descrição da Assembleia Legislativa, onde foram realizados dois bailes carnavalescos em 1896:

Aspecto encantador do palácio da Câmara. Na fachada, fila de lanternas. Em cada janela, folhas e flores naturais. Um boneco, movido por cordel, agitava braços e pernas, saudando os que chegavam. Pelas paredes, caricaturas bem desenhadas por Casusa Avelino. Máscaras. Balões. Bandeirolas.⁴⁴⁹

Outro local importante era a praça Rio Branco, que em 1914 recebeu

[...] carnaval de muita animação. Domingo, a praça Rio Branco ofereceu aspecto deslumbrante. Imensa massa popular apreciou os folguedos. Tocava-se o maxixe. Muitas senhoritas davam aspecto encantador ao principal logradouro da cidade.

Quanto ao carnaval de 1920, A. Tito Filho faz uma citação de um jornal que apresenta o carnaval como algo indescritível:

É verdadeiramente impossível descrevermos o que foi o carnaval, este ano, em Teresina. Ainda não víamos tanto entusiasmo, tocando mesmo ao delírio. Todas as classes sociais brincaram, riram, dançaram, na alegria mais comunicativa. No dia 12 de fevereiro, 5ª feira, o zé-pereira percorreu a cidade. A partir de 6ª feira, bailes. Domingo, mascarados a pé e a cavalo.

⁴⁴⁷ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978, p. 24.

⁴⁴⁸ TITO FILHO, 1978, p. 25

⁴⁴⁹ TITO FILHO, 1978, p. 25

Carros alegóricos. A praça Rio Branco estava intransitável e ali se verificaram batalhas de lança perfume e confete.⁴⁵⁰

Quanto ao carnaval de 1925, A. Tito Filho refere-se à refundação do Clube dos Fenianos “que ofereceram bailes animados” para os seus sócios. No domingo de carnaval, “verdadeiro delírio”, com a participação da banda de clarins da Polícia Militar: os foliões saíram pelas ruas, invadindo as casas de amigos. Intensas batalhas de lança-perfume, curso de automóveis, muita música (sambas, tangos e maxixes). Além disso, Jônatas Batista⁴⁵¹ improvisava versos num automóvel e nos bailes do Clube dos Diários verificou-se muito luxo.⁴⁵² Nos carnavais de 1928 e 1929, ativou-se o processo de “assaltos” a casa de famílias. No carnaval de 1935, muitos festejos de grande animação:

Multidão na praça Rio Branco, onde se brincava de confete, lança-perfume e talco. Também na praça João Luís Ferreira houve batalhas entre blocos, animadas pelo jazz do 25 Batalhão de Caçadores. O zé-pereira desfilou pela avenida Frei Serafim, a partir das 15 horas. Do curso participaram carros de publicidade das cervejas Cascatinha e Brahma, com orquestras. O veículo da segunda foi ornamentado por Ercínio Fortes. O bloco Fuzarqueiros do Amor especializou-se nos ‘assaltos’ a residências, cujos donos cediam os salões para os folguedos e ofereciam bebidas. Uma das ‘assaltadas’: o palacete de Simplício Mendes.⁴⁵³

Também existiram comissões julgadoras dos blocos carnavalescos que participaram naquele ano. Avaliavam-se os blocos pelo tipo: os blocos pedestres, a veículo e de baile. Alguns blocos possuíam suas próprias músicas, como o bloco da Caninha Verde, que cantava os versos:

Ó minha caninha verde
Desta vez ninguém me pegue
Quem não brinca o carnaval
Vá pro diabo que o carregue.

Ó minha caninha verde
Vou botar-te no oratório
Vamos ver o seu Joãozinho
Ficar pronto no cartório.

Ó minha caninha verde

⁴⁵⁰ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978, p. 27.

⁴⁵¹ TITO FILHO, A. Jônatas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 jun. 1988.

⁴⁵² TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978, p. 30.

⁴⁵³ TITO FILHO, 1978, p. 32.

Vou gostar desta carreira
 Vamos todos minha gente
 No atromove do Gesteira.⁴⁵⁴

Ao final desta primeira parte do livro, abordando os carnavais do início da década de 1950, em texto intitulado Carnaval de hoje, A. Tito Filho afirma que ocorreram muitas modificações no carnaval teresinense, com festas desanimadas; o aparecimento de novos tipos de blocos, como o bloco de “sujos”; além da extinção dos corsos e aparecimento de outros tipos de clubes, não mais aqueles clubes carnavalescos, mas clubes de lazer no fim de semana que ofereciam bailes durante o período festivo. Também aponta que surgiram desfiles de escolas de sambas de caráter competitivo, com apoio do poder público.

Na segunda parte da obra, intitulada Carnaval humorístico, A. Tito Filho refere-se ao jornal *O Pirralho*,⁴⁵⁵ no qual trabalhou no início da década de 50. Refere-se mais especificamente ao ano de 1952, que encerra o recorte temporal do livro. Neste ano, o jornal publicou uma edição humorística (“um dos grandes momentos do carnaval de 52”) em que A. Tito Filho foi o responsável pelos textos em prosa e Valdemar Sandes o responsável pelos textos em verso. Além disso, a edição contou com caricaturas feitas por Ubiratan, o caricaturista do jornal. Dentre os personagens satirizados pelo jornal estava o governador do Piauí, Pedro Freitas.⁴⁵⁶ Eleito em 1950, assumiu em 1951 após derrotar o adversário Eurípides de Aguiar,⁴⁵⁷ conhecido jornalista e intelectual do Piauí que já havia governado o Piauí entre 1916 e 1920. O jornal satirizou justamente o fato de que Pedro Freitas não possuía formação acadêmica:

Sem sê um cabra istudado
 Passei us pé nus douto,
 Pois meu primêro deploma
 Foi u de governadô.

Assim, cum cara de pato,

⁴⁵⁴ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 33.

⁴⁵⁵ Foi um jornal crítico e humorístico, criado e dirigido por B. Lemos em 1948. Ressurgiu em nova fase em 1952, de propriedade e dirigido por Alberôni Lemos, com a colaboração de A. Tito Filho. Após novo encerramento de suas atividades, reapareceu em 1972, como suplemento de *O Estado*. Ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972. p. 96.

⁴⁵⁶ Pedro de Almendra Freitas governou o Piauí de 31 de janeiro de 1951 a 31 de janeiro de 1955. Do alto comércio piauiense, foi presidente, em Teresina, do Clube dos Diários, do Rotary Clube, da Associação Comercial e do Conselho Administrativo do Piauí. Nasceu em José de Freitas (PI). Fonte: TITO FILHO, A. *Governadores do Piauí: Capitania, Província, Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978. p. 55-56.

⁴⁵⁷ Eurípides Clementino de Aguiar, governou o Piauí de 1 de julho de 1916 a 1 de julho de 1920. Médico com experiência na Europa, foi também Senador da República. Jornalista, exerceu grande influência na vida política do Piauí. Nasceu em Matões (MA) e faleceu em 1953 em Teresina. Ver: TITO FILHO, A. *O velho guerreiro*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 dez. 1987.

Foi que vinci Oripão,
Mandei pras fava os Pacheco
E fiz as paz com Janjão.

Pra governá num prciso
Sê um isprito inlustrado,
Aprendi vendo u inzemplo
Du douto Rocha Furtado.⁴⁵⁸



Figura1 – Caricatura do governador Pedro Freitas.

Fonte: TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 39.

Na sequência, o livro traz uma lista com notas explicativas de trechos dos versos, como por exemplo, o motivo do apelido Janjão, referência a João Mendes Olímpio de Melo, que era adversário político de Pedro Freitas. Outro aspecto da edição de *O Pirralho* que A. Tito Filho considera importante é uma entrevista “imaginária”, atribuída a um jornalista chamado Aluísio Ribeiro da Silva que chefiava a imprensa governamental. Na entrevista fictícia, o governador é questionado acerca do futuro do Piauí, o problema da água, os transportes, educação e cultura.⁴⁵⁹ Outro destaque da edição carnavalesca de *O Pirralho* foram as caricaturas e versos satíricos direcionados às figuras que o jornal considerava representativas da cidade, boa parte deles intelectuais ligados à imprensa e à literatura ou mesmo à política local. Um dos “homenageados” foi Mário José Baptista.⁴⁶⁰

⁴⁵⁸ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 39.

⁴⁵⁹ TITO FILHO, 1978, p. 41-45

⁴⁶⁰ Mário José Baptista. Advogado, jornalista, professor, poeta e historiador. Nasceu em Valença do Piauí e faleceu em Teresina (1884-1965). Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, foi professor do Liceu Piauiense e da antiga Faculdade de Direito do Piauí, onde também foi diretor. Foi deputado estadual e vice-prefeito de Teresina (1917-1920). Foi colaborador de vários jornais, como *Diário do Piauí* e *O Mensageiro*.

Homem de bem, culto, honrado, mestre popularíssimo, valia boa caricatura e bons versos. Usava espesso bigodão, com as pontas no rumo de cima. Não dispensava guarda-chuva, chovesse ou fizesse sol. Nunca desprezava o tabaco torrado (rapé). Gostava de sentar-se sobre uma das pernas.⁴⁶¹



Figura 2 – Caricatura de Mário José Baptista

Fonte: TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 46.

Outro homenageado foi José Gayoso Freitas, “ilustrado mestre universitário”, que era então presidente do Conselho Estadual de Educação: “Sou’ magro mas sou sadio, / A farra a mim não estafa, / Pra não viver no desvio / Varro cacos de garrafa”:⁴⁶²



Figura 5 – Caricatura de José Gayoso Freitas

Fonte: TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p.

Pertenceu à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira de nº 4. Fonte: GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007. p. 402-403.

⁴⁶¹ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 45.

⁴⁶² TITO FILHO, 1978, p. 51.

Além dos citados acima, outros personagens foram satirizados pela edição carnavalesca de *O Pirralho*, como o ex-prefeito de Teresina Godofredo Freire e o jornalista Alberoni Lemos, então proprietário do jornal. A parte final de *Carnavais de Teresina* traz também uma listagem de todas as pessoas citadas no texto, bem como da descrição de alguns locais citados ao longo do livro, como o Teatro Santa Teresa, o primeiro teatro de Teresina e que abrigou muitos dos bailes carnavalescos citados pelo autor.⁴⁶³

É importante ressaltar também que a obra reafirma muito do que outros trabalhos já haviam demonstrado acerca dos carnavais de Teresina. Aqui, como em boa parte do mundo ocidental, o carnaval é caracterizado como uma festa lúdica de espírito irreverente e envolvente em que os participantes são contagiados pela ansiedade e estimulados pelo desejo, pela utopia e pela liberdade de poder fazer em três dias tudo aquilo que não lhes é permitido durante todo o ano. O carnaval cria, assim, um estilo de vida plausível de negação da ordem vigente. Pudemos observar isto, sobretudo, na segunda parte da obra, onde A. Tito Filho aborda a edição carnavalesca de *O Pirralho*.

Percebe-se também que até a década de 1920, o carnaval teresinense esteve confinado, praticamente, nos bailes em clubes e residências particulares, embora já se realizassem préstitos constituídos por carruagens lotadas desfilando pelas ruas ao som de marchas triunfais. Assim, a festa que é tida como essencialmente popular, ocorria em espaços privados e sem maiores inovações.⁴⁶⁴ Considerando os elementos que compõem *Carnavais de Teresina*, seus temas, sua escrita e sua organização, o livro possibilita problematizar aspectos referentes à historiografia do carnaval brasileiro. Poderia mesmo ser analisado em termos de modelos de estudo sobre o carnaval. É o que aponta, analisando o zé-pereira e suas várias faces, Maria Clementina Pereira Cunha.⁴⁶⁵

Para a autora, ao longo do tempo a historiografia brasileira construiu um modelo ou mesmo uma tradição⁴⁶⁶ de estudo da festa. Constituíram-se primeiramente para o carnaval imagens semelhantes àquelas da loucura. A ideia de inversão, associada à do afrouxamento consentido das regras firmou-se no Brasil da segunda metade do século XIX como o principal eixo dos significados da festa. Era uma concepção recorrente entre intelectuais e literatos das últimas décadas do século XIX – o modelo “escape através da inversão”.

⁴⁶³ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 53-63.

⁴⁶⁴ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O carnaval de Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *História de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 74-95.

⁴⁶⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 371-417.

⁴⁶⁶ WILLIAMS, Raymond. Um problema de perspectiva. In: WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na literatura e na história*. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 22-28.

A autora aponta que a possibilidade de uma diluição onírica e ritualizada das diferenças contidas nestas noções levou alguns intelectuais, de ontem e de hoje, a ver nos carnavais momentos propícios à emergência de uma identidade genérica – nacional ou carioca, por exemplo – oculta nos dias comuns. Seja como for, importa notar que muito cedo se procurou, na folia, os sinais de uma identidade possível e se lutou intensamente pela definição de seu perfil. Para ela, seria muito mais interessante ver o carnaval como uma ocasião de multidões nas ruas, de explosões de violência e manifestações de comportamentos, de disputas pela legitimidade da presença de diferentes setores e grupos no interior da festa, em um tenso diálogo social.

Para Alexandre Lazzari, a história do carnaval em Porto Alegre⁴⁶⁷ revela o conflito que envolvia se considerar legítimas representantes das tradições carnavalescas algumas práticas populares da festa. Ele observa isso a partir das opiniões dos “homens de jornal” – geralmente jornalistas e cronistas. Predominavam nas páginas dos jornais porto-alegrenses a ideia de decadência e degeneração de um sentido original do carnaval e a saudade de um passado idealizado como tradição desaparecida. Lazzari aponta que esta ideia de tradição carnavalesca defendida por alguns cronistas e jornais do momento, entre 1870-1915, era evocar um tempo idealizado de confiança e respeito mútuo perdidos pelos carnavais do presente. Isto teria um significado muito especial naquele contexto, já que para estes cronistas porto-alegrenses elogiar o passado em detrimento do presente, mesmo se tratando do comportamento dos foliões nos dias de carnaval, não seria algo politicamente inócuo. Acreditavam que os mascarados, zé-pereiras e demais grupos eram insuportáveis porque queriam ser igual a eles, ocupar o mesmo espaço simbólico em que, antes, a elite da cidade pensava representar com exclusividade a imagem legítima do carnaval. Demonstravam, portanto, muito mais uma preocupação com o *como* e *quem* brincava o carnaval.

Já Cristina Schettini Pereira,⁴⁶⁸ em seu estudo sobre as sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro do final do século XIX, analisa suas relações com as mulheres e sua presença no carnaval. Exclusivamente formadas por homens, muitos deles envolvidos diretamente com a causa abolicionista e republicana, essas sociedades buscavam, numa afirmação da identidade de foliões civilizados e civilizadores, frequentemente recorrer a figuras femininas sempre nos termos da dicotomia honesta/prostituta. Na Proclamação da República e nos primeiros anos

⁴⁶⁷ LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001.

⁴⁶⁸ PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 311-339.

do novo governo essas sociedades mudaram seus temas ao incluírem mulheres que se formaram em medicina ou reivindicavam o direito ao voto. O segundo pilar de suas identidades de foliões era composto pelo outro lado da dicotomia que compunha seu padrão de julgamento moral das mulheres: as prostitutas.

Segundo a autora, os jornais chegavam a vender páginas inteiras para que cada sociedade publicasse longos *puffs*, anunciando seus bailes e desfiles em grandes carros pelas principais ruas da cidade. Esses homens utilizavam as sociedades para cultivar o que poderia ser chamado de uma “licenciosidade carnavalesca” para si próprios e ao mesmo tempo fazer propaganda da abolição e da Proclamação República. Por meios dos desfiles pretendiam abolir também o entrudo e outras práticas difundidas entre a população carioca desde os tempos coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas, supostamente inspiradas nos carnavais venezianos.

Por último, a pesquisa de Leonardo Affonso de Miranda Pereira⁴⁶⁹ sobre os clubes recreativos cariocas nas duas primeiras décadas do século XX demonstram, a partir do estudo de fontes policiais, os problemas que marcavam as experiências dos frequentadores destes clubes e como muitos deles tinham como característica principal uma composição social restrita, sendo formados em sua maior parte por trabalhadores de baixa renda. As próprias sedes dos clubes dançantes evidenciavam tratar-se de centros recreativos para uma população pobre. Estas associações eram alvo de constantes cuidados e permanente repressão policial, num esforço que resultou na produção de inúmeros processos de concessão ou cassação de licenças para seu funcionamento, além de uma infinidade de notícias nas páginas policiais dos grandes jornais cariocas.

Segundo o autor, inúmeros cronistas dos jornais cariocas caracterizavam esses festejos como antros de perdição e violência. Tornava-se comum, por isso, a presença desses clubes nas colunas policiais dos jornais. Os cronistas, ao verem sofrimento e tortura onde os frequentadores enxergavam prazer e diversão, mostravam o abismo que separava as concepções letradas sobre seus clubes e bailes do modo pelo qual eram vividos pelos que se entregavam às suas danças e requebros nas regiões mais pobres da cidade. Os cronistas não perceberam também que ao fazer do lazer um motivo de união, os frequentadores desses centros recreativos demonstravam ter nos clubes um elemento de identidade.

⁴⁶⁹ PEREIRA, Leonardo de Affonso Miranda. E o Rio dançou: identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 419-444.

Agora, pensar a escrita de A. Tito Filho como um modelo ou uma matriz explicativa implica num retorno a um ponto já mencionado nesta dissertação: aquele referente à diferença entre a crônica antiga e a moderna, já que A. Tito Filho produziu as duas formas. Muitos daqueles elementos presentes nos modelos de estudo do carnaval brasileiro descrito por Maria Clementina Pereira Cunha são perceptíveis em *Carnavais de Teresina*. Por exemplo, a escrita marcada por uma organização cronológica da festa, ano a ano, num período bem delimitado, de 1852 a 1952. Outro elemento é a presença no texto de um capítulo abordando o significado das palavras carnaval e entrudo. São dois elementos que remetem àquilo que a autora apontou como abordagem evolutiva, uma história, portanto, política do carnaval. Além disso, A. Tito Filho delimita o início dos carnavais de Teresina como ruptura, como um distanciamento em relação ao entrudo, que nem mesmo chega a ser considerado como carnaval ou parte dele – o carnaval surge do próprio desaparecimento do entrudo.

Em *Carnavais de Teresina* percebemos também uma preocupação do autor em vincular as festividades ao universo das elites letradas e políticas, bem como apresentar o carnaval como um período marcado por aquela ideia de inversão apontada por Maria Clementina Pereira da Cunha: a edição humorística de *O Pirralho* seria o espaço por excelência dessa inversão – ali estão as caricaturas e os versos satíricos que homenageavam figuras do mundo político e das letras, além da referida entrevista fictícia com o governador Pedro Freitas.

Para Roberto DaMatta,⁴⁷⁰ considerar a inversão como o princípio sociológico central para o qual converge o universo carnavalesco implica a necessidade de realizarmos um esforço de juntar a forma (a lógica e o mecanismo) com o conteúdo, o que resulta em questionar o que é invertido no carnaval brasileiro. Para ele, o carnaval inventa seu espaço social, que, embora possa estar determinado, tem suas próprias regras, sua própria lógica. O carnaval é um momento especial, onde tudo pode acontecer, ou seja, sociologicamente, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidades e deixa de ser focalizado por meio de seus mediadores sociais ordinários, como profissão, bairro, riqueza, poder, etc.⁴⁷¹ É justamente isso que Maria Clementina Pereira Cunha criticava ao propor uma nova forma de abordar o carnaval, uma nova forma que levasse em conta uma visão do carnaval como o espaço do conflito ou mesmo o momento em que os conflitos são silenciados. A. Tito Filho em nenhum momento registra práticas carnavalescas que não sejam atreladas aos grupos que lhe interessa mostrar. Aliás, a única que menciona é o entrudo, mas apenas para fazê-lo

⁴⁷⁰ DAMATTA, Roberto. Carnaval em múltiplos planos. In: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 85-151.

⁴⁷¹ DAMATTA, 1997, p. 153-178.

desaparecer. O autor⁴⁷² que surge no livro é, assim, não um mero cronista, mas um sujeito que se preocupa muito mais em apresentar um ponto de vista acerca do carnaval.

De qualquer forma, é também importante compreender que o carnaval pode ser um momento de união emocional ou *communitas*, como almeja Roberto DaMatta, e mesmo uma trégua na luta de classes. Apesar disso, não podemos deixar de notar que ele não tem necessariamente o mesmo significado para todos os participantes.⁴⁷³ Ao final da segunda parte do livro, aquela em que A. Tito Filho historia os carnavais de Teresina, termina o texto apontando que:

De certo tempo ao dias atuais houve muita modificação no carnaval teresinense: desanimados folguedos nas ruas, nas quais aparecem alguns dos chamados blocos de *sujos*; extinção do curso de automóveis e caminhões; aparecimento de outros clubes recreativos que, quase sempre, oferecem bailes durante o período momesco; e o desfile das *escolas de samba* de caráter competitivo, com apoio da Prefeitura Municipal.⁴⁷⁴ (*Grifos do autor*).

Esse trecho remete à intenção do literato de evocar um tempo idealizado de confiança e respeito mútuo, agora perdidos, de um verdadeiro carnaval; por isso elogiar o passado em detrimento do presente poderia resultar em algo politicamente positivo. O lugar onde a escrita de A. Tito Filho tentaria com mais ênfase resolver o conflito em torno do carnaval, saber qual seria a verdadeira festa, é o das crônicas onde escreveu sobre o mesmo tema mais ou menos dez anos após a publicação de *Carnavais de Teresina*. Nas crônicas publicadas no jornal *O Dia* que tinham como tema o carnaval, inclusive o carnaval do Rio de Janeiro, existe uma grande mudança de tom. Ainda que as primeiras, como por exemplo, Velhos carnavais⁴⁷⁵ e Carnavais de Teresina,⁴⁷⁶ mantenham uma estrutura similar aos capítulos do livro *Carnavais de Teresina*, inclusive reproduzindo partes do texto, nos dias seguintes elas tomam um novo rumo. Em crônica intitulada Carnavalescação, A. Tito Filho faz uma comparação entre os carnavais do passado e do presente. Sobre os carnavais do passado, aponta que antigamente

[...] se fazia carnaval na terça-feira. E a coisa se tornou gostosa e reclamou a segunda, o domingo. Depois se adotou o sábado, a sexta-feira, numa encompridação constante. Contem-se os dias: de sexta-feira anuncia-se que o

⁴⁷² FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.

⁴⁷³ BURKE, Peter. A tradução da cultura: o Carnaval em dois ou três mundos. In: BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 213-230.

⁴⁷⁴ TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978. p. 39

⁴⁷⁵ TITO FILHO, A. Velhos carnavais. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 jan. 1989.

⁴⁷⁶ TITO FILHO, A. Carnavais de Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 fev. 1989.

expediente em todos os setores tem início ao meio-dia, embora só operário de salário-mínimo cumpra o estabelecido. A farra termina de manhã, no dia das cinzas e ninguém nasceu e cresceu feito de ferro. Há necessidade de que o álcool saia das entranhas. Conte-se a quarta. Restam a quinta e a sexta. A antevisão do sábado e do domingo faz que se dê feriado desde o início da festa até o domingo seguinte seguida a ela. Reino da preguiça e da malandragem.⁴⁷⁷

A. Tito Filho afirmava que o carnaval acabava fazendo com que a nação se paralisasse por mais ou menos dez dias, afetando muitos dos seus setores produtivos, sobretudo o serviço público. Constituía assim péssimo exemplo de “chefões, chefetes, chefinhos”, já que o país gastava somas “fabulosas” em escolas de samba, enquanto os serviços públicos essenciais, hospitais, remédios e segurança pública eram escandalosamente ignorados pelo poder público. O carnaval que, para o cronista, deveria ser uma festa de alegria e bom humor transformou-se na visão do cronista em “espetáculo de luxúria e de pornografia, de luxo nos desfiles e fantasias dos grandes centros populacionais.” Aqui, percebe-se que A. Tito Filho está criticando, provavelmente, o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, transmitido pela TV. Mas na terça-feira de carnaval, ele se dirigiu à avenida Frei Serafim, uma das mais importantes da cidade, para ver o que chamou de carnavalescação. Descreve-a como de

[...] mau gosto generalizado. Frescura muita. No meu tempo de rapaz, só havia de baitola o animado Bernardo Alfaiate, que sempre saía de baiana cheia de enfeites, de vistosos adornos na cabeça, mas sem peitos. Aplaudidíssimo. Agora o carnaval se faz com veados e bumbuns. Cada maricas de seios e salamaleques que dá gosto. As fêmeas de traseiros à mostra e algumas até de boi da cara preta de ninguém botar defeito. Não vi exibição de beleza feminina, mas simples e veemente pornografia.⁴⁷⁸

No dia seguinte, o autor publicou nova crônica que mantinha o mesmo ritmo do texto anterior, onde novamente fazia uma comparação entre os carnavais do presente e do passado. Em Quase no fim, afirma que o carnaval valia uma festa graciosa, bem humorada e de alegria contagiante. Mesmo em tempos mais remotos, lá no início do carnaval propriamente dito, “depois que se proibiu a estúpida brincadeira do entrudo”, a festa acontecia em bailes nos clubes sociais e nas ruas e a máscara era a principal fantasia. Segundo A. Tito Filho, o carnaval passou por uma evolução, “ano por ano”, que resultou numa festa cada vez melhor: apareceram os ranchos, os cordões, os blocos, cheios de entusiasmo, que percorriam as ruas

⁴⁷⁷ TITO FILHO, A. Carnavalescação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 mar. 1989.

⁴⁷⁸ TITO FILHO, A. Carnavalescação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 mar. 1989.

da cidade e prestigiavam as festas nos salões. Para ele, o carnaval era um misto de beleza e deslumbramento:

Que dizer das saudosas batalhas de confete e lança-perfume nas praças animadas de inesquecíveis sambas e marchas executadas pelas bandas militares? O automóvel e o caminhão fizeram o curso gostoso. Percorriam-se ruas previamente escolhidas e veículos, marcha vagarosa, lotados de moças e rapazes, se enfeitavam e de um para outro jogava-se colorida serpentina. Muita cantiga bonita e movimento de corpo. Pelas vias públicas desfilavam homens fantasiados. Muito bom humor em tudo. Raras brigas se verificavam. Nos grandes centros registrava-se às vezes um crime de morte. Governos federais, estaduais e municipais nada gastavam nessa ruidosa brincadeira nacional.⁴⁷⁹

Já a festa de Momo do presente, na visão do cronista, transformou-se numa grande manifestação de perversões. O que parecia alegria julgava ser na verdade fúria e violência. Para A. Tito Filho, o carnaval havia se transformado em uma válvula de escape para manifestações de angústia e para que “doentes espirituais” fugissem da realidade. Agora, era uma festa monótona, que vivia do dinheiro de órgãos oficiais; uma indústria da festa em que os clubes não conseguiam se manter por contra própria. Quanto às escolas de samba, restava dizer que:

Todos os anos é a mesma cousa. Remelexo, bumbuns de fora, o boi da cara preta também, seios amostrados. Homossexuais, héteros, giletes e outros tipos da selva pornográfica desfilam à custa de verbas do erário, para que os que moram em casebres de taipa, em favelas, ou debaixo das pontes, em quartos de papelão, felizes, pensem que participaram da festa do povo. Está quase no fim o carnaval.⁴⁸⁰

Ainda em 1989, A. Tito Filho publicou mais um texto comparando os carnavais do presente e do passado, opondo um carnaval antigo tomado pelo “entusiasmo e alegria dos foliões” contra o carnaval “pornográfico” do presente. Para ele, quem viu os carnavais antigos nunca esquece:

As fantasias bonitas, os bailes de intensa animação, as melodias inesquecíveis, os prestígios, as batalhas de confetes – rodelinhas coloridas atiradas pelos foliões uns aos outros, e as de lança-perfume, as serpentinas,

⁴⁷⁹ TITO FILHO, A. Quase no fim. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 mar. 1989.

⁴⁸⁰ TITO FILHO, A. Quase no fim. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 mar. 1989.

os cordões, os blocos, o corso – tudo isto se resume em muita saudade de tempos maravilhosos.⁴⁸¹

O carnaval, agora se referindo ao ano de 1989, nos bailes e nas ruas era exibição de corpos numa disputa de caráter erótico, em que as mulheres eram feitas meros objetos de uso publicitário. No espaço fechado dos clubes, o que se via era uma paisagem de homens e mulheres em cenas degradantes, “mostrando as vergonhas que Deus mandou que fossem cobertas. Que dizer da selva dos homossexuais?”. Ainda nessa crônica, A. Tito Filho culpa o fim da censura pelo estado de coisas do carnaval, já que agora não existiam mais normas que regessem os princípios da moralidade pública. A própria Constituição Federal garantia o imoralismo. Pior era ver que o carnaval brasileiro

[...] se resume nos bailes de uns clubes elegantes e nos desfiles de luxo das escolas de samba, estas patrocinadas pelos cofres públicos – e os Estados e municípios vão copiando a prática e ovacionando a falta de decoro por todos os cantos e recantos.⁴⁸²

O cronista aqui já não é mais aquele de *Carnavais de Teresina*, que buscava historiar os carnavais da cidade de 1852 a 1952. Agora ele surge como o observador do cotidiano que por ocupar uma tribuna privilegiada, a da crônica, debatia questões da ordem do dia, deixando em seus textos sua visão de um tempo vivido.⁴⁸³ Para Peter Burke, cada descrição do carnaval é na verdade uma interpretação, pelo menos em parte: as fontes sugerem que o carnaval era um tempo de permissividade relativa, um tempo de excitações aumentadas, visto como “liberdade universal” pelos participantes que pareciam deter uma sensação de poder, de impunidade, no qual quase tudo era permitido.⁴⁸⁴

É perceptível que A. Tito Filho se incomodava justamente com essa “liberdade universal”, com essa “loucura universal”, essa ideia de que o carnaval é o período onde quase tudo é permitido. Incomodava-se com a paralisação dos dias úteis; a festa transformada em demonstração de luxúria e sexo; a presença dos homossexuais e outros tipos “invertidos”; a participação feminina como sinônima da exploração do corpo pela publicidade; enfim, o carnaval como espaço da perversidade/permissividade e da subversão das leis, sobretudo por

⁴⁸¹ TITO FILHO, A. Ontem e hoje. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12-13 mar. 1989.

⁴⁸² TITO FILHO, A. Ontem e hoje. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12-13 mar. 1989.

⁴⁸³ SOUZA, Sílvia Cristina Martins de. Ao correr da pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 123-143.

⁴⁸⁴ BURKE, Peter. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 27-39.

se aproveitar do fim da censura. As escolas de samba se transformavam, assim, no espaço privilegiado onde tudo isso tomava forma, uma forma que era a representação mais acabada de tudo aquilo que o carnaval virou: paisagem da desolação moral, da pornografia, do cinismo e do imoralismo.

Quanto aos aspectos relativos à escrita, as crônicas são elaboradas para resolver o “problema do carnaval do presente” em termos também de inversão: lida com o presente mantendo uma relação *cheek to cheek* com o passado;⁴⁸⁵ por outro lado, é justamente essa relação que permitirá que o presente “invertido” seja mais bem suportado, por permitir ao cronista “desembarcar” nele vindo do passado. São crônicas onde o tempo não é tomado por uma cronologia, como acontece no livro *Carnavais de Teresina*, mas por uma intensidade.⁴⁸⁶ O carnaval, essa época da “inversão”, precisa na escrita de A. Tito Filho estabelecer uma relação pautada numa *lógica da ambivalência*, que projetará o relato da crônica para uma dimensão carnavalizada. Ou melhor, a dimensão carnavalizada do presente precisa ser mais bem absorvida nos termos de uma ambivalência – é como se a ambivalência fosse o arco que sustentava essas crônicas.⁴⁸⁷ A escrita de A. Tito Filho não estabelece uma *lógica da inversão*⁴⁸⁸ em relação ao presente, pois ele já aparece invertido aos olhos do cronista. Suas crônicas, dotadas obviamente de uma subjetividade bem marcada, demonstram suas opiniões. Mas para suportar esse presente ele inverte os termos da relação, lidando com o carnaval do final da década de 1980 e início da década de 1990 através do passado, tomando como referências uma visão, sem dúvida nostálgica, dos carnavais teresinenses do passado.

Já em 1990, A. Tito Filho escreveu apenas duas crônicas sobre o carnaval: na primeira estabelece uma antevisão do fim da festa e na segunda critica sua intensa comercialização. Em *The End*, ele afirma que a bonita trajetória da festa, “desde o velhíssimo entrudo”, atingiu o último capítulo. Nas circunstâncias atuais, o carnaval já não tem mais coisa alguma a ver com os verificados até os anos 1960, “de músicas inesquecíveis, bailes maravilhosos, corso, batalhas de confete, de serpentina e de lança-perfume.” As escolas de samba do Rio de Janeiro do passado ofereciam um espetáculo de criatividade e o carnaval era uma festa espontânea, popular, original e bem humorada – agora, anulada e desprezada:

⁴⁸⁵ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴⁸⁶ GAGNEBIAN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: GAGNEBIAN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 73-92.

⁴⁸⁷ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 79.

⁴⁸⁸ DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 53-93.

Que se observa nestes novos tempos? O carnaval comercializado, para atrair turistas endinheirados, que gastam e esbanjam, embora sufoquem a alma popular. As escolas de samba, no Rio, gastam milhões, endinheirando mais ainda os empresários do luxo desmedido, num país de famintos e miseráveis. Carnaval oficial em que se gastam milhões dos cofres da nação. E os bailes? Terça-feira, a partir das 23 horas, duas televisões repetiam as imagens das danças em dois clubes: o Monte Líbano e o Scala, ambos do Rio. Que se viu? O desfile de mulheres nuas, em requebros bestialógicos, pelo meio do salão, justamente porque lhes faltam homem para o recato das alcovas. Na outra festança, a do Scala, uma concentração formidável de gueis, ou veados de ricas fantasias. Mau gosto para todos os cantos, as bichas peitudas, bundudas, à custa de hormônios, mostrando os ditos e as ditas, em rebolados e trejeitos, sempre entrevistadas por artista célebre, a Monique Evans, que deles debochava a mais poder. Manhãzinha de 4ª feira, o espetáculo de Sodoma e Gomorra ainda estava nas telas das televisões que pertencem ao governo. O Brasil está podre.⁴⁸⁹

Em Teresina, o cronista observou um carnaval “inexpressivo e sem graça.” Já em Carnaval, o cronista aponta que ao final de mais um período festivo ruidoso, transformaram-se as saudáveis brincadeiras do passado num espetáculo de luxúria bancado “pelos poderes públicos e pelos banqueiros do jogo do bicho”, com o objetivo único de atingir lucros milionários. O carnaval já não é mais aquele das batalhas de confete, da serpentina, do corso, dos blocos – tudo desapareceu. Agora vigoram as escolas de samba “de milhares de figurantes e despesas astronômicas”. Um carnaval que é mera rotina, todo ano a mesma coisa. Para A. Tito Filho, além de ser uma festa comercializada e decadente, sobretudo tomando como referências os carnavais de Rio e São Paulo, ainda gerava imitações:

Mas em outros estados e municípios procura-se imitar o Rio e São Paulo e apresentam arremedos de escolas de samba, como as de Teresina, de reduzido número de figurantes, carros alegóricos mambembes, desajeitados, algumas caboclas sacudindo as ancas e exibindo os magros possuídos. Pelo meio, alguns veados desengonçados. Vale dizer que o soçaito e a classe média da capital piauiense correm para a pequena faixa litorânea de Luís Correia, a 300 quilômetros de distância, e aí os ricos se banqueteam em chalés e mansões elegantes, enquanto o grosso dos visitantes vegeta na mais condenável promiscuidade. Em Barras, cidade pobre do Norte do Piauí, a prefeitura subvenciona a festança, e põe na velha rua Grande, hoje Taumaturgo de Azevedo, escolas de samba, enfeitadas de garotas peladas, num meio em que a pobreza passa fome e talvez a professora ganhe ordenado de mendigo.⁴⁹⁰

⁴⁸⁹ TITO FILHO, A. The End. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 mar. 1990.

⁴⁹⁰ TITO FILHO, A. Carnaval. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1990.

Para ele, o carnaval não mais se constituía em festa popular, esta era o carnaval de ontem. O carnaval de hoje era na verdade uma demonstração do quanto o poder público gastava, ou melhor, desperdiçava na festa, enquanto os verdadeiros problemas sociais (a segurança, a saúde pública) eram solenemente ignorados em favor de uma festa que não passava de “folguedos de álcool, exibicionismo de sexo em que se revelam as mais tristes frustrações do gênero humano”. A festa não era mais celebração, virou mesmo deseducação:

Observe-se que a festa de Momo cada vez mais educa o brasileiro para o descumprimento dos deveres. Não mais se reduz a três dias a patuscada, mas esta tem início na quinta-feira ou sexta-feira, prossegue sábado, domingo, segunda, terça, quarta-feira corresponde a dia bocejante, de ressaca e remedoria, o restante da semana equivale a merecido descanso, depois de uma temporada em que muito se fez pelo progresso do Brasil.⁴⁹¹

No carnaval de 1991, o cronista retoma em sua escrita os mesmos movimentos dos anos anteriores. Em *Costumes antigos*, o autor retoma a temática do carnaval, mas dessa vez o tom é inteiramente pessoal,⁴⁹² onde o folião A. Tito Filho é o próprio protagonista dos carnavais de ontem:

Era bom. Quando me entendi em coisas carnavalescas, ainda mascarados se apresentavam pelas ruas. Uma das características dos carnavais brasileiros do passado esteve no uso de máscaras e com esta se fazia intensa comercialização. Igualmente, as fantasias muita beleza deram aos velhos carnavais. Hoje, com elas, os foliões concorrem a prêmios geralmente concedidos pelos poderes e pelas sociedades recreativas. Constituem espetáculos de luxo e riqueza.⁴⁹³

Aponta que as músicas mais apreciadas nos carnavais antigos eram a polca, a quadrilha, a valsa, o canção, o tango, o maxixe, substituídos pelo samba e pela marcha. Um dos sucessos daqueles carnavais foi *Helena, Helena*. Estes carnavais de antigamente são para ele inesquecíveis:

Nunca me esqueço do zé pereira de outras épocas. Alguns rapazes animados, eu entre eles, numa carroça enfeitada, percorríamos a avenida Frei Serafim, que se chamava Getúlio Vargas.

⁴⁹¹ TITO FILHO, A. Carnaval. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1990.

⁴⁹² Ver: TITO FILHO, A. Tempos de Memória. In: TITO FILHO, A. *Teresina Meu Amor*. 4. ed. Teresina: COMEPI, 2002. p. 25-27.

⁴⁹³ TITO FILHO, A. Costumes antigos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 fev. 1991.

Quem pode deslembrar-se do lança-perfume, e das batalhas que jovens machos e fêmeas travavam na praça Rio Branco, cinco horas da tarde? A gente procurava acertar o líquido forte da bisnaga nos seios das garotas. Era bom. Também se feriam batalhas animadas de confete. As rodelinhas se atiravam pelos foliões e folionas uns aos outros. Da mesma forma com o talco. Outra animação se promovia com a serpentina, uma fita estreita de papel colorido, enrolada sobre si mesma de disco, e que se desenrolava, quando atirada, mantendo-se uma das pontas segura. Muito usado nos folguedos de rua.⁴⁹⁴

Outro elemento inesquecível eram os corsos. De cinco da tarde até sete da noite, seguiam veículos lotados de foliões, inclusive mulheres, por caminhos definidos pelas autoridades municipais. Havia também um carro para as “raparigas da zona do meretrício”, vestidas em fantasias berrantes e que participavam das festas com a devida licença da polícia. Para A. Tito Filho o carnaval de antigamente, este sim, era o bom:

Era bom o carnaval de rua. Jovens, maduros e velhos exibiam trajes engraçados, às vezes marginais. Alguns desses foliões se juntavam para a formação de pequenos blocos que desfilavam pelas vias principais de Teresina. A figura central dos tipos carnavalescos dos blocos de rua, pela adesão à folia de todos os anos e esfuziante animação, dançando e cantando, e o alfaiate Bernardo, um dos mais conhecidos dos louros frescos da cidade, assumido, saía comprida e rodada, sutiã e um bocado de colares e pulseiras. Nos dias correntes a veedagem tomou conta do carnaval de rua de Teresina.⁴⁹⁵

Estes velhos e saudosos carnavais que A. Tito Filho conheceu começavam no sábado de noite e prosseguiam até terça-feira. No dia seguinte, cinzas: os cristãos meditavam. Era uma festa marcada pela “alegria, companheirismo, educação.” Realizavam-se bailes “animadíssimos, corsos maravilhosos e um carnaval de rua bem carregado de bom humor.” Até mesmos “pobres e remediados” se entregavam à folia, sem excessos. Agora, o carnaval do presente, o carnaval “de hoje”, parecia não mais que uma queda ladeira abaixo:

Houve o declínio por toda parte. Desanimados folguedos nas ruas, extinção do curso de automóveis e caminhões, e o triste espetáculo das escolas de samba, de caráter competitivo, com o apoio de órgãos públicos. O carnaval, de certo tempo a esta parte transformou-se em devassidão, com bailes de mulheres peladas, gueis pelo torto e pelo direito e o cenário de sexo despudorado, como se vê nas transmissões televisivas do Rio e de São Paulo.⁴⁹⁶

⁴⁹⁴ TITO FILHO, A. Costumes antigos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 fev. 1991.

⁴⁹⁵ TITO FILHO, A. Costumes antigos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 fev. 1991.

⁴⁹⁶ TITO FILHO, A. Irresponsabilidade. *O Dia*, Teresina, p. 4. 10-12 fev. 1991.

A festa virou um espaço de explosão da violência, dos gastos desenfreados, onde a economia de um ano inteiro é perdida. As escolas de samba, para o cronista, não passam de um desperdício “inacreditável” de dinheiro, chegando ao ponto de se construir um Sambódromo, cujo nome revela, por sua etimologia, “besteirice refinada.” Mesmo em Teresina, o poder público chegava a gastar dinheiro na distribuição de “valente cachaça” aos foliões, o que não se observava antigamente. O carnaval se transformou em “instantes de irresponsabilidade”.

A. Tito Filho aponta, finalmente, que participou de alegres festas carnavalescas, “quarenta, cinquenta anos passados”, e que eram festas populares de raros excessos. Brincava-se sem erotismo, sem mulheres peladas, sem homossexuais. Uma festa contagiante, fraterna, iniciada por volta das cinco da tarde e encerrada pelas quatro da manhã do dia seguinte. Agora, era o surgimento do carnaval comercializado, cujo modelo era o Rio de Janeiro, fazendo com que mesmo em Teresina os foliões quisessem copiá-lo, apresentando-se em “grotescos e desengonçados desfiles na avenida Frei Serafim”:

Poderosos interesses de uns trinta anos para cá orientam e dirigem os carnavais brasileiros, subornando indivíduos e instituições. Neles se locupletam indústrias e comércio e para tanto a publicidade faz deles exibição permanente de despudoramento e luxúria. Nos bailes em clubes fechados se passam cenas de Sodoma e Gomorra, orgias e bacanais que só uma sociedade doente admite e suporta, e um governo cúmplice as permite e garante. Dissipam-se milhões, bilhões nessas nefastas falsas brincadeiras carnavalescas.⁴⁹⁷

O carnaval, agora mero comércio, era motivo de imensos gastos não apenas de somas exorbitantes, mas de gastos que geravam grandes perdas em “valores morais e espirituais.” Processo iniciado com aquilo que o cronista nomeia de “libertação da mulher”, que teria transformado a vida social. Completou-se o processo com o domínio da televisão e seu “criminoso processo educativo” de exibição de novelas destinadas à corrupção da família. Essa acusação contra as mulheres e contra a TV faz parte de uma visão muito mais ampla daquilo que o autor chamou de *empacotamento*.⁴⁹⁸ Um processo amplo e complexo de degeneração da cultura brasileira, também perceptível em Teresina, que atravessava vários setores da cultura e do cotidiano, cujos alvos principais, identificáveis em suas crônicas, serão as mulheres, a televisão, a política nacional e a cultura brasileira.

⁴⁹⁷ TITO FILHO, A. Folia pernicioso. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 fev. 1991.

⁴⁹⁸ TITO FILHO, A. Empacotamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 maio 1988.

Enfim, no livro *Carnavais de Teresina*, o autor agindo mais como historiador do que como cronista descreve a trajetória dos carnavais de Teresina como uma festa que surgiu do rompimento com o entrudo; marcada por práticas típicas do que considerava ser o verdadeiro carnaval, como os bailes, corsos e respectivos espaços; marcada por uma intensa presença de figuras ligadas à vida política e intelectual da cidade, bem como de pessoas ligadas às elites, sobretudo quando se referia às presenças femininas. Não esqueçamos a importância que deu à edição carnavalesca de *O Pirralho* nesse processo de identificação da festa como uma *festa das letras*; vimos também sua preocupação em caracterizar estes carnavais de ontem como o verdadeiro carnaval.

As crônicas também são importantes não apenas para percebermos a forma como ele se relacionava com os carnavais do presente, mas também para percebermos como todo o processo iniciado no livro se completou nelas. O livro acabou funcionando, dentro do conjunto da obra do autor, como o elemento que garantia aquela evocação de um passado idealizado de confiança e respeito mútuo, um passado em que se vivia o verdadeiro carnaval, em detrimento de um momento presente que lhe parecia inaceitável. As crônicas, escritas e publicadas no final da década seguinte, acabavam justificando todo o modelo explicativo colocado em funcionamento no livro, mesmo que este, paradoxalmente, tenha sido publicado anteriormente às crônicas.

Nas crônicas, também é possível perceber que não era só o carnaval que lhe parecia “invertido”. Para A. Tito Filho, era como se todo o universo cultural, que incluía o mundo da política, parecesse invertido. Podemos observar isso intensamente nas crônicas que abordam a figura da mulher. Nelas, boa parte da culpa pela inversão do mundo é colocada na conta das mulheres, que são também culpadas pelo “aumento espantoso do homossexualismo”. Elas, “as filhas-de-eva”, abandonaram o lar, e assim, quando têm posses, os filhotes caem nos beliscões das babás descarinhosas. Já para as crianças pobres

[...] existem creches, onde passam horas, sem contar os orfãozinhos de afeto. Quando mais taludos, garotos e garotas passam ao processo de deseducativo das ruas e nestas adquirem todos os vícios e a convivência dos mais perniciosos companheiros. Nos dias atuais a televisão faz o resto.⁴⁹⁹

Para ele, as crianças viviam entregues à sua própria sorte. A rua simbolizava o lar – “pois as nossas crianças moram na rua, ou porque não têm lar ou porque apenas conhecem a

⁴⁹⁹ TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 maio 1988.

casa de moradia” – a casa onde os membros da família se reúnem para dormir. Convocada para o mundo do trabalho, as mulheres vivem hoje

[...] nos empregos, e as ricas nos saraus, nas piscinas de ostentação, nos salões de beleza, no esnobismo das festas de caridade, e as miseráveis em busca de esmola para acalento da barriga e o resultado se vê no abandono dos filhos pequenos, que se criam sem carinho e sem afeto, e aos quais, na grande maioria, se recusam os peitos maternos, fonte de amor e de ternura. O recurso encontrado para subir a missão da família, ora desintegrada, encontra-se na escola, também despreparada para graves responsabilidades educacionais. Não há crianças ruins. Existem crianças mimadas e escorraçadas.⁵⁰⁰

Assim, a inversão, aquela *carnavalescação* que deu título a uma de suas crônicas afetava não apenas uma das mais importantes festas do país, mas sua própria estrutura social.

4.4 Que mais deseja o cronista?

Essa comercialização do carnaval, para o cronista, era algo que também afetava outros aspectos do cotidiano: era o caso da vida das mulheres e a da cultura, que ele julgava passar por um processo que denominava de *empacotamento*. Esses processos levavam tanto a uma independência econômica quanto a uma masculinização das mulheres, já que ao abandonarem o lar, passando a ocupar empregos antes restritos aos homens, provocavam no sexo oposto sentimentos de arrefecimento e decepção.⁵⁰¹ Outro ponto observado por A. Tito Filho é o papel da publicidade nesses processos. Ela se fazia utilizando a nudez feminina para fins de comércio. Assim

[...] sexualizam-se os sentidos do infeliz homem desse fim de século louco e depravado. Pior: a fêmea pelada da publicidade nenhum aspecto artístico possui - e o nu comercial apenas se presta à mulher do mundo se(m) afeto, - as brigittes, a vedete, a misse disso e daquilo, a garota propaganda, os gênios do canto, da dança clássica, da arte universal ou xuxas das crianças órfãs de pais vivos, e os meninos que com elas se educam; os modelos das pastas de dentes, a intimidade dos beibidóis, as mamas artificiais por baixo de blusinhas transparentes, os biquínis, de chumaço, os forros dos traseiros ou bumbuns descobertos na televisão - processos em evidência de que se utiliza a propaganda para a corrupção da sociedade brasileira e contra a qual devem reagir a família e a escola e as instituições sociais - uma reação que se faça

⁵⁰⁰ TITO FILHO, A. As pobres vítimas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 out. 1987.

⁵⁰¹ TITO FILHO, A. Fenômeno esclarecido. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 out. 1987.

contra a publicidade nociva no lar e na rua, educando-se a coletividade para a vida sexual sadia e digna.⁵⁰²

Esse empacotamento da cultura brasileira, segundo o cronista, fazia com que só interessassem as coisas relativas ao dinheiro.⁵⁰³ Afetava, por exemplo, a língua portuguesa, tão cara para A. Tito Filho, já que a novela das tevês e revistas em quadrinhos transmitiam a deturpação permanente do “poderoso instrumento que poucos sabem utilizar”.⁵⁰⁴ Esse uso deturpado da língua portuguesa fazia com que o cronista clamasse por sua salvação:

Tal maneira de comunicar e receber notícias e ideias invadiu as escolas, os clubes, o soçaito, o recinto dos lares - e o estropiamento grosseiro sai da boca de rapazes, mocinhas, senhoras jovens e matronas respeitáveis, sobretudo na alta-roda de estroinices e superfluidades. A linguagem da mocidade de hoje engravidou-se de expressões plebeias, pois os moços vivem abandonados das instituições sociais.⁵⁰⁵

Nas crônicas de A. Tito Filho, observa-se com muita intensidade essa crítica ao novo modo de vida das mulheres, que julgava injusto já que proporcionava uma série de direitos às mulheres e o mesmo não era observado em relação aos homens. Assim, feminismo não era significado de igualdade entre os sexos, mas de dominação da mulher sobre os homens:

Se machismo era o poder do mando incontestável por parte do gajo, feminismo deve tomar outra significação, justamente a de domínio completo do varão pela mulher, machona de corpo e alma, - médica, advogada, prefeita, deputada, senadora, jornalista, policial, romancista, motorista de ônibus, assaltante, maconheira. Em nenhum tipo de emprego o elemento feminino padece qualquer modalidade de discriminação, salvo, como é óbvio, com relação às incompetentes feias. Bonitonas, ninguém as recusa, não precisam de concurso ou pistolão. Diz-se que existe atitude discriminatória com a gente de cor, o que não corresponde à verdade, exceto quando a mulata não possui nenhuma competência no corpo. E as diabinhas têm armas de convencimento. Se nada alcançam com o palavreado, com o grito, com os gestos dengosos, buscam o choro e derretem os corações mais duros dos bestalhões para os caprichos supinamente desmiolados.⁵⁰⁶

⁵⁰² TITO FILHO, A. Nudez castigada. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 out. 1987.

⁵⁰³ TITO FILHO, A. Sensibilidade poética. *O Dia*, Teresina, p.4, 24 out. 1987.

⁵⁰⁴ TITO FILHO, A. Pobre língua portuguesa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 nov. 1987.

⁵⁰⁵ TITO FILHO, A. Pobre língua portuguesa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 nov. 1987.

⁵⁰⁶ TITO FILHO, A. Feminismo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1988.

Para ele, a mulher, antes do surgimento do feminismo, gozava de muitas regalias, ainda que não tivesse a liberdade de trabalhar. Agora, ela poderia fazer o que bem entendesse, exceto se não tivesse dinheiro:

Sinceramente, a mulher gozava de muitas regalias e perdeu-as com a história do feminismo. É verdade que não tinha a liberdade de andar batendo coxas pelas ruas. As casadas saíam com os maridos, as outras podiam ir à escola, à missa. Em compensação, de vez em quando havia matinê de danças e bailezinhos bons de namorar de noite. Quando o namoro estava pegado, podiam ir com o futuro noivo ao cinema. Hoje pode a mulher fazer tudo o que pensa, salvo se não tem dinheiro. Anda como quer e com quem quer, de dia e de madrugada.

Mulher de classe média ou de alta-roda não trabalhava em casa. Estava sempre servida de cozinheira, copeira, lavadeira. Mulher de operário, sim, realizava as tarefas caseiras.

A mulher, de modo geral, gozava de cobiçados privilégios. Todas as mazelas da vida se verificavam com os machacás: desde a cobrança de contas do quitandeiro aos desaforos de marido alheio por causa das picuinhas das esposas vizinhas.

Mulher nunca tinha nome: solteiras ou casadas, eram conhecidas pelo nome do legítimo esposo. Quando amancebada, pela denominação do amante respectivo. Era até bonito ser rapariga de cabo da polícia, chofer de caminhão ou gigolô.⁵⁰⁷

Além disso, irritava-lhe o fato de que o corpo da mulher fosse explorado pela moda, que “enlouquece as fêmeas”.⁵⁰⁸ Já as mães, A. Tito Filho acreditava que poucas cumpriam o papel que a sociedade lhes reservou: o cuidado do lar e dos filhos.⁵⁰⁹ Para ele, com o desenvolvimento industrial observado ao longo do século XX, as mães passaram a objeto de propaganda. Esta, para o cronista se configura numa espécie de paisagem que se confundia com o sexo, já que toda sorte de propagandas de produtos se utilizavam de mulheres seminuas para que se estimulasse a compra. Até mesmo os concursos de misses teriam sido criados, na opinião do cronista, para a compra e a venda de produtos por meio da exaltação do nu.⁵¹⁰ Outro exemplo de crítica à exploração do “nu das mulheres” é perceptível quando o cronista observa a exploração do corpo feminino por meio da repetição, um processo de intenso condicionamento de reflexos:

Revistas, jornais, cinema, cartazes, televisão, envoltório dos mais diversos objetos - de sabonetes, de rádio, de pente, de perfume, de pó-de-arroz, de

⁵⁰⁷ TITO FILHO, A. Privilégios. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.

⁵⁰⁸ TITO FILHO, A. Roupas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 abr. 1988.

⁵⁰⁹ TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 maio 1988.

⁵¹⁰ TITO FILHO, A. Reflexologia do nu. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jun. 1989.

brilhantina, de loção, de alpargatas, - tudo começou a estampar mulher quase nuas, nádegas descobertas, por trás fio-dental, seios perfurantes ou balançando com o topless, suéteres colados para maior realce de pontos e lugares e saliências provocantes de sensualidade. Peças íntimas cada vez mais reduzidas expunham-se em vitrinas. Realçava-se a esbelteza do busto à custa de acolchoamentos. O método mais certo de atrair fregueses para a filosofia da compra esteve na exibição de corpos femininos desnudos, ao lado dos produtos anunciados. Em tudo a sexualização dos sentidos.⁵¹¹

Essa independência feminina trazia outros problemas, além da exploração articulada pela publicidade. Para A. Tito Filho, “o aumento espantoso do homossexualismo no mundo” tinha como causa o fato de as mulheres terem se entregado a um “processo de masculinização”, que envolvia justamente o abandono do lar e a integração das mesmas ao mundo do trabalho.⁵¹² Era também essa exploração da figura feminina, especialmente das mães, que fazia com que o dia dedicado às mães tivesse se transformado em objeto da propaganda:

A mãe, com o desenvolvimento industrial e a fabricação de produtos em massa, pouco a pouco passou a objeto de propaganda. Os negociantes anunciam os mais requintados presentes para aquelas que conceberam o milagre da vida. Ninguém se preocupa com as dádivas maravilhosas do amor, da amizade e do respeito. Haja dinheiro. Existe um sentimento de mágoa, de abatimento, de vergonha nos que não possuem o vil metal ou o reles papelucho inflacionado para comprar o presente pelo dobro na loja enfeitada de colorido estoque. Os ricos facilmente adquirem os mimos caros, as cousas da moda, as novidades do dia que se anunciam aos quatro cantos da cidade de pouquíssimos esgotos. Os pobres suam na entrada e nas prestações a juros de banqueiro. Quem não se ajeita no fiado, paga no meter das buchas. Uns e outros talvez não saibam que por conta dos fregueses corre o elevadíssimo preço da publicidade. Passada a data solene, o preço dos objetos cai pela metade.

Tornou-se o dia das mães um dia de angústia, de aperreio, de aflições, de ânsias para a classe média e o operariado, ambos assalariados e maltrapilhos, pois difícil de encontrar dinheiro, que é escasso e raro, chorado e vasqueiro nos bolsos dos machacás e bolsinhas das mulheres da plebe ignara e vociferante. Obtidos os miseráveis cruzados, a segunda parte da tormenta está em conseguir a harmonia das pelegas com o custo do objeto que o coitado (a) consegue comprar, depois de mudanças desgastantes, espiando, indagando, pechinchando debaixo da barulheira infernal dos alto-falantes e dos pregões de caixeiros esqueléticos à porta das lojas ou camelôs de enjoativa palração.⁵¹³

⁵¹¹ TITO FILHO, A. O nu das mulheres. *O Dia*, Teresina, p. 4, mar. 1992.

⁵¹² TITO FILHO, A. Problema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 jun. 1989.

⁵¹³ TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 maio 1991.

Nessas crônicas, é perceptível que A. Tito Filho parte de uma posição “natural” de sua identidade enquanto homem e passa a analisar e a construir através de “categorias” e “significados” o perfil da mulher daquele momento.⁵¹⁴ Suas observações, portanto, partem do questionamento acerca “do que mais deseja a mulher”, pois julgava que elas já possuíam, ao longo da história, um tratamento muito melhor do que os homens jamais tiveram.

Observa-se também que o cronista, muitas vezes, ao inverter os papéis de “mando” entre os gêneros, situa de forma degradante a figura masculina, como se esta ao perder seus referenciais “naturais” entrasse em estado de caos.⁵¹⁵ As crônicas de A. Tito Filho tratam da emancipação feminina em Teresina como algo que se dava enquanto campo e disputa de poder. A interferência feminina no espaço público, para ele, parecia ter se realizado não sem uma ferrenha disputa de poderes, ainda pautadas por referenciais conservadores.⁵¹⁶

Suas impressões de cronista e o tom sarcástico que direcionava à liberação feminina partiam de um discurso conservador empenhado, mesmo em pleno clima de redemocratização, em denegrir e ridicularizar a imagem feminina, recurso esse utilizado por aqueles que viam nesses artifícios uma forma de combater os avanços conquistados pelas mulheres.⁵¹⁷ Se as mudanças detectadas pelo cronista pareciam-lhe “uniformizadas” pelo poder da publicidade, amparada no poder da televisão, é preciso perceber também que essas mudanças apontam para uma rica rede de significados que só podem ser entendidos enquanto vibrações de um época, testemunhos míticos e dispersos na apreensão de códigos diferentes, que se demonstravam novos ao olhar do cronista, mas que pelos nossos referenciais, mais recentes, não possuem mais o mesmo valor, tendo em vista que se infiltraram decisivamente em nossa sociedade.⁵¹⁸

De qualquer forma, é importante ressaltar que boa parte dos problemas que A. Tito Filho observava no cotidiano da cidade e que observamos ao longo deste capítulo, sobretudo quando abordamos as crônicas relacionadas aos cinemas e carnavais de Teresina eram parte de observações mais amplas, pois tratavam de problemas de âmbito nacional. Aquele problema do empacotamento da cultura brasileira era de fato um problema nacional, que podia ser observado pelo cronista em Teresina.

⁵¹⁴ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Entre letras e papéis: a crônica como vestígio da cidade de Teresina. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org.). *Entre Línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 28.

⁵¹⁵ BRANDIM, 2008, p. 30.

⁵¹⁶ BRANDIM, 2008, p. 31-32.

⁵¹⁷ BRANDIM, 2008, p. 32.

⁵¹⁸ BRANDIM, 2008, p. 39.

Para ele, a principal causa dos problemas estava naquilo que nomeava de “poder industrial”, que através do dinheiro sustentador de uma opressora máquina publicitária, corrompia os caracteres e convocava o homem e a mulher para o mundo da fantasia, do gozo, do prazer e do ócio. Ou seja, reduziam-se os seres humanos a consumidores.⁵¹⁹ Esse poder industrial afetava, por exemplo, o funcionalismo público, agora viciado em feriados prolongados, e que o cronista considerava um caso de “malandragem nacional”.⁵²⁰ Essa denuncia da “civilização empacotada brasileira”, segundo o cronista, já acontecia desde a década de 1960.⁵²¹ Esse processo também afetava, o cronista lembra mais uma vez, a própria língua portuguesa.⁵²²

O empacotamento identificado por A. Tito Filho era um processo de uniformização dos hábitos e costumes regionais brasileiros realizado pela televisão. Com base naquilo que identificava como poder econômico, que agia por meio dos canais de intensa publicidade e propaganda, instituindo uma cultura enlatada, que subvertia a vida espiritual e criava uma fantasiosa existência de conforto a qualquer preço, e conseqüentemente desprezando as normas morais vigentes.⁵²³ A TV no Brasil também era a responsável, na opinião do cronista, pela perda dos “freios” da sociedade brasileira.⁵²⁴ Para ele

[...] pouco a pouco desaparecem os agradáveis piqueniques de familiares e amigos, pobres e ricos, substituídos pelos americanizados coquetéis residenciais ou nos clubes, nos quais só a soçaita destes atormentados anos se delicia nos salgadinhos sem gosto, enfeitados de rodelinhas de azeitonas e salsicha, o tira-gosto da moda após cada taleigada (taleigada mesmo) de uísque gelado. Institui-se a civilização do enlatado. As danças típicas sumiram-se. Só se dança nos dias que correm, cada homem e cada mulher, separadamente, ou homem com homem e mulher com mulher, pinotando ou careteando que nem macaco, na barulheira e histerismo do roquenrol. Não se bebem mais cajuínas, sim coca-cola, expressão do progresso das coletividades patricias. A panelada de bucho e tripa e a mão-de-vaca, comidas de sustança na confecção de machos verdadeiros, cederam lugar aos perfumados estrogonofes. O cinema tem fundamento na violência. Criança não ouve mais as encantadoras estórias das vovós bondosas. Educam-se nos xôs das xuxas. O texto é um só, no Brasil: bumbuns de fora, pornografias no ar. A linguagem de gatos e gatas e até de mestres qualificados vigora, deformada, no iê-iê da nação toda. TU e VOCÊ são pronomes idênticos. A novela orienta a juventude, a maturidade, a velharia para o desrespeito recíproco. Pais e filhos se xingam. O bicheiro tem *status* - e aos estudantes serve de exemplo a uma carreira de conforto e de conquistas amorosas

⁵¹⁹ TITO FILHO, A. Desagregação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 out. 1987.

⁵²⁰ TITO FILHO, A. Malandragem nacional. *O Dia*, Teresina, p. 4, 31 out. 1987.

⁵²¹ TITO FILHO, A. Sensibilidade poética. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 out. 1987.

⁵²² TITO FILHO, A. Pobre língua portuguesa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 01 nov. 1987.

⁵²³ TITO FILHO, A. Civilização. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 ago. 1990.

⁵²⁴ TITO FILHO, A. Monotonia. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 abr. 1992.

fáceis. Dinheiro a rodo lucram os profissionais da esperteza. Muitos homens de variado tipo usam brincos nas orelhas e difundem a usança pela tevê.⁵²⁵

Assim, julgava que a televisão brasileira realizava verdadeiro crime espiritual, uniformizando o país. Essa “deformação” afetava a música, o cinema, a cozinha, o vestuário, dentre tantos outros elementos identificados pelo cronista. Além disso, esse processo acabava afetando outras áreas da vida nacional, como era o caso do funcionalismo público, agora viciado nos “feriados”, que não respeitava uma das grandes tradições do cristianismo, o Corpus Christi, por conta da adoção de pontos facultativos nas sextas-feiras.⁵²⁶ Assim, A. Tito Filho julgava que o fim de século que se aproximava fora subvertido por esse empacotamento, que alterara a ordem dos costumes e dos hábitos privados e públicos, derrotando o homem naquilo que possuía de virtuoso: agora não passava de escravo do dinheiro.⁵²⁷

Outro aspecto abordado por A. Tito Filho é a elaboração e promulgação da Constituição Federal de 1988. Para ele, a Constituição não resolveria os problemas já que ela trazia uma preocupação muito maior em defender a liberdade em todos os sentidos, o amparo dos direitos individuais e sociais, mas não demonstrava a mesma preocupação em defender a cultura e a família, que aos poucos se desagregavam.⁵²⁸ Para ele, não era possível acreditar na Constituição enquanto o poder industrial e o empacotamento continuassem a dominar os rumos do país:

E a saúde moral e espiritual dos jovens de hoje? A mocidade está rica de maus exemplos, em protestos frequentes contra a alta sociedade doente que a criou a seu modo e fisionomia. A violência espalha-se por todos os cantos, nascida quase sempre dos desníveis sociais e da afronta da riqueza mal adquirida. Há frustrações econômicas e sexuais nos espancamentos e nos assassinatos. Bem escreveu Paulo César Coutinho, em lúcido exame, sobre a confraternização alcoólica nos botecos e sobre o homossexualismo reprimido, e conclui que a violência se tornou a única conquista democrática neste país.

[...]

Que se esperaria da nova constituição republicana? Justiça social, antes de tudo, a fim de que haja uma equilibrada distribuição de rendas e que poucos não adotem o deboche como norma de educação coletiva. Ninguém esqueça os milhões de brasileiros que apenas assinam o nome, sem capacidade da leitura e interpretação do emaranhado de diretrizes que não vigoram. De 1824 a 1988 nunca se cumpriu uma Constituição do Brasil.⁵²⁹

⁵²⁵ TITO FILHO, A. Empacotamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 maio 1988.

⁵²⁶ TITO FILHO, A. FEBEAPÁ. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 jun. 1988.

⁵²⁷ TITO FILHO, A. A máquina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 ago. 1990.

⁵²⁸ TITO FILHO, A. Nova constituição. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1988.

⁵²⁹ TITO FILHO, A. Nova constituição. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1988.

Outro elemento empacotado, identificado por A. Tito Filho em suas crônicas, era o Natal. A propaganda intensa transformou aquilo que deveria ser a celebração de uma lição de humildade representada pelo nascimento de Cristo, em motivo de angústia generalizada, já que os salários eram direcionados a compra de presentes.⁵³⁰ O Natal havia se transformado, na visão do cronista, em representação das desigualdades do país.⁵³¹ Assim, a civilização industrial destruía até a alma das coisas que deveriam ser eternas.⁵³² A festa se transformou em esbanjamento, uma festa fabricada pelos grandes meios de comunicação.⁵³³

Para A. Tito Filho, tratava-se de um problema nacional. O Brasil lhe parecia uma nação debilitada, um país perdido,⁵³⁴ já que se alimentava de futilidades, desprezava sua língua, sua história, seu patrimônio moral:

A nação brasileira parece que já aceita a rotina de aflições sem conta. Martiriza-se a fome de milhões, uma fome endêmica ou epidêmica, a doença concede às populações subnutridas vida curta e plena de sofrimentos, a habitação desumana constitui o cenário em que se abrigam as famílias de assalariados. A violência faz parte da convivência nas pequenas, nas médias como nas grandes cidades. Multiplicam-se os assaltos e os sequestros. Mata-se por motivo ignóbil e até sem motivo algum. Vigora a lei da truculência. Diariamente os preços das utilidades disparam, sem que escapem os produtos oficiais vendidos pelo governo, como no caso dos combustíveis. Após a Constituição de 1988, tornou-se permanente a greve, sobretudo de professores de todos os graus, uma greve contra a educação e o saber e mais ainda contra os direitos sagrados de adolescentes e jovens, justificada porém pelos péssimos salários dos docentes que, mal pagos e endividados, perdem inteiramente o status social, que os fazia, nos dias passados merecedores do reconhecimento da coletividade. O ensino público nas áreas federal, estadual e municipal perdeu a credibilidade. Milhares de funcionários públicos da ativa não trabalham e comparecem nas repartições nos dias de pagamentos. São INVÁLIDOS por falta de ocupação e vivem pensionistas oficiais. Os famosos educandários particulares representam indústria de alta renda para os felizardos proprietários que ainda recebem ajuda governamental. Os poderes republicanos discutem, debatem e decidem sobre o salário mínimo das gentes nacionais, uma remuneração ínfima, raquítica, que mal cobre as despesas de alimentação, enquanto se pagam milhões mensais a um membro do legislativo. Perdeu-se a vergonha. Os mais tristes gestos contra a dignidade nada significam para os que transgridem as leis, pois a sociedade moderna considera heróis os que sabem enriquecer depressa, por conta de golpes de esperteza. Os bandidos ganham o noticiário dos jornais, dos rádios e das televisões. Os povos conhecem mais ESCADINHA do que Oswaldo Cruz. Os bicheiros têm papel saliente nas novelas das tevês e ganham o prêmio maior da conquista das JOCASTAS tipo Vera Fischer. As cenas do des pudoramento ganham as telas caseiras. Sepultou-se a nudez como

⁵³⁰ TITO FILHO, A. Natal. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 jan. 1989.

⁵³¹ TITO FILHO, A. Natal – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 jan. 1989.

⁵³² TITO FILHO, A. Paracatu. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 abr. 1989.

⁵³³ TITO FILHO, A. Festas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 jan. 1990.

⁵³⁴ TITO FILHO, A. País perdido. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 jul. 1989.

sustento de publicidade malsã e de convocação dos sentidos. Vivem os ricos de extravagâncias, desperdícios e futilidades, gastando a rodo os dinheiros embolsados e adquiridos de maneira pouco recomendável e sob condenação generalizada. Mulheres e homens milionários passam as noites em solene uiscadas. Gastam dezenas de salários mínimos nas festas e nos casamentos dos filhos sem trabalho. Vestem-se de trajes luxuosos, dissipam fortunas em episódios sem sentido. Assim vem sendo a pátria amada, ingrata com os humildes e pequenos, que só encontram conforto nas criminosas ações de roubo e vingança. O menosprezo dos bens culturais, porém, completa o quadro assustador em que mergulha a nação. Aboliu-se a leitura nos hábitos familiares e educacionais. Que se lê no Brasil? Nada.⁵³⁵ (*Grifos do autor*).

Quanto à televisão, o cronista acreditava tratar-se de um veículo divulgador de maus exemplos que se utilizava das novelas e do noticiário para atentar contra os costumes. Seu principal veículo eram as novelas.⁵³⁶ Para piorar, a televisão e sua programação não passavam de imitações:

A TV dos estados constitui cópia das TVs do Rio e São Paulo. Reproduz-se o que elas enviam como fornecedores. Enlata-se a cultura regional brasileira. Nega-se aos brasileiros a paisagem das unidades federadas. Recusam-se-lhe os cenários sociais das áreas da diversificada geografia humana nacional. Crime ou irresponsabilidade? Aos estados cabem alguns momentos de jornalismo noticioso e de perguntas e respostas. Tudo copiado das fontes do Rio e São Paulo. Triste, macaqueação perfeita. Terminadas as notícias, os locutores retiram o microfone da lapela, colocam-no em determinado lugar da mesa, um conversa com o outro, riem ambos, risinho sem graça, e rezam o boa-noite, como na invenção do Cid Moreira. A TV Globo começou, a Bandeirantes imitou, outras copiam, e o resto do Brasil, sem ideias novas, copiou. Agora todo noticioso tem um comentarista, que ministra a aula de sabedoria política.⁵³⁷

O cronista também não considerava qualquer possibilidade de mudanças por meio da primeira eleição presidencial realizada após o fim da ditadura militar, já que os próprios candidatos, enquanto representantes da classe política nacional eram uma das causas dos problemas do país.⁵³⁸ Além disso, os candidatos não conseguiram concretizar suas promessas de solucionar os problemas do país, pois o cronista acreditava tratarem-se de problemas históricos:

⁵³⁵ TITO FILHO, A. Situação nacional. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 jun. 1989.

⁵³⁶ TITO FILHO, A. Televisão. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 jul. 1989.

⁵³⁷ TITO FILHO, A. Macaqueice. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 jul. 1989.

⁵³⁸ TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 set. 1989.

Os candidatos prometem solucionar problemas rançosos que se arrastam e cada vez mais tornam desesperadores. A inflação, iniciada após 1930, teve índices insuportáveis a partir da construção de Brasília, quando o endividamento interno assumiu proporções consideráveis e recorreu-se a empréstimos junto a banqueiros internacionais. Desse tempo começa a falência do ensino público, com o abandono das escolas oficiais. O Brasil dos dias de hoje enfrenta males incontáveis, como o êxodo rural, a favelização das cidades, a falta de habitação, a doença, a miséria, os baixíssimos salários, a inchação do funcionalismo, a fome endêmica e epidêmica - males que só podem se consertar com o saneamento da moeda, extinguindo-se as dívidas de caráter interno e externo.⁵³⁹

Por mais otimista que alguém tentasse ser, não era possível deixar de ver que o Brasil passava por problemas crônicos, por isso A. Tito Filho acreditava que só os ricos prevaleceriam:

Campeia a violência. Vigora o assalto. Mata-se por vingança, por ambições contrariadas, ou na defesa de princípios ilegítimos. Dinheiros sem conta se gastam na aquisição de tóxicos. A cocaína tem circulação internacional. Os sanatórios se povoam de jovens viciados, vítimas de banditismo em todos os países. Faliu a escola pública, substituída pelos balcões comerciais dos estabelecimentos particulares. Os professores perderam o status social. Falta-lhes preparo e equilíbrio. Têm nervos à flor da pele por virtude das dificuldades financeiras. Sepultam-se infelizes estudantes, decepcionados, desiludidos, de futuro incerto. As universidades fabricam doutores sem que se lhes conceda mercado de trabalho. O homem sem terra e sem teto do interior busca a cidade grande e acrescenta mais dificuldades aos centros urbanos, na constituição da estupidez das megalópoles. O trânsito apavora, suprime vidas, enlouquece motoristas e pedestres. As moradias desconfortáveis, espremidas, constitutivas de conjuntos habitacionais sem higiene, são fonte permanente de promiscuidade. Meninos suburbanos se alimentam de barro das ruas, à procura de suprir deficiências orgânicas. Ignorância generalizada. Analfabetismo envergonhante. Penitenciárias entupidas de toda espécie de criminosos e contraventores, em cubículos miseráveis, famintos, sem qualquer assistência espiritual, presos revoltados e sempre dispostos à reincidência. Fome e desemprego. Menores sem lar, sem afeto, escorraçados, educados para a delinquência. Meninas adolescentes entregues à concupiscência de amorais, em bordéis de luxo, alunas de um sistema de televisão nocivo à dignidade de espécie humana, em que as TIETAS, de vergonhoso despudor, desvirginam os sobrinhos seminaristas, episódio revoltante, com que o Brasil se diverte, talvez, digno do espetáculo de sexo e luxúria. A esperteza, no país, tornou-se sinônimo de heroísmo. Quanto mais se rouba, mais se colhem aplausos. Triunfam os que enriquecem às custas de golpes bem dados. Os jornais acusam e ninguém se defende. Os ladrões de colarinho branco gozam de privilégios da impunidade. A criminosa especulação imobiliária aleija cidades e não tem freios. À sua custa nascem, crescem e se desenvolvem nababescas personalidades. As leis quase sempre têm endereço certo, assentam-se sobre irrecusáveis casuísmos. Não se respeita ao menos o aviltante salário mínimo

⁵³⁹ TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 dez. 1989.

dos que se empregam subordinados a regimes trabalhistas, sonogado oficialmente e por profissionais liberais. Descumprem-se deveres legítimos. Professa-se a filosofia da malandragem. País do carnaval, da licenciosidade, da falta de discernimento. Violam-se direitos dos humildes. As filas nas ruas, em busca dos serviços públicos assistenciais, envergonham e humilham. Tornou-se vitoriosa a contravenção da jogatina. O próprio governo explora loterias, lotos, lotecas, senas, e até governantes já foram denunciados como sócios de jogo do bicho. Anuncia-se que algumas contribuições estaduais permitem o funcionamento dos cassinos, nos quais tudo se perde, inclusive a honra. Qual o setor deste país que funciona no cumprimento das suas finalidades? Talvez exista algum, embora seja difícil registrá-lo. Que dizer dos banqueiros privados e dos oficiais? Os juros andam em cinquenta por cento ao mês, isto é, a usura atinge o sem-fim. E a inflação? E a monstruosa burocracia, a massa imensa com que o país, os estados e os municípios e as estatais gastam somas incalculáveis?⁵⁴⁰

E a eleição de Fernando Collor de Mello⁵⁴¹ também não era motivo de esperança de melhora para o país, já que a nação encontrava-se desmoralizada, desacreditada e sufocada pela exploração das classes ricas. Suas principais promessas não seriam cumpridas, na opinião do cronista: sufocar a inflação, liquidar a corrupção e, por último a extinção da miséria.⁵⁴²

Para A. Tito Filho,

[...] nada existe que funcione em benefício da comunidade. A saúde pública liquidada. Morrem à míngua milhares de patrícios, no dia a dia das angústias gerais. Brasília tornou-se o império das benesses nacionais, ao lado de favelas desumanas. Desacreditou-se a Polícia, às vezes cúmplice do banditismo. Desagrega-se a família na capital da República, e por toda parte. Corrompe-se a língua portuguesa nos instrumentos de comunicação. Exploram-se aberrações sexuais. A televisão leva aos lares a concupiscência. Explora-se a nudez da mulher. A jogatina tornou-se desenfreada e explorada pelo governo. O homem saiu do campo em busca das falsas convocações de trabalho e surgiram as megalópoles de problemas insolúveis. O Poder Executivo moralmente fraco, complacente e irresponsável contagiaria o Poder Legislativo e o Poder Judiciário. Deputados e senadores aumentam de vez em quando os subsídios, ao lado do raquíctico salário mínimo do trabalhador. Recebem os parlamentares subvenção para despesas de telefone, correio, gasolina, passagens aéreas. A cada parlamentar cabe elevado número de assessores, as amantes, a filharada. Uma orgia de esbanjamento.

⁵⁴⁰ TITO FILHO, A. Comentário. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 out. 1989.

⁵⁴¹ Fernando Affonso Collor de Mello teve como principal medida durante sua presidência o Plano Collor, que objetivava a abertura do mercado nacional às importações e pelo início de um programa nacional de desestatização. O Plano, que no início teve uma boa aceitação, acabou por aprofundar a recessão econômica, corroborada pela extinção, em 1990, de mais de 920 mil postos de trabalho e uma inflação na casa dos 1200% ao ano. Seu governo chegou ao fim de forma precipitada por conta de denúncias de corrupção envolvendo seu tesoureiro, Paulo César Farias, feitas por Pedro Collor de Mello, irmão do presidente, que culminaram em um processo de impugnação de mandato. O processo, antes de ser aprovado, fez com que o presidente renunciasse ao cargo em 29 de dezembro de 1992, deixando-o para seu vice Itamar Franco. Collor ficou inelegível durante 8 anos. Em 2007, foi eleito Senador pelo estado de Alagoas, filiado ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), porém migrando para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) logo no primeiro dia no senado.

⁵⁴² TITO FILHO, A. Reconstrução. *O Dia*, p. 4, Teresina, 10 maio 1990.

Do mesmo jeito pratica o Judiciário com o deslavado processo de empreguismo familiar. Cada membro de tribunal tem carro à disposição, Área federal foi imitada na esfera estadual. Os governadores utilizam-se dos cargos para a instituição de regimes de politiquice e engorda de apaziguados. Distribuem a benesse pelo torto e pelo direito. Os legislativos estaduais seguem as diretrizes do Congresso Nacional. Existem ainda os copiadores municipais, prefeitos e vereadores, que assaltam os magérrimos cofres das municipalidades, generalizam-se as pensões a ex-governadores, ex-prefeitos, ex-vereadores, ex-deputados e ex-senadores.⁵⁴³

O cronista também não via possibilidades de mudanças porque não observava movimentações nas áreas da cultura e da educação.⁵⁴⁴ Assim, não adiantava esperar civismo num país onde o povo passava fome e os políticos faziam o que bem entendiam,⁵⁴⁵ como, por exemplo, manter o valor do salário mínimo num patamar muito abaixo das necessidades da população.⁵⁴⁶ Também acreditava que havia uma ascensão generalizada da violência,⁵⁴⁷ que não percebia na Teresina antiga,⁵⁴⁸ quando o cronista andava pelas ruas sozinho, de madrugada, sem que ninguém jamais o assaltasse. Era um tipo novo de violência, que acabava também alimentando o noticiário dos jornais, rádios e TVs, que glorificava criminosos, por lhes conceder grande espaço na programação.⁵⁴⁹

Da mesma forma apontada anteriormente, A. Tito Filho comparava a cultura do momento presente de sua escrita com suas vivências do passado. Comentando a realização do *Rock'n Rio* em 1991, mais um exemplo da forte influência norte-americana na cultura brasileira, o cronista afirma que

[...] recordei os meus velhos tempos de garoto ginasião do Liceu Piauiense. Se me lembro quanto dos dias de gala do Teatro 4 de Setembro, com a exibição de notáveis companhias teatrais, as de Jaime Costa, Álvaro Pires, Barreto Júnior. E a Marquise Branca? Naquele dia saí de casa calçado nas gastas botinhas feitas na penitenciária que os gênios tupiniquins derribaram. Papai me deu dois mil-réis, dinheiro de lei, bem sonante. Fui ver a Marquise Branca, de carnes bem brancas; apetitosas, com as garotas de coxas e pedaços de barriga de fora, curiosidades ainda escondidas. Meu pai não podia comparecer a essas noitadas gostosas. Os maridos ficavam privados, permaneciam em casa, caladões, na rede cheirosa, sonhando de olhos abertos com os mimosos repostos novos que o espetáculo oferecia. As garotas dançavam e cantavam. Umhas gostosuras, números artísticos. Cantores e cantoras consagrados. Na moda, o samba, o tango, a mazurca. Composições

⁵⁴³ TITO FILHO, A. Reconstrução. *O Dia*, p. 4, Teresina, 10 maio 1990.

⁵⁴⁴ TITO FILHO, A. Situação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 jul. 1990.

⁵⁴⁵ TITO FILHO, A. Promessas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 dez. 1990.

⁵⁴⁶ TITO FILHO, A. Salários. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 jan. 1990.

⁵⁴⁷ TITO FILHO, A. Mania. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jul. 1990.

⁵⁴⁸ TITO FILHO, A. Violência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 jul. 1990.

⁵⁴⁹ TITO FILHO, A. Patologia social. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 set. 1990.

divinas. Interpretações magníficas. Nunca me abandonou a memória a cena de arte verdadeira.⁵⁵⁰

De modo geral, percebemos que as crônicas de A. Tito Filho possuem vários níveis, várias camadas, em que se observa uma intensa crítica do cotidiano da cidade de Teresina e do Brasil; e que o cronista realiza essa escrita com os mesmos recursos que observamos nos capítulos anteriores, e também neste: o cronista toma suas próprias experiências como base para a realização de suas observações, que geralmente têm como pano de fundo um sentimento de perda. As mudanças que a cidade sofria, afetando os cinemas e os carnavais, lhe pareciam sinais de uma forte perda. Quanto às novas configurações trazidas pelo processo de redemocratização do país, simplesmente não eram capazes gerar no cronista um sentimento de esperança, a possibilidade de que dias melhores pudessem surgir para a cultura brasileira, para os cidadãos, para o cotidiano da cidade.

Também é possível que as crônicas de A. Tito Filho estivessem marcadas pelas sucessivas crises econômicas que o país atravessou ao longo da década de 1980 e início dos anos 1990, considerada como uma década perdida, causada pela aceleração da inflação e por uma centralização política das discussões sobre planos de estabilização econômica, que acabaram dando o tom dos primeiros governos civis posteriores ao regime autoritário. A sucessão de planos econômicos fracassados condicionou o processo político em seu conjunto, lançando dúvidas e temores com relação à própria consolidação das instituições democráticas.⁵⁵¹ Assim, muitas crônicas de A. Tito Filho acabam seguindo essa linha, que não via possibilidades positivas trazidas por uma nova Constituição, ou mesmo por uma nova configuração política nacional, trazida pelo fim do regime militar – a década de 1980 provavelmente não lhe deixava ver alternativas.

Se a cidade passava por um processo de descaracterização que servia como centro de boa parte das crônicas elaboradas por A. Tito Filho e analisadas ao longo deste capítulo, provavelmente se devia ao fato de que este sentia mais avidamente não viver mais numa cidade provinciana e pacata, devido às transformações e alterações radicais da fisionomia urbana.⁵⁵² Muitas dessas mudanças na fisionomia urbana de Teresina foram representadas pelas demolições de alguns lugares, ou, por exemplo, em virtude de investimentos na abertura

⁵⁵⁰ TITO FILHO, A. Barulheiros. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jan. 1990.

⁵⁵¹ SALLUM JÚNIOR, Bráulio; KUGELMAS, Eduardo. O *Leviathan* declinante: a crise brasileira dos anos 80. *Estudos Avançados*, 5 (13), 1991, p. 145-159. Disponível: <www.scielo.br/pdf/ea/v5n13/v5n13a09.pdf>. Acesso em: 30 janeiro 2014.

⁵⁵² BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX*. Teresina: UFPI, 2006. Dissertação (Mestrado em História). UFPI, 2006. p. 61.

de avenidas, construções de edifícios residenciais ou não, pontes, locais de lazer, etc., levando a diversas manifestações contrárias a esse processo de descaracterização da cidade, fazendo com que surgissem formas variadas de denunciá-las.⁵⁵³ Portanto, um aspecto importante das crônicas de A. Tito Filho é justamente o fato de que muitas das características da cidade por ele descrita são anteriores a 1939, quando o cronista deixa a cidade e volta em meados de 1949, deparando-se com outra Teresina.⁵⁵⁴

As impressões e as imagens do cronista diante de uma ruptura temporal revelam as incongruências da fisionomia da cidade, apontando uma cidade expandida em termos materiais, tendo que constantemente ressignificar seus espaços.⁵⁵⁵ Esse processo de descaracterização da cidade afetava o cronista não apenas em termos observáveis visivelmente, sobretudo pela ampliação dos espaços, mas principalmente em termos de experiência doméstica, como ficou demonstrado no caso envolvendo a desfiguração de sua antiga residência na Rua Eliseu Martins.⁵⁵⁶ O cronista mostra-se sempre contrário às transformações urbanas, preferindo o passado, em detrimento do novo, do progresso, que destruía os resquícios da “antiga” cidade.⁵⁵⁷ Suas impressões e descrições são acima de tudo uma expressão de valores e sensibilidades vigentes, em um fim de século, em Teresina, onde as antigas sociabilidades acabaram perdendo espaço para as “modernas” expressões sociais e culturais, como atestado no caso do *Rock'n Rio*. Porém, essas novidades não foram percebidas sem a constatação da perda de outros referenciais.⁵⁵⁸ O cronista adotou posturas muitas vezes conservadoras, certo do desempenho de seu papel social e da função da crônica enquanto arma da crítica. O que não era novidade em sua trajetória.

Em texto do final da década de 1940, cujo título era Cidade sem lei,⁵⁵⁹ publicado no jornal *Resistência*,⁵⁶⁰ tratava dos problemas da cidade de Teresina. Nele, A. Tito Filho comparava a cidade a um filme também chamado *Cidade sem lei*, em exibição naquele momento no Cine Rex. Para ele, qualquer um que tivesse visto o filme observaria o que se

⁵⁵³ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX*. Teresina: UFPI, 2006. Dissertação (Mestrado em História). UFPI, 2006. p. 64.

⁵⁵⁴ BRANDIM, 2006, p. 69.

⁵⁵⁵ BRANDIM, 2006, p. 70.

⁵⁵⁶ BRANDIM, 2006, p. 73.

⁵⁵⁷ BRANDIM, 2006, p. 78.

⁵⁵⁸ BRANDIM, 2006, p. 94.

⁵⁵⁹ TITO FILHO, A. Cidade sem lei. *Resistência*, Teresina, p. 5-6, 5 nov. 1949.

⁵⁶⁰ *Resistência* foi um jornal de caráter político (pode-se mesmo considerá-lo um órgão político) dirigido por Francisco Luís Almeida, destinado a combater o governo de José da Rocha Furtado, que era da União Democrática Nacional (UDN). Ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1988. p. 96.

passava em Teresina, e pela insegurança e da desordem pública dos cidadãos era também “uma cidade sem lei.”

Afirmava que no perímetro urbano e suburbano, davam-se frequentes roubos e furtos; a jogatina campeava em todos os recantos da cidade, “infestada” por legiões de mendigos, alguns verdadeiros e outros falsos, que invadiam lares, *cafés* e restaurantes. Era possível ver até loucos falando sozinhos e “soltando pinotes”, perambulando pela praça Rio Branco.

No texto, A. Tito Filho traça um painel noturno da cidade: das oito da noite em diante a praça Rio Branco se transformava “em cabaré ao ar livre”, já que nela se aglomeravam dezenas de meretrizes. Finaliza descrevendo a indiferença, para ele criminosa, das autoridades, sobretudo de Rocha Furtado,⁵⁶¹ diante de tais fatos humilhantes e vergonhosos. A. Tito Filho se utilizava da crônica para produzir um texto em que expõe suas impressões indignadas diante do que observava no cotidiano da cidade. O espaço do jornal era utilizado para atingir o governo: o jornal *Resistência*, como o próprio nome já indica, era um espaço de contestação política.⁵⁶²

Sua escrita era marcada também pelas disputas do momento: a imprensa escrita piauiense foi uma das ferramentas mais utilizadas pelo poder político e partidário em suas propostas e campanhas. Geralmente os jornais pertenciam a políticos ou grupos políticos aliados ao poder, ou contra ele, para atingir fins político-eleitorais.⁵⁶³ É também o próprio autor, em crônica publicada em 1990, que relembra sua trajetória profissional, o que nos possibilita compreender um pouco mais esse momento:

Já no Piauí, eleito Rocha Furtado, estive alguns meses na orientação do órgão *O Piauí*, que circulava nos dias de quinta e domingo, e me foi confiado por Eurípides de Aguiar. Posteriormente, fiz parte da redação de

⁵⁶¹ José da Rocha Furtado (União, 24-02-1909) governou o Estado do Piauí no período de 1947 a 1951 e faleceu em Fortaleza (CE) no dia 27 de fevereiro de 2005, aos 96 anos de idade, devido a problemas cardíacos. Primeiro governador eleito após o fim do Estado Novo, formou-se em medicina na Universidade do Rio de Janeiro (escola da Praia Vermelha) em 1932. Voltou a Teresina em 1933 e tornou-se diretor dos serviços de cirurgia e pronto-socorro do Hospital Getúlio Vargas, logo após a inauguração do hospital em 1941. Após o fim do governo Vargas em 1945, surgiram vários partidos políticos, mas os dois mais fortes eram o Partido Social Democrático (PSD) que aglutinou simpatizantes das interventorias – e a União Democrática Nacional (UDN) que reuniu setores contrários ao governo federal e estadual. Rocha Furtado elegeu-se governador pela UDN, mas seu governo ficou marcado por graves divergências do Poder Executivo com o Legislativo e o Judiciário, chegando inclusive a sofrer uma tentativa de *impeachment* pela maioria da Assembleia Legislativa. Ver: TITO FILHO, A. *Governadores do Piauí: Capitania – Província – Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978. p. 55.

⁵⁶² Para uma leitura ainda mais ríspida da forma como o autor lidava com a situação política de Teresina sob o governo de Rocha Furtado ver: TITO FILHO, A. A sifilização rochista. *Resistência*, Teresina, 14 novembro 1948, p. 1.

⁵⁶³ Ver: LIMA, Nilsângela Cardoso. Relações de poder e práticas jornalísticas na campanha político-partidária nas emissoras de rádio de Teresina (1948-1962). In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johny Santana de (Org.). *História: entre fontes, metodologias e pesquisa*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 41-54.

outras folhas, sempre partidárias, sob a responsabilidade de governistas ou oposicionistas.⁵⁶⁴

Já na crônica *A vaca e o hotel*,⁵⁶⁵ publicada no jornal *O Dia* na década de 1960, A. Tito Filho aborda novamente os problemas da cidade:

São 6 horas da tarde de 13 de abril: não há luz. Já comprei, para hoje, 2 pacotões de velas por Cr\$ 80,00. O IAEE pagará essa despesa? O IAEE já pagou Cr\$ 600.000,00 de lenha que deve ao amigo Edison Parente? Até quando o IAEE martirizará um povo, o povo teresinense?

Minha cozinheira afirma que lenha é coisa de civilização primária. Até quando o IAEE entende que o Piauí deva viver nesse primitivismo de civilizações? Quantas indústrias, nesta terra, necessitam de energia? Quantos *processos de vida* estão sendo sufocados pelo IAEE? Atesta a LBA, em ofício, que o deve mandar *desobstruir fossas* dos meninos das Ilhotas. Para isto que serve o IAEE? As turbinas vivem de lenha, primariamente. Energia que vem das turbinas. Quanto deve o IAEE aos fornecedores de lenha para movimentar as turbinas?

Verdade é que o IAEE só tem sido útil aos ladrões noturnos e ao comércio de velas. A mais ninguém. Graças a Deus de cá dos meus domínios ladrão leva o que se leva da vida: nada. Mas tenho padecido muito, sem defunto em casa, com compra diária de pacotões. Cr\$ 40,00 cada um. Pior que eu só o correto Edison Parente: compra pacotão e não recebe o dinheiro da lenha que vendeu ao IAEE. (*Grifos do autor*).

Descrever a lenha como algo pertencente às civilizações primárias nos dá pistas, indícios de que há uma elaboração discursiva que tenta organizar a cidade, denunciar seus defeitos, os culpados as soluções. Assim, a falta de luz só pode mesmo ser algo absurdo, coisa de país ou cidade atrasada. Ela atrasa os “processos de vida” e as necessidades das indústrias. Portanto, o Instituto de Águas e Energia Elétrica (IAEE)⁵⁶⁶ atrasava o progresso da cidade. Seria possível para A. Tito Filho contentar-se apenas em querer organizar a cidade? Organizar a cidade é apenas uma etapa do processo. É preciso dar conta das pessoas também, ou melhor, da sociedade.

Em outra crônica, da década de 1940, percebe-se como o autor lidou com a questão dos jogos de azar em Teresina, sobretudo o jogo do bicho. Ora, se é do interesse do autor organizar a cidade, civilizá-la, deparar-se com algo tão complicado como o jogo –

⁵⁶⁴ TITO FILHO, A. Um pouco de jornalismo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 dez. 1990.

⁵⁶⁵ TITO FILHO, A. *A vaca e o hotel*. *O Dia*, Teresina, p. 1-2, 17 abr. 1960.

⁵⁶⁶ O IAEE foi o órgão antecessor da Águas e Esgotos do Piauí S.A. (AGESPISA) criada através das leis estaduais n.º 2.281, de 27 de julho de 1962 e 2.387, de 12 de dezembro de 1962 e das Centrais Elétricas do Piauí S.A. (CEPISA) que foi criada em 8 de agosto de 1962.

considerado naquele momento um crime – era insuportável. Na crônica *Jogo muito jogo*,⁵⁶⁷ A. Tito Filho fala sobre o problema do jogo em Teresina:

Despe, leitor amigo, a roupagem vistosa com que te apresentas ante as frivolidades da sociedade e vem comigo, lado a lado, para uma peregrinação noturna nos antros da jogatina. São oito horas da noite, é cedo, a cidade toda mergulhou na sonolência, depois do trabalho exaustivo de seus habitantes. Arrulham ainda poucos casais nos bancos de praça, mocinhas acabam de cansar as batatas da perna volteando na pista da Pedro II. Daqui a pouco tudo dorme. Apenas funciona o jogo, a terrível chaga social – sorvedouro da honra de muitos, desgraça de tantos lares, causa de inúmeras tragédias. Funciona o jogo, leitor amigo, no centro da antiga Chapada do Corisco – nos clubes, nos bares, em casas particulares, em toda a parte. Desaparecem, no torvelinho medonho da jogatina, o pão, a roupa, o livro, a educação de muitas crianças teresinenses. Esposas aflitas rezam no recesso de residências humildes, chupando muitas vezes a carie de um dente, ou, em cima de três pedras, preparam um ralo mingau de farinha com que entupir o bucho das crianças famintas, enquanto o marido, no covil da jogatina, descarta-se do dinheiro, do relógio e da aliança de casamento para alimentar o terrível vício – fumando e bebendo, dores nas costas, debruçado na mesa fatídica, ou ávido, nervoso, espiando a roda de roleta, atento ao ruído da palheta, ou, ainda, ouvido apurado, marcando números, à espera de que lhe deem, no víspera, a pedra boa ...

Além das questões relativas à cidade e seus problemas, é possível perceber nesta crônica que A. Tito Filho assume a responsabilidade de levar o leitor (*como que pela mão*) pelos caminhos tortuosos e perigosos da cidade, que poucos conhecem; a intervenção na realidade, sobretudo na riqueza dos detalhes e das descrições; os apelos feitos aos devidos responsáveis para que medidas fossem tomadas, além do conteúdo da crônica em si: o problema dos jogos de azar. Na crônica *Teresina, cidade da perdição*,⁵⁶⁸ pouco mais de um ano depois, o autor, agora sob o pseudônimo de PERTINAX e escrevendo para outro jornal da cidade, volta a abordar o tema, no que ele diz ser a primeira de uma série de reportagens sobre o assunto.

Fica claro no texto a preocupação do autor com o jogo. Ele aponta que o jogo de azar campeia livremente nas ruas da capital teresinense, que o considera uma afronta à nação inteira e às leis que governam a sociedade, como que desafiando as autoridades, fazendo com que se duvide até que por trás dos bastidores políticos existam pressões interessadas e coniventes com a situação, considerada criminosa. Para A. Tito Filho, o jogo se enfileirava dentre as piores coisas que poderiam ocorrer na cidade, seguido da prostituição (“desenfreada”), do alcoolismo (“sem repressão”), da mentalidade sem auxílio prático e resoluto do Governo e da infância delinquente e abandonada. O jogo se sobrepõe a qualquer

⁵⁶⁷ TITO FILHO, A. *Jogo muito jogo*. *O Piauí*, Teresina, s/p, 11 abr. 1948.

⁵⁶⁸ PERTINAX. *Teresina, cidade da perdição*. *A Resistência*, Teresina, p. 5-6, 7 ago. 1949.

outro problema porque derruba instituições, degrada a mente e abre caminho para o crime. O jogo era considerado o início do fim: quando, numa nação ou Estado, as pessoas procuram no vício do jogo um motivo para sua degradação moral, o que existe de mais puro nelas estará perdido. Interessante também observar como o autor descreve o próprio trabalho de reportagem:

O nosso objetivo era atingir o covil do jogo. Vê-lo de perto. Sentir as sensações que ele nos oferece para podermos pintar o quadro real para os nossos leitores. Dez ou mais cambistas ali estavam localizados. De momento a momento, as poules eram arrancadas dos talões e os centavos e os cruzeiros dos incautos caíam em seus bolsos como o maná do Céu no Sermão da Montanha. Mas, não era ali o Quartel General do jogo do bicho. Não seriam, também, o Bar do Carvalho e o Restaurante Cairu, os pontos de reuniões dos transgressores da lei!⁵⁶⁹

A. Tito Filho se utilizou dessa ferramenta,⁵⁷⁰ a crônica, para tratar de uma série de temáticas relacionadas à história do Piauí e de Teresina, bem como de conteúdos que surgiam a partir de sua relação com o presente mais imediato. Ainda que a identidade do autor enquanto cronista só fosse percebida décadas após os textos citados acima, penso que quando da publicação de obras como *Sermões aos peixes* e *Teresina meu amorno* final da década de 1970, a crônica já estava presente na obra do autor mesmo quando seu campo de atuação ainda era aquele relacionado ao jornalismo, sobretudo um jornalismo de forte caráter político, seu principal espaço de atuação durante as décadas de 1950 e 1960. Quando mantinha uma coluna diária no *Jornal do Piauí*, ainda na década de 1970, o autor já se debatia acerca das dificuldades relacionadas ao gênero:

A crônica é gênero difícilíssimo. Tomar os pequenos como os grandes episódios do dia a dia da vida, penetrar-lhe a sutileza, o poético, o trágico, interpretá-los com sensibilidade, alcançar de cada um a essência para projetá-la na inteligência do leitor – tudo isto é tarefa de muita nobreza intelectual. A crônica deve ser precisa e natural. De redação artística. De índole diversa, mas sempre de interesse geral. A razão de ser do cronista está no esforço de FAZER VIVER, de TORNAR VIVOS os pormenores, as cousas, os seres, os pedaços de natureza.⁵⁷¹ (*Grifos do autor*).

⁵⁶⁹ TITO FILHO, A. Jogo muito Jogo. *O Piauí*, Teresina, s/p, 11 abr. 1948.

⁵⁷⁰ Ver: RORTY, Richard. A contingência da linguagem. In: RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 25-55.

⁵⁷¹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, p. 6, Teresina, 03 dez. 1971.

Enfim, todo o percurso traçado ao longo deste capítulo aponta para uma relação muito forte entre a crônica e o presente, que fazia com que o autor estabelecesse uma forte relação com a cidade. Era mesmo uma relação amorosa, que fazia com ele fosse tratado como o cronista da cidade amada.⁵⁷² Que ele amava a cidade não resta dúvida, mas o fato de que o cronista se utilizava dos temas cotidianos para travar verdadeiras batalhas contra os rumos que ela tomava demonstrava que a relação já era mais tão pautada por um tom amoroso – já se tratava de uma verdadeira crise conjugal.

⁵⁷² NUNES, Manoel Paulo (Org.). *A. Tito Filho: cronista da cidade amada*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quê? Um grande homem? Eu só vejo um comediante de seu próprio ideal.

Friedrich Nietzsche

A leitura dos textos de A. Tito Filho possibilitou pensar a crônica e como ela permitiu ao autor elaborar uma série de temas em sua coluna diária publicada no jornal *O Dia* no final da década de 1980 e início da década de 1990. Pensando a literatura como vida literária, escreveu uma série no intuito de registrar as vidas e as obras de um conjunto de literatos e intelectuais piauienses que em sua opinião eram desprezados e ignorados pelos piauienses, ao mesmo tempo encontrou espaço para traçar um perfil dos biografados, ressaltando aspectos e características do grupo que atendiam a seus interesses não só enquanto alguém que se considerava parte do mesmo, mas também enquanto presidente da Academia Piauiense de Letras, o que fazia com que a instituição desempenhasse um papel de guardiã.

Escrevendo essas crônicas biográficas descrevia a vida de autores e intelectuais piauienses que considerava importantes e que corriam o risco de cair num esquecimento gerado por uma população que os desprezava mesmo que tivessem prestado relevantes trabalhos ao Estado do Piauí ou pelos menos às letras piauienses. As narrativas eram marcadas por uma tentativa de estabelecê-las como formas de reconhecimento: muitas eram concluídas com informações relativas à chegada do intelectual/literato à Academia Piauiense de Letras ou, caso isso não tivesse acontecido, com a inclusão de trechos elogiosos de pessoas que o conheciam ou à sua obra. Além disso, o fato de que o próprio A. Tito Filho era membro e presidente da Academia Piauiense de Letras reforçava a intenção de atrelar seus textos à própria história da instituição, reforçando e justificando sua importância.

Essa desatenção da cidade para com os intelectuais também incomodava o cronista pelo fato de que muitas dessas vidas foram marcadas por muito esforço e dedicação, como vimos nos casos daqueles que exerceram várias profissões, vivendo em várias cidades e que mesmo assim encontravam tempo e disposição para se dedicarem às letras. As narrativas buscavam registrar e tornar visíveis intelectuais e literatos que para A. Tito Filho corriam o risco de cair num injusto esquecimento por culpa de uma população que não reconhecia o mérito, o esforço e o trabalho prestado por toda uma geração ou mesmo gerações de intelectuais em prol do Piauí.

Para elaborar essas crônicas, o autor fez uso de obras e textos de outros autores, como referência e consulta de informações, e até mesmo como modelos ou esquemas que o ajudavam a elaborar seus próprios textos e desenvolver suas estratégias. Por exemplo, A. Tito Filho deu destaque a figuras que considerava seus mestres – como João Pinheiro, Simplício Mendes e Eurípedes Aguiar, além de seu próprio pai, José de Arimathéa Tito – o que lhe possibilitava estabelecer uma espécie de filiação intelectual e demonstrar que suas crônicas eram marcadas por regras e convenções, como, por exemplo, inserir nos textos dados relativos ao local de nascimento e obras publicadas, bem como características formais da obra do biografado.

Ao colocar essas vidas em crônica, A. Tito Filho elaborava sua própria trajetória enquanto intelectual. Esta foi marcada por uma forte relação com a cidade de Teresina, as amizades, os lugares, seus mestres, seu pai. Daí, por exemplo, uma importância tão grande dada ao período que passou no Liceu Piauiense, como aluno e professor. Era também uma forma de ressaltar sua carreira no jornalismo, descrever suas dificuldades financeiras, bem como as controvérsias que envolveram as questões relativas à política local como, por exemplo, as eleições de novos membros da academia.

Outra característica que ajudava a dar sentido às crônicas era o papel atribuído à escrita – era o elemento que ligava todas essas vidas. O que dava sentido a vida de todos esses biografados era o fato de que em algum momento ela fez parte de suas trajetórias intelectuais. Enfim, essas crônicas biográficas possibilitaram ao cronista escrever sua própria história da literatura piauiense e ao mesmo tempo trazer para a dissertação uma discussão acerca do papel da biografia na historiografia contemporânea. Elas evidenciam uma série de questionamentos acerca do papel do indivíduo na história e que estratégias o historiador precisar adotar para escrever uma história de vida. Por exemplo, de que forma lidar com o problema gerado pela necessidade de contextualizar a biografia. Vimos também de que forma o retorno da biografia pode abrir caminho a um retorno da prosopografia. Esta é o estudo das biografias de um grupo, o que traz uma série de novos questionamentos: por exemplo, dentro do grupo abordado por A. Tito Filho o que os biografados pensavam sobre literatura, trabalho, dinheiro, cultura, família, política, etc.

Portanto, ainda que A. Tito Filho tenha elaborado uma série de biografias que nos permitam saber dados da vida de intelectuais e literatos piauienses e seja possível descrever o que motivações perpassam essas escritas e à que injunções sociais elas tentam responder, não temos como saber, somente a partir desses textos, o quê, por exemplo, figuras como Clodoaldo Freitas e Abdias Neves pensavam sobre os problemas citados acima. A

prosopografia implica justamente nisso, que o estudo desses indivíduos seja feito enquanto membros de um grupo, de um grupo social, e a partir daí estabelecer um contexto que responda a esses problemas.

Sobre as relações entre história e literatura, as crônicas de A. Tito Filho apresentam uma leitura da história do Piauí e do Brasil que demonstravam a intenção do autor de deixar estabelecida uma imagem de leitor, praticante desde a infância. Esta forma de se apresentar nas crônicas era uma maneira criativa de legitimar sua condição, no presente, de literato – como se sua atual condição já estivesse predestinada. Era também uma forma de produzir uma escrita de si, já que a forma como A. Tito Filho interpretava os acontecimentos expressava seus pontos de vista acerca daqueles acontecimentos que julgava importantes, como a batalha do Jenipapo.

As crônicas tentavam criar um laço entre os leitores piauienses do presente e o passado do Piauí e do Brasil, com a história servindo como elo. Outro aspecto importante do capítulo foi perceber como ele privilegiou a literatura como fonte para o estudo da história e mesmo da realidade local. Defendia o princípio de que a literatura piauiense se compunha dos documentos cujo conteúdo fosse de temas da terra natal, como, por exemplo, sua linguagem, e que um texto literário, para ser parte da literatura piauiense, deveria incorporar “o seu meio”.

Para ele, o objetivo de todo escritor era captar a realidade tal como ela é e transpô-la para a literatura como se quisesse copiar o “espetáculo da vida social”. Já o entendimento da obra de um autor deveria passar pelo estudo de suas origens, sua vida: a formação de Abdias Neves serviria, portanto, de base para a narrativa já que suas ideias coincidiam com as da Escola do Recife e o pensamento realista-naturalista.

A forma como leu o romance *Um manicaca* de Abdias Neves possibilitou o estudo do papel que a leitura exerce na interpretação de uma obra e até que ponto a “função autor”, na forma analisada por Michel Foucault, permite pensar o papel exercido pelos textos que A. Tito Filho escreveu abordando a vida e a obra de Abdias Neves. Os estudos de Robert Darnton e Roger Chartier, respectivamente trabalhando a bibliografia e a materialidade dos textos, permitiram concluir que a “função autor”, por si só, não é capaz de elucidar os problemas gerados pela publicação das análises elaboradas por A. Tito Filho em diferentes edições do romance. Ela precisa ser complementada por uma abordagem da bibliografia/materialidade dos textos, já que estas são sim capazes de gerar novas interpretações, pois dão uma nova forma aos textos, como vimos no caso da publicação de uma nova edição de *Um manicaca*.

No último capítulo, vimos como A. Tito Filho buscava fazer uma crítica da Teresina do presente tendo como pano de fundo a Teresina antiga, geralmente tomada como um tempo melhor, um tempo bom. Estas crônicas envolviam, por exemplo, a necessidade de recordar antigos espaços da cidade e conseqüentemente os usos que se faziam deles. Envolvia também citar os registros da cidade elaborados por outros autores: era comum que o cronista reelaborasse visões da cidade construídas por outros historiadores ou cronistas – por exemplo, a ideia de que Teresina era uma cidade pitoresca já estava presente na obra do Monsenhor Chaves.

Se nas biografias A. Tito Filho tornava visíveis figuras, digamos ilustres, em suas crônicas sobre o cotidiano de Teresina fazia questão de registrar antigos moradores, que denominou de tipos populares, que chamavam a atenção por suas excentricidades, como era o caso de Maria Preá. Essa escrita era justificada pelo fato de que em sua opinião a cidade homenageava pouco seus benfeitores e filhos ilustres, o que o cronista já havia observado com relação aos intelectuais e literatos piauienses abordados em suas crônicas biográficas.

O incomodava no cotidiano da cidade a desfiguração causada pela especulação imobiliária e comercial que mudava a paisagem urbana, sobretudo a que existia em suas memórias: a Teresina de sua infância e juventude. Esse exercício de fazer a crônica do presente tomando como referência a cidade do passado acabava fazendo com que suas crônicas produzissem uma articulação entre sua própria história de vida e a história da cidade. Emergiram muitas recordações como, por exemplo, seus tempos de estudante no Liceu Piauiense, que proporcionavam uma comparação entre a Teresina do presente que julgava passar por uma crise na educação pública e a Teresina antiga. Assim, descreve seu período enquanto estudante como de respeito mútuo entre professores e alunos, ao contrário do que acontecia naquele momento, em que a educação era reduzida a realização de testes e avaliações, como o vestibular.

Esse processo de desfiguração envolvia a perda de espaços e lugares tradicionais de Teresina, como alguns restaurantes e prédios que o cronista considerava pessoalmente importantes, e questões mais diretamente ligadas aos novos modos de viver a cidade que eram identificados, como por exemplo o surgimento dos motéis e boites. Por isso, a cidade do presente era a da violência, enquanto a Teresina antiga era a cidade que possuía certo “ar de cidade pacata”.

Essas comparações eram pautadas pelo uso de registros históricos que o cronista afirmava ter pesquisado em jornais e cronistas antigos – como Job Vidal e João Pinheiro – ou mesmo em suas próprias memórias, já que passou a viver na cidade a partir da década de

1930. Isso possibilitou à A. Tito Filho identificar uma série de mudanças ocorridas na cidade – acreditava que ela havia se desumanizado –, que o fazia cobrar um retorno àquilo que chamava de “vida espiritual de antigamente”. Também afetavam as práticas cotidianas que afirmava serem comuns na Teresina antiga, como a roda de calçada. Essa situação, que julgava precária, também podia ser observada na educação, um problema tão antigo quanto a inflação, a reforma agrária, o êxodo rural, a favelização das cidades, a falta de habitação, enfim, uma série de problemas comuns às grandes cidades brasileiras ao longo do século XX, agora comuns também à Teresina.

Nos casos das crônicas sobre os cinemas e os carnavais de Teresina, o cronista tentava lidar com os problemas da mesma forma, fazendo comparações e contrastes entre as formas que estes possuíam no passado e agora no presente. Suas crônicas tentavam não apenas fazer uma história dos cinemas em Teresina, mas proporcionar uma impressão subjetiva do passado, já que A. Tito Filho procurava também descrever suas experiências enquanto frequentador desses espaços. Era uma forma de lidar com os problemas do presente, já que os cinemas da cidade passavam por uma séria crise financeira, causada por má administração e pelo surgimento de novas formas de consumo de cinema, como o surgimento do VHS e das videolocadoras.

Quanto aos carnavais de Teresina, percebemos uma preocupação do autor em vincular as festividades do passado ao universo das elites letradas e políticas, bem como apresentar o carnaval como um período marcado por (boas) inversões – por exemplo, as que estavam presentes na edição carnavalesca de *O Pirralho*, que permitiam aos jornalistas criticarem abertamente os políticos locais. O cronista que aparecia no jornal já não era mais aquele do livro *Carnavais de Teresina*, que se preocupava em fazer uma história cronológica dos carnavais da cidade ocorridos entre 1852 e 1952. Nas crônicas, A. Tito Filho se apresentava como o observador do cotidiano do presente, que por ocupar uma tribuna privilegiada para debater as questões da ordem do dia acabava deixando em seus textos uma visão de um tempo vivido, ao se inserir como frequentador dos carnavais e dos cinemas antigos.

O cronista incomodava-se com os problemas causados pelos carnavais do presente, como a paralisação de dias úteis; a transformação da festa em demonstrações de luxúria e sexo; a presença de homossexuais e outros tipos que considerava “invertidos”; a participação feminina como sinônima de exploração do corpo pela publicidade; enfim, o carnaval atual lhe parecia um espaço de perversidade/permisividade e de subversão das leis, já que em sua opinião este se aproveitava do fim da censura. Tudo, acreditava, era fruto de um processo de empacotamento da cultura brasileira e que este processo era marcado por dois efeitos

colaterais: a comercialização da cultura e a liberação das mulheres, agora totalmente inseridas no mundo do trabalho e do consumo.

Essas diferentes temáticas, que envolviam as crônicas biográficas, as crônicas que ressaltavam a importância da literatura como fonte histórica e as crônicas que tentavam lidar com as mudanças no cotidiano tinham como lugar de elaboração a cidade, elemento central na obra do autor. Era a partir da cidade de Teresina que A. Tito Filho traçava seus temas e respondia às demandas geradas por problemas que identificava em seu dia a dia. Daí a necessidade de biografar indivíduos que em sua opinião a cidade ignorava, não lembrava; a necessidade de atribuir uma enorme, poderíamos mesmo dizer exagerada importância ao romance *Um manicaca*, que retratava o cotidiano de Teresina na virada do século XIX para o XX – talvez acreditasse que o conhecimento do passado recente da cidade identificado ao romance pudesse trazer alguma luz aos problemas do presente; por último, a necessidade de fazer de seus textos novos referenciais, agora tomados como lugares de memória, que tentariam suprir a perda de referências importantes da cidade, como por exemplo, a incômoda substituição de espaços históricos para a construção de estabelecimentos comerciais, como estacionamentos e prédios comerciais.

Nas crônicas, A. Tito Filho procurava construir uma nova Teresina, sua Teresina, onde intelectuais, fontes literárias e memórias da cidade antiga comporiam um universo que julgava capaz de lidar, e quem sabe sanar, os problemas que identificava naquele momento. As crônicas revelam que esse projeto é parte de um nível perceptível neste recorte da pesquisa, que evidenciou apenas uma parte de sua obra. Avançando na pesquisa, é possível identificar a tentativa de fundar uma nova cidade, já que atribuiu a um intelectual um papel de protagonista na transferência da capital, ato importante no processo de surgimento de Teresina. Noutro momento, partindo de um espaço da cidade antiga, o Alto da Jurubeba, atribuiu a consolidação da cidade a um trabalho que contou com a participação de toda a população e que teve como fundamento a fé católica.

Por último, ao publicar várias edições de *Teresina meu amor*, tentou gerar uma fundação subjetiva da cidade, dotando o texto de um caráter extremamente pessoal, mas que ao mesmo amarrava as ideias já apresentadas em outros textos. Essa pesquisa implicaria também numa passagem da fronteira da crônica para a do livro, onde as crônicas ganhavam uma nova dimensão; uma passagem da figura do cronista, do observador do cotidiano para a do demiurgo, aquele que organiza o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

1 Fontes Hemerográficas

Cinema só reabre se pagar o débito às distribuidoras. *O Dia*, Teresina, p. 7, 9 ago. 1987.

Cine Rex completa 50 anos. *O Dia*, Teresina, s/p, 19 jul. 1988.

Férias em casa. *O Dia*, Teresina, p. 11, 25 jan. 1989.

TITO FILHO, A. Jogo muito Jogo. *O Piauí*, Teresina, s/p, 11 abr. 1948.

PERTINAX. Teresina, cidade da perdição. *A Resistência*, Teresina, p. 5-6, 7 ago. 1949.

TITO FILHO, A. Cidade sem lei. *Resistência*, Teresina, p. 5-6, 5 nov. 1949.

TITO FILHO, A. A vaca e o hotel. *O Dia*, Teresina, p. 1-2, 17 abr. 1960.

TITO FILHO, A. Lições dos outros. *O Dia*, Teresina, p. 3, 14 abr. 1966.

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 6, 03 dez. 1971.

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 5, 26-27 mar. 1972.

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 6, 23-24 out. 1972.

TITO FILHO, A. As pobres vítimas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 out. 1987.

TITO FILHO, A. Fenômeno esclarecido. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 out. 1987.

TITO FILHO, A. A Independência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 out. 1987.

TITO FILHO, A. Nudez castigada. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 out. 1987.

TITO FILHO, A. Desagregação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 out. 1987.

TITO FILHO, A. Sensibilidade poética. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 out. 1987.

TITO FILHO, A. Preconceito. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 out. 1987.

TITO FILHO, A. Celso centenariamente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 out. 1987.

TITO FILHO, A. Malandragem nacional. *O Dia*, Teresina, p. 4, 31 out. 1987.

TITO FILHO, A. Pobre língua portuguesa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 nov. 1987.

TITO FILHO, A. Consciência de cultura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 nov. 1987.

TITO FILHO, A. Contribuição dos moços. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 nov. 1987.

- TITO FILHO, A. Literatura piauiense. *O Dia*, Teresina, p. 4, 08 nov. 1987.
- TITO FILHO, A. Evolução. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 nov. 1987.
- TITO FILHO, A. O Piauí e a República. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 nov. 1987.
- TITO FILHO, A. Gente corajosa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 nov. 1987.
- TITO FILHO, A. João Pinheiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1987.
- TITO FILHO, A. Clóvis e Amélia. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. Tipos populares. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. Celso o pobrezinho. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. Roteiro de Pedro Silva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. O cronista João Isidoro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. Criminologia das multidões. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. As Academias. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. O velho guerreiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 dez. 1987.
- TITO FILHO, A. Caçador. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 mar. 1988.
- TITO FILHO, A. Baurélio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 mar. 1988.
- TITO FILHO, A. Outro Hermínio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 mar. 1988.
- TITO FILHO, A. Feminismo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1988.
- TITO FILHO, A. Privilégios. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 mar. 1988.
- TITO FILHO, A. Ceará. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. O Fundador. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. Tapety. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. Lucídio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. Roupas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. Edison Cunha. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 abr. 1988.
- TITO FILHO, A. Leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 abr. 1988.

- TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 maio 1988.
- TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 maio 1988.
- TITO FILHO, A. Cinema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 maio 1988.
- TITO FILHO, A. Empacotamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 maio 1988.
- TITO FILHO, A. FEBEAPÁ. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Jônatas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Avelar. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Chatos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 de jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Carneviva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Clodoaldo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Fernando. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jun. 1988.
- TITO FILHO, A. Gente e História, I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 jul. 1988.
- TITO FILHO, A. Areolino. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jul. 1988.
- TITO FILHO, A. Moura Rêgo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 jul. 1988.
- TITO FILHO, A. Coriolano. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jul. 1988.
- TITO FILHO, A. Inteligências. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jul. 1988.
- TITO FILHO, A. Oeste. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Antonino. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Abdias Neves. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Maria Preá. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Tipos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Tombação (I). *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Tombação (II). *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Tombação (III). *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 ago. 1988.
- TITO FILHO, A. Arimathéa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 ago. 1988.

- TITO FILHO, A. Anísio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 set. 1988.
- TITO FILHO, A. Lulu Ribeiro. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 set. 1988.
- TITO FILHO, A. Armando. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21-22 set. 1988.
- TITO FILHO, A. Malvadeza. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 out. 1988.
- TITO FILHO, A. Félix – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 out. 1988.
- TITO FILHO, A. Félix – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 out. 1988.
- TITO FILHO, A. Félix – III. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 out. 1988.
- TITO FILHO, A. Assim vejo Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 nov. 1988.
- TITO FILHO, A. Alvina de novo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 nov. 1988.
- TITO FILHO, A. Nova constituição. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 nov. 1988.
- TITO FILHO, A. Memória do comércio. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 dez. 1988.
- TITO FILHO, A. Gente Oriental. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 dez. 1988.
- TITO FILHO, A. Roteiro de Pedro Silva. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 dez. 1988.
- TITO FILHO, A. Tempo de leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 dez. 1988.
- TITO FILHO, A. Benedicta. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 dez. 1988.
- TITO FILHO, A. Bamba. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. O Bamba. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Natal. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Natal – II. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Velhos carnavais. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Tempos de memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 24 jan. 1989.
- TITO FILHO, A. Carnavais de Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 fev. 1989.
- TITO FILHO, A. Mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Ainda o mestre. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 mar. 1989.

- TITO FILHO, A. Carnavalescação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Quase no fim. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Independência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Ontem e hoje. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12-13 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. O Acadêmico. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Desfiguração. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Material. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. Semana Santa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 mar. 1989.
- TITO FILHO, A. A Batalha. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 abr. 1989.
- TITO FILHO, A. Memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 abr. 1989.
- TITO FILHO, A. Paracatu. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 abr. 1989.
- TITO FILHO, A. Reflexologia do nu. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Problema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Ofélio – I. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Magistério. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Situação nacional. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Consultório. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 jun. 1989.
- TITO FILHO, A. Televisão. *O Dia*, Teresina, p. 4, 5 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. Carpideiras. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. Vestibular. *O Dia*, Teresina, p. 4, 13 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. Vestibular. *O Dia*, Teresina, p. 4, 14 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. Macaquice. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. País perdido. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 jul. 1989.
- TITO FILHO, A. Seriedade. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 jul. 1989.

- TITO FILHO, A. O velho Liceu (I). *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. O Liceu (II). *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. Antigamente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. Linguagem. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. A velha Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 17 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. Greve e educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 29 ago. 1989.
- TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 set. 1989.
- TITO FILHO, A. Progresso. *O Dia*, Teresina, p. 4, 27 set. 1989.
- TITO FILHO, A. Ainda Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 17 out. 1989.
- TITO FILHO, A. Velhos tempos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 out. 1989.
- TITO FILHO, A. Comentário. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 out. 1989.
- TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 dez. 1989.
- TITO FILHO, A. Eleições. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 dez. 1989.
- TITO FILHO, A. Salários. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 jan. 1990.
- TITO FILHO, A. Festas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 20 jan. 1990.
- TITO FILHO, A. Destinação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 jan. 1990.
- TITO FILHO, A. Barulheiros. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jan. 1990.
- TITO FILHO, A. *The End*. *O Dia*, Teresina, p. 4, 2 mar. 1990.
- TITO FILHO, A. Carnaval. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 mar. 1990.
- TITO FILHO, A. Independência do Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 05 abr. 1990.
- TITO FILHO, A. Leitura. *O Dia*, Teresina, p. 4, 26 abr. 1990.
- TITO FILHO, A. Reconstrução. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10 maio 1990.
- TITO FILHO, A. Educação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 jul. 1990.
- TITO FILHO, A. Situação. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 jul. 1990.
- TITO FILHO, A. Mania. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 jul. 1990.

- TITO FILHO, A. Violência. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 jul. 1990.
- TITO FILHO, A. Meu bom amigo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 30 jul. 1990.
- TITO FILHO, A. Imitação. *O Dia*, Teresina, 3 ago. 1990.
- TITO FILHO, A. Ainda o menor. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 ago. 1990.
- TITO FILHO, A. Civilização. *O Dia*, Teresina, p. 4, 18 ago. 1990.
- TITO FILHO, A. A máquina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 ago. 1990.
- TITO FILHO, A. Teresina. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 set. 1990.
- TITO FILHO, A. Memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 set. 1990.
- TITO FILHO, A. Patologia social. *O Dia*, Teresina, p. 4, 28 set. 1990.
- TITO FILHO, A. Dia do Piauí. *O Dia*, Teresina, p. 4, 21 out. 1990.
- TITO FILHO, A. Criança e adolescente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 31 out. 1990.
- TITO FILHO, A. O último dos moicanos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 4 nov. 1990.
- TITO FILHO, A. Aleijamento. *O Dia*, Teresina, p. 4, 11 nov. 1990.
- TITO FILHO, A. Um pouco de jornalismo. *O Dia*, Teresina, p. 4, 22 dez. 1990.
- TITO FILHO, A. Promessas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 25 dez. 1990.
- TITO FILHO, A. Setenta anos de batente. *O Dia*, Teresina, p. 4, 1 jan. 1991.
- TITO FILHO, A. Roda de calçada. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 fev. 1991.
- TITO FILHO, A. Costumes antigos. *O Dia*, Teresina, p. 4, 9 fev. 1991.
- TITO FILHO, A. Irresponsabilidade. *O Dia*, Teresina, p. 4, 10-12 fev. 1991.
- TITO FILHO, A. Folia perniciososa. *O Dia*, Teresina, p. 4, 15 fev. 1991.
- TITO FILHO, A. Meus bons cabarés. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 mar. 1991.
- TITO FILHO, A. Homem-plural. *O Dia*, Teresina, p. 4, 3 abr. 1991.
- TITO FILHO, A. Escolas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 6 abr. 1991.
- TITO FILHO, A. Cinema. *O Dia*, Teresina, p. 4, 16 abr. 1991.
- TITO FILHO, A. Leonardo Mota. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 maio 1991.

- TITO FILHO, A. Mães. *O Dia*, Teresina, p. 4, 12 maio 1991, p. 4.
- TITO FILHO, A. Reformas. *O Dia*, Teresina, p. 4, 8 jun. 1991.
- TITO FILHO, A. Temos de memória. *O Dia*, Teresina, p. 4, 7 ago. 1991.
- TITO FILHO, A. O nu das mulheres. *O Dia*, Teresina, p. 4, 11 mar. 1992.
- TITO FILHO, A. Missão acadêmica. *O Dia*, Teresina, p. 4, 19 mar. 1992.
- TITO FILHO, A. Monotonia. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 abr. 1992.
- TITO FILHO, A. Literatura piauiense. *O Dia*, Teresina, p. 4, 03 maio 1992.
- TITO FILHO, A. Os humildes. *O Dia*, Teresina, p. 4, 23 maio 1992.

2 Bibliografia

- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2010.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica: problemas e perspectivas. *Oralidades*, 2, p. 45-60, 2007.
- ARTIÉRES, Philip. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 1-29.
- BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*, volume 1: Desejo de glória (1735-1751). Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 197-221.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERBERI, Elizabeth. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- BORGES, Jorge Luis. everything and nothing. In: BORGES, Jorge Luis. *Antologia Pessoal*. Tradução de Josely Viana Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 136-139.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. – Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Entre letras e papéis: a crônica como vestígio da cidade de Teresina. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org). *Entre Línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 28-32.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A crônica como escrita autobiográfica: A. Tito Filho e a invenção de si. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho, 2011. Disponível em: < <http://bit.ly/J9vitj> >. Acesso em: 21 maio 2012.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX*. Teresina: UFPI, 2006. Dissertação (Mestrado em História). UFPI, 2006.

BROCA, Brito. A guisa de conclusão. In: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 272-273.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, p. 83-97. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2038/1177>>. Acesso em: 21 maio 2013.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 67-89.

BURKE, Peter. A tradução da cultura: o Carnaval em dois ou três mundos. In: BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 213-230.

BURKE, Peter. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 27-39.

BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites culturais do século XVII*. Tradução de Rosana Eichenberg. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Afonso Ligório Pires de. Teresina de Ontem e de Hoje. *Presença*, Teresina, ano 26, nº 46, Agosto, 2011. p. 7-17.

CASTELO BRANCO, Miguel Borges de Sousa Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Tradução de Maria de Lourdes Meneses; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 65-122.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 236-263.

CHALOUB, Sidney et al. Apresentação. In: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. p. 121-139.

CHARTIER, Roger. Os livros azuis. In: CHARTIER, Roger. *Leitores e leituras na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 261-286.

CHARTIER, Roger. Figuras literárias e experiências sociais: a literatura da malandragem na Biblioteca Azul. In: CHARTIER, Roger. *Leitores e leituras na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 287-374.

CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 42.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*: volume 6. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 117-143.

CUNHA, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas*: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 371-417.

DAMATTA, Roberto. Carnaval em múltiplos planos. In: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 85-151.

DAMATTA, Roberto. Carnavais da igualdade e da hierarquia. In: DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 153-178.

DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 14.

DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 168-201.

DARNTON, Robert. A Importância de ser bibliográfico. In: DARNTON, Robert. *A questão dos livros: presente, passado e futuro*. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: companhia das Letras, 2010. p. 146-163.

DENAT, Céline. Nietzsche, pensador da história? Do problema do “sentido histórico” à exigência genealógica. In: MARTTON, Scarlet (Org.). *Nietzsche, um “francês” entre os franceses*. São Paulo: UNIJUÍ/Discurso Editorial, 2009. p. 135-168.

DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectivas para a história. In: DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 111-136.

DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 53-93.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

FISCHER, Luís Augusto. Prefácio. In: SCLIAR, Moacyr. *Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2004. p. 7-18.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos: Miguel Barros Motta – Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-163.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012

GAMEIRO, Alvina. *Contos dos Sertões do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras/Projeto Petrônio Portella, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de *Mímeses* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 81-106.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 73-92.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 96-122.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Subjetividade e pragmatismo. In: GUIRALDELLI Jr, Paulo; RORTY, Richard. *Ensaaios pragmatistas: sobre subjetividade e verdade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 37-48.

GINZBURG, Carlo. Os pombos abriram os olhos: conspiração popular na Itália do século XVII. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 131-141.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 145-179.

GOMES, Ângela de Castro. Lapidação de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 96-122.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOBBSAWM, Eric. Os intelectuais: papel, função e paradoxo. In: HOBBSAWM, Eric. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo Companhia das Letras, 2013. p. 226-236.

KRUEL, Kenard (Org.). *Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves: cartas a A. Tito Filho*. Teresina: Zodiaco, 2010.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 419-476.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167-182.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Relações de poder e práticas jornalísticas na campanha político-partidária nas emissoras de rádio de Teresina (1948-1962). In: LIMA, Frederico Osanan Amorim; ARAÚJO, Johnny Santana de (Org.). *História: entre fontes, metodologias e pesquisa*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 41-54.

LIMA, Rodrigo Marley de Queiroz. Possidônio Queiroz: e os tempos de ouro da música oirense. Teresina: UESPI, 2009. Monografia (Licenciatura Plena em História). UESPI, 2009.

LOPES, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 165-188.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-250.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Um manicaca. In: MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: horizontes de leitura e crítica literária (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 400-416.

VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. MALLARD, Leticia et al. *História da Literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

MARTON, Scarlett. Por que sou um extemporâneo. In: MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial/UNIJUÍ, 2001. p. 19-49.

MARQUES, António. *A filosofia perspectiva de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/UNIJUÍ, 2003.

MATOS, J. Miguel de; TITO FILHO, José de Arimathéa (Org.). *Abdias Neves (1876-1928)*. Teresina: EDUFPI, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: UFPI, 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e Literatura: revisitando fronteiras. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 99-112.

NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. 5. ed. Teresina: CORISCO, 2012.

NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. 2. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

NEVES, Abdias da Costa. *Um manicaca*. 3. ed. Teresina: CORISCO, 2000.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo (10), dezembro, 1993, p. 7-28.

NUNES, Manoel Paulo (Org.). *A. Tito Filho: cronista da cidade amada*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1992.

OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. História em crônicas/crônicas da história: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, julho, 2011. Disponível em: < <http://bit.ly/OJeD3U> >. Acesso em: 30 agosto 2012.

OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. O cotidiano nas crônicas sobre a cidade: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. In: APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa (Org.). *Diálogos interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 43-60.

ORDÓÑEZ, Solange Fernández. *O olhar de Borges: uma biografia sentimental*. Tradução de Cristina Antunes. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 124.

PACHECO, Edson. *Benedita: a pureza que emergiu do lodo*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983.

PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 311-339.

PEREIRA, Leonardo de Affonso Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e*

outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. p. 419-444.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História UNISINOS*, volume 8, nº 10, julho/dezembro, 2004, p. 61-80 – Disponível em: < <http://bit.ly/JLDIkb> >. Acesso em: 21 maio 2012.

PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 37.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212 [1-15]. Disponível em: < <http://bit.ly/ouHxcr> >. Acesso em: 24 maio 2012.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, julho-dezembro, 2009, p. 7-16.

QUEIROZ, Teresinha. Polêmicas anticlericais. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 69-82.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 200-214.

RÊGO, José Expedito. *Malhadinha*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

RODRIGUES, João Paulo Coelho. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2001. p. 43.

RORTY, Richard. A contingência da linguagem. In: RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 25-55.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. O Carnaval de Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *História de vários feitos e circunstâncias*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 74-95.

SALLUM JÚNIOR, Bráulio; KUGELMAS, Eduardo. O *Leviathan* declinante: a crise brasileira dos anos 80. *Estudos Avançados*, 5 (13), 1991, p. 145-159. Disponível: <www.scielo.br/pdf/ea/v5n13/v5n13a09.pdf>. Acesso em: 30 janeiro 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1992.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, julho/dezembro, p. 131-142.

SCHNEIDER, Cláercio Ivan. O espírito da contradição: a crônica de Machado de Assis como testemunha de si mesmo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, julho, 2011. Disponível em: < <http://migre.me/bFQVr> >. Acesso em: 15 agosto 2012.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Que significa literatura contemporânea? In: SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-19.

SILVEIRA, Jorge Fernando da. Fernão Lopes e José Saramago: viagem – paisagem – linguagem coisa de veer. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 25-37.

SOUTO, Carlos Magno dos Santos. *O alvissareiro: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas de 1940-1950*. – Recife, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2009.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Ao correr da pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 123-143.

SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o Duque de Caxias. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 9, agosto, 2012, p. 106-128.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Um manicaca: documento de uma época*. Teresina: COMEPI, 1982.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978.

TITO FILHO, José de Arimathéa (Organização e Notas). *Esmaragdo de Freitas: homens e episódios*. Teresina: COMEPI, 1973.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Teresina meu amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Teresina meu amor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Teresina meu amor*. 4. ed. Teresina: COMEPI/Sesquicentenário de Teresina, 2002.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Sermões aos Peixes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Praça Aquibadã, sem número*. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1975.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Crônica da cidade amada*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1977.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Carnavais de Teresina*. Teresina: COMEPI, 1978.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Sua Excelência, o Egrégio – Síntese Histórica*. Teresina: Tribunal de Justiça do Piauí, 1978.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *José de Freitas: comunidade exemplar*. Teresina: COMEPI, 1978.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Governos do Piauí*. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *O Poder Legislativo do Piauí – Síntese Histórica (COMEPI)*, 1980.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Teresinando em cordel*. Teresina: COMEPI, 1982.

TITO FILHO, José de Arimathéa (Organização e Notas). *Lima Rebelo: o homem e a substância*. 2. ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Gente e Humor*. 3. ed. Teresina: COMEPI, 1985.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *A igreja do Alto da Jurubeba*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1986.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Liceu Piauiense: memória histórica e sentimental*. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 1989.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *A. Tito Filho: cronista da cidade amada*. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 1992.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Crônicas*. Organização de José Elias Arêa Leão. Teresina: Gráfica e Editora Júnior/Secretaria de Cultura do Piauí, 1989.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural: Sociologia, USP, São Paulo*, 6: 139-168, 1. sem. 1999. Tradução de Rubens de Oliveira Martins e Maria Cavalcante de Barros.

WILLIAMS, Raymond. Um problema de perspectiva. In: WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na literatura e na história*. Tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 22-28.